



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Educação Física e Desportos

Caio Cesar Serpa Madeira

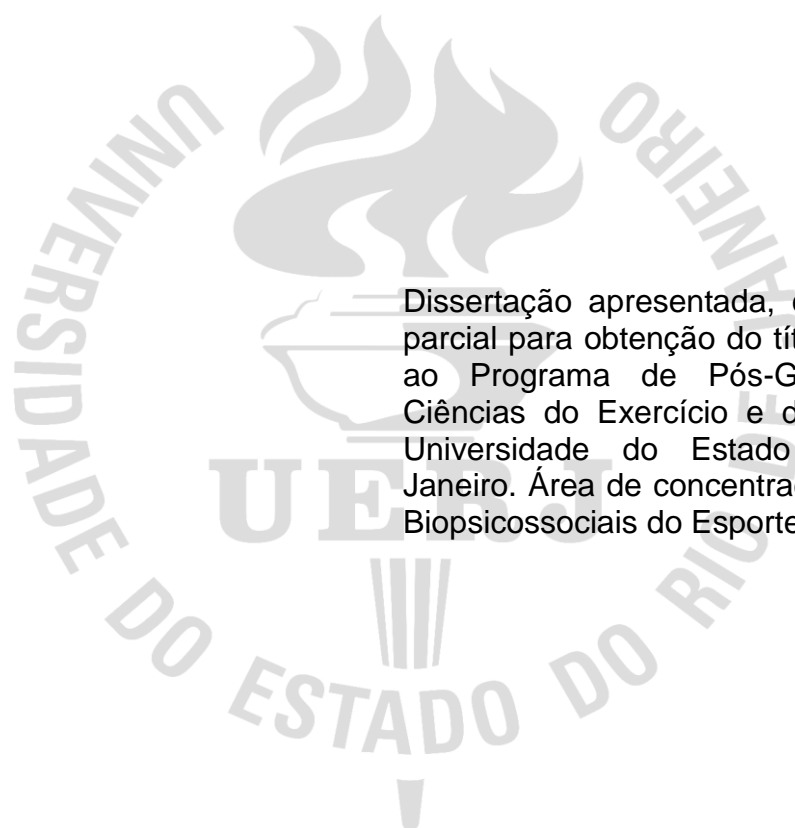
**A inserção, desenvolvimento e formação do campo esportivo  
do Polo Aquático no Rio de Janeiro (1900-1919)**

Rio de Janeiro

2022

Caio Cesar Serpa Madeira

**A inserção, desenvolvimento e formação do campo esportivo  
do Polo Aquático no Rio de Janeiro (1900-1919)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

M181 Madeira, Caio Cesar Serpa.  
A inserção, desenvolvimento e formação do campo  
esportivo do polo aquático no Rio de Janeiro (1900-1919) /  
Caio Cesar Serpa Madeira. – 2022.  
236 f : il.

Orientador: Silvio de Cassio Costa Telles.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Polo aquático – História – Rio de Janeiro (RJ) -  
Teses. 2. Esportes - História – Teses. 3. Esportes aquáticos  
- Teses. I. Telles, Silvio de Cassio Costa, 1971-. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU 797.25(815.3)(091)

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou  
parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Caio Cesar Serpa Madeira

**A inserção, desenvolvimento e formação do campo esportivo do  
Polo Aquático no Rio de Janeiro (1900-1919)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Aprovada em 18 de agosto de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles (Orientador)  
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

---

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Marcelo Moreira Antunes  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2022

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para todos os pesquisadores que têm sofrido o peso do sucateamento das políticas de incentivo à ciência, executado por um governo negacionista, que enxerga na anti-ciência o combate à ideologia, mas que na realidade tem submetido sua população a miséria, seja ela, econômica, material ou espiritual. Há de sofrer o povo que não veja saída para a prosperidade comum, a partir da radicalização da democracia popular, projeto de desenvolvimento e a organização social.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à primeira instituição social responsável pela minha inserção na sociedade: minha mãe, Sandra Serpa, que, sozinha, cuidou de minhas necessidades básicas, mas também àquelas que alimentam a alma: minha avó, Wanda Schrader (*in memoriam*), que, apesar de suas peculiaridades, tanto carinho me deu, e meu pai, Cesar (*in memoriam*), que me colocou neste mundo.

Agradeço também à Aline Cunha, minha companheira, que tem estado ao meu lado, caminhando no presente e planejando futuros, junto com os nossos meninos, que têm me ensinado, entre brigas e risadas, que somente com base na educação, trilhada dia após dia, há um porvir melhor. Também agradeço ao nosso filho Ragnar, que mal chegou e já se foi, mas que tanta saudade me dá.

Não posso deixar de mencionar a minha crença na educação pública, gratuita e de qualidade, que esteve ao meu lado desde meus 4 anos, ainda na Creche Municipal Gabriela Mistral, passando pela Escola Municipal Minas Gerais, até a formação no Ensino Superior na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Não tenho palavras para agradecer ao meu orientador, Silvio Telles, que me acompanha desde os 14 anos, ainda como atleta de Polo Aquático do Fluminense Football Club. Muito além de um orientador, foi um amigo e conselheiro, nos mais diversos momentos da minha vida. Importante convencedor na minha escolha para seguir o caminho da docência, até hoje ele está ao meu lado, orientando-me nesta dissertação, mas também conversando, aconselhando e principalmente me ajudando a crescer, intelectualmente e humanamente, durante o curto período em que estamos por aqui.

Agradeço igualmente ao professor Victor Melo, que, infelizmente, por pouco tempo tive a oportunidade de acompanhar durante as reuniões do Grupo de Pesquisa Recorde, mas que é um exemplo de pessoa e intelectual que tenho buscado ser. Além de ser um ótimo parceiro nas conversas e geladas por diversas noites no bar da Praça Tiradentes, tem contribuído enormemente para o desenvolvimento qualitativo desta dissertação.

Sou especialmente grato aos diversos membros do Grupo de Pesquisa em Escola, Esporte e Cultura (GPEESC), coordenado por Silvio Telles, que me

apresentou diversos amigos, que não mencionarei para não cometer o equívoco de esquecer alguém.

Por fim, sou grato aos colegas da Sociedade do Movimento, grupo formado por amigos da Educação Física da UERJ, cujo interesse em discutir política, beber uma cerveja e jogar papo fora até hoje os mantém unidos. Entre eles, agradeço especialmente a Leo Hernandez, Matheus Memére, Victor Petersen e Gustavo Guttler, que carinhosamente me apelidaram de mini Karl Marx.

Não posso deixar de mencionar a importância dos diversos amigos que o Clube de Regatas Guanabara me deu. Apesar de nos conhecermos nesse espaço, até hoje seguimos e seguiremos juntos: Thiago Bukowski, Lucas Novello e Elisa, Yan, Pedro Bully e Coral, Amyra, Luana, Catharina e Carol Vollmers, Igor e Amanda, Jonas, entre outros.

“É preciso autodisciplina interior, maturidade intelectual, seriedade moral, senso de dignidade e de responsabilidade, todo um renascimento interior do proletário. Com homens preguiçosos, levianos, egoístas, irrefletidos e indiferentes não se pode realizar o socialismo.”

*Rosa Luxemburgo*



## RESUMO

MADEIRA, Caio Cesar Serpa. *A inserção, desenvolvimento e formação do campo esportivo do Polo Aquático no Rio de Janeiro (1900-1919)*. 2022. 236 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte) - Instituto de Educação Física e Desportes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Objetivamos neste trabalho: analisar a construção do campo esportivo do water polo na cidade do Rio de Janeiro; identificar a relação do water polo com outras práticas esportivas no mesmo período; identificar a representação de modernidade e progresso a partir do campo do water polo; analisar a visão da mídia impressa sobre o water polo no período do estudo. Para cumprir com esses objetivos nos utilizamos da pesquisa historiográfica. Os resultados obtidos na coleta de dados foram interpretados a partir de dois fatores: i) os conceitos bourdieusianos, principalmente, a tríade campo-capital-habitus; ii) a revisão de literatura narrativa que buscou demonstrar a conformação do campo esportivo no Rio de Janeiro entre 1900-1919. As fontes primárias foram coletadas principalmente a partir da Hemeroteca Digital. Entre os diversos resultados, destacamos que, anteriormente ao processo de trânsito da prática esportiva, pudemos verificar a circulação de uma ideia do water polo que, aos olhos da mídia impressa, era visto como prática esportiva, útil e salutar, como também ligada aos ideais de progresso e modernidade. Esse esporte foi primeiramente praticado nas praias do Rio de Janeiro, notadamente do Centro e da Zona Sul, aparentemente incentivado pela participação de agentes ligados a comunidades estrangeiras, como a França e a Inglaterra. O espraiamento da modalidade está intrinsecamente ligado a estratégias criativas de subversão do campo, que buscaram inserir novas práticas esportivas no interior da Federação do Remo. Por fim, destacamos que o water polo não foi apenas praticado pelas equipes ligadas à Federação, mas também pela Marinha e diversos outros clubes.

Palavras-chave: Water polo. História do esporte. Rio de Janeiro.

## ABSTRACT

MADEIRA, Caio Cesar Serpa. *The insertion, development and formation of the Water Polo sports field in Rio de Janeiro (1900-1919)*. 2022. 236 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte) - Instituto de Educação Física e Desportes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The objectives of this study were: to analyze the construction of the water polo sports field in the city of Rio de Janeiro; to identify the relation between water polo and other sports practices in the same period; to identify the representation of modernity and progress from the water polo field; to analyze the print media's view about water polo in the period of the study. To accomplish these objectives we used historiographical research. The results obtained in the data collection were interpreted based on two factors: i) the Bourdieusian concepts, mainly the field-capital-habitus triad; ii) the narrative literature review that sought to demonstrate the conformation of the sports field in Rio de Janeiro between 1900 and 1919. The primary sources were collected mainly from the Hemeroteca Digital. Among the various results, we highlight that, prior to the transit process of sports practice; we could verify the circulation of an idea of water polo that, in the eyes of the print media, was seen as a useful and salutary sport practice, as well as linked to the ideals of progress and modernity. This sport was first practiced on the beaches of Rio de Janeiro, notably in the Center and South Zone, apparently encouraged by the participation of agents linked to foreign communities, such as France and England. The spread of the modality is intrinsically linked to creative strategies of subversion of the field, which sought to insert new sports practices within the Rowing Federation. Finally, we highlight that water polo was not only practiced by teams linked to the Federation, but also by the Navy and several other clubs.

Keywords: Water polo. History of sport. Rio de Janeiro.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Hemeroteca Digital .....	56
Figura 2 -	Página de resultados de busca na Hemeroteca .....	57
Figura 3 -	Publicidade do Livro de E. Weber .....	59
Figura 4 -	Partida em Cascaes (1907) .....	60
Figura 5 -	Equipe da Grã Bretanha, Ouro em Londres,1908 .....	61
Figura 6 -	Time da Bélgica, Prata em Londres (1908) .....	62
Figura 7 -	Escudo do clube Rio Cricket .....	72
Figura 8 -	Concurso Sportivo .....	77
Figura 9 -	H. E. Pullen .....	81
Figura 10 -	Guy Harper Pullen .....	82
Figura 11 -	“Team” do Gragoatá .....	84
Figura 12 -	Team CRSC .....	90
Figura 13 -	Capa parcial com a equipe do CNR .....	95
Figura 14 -	Foto da equipe do CRG .....	96
Figura 15 -	Avenida Beira Mar na altura da Praia de Santa Luzia .....	97
Figura 16 -	Fotografia de momento da partida .....	98
Figura 17	Team do Internacional .....	99
Figura 18 -	Locais de jogos de water polo nos Concursos Aquáticos.....	100
Figura 19 -	Aspecto do Jogo na Enseada de Botafogo .....	101
Figura 20 -	Jogo na Enseada de Botafogo .....	103
Figura 21 -	Ilustração da Taça .....	105
Figura 22 -	Abrahão Saliture .....	106
Figura 23 -	Coluna sobre os Concursos Aquáticos .....	108
Figura 24 -	Recorte de Notícia .....	109
Figura 25 -	Pavilhão de Regatas visto a partir da mureta da Av. Beira mar .....	115
Figura 26 -	Vista do Pavilhão de Regatas a partir do mar .....	116
Figura 27 -	Pavilhão de Regatas visto da Avenida Beira Mar .....	116
Figura 28 -	Escalação das equipes no festival de Paquetá .....	118
Figura 29 -	Festa na Ilha de Paquetá .....	119
Figura 30 -	Escudo do clube .....	119
Figura 31 -	Match Internacional .....	121

Figura 32 -	Anúncio da primeira rodada do campeonato .....	126
Figura 33 -	Aspecto do Jogo com Pão de Açúcar ao fundo .....	127
Figura 34 -	Aspecto do Jogo, Pão de Açúcar ao fundo .....	127
Figura 35 -	Relatos da ressaca de 1913 .....	129
Figura 36 -	Regatas no Pavilhão .....	129
Figura 37 -	Nas águas que banham a Praia de Saudade .....	130
Figura 38 -	Aspecto do Jogo .....	131
Figura 39 -	Praia da Saudade .....	132
Figura 40 -	Time pousando para a fotografia no Pavilhão de Regatas ....	133
Figura 41 -	Team do Icarahy .....	134
Figura 42 -	Anúncio da primeira rodada do campeonato .....	136
Figura 43 -	Partida infantil válida pelo seu primeiro campeonato .....	137
Figura 44 -	Equipes infantis do Internacional e Guanabara por ocasião do torneio .....	138
Figura 45 -	Equipe Infantil do São Cristóvão .....	140
Figura 46 -	Time Infantil do Boqueirão .....	143
Figura 47 -	Campeonato da Marinha .....	144
Figura 48 -	Water Polo na Marinha .....	146
Figura 49 -	Vista aérea Ilha das Enxadas (1916-1923) .....	148
Figura 50 -	Sede do Clube Canto do Rio .....	149
Figura 51 -	Escudo do clube Canto do Rio .....	150
Figura 52 -	Rio Sailing Club .....	151
Figura 53 -	Rio Yacht Club .....	152
Figura 54 -	Sport Club Fluminense .....	152
Figura 55 -	Seção de Water Polo- Municipal F. C. ....	153
Figura 56 -	Escudo do Sport Club Brasil .....	154
Figura 57 -	Sede do Sport Club Brasil .....	155
Figura 58 -	“Team” do Club de Natação e Regatas .....	156
Figura 59 -	Water Polo na Praia Vermelha .....	157
Figura 60 -	Equipe do Club de Regatas Botafogo .....	164
Figura 61 -	Time do CRG .....	173
Figura 62 -	Time do São Cristóvão .....	174

Figura 63 -	Times do CNR e CIR .....	175
Figura 64 -	Campeonato de Water Polo temporada 1913/1914 .....	176
Figura 65 -	Aspecto do jogo visto de cima .....	179
Figura 66 -	“Team” do Club de Natação e Regatas .....	182
Figura 67 -	Jogadores do Club de Regatas Guanabara .....	183
Figura 68 -	Team Guanabarino .....	184
Figura 69 -	Team CNR .....	191
Figura 70 -	Team do CRG .....	198
Figura 71 -	Team Vasco da Gama com Pão de Açúcar ao fundo .....	201
Figura 72-	Equipe do Guanabara Campeão em 1917 .....	235
Figura 73 -	Início do Campeonato de 1918 .....	236

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Pesquisa por palavras-chave na Hemeroteca Digital da BN..	63
Quadro 2 -	Jogadores que se inscreveram no Campeonato de 1923/1914 .....	135
Quadro 3 -	Categorias de classificação .....	160

## LISTA DE SIGLAS

ACM	Associação Cristã de Moços
AFC	America Football Club
ANPUH	Associação Brasileira de História
ASA	Amateur Swimming Association
BFC	Botafogo Football Club
BN	Biblioteca Nacional
BNDigital	Biblioteca Nacional Digital
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CCS	Centro de Cronistas Sportivos
CIR	Clube Internacional de Regatas
CNR	Clube de Natação e Regatas
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
CONBRACE	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
CRB	Clube de Regatas Botafogo
CRBP	Clube de Regatas Boqueirão do Passeio
CRF	Clube de Regatas do Flamengo
CRG	Clube de Regatas Guanabara
CRI	Clube de Regatas Icaraí
CRSC	Clube de Regatas São Cristóvão
CRVG	Clube de Regatas Vasco da Gama
FBE	Federação Brasileira de Esportes
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FBSR	Federação Brasileiras das Sociedades do Remo
FFC	Fluminense Football Club
FINA	Federação Internacional de Natação
FPSR	Federação Paulistas das Sociedades do Remo
IBC	Instituto Benjamin Constant
IHGB	Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

JB	Jornal do Brasil
LSM	Liga Sportiva da Marinha
MB	Marinha Brasileira
NHC	Nova História Cultural
POA	Porto Alegre
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
WP	Water Polo



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
1	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	31
1.1	<b>Referencial Teórico</b> .....	33
1.1.1	<u>Pierre Bourdieu: breve biografia de vida e intelectual</u> .....	33
1.1.2	<u>Conceitos Bourdieusianos</u> .....	35
1.2	<b>Revisão de Literatura Narrativa</b> .....	43
1.2.1	<u>Genealogia das práticas culturais corporais no Brasil</u> .....	43
2	<b>MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	51
3	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	58
3.1	<b>Circularidade e Trânsito Cultural do Water Polo no Rio de Janeiro</b> .....	58
3.1.1	<u>A Circularidade do “Water Polo” como Representação Social na Mídia Impressa</u> .....	58
3.1.2	<u>Trânsito Cultural: a chegada do Water Polo no Rio de Janeiro</u> .....	76
3.2	<b>Formação do Campo Esportivo do Water Polo na cidade do Rio de Janeiro</b> .....	117
3.2.1	<u>O Water Polo fora da Estação Esportiva</u> .....	117
3.2.2	<u>A Inserção do Water Polo no Calendário Esportivo</u> .....	124
3.3	<b>Crise na Autonomia Relativa do Water Polo no Campo Esportivo</b> .....	156
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	190
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	205
	<b>ANEXO A - “A partida de water polo”</b> .....	216
	<b>ANEXO B - 1ª Regulamentação de Water Polo – (temporada 1913)</b> .....	219
	<b>ANEXO C - Tabela do Campeonato do Rio de Janeiro de Water Polo (1913/1914)</b> .....	225

<b>ANEXO D</b> - Federação Brasileira das Sociedades do Remo.....	227
<b>ANEXO E</b> - Por que o Water Polo não conseguiu o sucesso Esperado.....	230
<b>ANEXO F</b> - Equipe do Guanabara Campeão em 1917.....	235
<b>ANEXO G</b> - Início do Campeonato de 1918.....	236

## **INTRODUÇÃO - PRELEÇÃO DE JOGO**

Os séculos XVIII e XIX marcaram alguns grandes fenômenos históricos, a saber, a Revolução Industrial e a “invenção” do esporte moderno, como também, a expansão da imprensa e da estrada de ferro. Apesar de podermos considerar equivocadamente que o esporte em sua forma moderna seja uma espécie de consequência cuja causa fosse o desenvolvimento da indústria manufatureira, consideramos que o mais provável é que esses dois guardem uma relação de interdependência entre si, porém, possuindo um espaço de desenvolvimento mais ou menos autônomo (CLARK, 2000; CLARK, 2008)

Aliás, se por volta do século XVIII houve a oportunidade de se “inventar” o que hoje chamamos de esporte moderno, provavelmente isso não tenha se dado apenas por conta de um único fator (como a Revolução Industrial), mas por uma série de fenômenos sociais que permitiram o desenvolvimento das práticas culturais corporais institucionalizadas. Dificilmente conseguiríamos criar neste espaço uma “genealogia” do esporte moderno, devido à complexidade do assunto, porém acreditamos que seja possível identificar algumas dessas influências: Reforma Protestante, Grandes Navegações, Revolução Científica, Renascimento, Iluminismo e a já citada Revolução Industrial (incluindo o processo de urbanização), além, é claro, das práticas de jogos folclóricos/tradicionais e a cultura de associativismo voluntário para práticas culturais entre os ingleses (DUNNING; ELIAS, 1992; MANDELL, 1984; CLARK, 2000).

Não temos a pretensão de esgotar o assunto, até porque acreditamos que analisar esses fatores é o suficiente para desenvolver uma tese em si, contudo alguns autores vêm realizando pesquisas sobre algumas dessas variáveis. Cremos ser interessante apontarmos alguns desses estudos por necessariamente esbarrarem com o objeto desta dissertação – em síntese: a inserção do Water Polo no Rio de Janeiro.

Primeiramente, cabe esclarecer que, se mais acima utilizamos “invenção” entre aspas, isso se deve ao fato de o termo grifado ser uma metonímia para “institucionalização”, no caso, dos esportes ditos tradicionais e folclóricos para o seu

formato moderno. Em segundo lugar, parece haver um certo consenso entre os alguns pesquisadores de que Inglaterra tenha sido a “mãe” de diversos esportes modernos.

Elias e Dunning (1992), por exemplo, destacam que o futebol, o boxe, as corridas de cavalo, o tênis, a caça à raposa, o remo e o atletismo foram institucionalizados na Inglaterra<sup>1</sup>. Por sua vez, Mandell (1984) nos relembra que, para além dos diversos esportes citados acima, os ingleses também foram os precursores de inúmeros acessórios para as práticas esportivas, tais como, os gols de futebol, as luvas de boxe, os cronômetros, entre diversos outros.

Vale ressaltar que Bourdieu e Wacquant (2018) consideram que Norbert Elias – pensamos ser essa crítica igualmente válida para Richard Mandell – é muito sensível em relação às continuidades históricas. Tal fato acaba por “esconder” certas rupturas importantes de um certo fenômeno social que ocorrem em longo prazo, como o surgimento do sistema educativo inglês (*Public Scholl* e internato), a constituição de um espaço mais ou menos autônomo para os esportes (campo esportivo), entre outros fatores. Ou seja, segundo o sociólogo francês, entre as práticas esportivas pré-industriais e os esportes modernos, não há nada em comum. É claro que, em certo âmbito, como num conjunto de certas técnicas para se praticar um jogo ou no plano da ludicidade, existe alguma semelhança entre os jogos tradicionais e os modernos, porém Bourdieu (2018) realiza tais críticas a partir de um determinado aspecto, ou seja, o ponto de vista do autor diz respeito à comercialização do lazer, da formação de um campo de produções culturais, e, nesse sentido, de fato não há nada em comum entre as antigas práticas culturais e as modernas.

Destacamos que, ao escolhermos o sociólogo Pierre Bourdieu como nosso referencial teórico, tendemos a uma maior afinidade com as suas ideias, como o conceito de campo esportivo e outros que serão mais bem elucidados no próximo capítulo. Porém, vale salientar que nenhum dos autores até então citados, incluindo Bourdieu, enfatiza um importante fator para a invenção do esporte moderno na

---

<sup>1</sup> Para sermos mais exatos, os sociólogos utilizam no lugar de institucionalização o conceito “desportivização”. Em suma, significa a passagem dos esportes tradicionais em esportes modernos, através da criação de regras, normas e condutas de comportamento, regulamentação e organização dos desportos, que acreditamos guardar certas semelhanças com o conceito de Pierre Bourdieu.

Inglaterra. Refiro-me à boa vontade cultural dos ingleses para as práticas de associativismo voluntário e o surgimento dos clubes.

Possivelmente, esses autores não possuíam fontes que pudessem evidenciar a relação entre o desenvolvimento do esporte moderno e o surgimento dos clubes ingleses, porém um equívoco que sem dúvidas foi cometido é a tentativa de compreender a institucionalização das práticas corporais de forma desconexa ao advento das diversas práticas culturais que se delineavam no processo de urbanização dos centros comerciais ingleses.

Nesse sentido, Clark (2000) nos informa que, durante o século XVIII<sup>2</sup>, o Reino Unido, notadamente a Inglaterra<sup>3</sup>, passou por um período de urbanização acelerado que também trouxe outras inovações, de spas e resorts à beira-mar a hobbies e **esportes para espectadores**, ruas iluminadas, vitrines e, eventualmente, fábricas movidas a vapor. O mesmo autor nos fornece dados de que neste século, no mundo anglófono, podem ter surgido mais de 25.000 clubes<sup>4</sup>, associações voluntárias, sociedades, assembleias e afins<sup>5</sup>.

Vale ressaltar que, para Peter Clark, clubes e associações não necessariamente diziam respeito a práticas corporais e esportivas, mas a uma enorme variedade de diferentes tipos de sociedade. A partir de uma contagem preliminar, Clark (2000) sugeriu que havia mais de 130 gêneros associativos, entre eles os clubes políticos<sup>6</sup>, literários, de música, de canto, científicos e inclusive os esportivos.

---

<sup>2</sup> Na realidade, o autor aponta origens ainda mais antigas, pelo menos desde a Restauração Inglesa (1660-1666) tavernas, cafés e pousadas aglutinavam um número cada vez maiores de Clubes e Sociedades. Este pensamento é complementado por Soares (2007, pg.182) os clubes do século XVIII foram uma herança direta das “formas de sociabilidade desenvolvidas no interior das *coffee-houses* que, posteriormente, foram também adotadas pelas *public houses* (tavernas e *alehouses*)”.

<sup>3</sup> Segundo Clark (200) o quadro geral é de uma expansão do número e diversidade de associações voluntárias durante o início do século XVIII, mas com a Inglaterra claramente na liderança, seguida pela Escócia e pela Irlanda (exceto Dublin) e País de Gales bem atrás.

<sup>4</sup> Porém, não devemos nos deixar influenciar por números descontextualizados, a maior parte destas instituições possuíam um curto tempo de vida, inclusive, deixando poucas fontes para serem analisadas.

<sup>5</sup> Além de que, Segundo Clark (2000, p.131), “Present evidence would suggest that there may have been as many as 3,000 clubs” (apenas em Londres).

<sup>6</sup> Destaque para os Torys, Wiggins e Jacobinos

Associações voluntárias eram um fenômeno predominantemente urbano<sup>7</sup>, e, com o aumento do consumo conspícuo, o crescimento das cidades, um maior delineamento da sociabilidade pública e a transformação dos espaços públicos e privados, as sociedades inglesas passam a espalhar-se por todo o país. A alta oferta de espaços de sociabilidade e a comercialização do lazer levaram a uma expansão da diversidade de práticas esportivas e corporais. Clark (2000) nos informa algumas das diversas práticas organizadas por associações:

Bowling, card-playing, chess, fencing, sailing, tennis, trapball, and skating. In Scotland, curling societies multiplied, while golf clubs spread into England, led by the famous Blackheath Society on the outskirts of London. Most of the new societies had an upper- or middle-class membership, but the rowing and curling clubs recruited more widely. **British society in the later eighteenth century was increasingly distinguished by its love of organized sport.** (p. 126, destaque nosso).

Vale ressaltar que as diversas práticas corporais que se delineavam no espaço social britânico não estavam apenas sendo organizadas por clubes, mas também regulamentadas. Em meados do século XVIII, a partir das reuniões ocorridas no Jockey Club, o turfe deu seus primeiros passos rumo à regulamentação. Por sua vez, o *cricket* teve uma primeira tentativa na década de 1740 e, possivelmente, por conta de suas características predominantemente rurais, obteve um desenvolvimento relativamente lento, sendo regulamentado apenas no final do século XVIII.

Segundo Clark (2000, p. 131), “London, the biggest city in the West, with nearly a million inhabitants by 1801, remained the heartland of societies”. Nesse momento, a importância singular e as principais características da vida associativa britânica já haviam se estabelecido; ademais, clubes e outras formas de associação se tornaram um componente vital do sistema social e da vida das classes educadas de língua inglesa.

A partir da narrativa que buscamos realizar até o momento, cremos que seja possível compreender e analisar com maior criticidade o processo histórico que se

---

<sup>7</sup> Segundo Clark (2000), apesar de existirem práticas associativas nas zonas rurais, estas eram muito mais brandas, possuindo uma quantidade menor de clubes, de tipos de sociabilidade, ademais, as práticas desenvolvidas nesses espaços tendiam a ter uma regulamentação mais tardia e certas características mais tradicionais.

delineava no surgimento do esporte moderno, sobre o qual Bourdieu (1983, p.185) assim se manifesta:

Indiscutível<sup>8</sup> que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às "elites" da sociedade burguesa, nas *public schools* inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função [...] Para caracterizar os princípios desta transformação, pode-se dizer que os exercícios corporais da "elite" foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e desprovidos das funções sociais (e, a fortiori, religiosas) ainda ligadas a vários jogos tradicionais (como os jogos rituais praticados em muitas sociedades pré-capitalistas em certas passagens do ano agrícola). A escola, lugar da *skhole*, do lazer, é o lugar onde as práticas dotadas de funções sociais e integradas no calendário coletivo, são convertidas em exercícios corporais, atividades que constituem fins em si mesmas, espécie de arte pela arte corporal, submetidas às regras específicas, cada vez mais irredutíveis a qualquer necessidade funcional, e inseridas num calendário específico.

Como se pode perceber, a invenção do esporte moderno se deu pelo menos a partir de duas formas: primeiramente, a partir de associações voluntárias (através dos clubes, como o Turfe e o Cricket); e em segundo lugar, por meio das *public schools* (por meio das iniciativas de Thomas Arnold), como se deu com o Futebol e o Rugby.

No caso do Water Polo, a produção de conhecimento histórico, mesmo no que diz respeito a estudos de pesquisadores internacionais, é muito incipiente. São poucas as informações de como se deu a invenção do esporte, de que forma ocorreram as principais mudanças históricas e quais os principais atores sociais envolvidos nesse processo. Entre as diversas versões narrativas, a que nos parece ser mais factual é elucidação feita por Giannouris (2012), segundo o qual o esporte teria sido criado com o objetivo de aliviar a monotonia nas competições de natação, oferecendo assim algo novo e atraente para os expectores do "Swimming Gala"<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Vale ressaltar que Bourdieu, ao dizer que é "indiscutível" a origem do jogo ao esporte, esteja apenas se referindo a dois esportes em específico, a saber, o Futebol e o Rugby.

<sup>9</sup> Vale destacar ao menos uma outra possibilidade de surgimento, segundo Donev e Aleksandrovic (2008) o esporte haveria surgido no ano de 1869, na Índia Oriental. Neste caso, o esporte era jogado por oficiais do corpo colonial que enquanto jogavam polo equestre poderiam experimentar jogar uma versão adaptada dentro d'água, munidos de barris (para boiar), com tacos e utilizando uma bola. Segundo esta narrativa o jogo teria migrado para o Reino Unido ainda no ano de 1869, e se tornado rapidamente conhecido. No início, o jogo haveria utilizado as mesmas regras do rugby e posteriormente do football.

Os pesquisadores, até o momento preocupados em escrever os primórdios da história do Water Polo<sup>10</sup>, fazem-no a partir de uma perspectiva tradicional. Por exemplo, de acordo com Hraste, Bebic e Rudic (2013), o Water Polo tem o seu desenvolvimento histórico devido a fatores como mudança de regras, melhoria do material tático, técnicas, condições da organização de treinos e torneios.

Citando caso análogo, e com o objetivo de analisar o desenvolvimento histórico do Water Polo, Giannouris (2012) construiu uma tipologia a partir de uma linha cronológica das regras de jogo, dividindo em períodos que vão desde 1869 até 1991. O autor considera o período de 1869 a 1900 como a transformação do jogo de “*Football in the Water*” e “*Aquatichandball*” para o Water Polo; e o de 1901 a 1928, como o período de estabilização de regras universais e habilidades técnicas e a ampliação do esporte pelo mundo inteiro<sup>11</sup>.

Por um lado, é positivo analisar o desenvolvimento histórico do Water Polo a partir dos acontecimentos de seu próprio campo, conforme nos explicita Bourdieu (1983, p. 183):

A história do desporto é uma história relativamente autónoma que ainda quando é escondido pelos grandes acontecimentos da história económica e política, tem o seu próprio ritmo, as suas próprias leis de evolução, as suas próprias crises em suma a sua cronologia específica.

Por outro lado, quando o autor criou uma tipologia a partir dos acontecimentos específicos ao campo, conforme nos ditou Pierre Bourdieu, ao não trazer à tona os agentes envolvidos nesse processo, as disputas de poder entre esses agentes e a participação/interesse de outros campos, tais como o midiático, na conservação ou manutenção desse campo, contar a história do Water Polo acaba se tornando tarefa simplória, bastando que se citem nomes e datas importantes, ou seja, uma história tipicamente tradicional.

---

<sup>10</sup> Foram encontrados 4 estudos com este objetivo: Donev e Aleksandrovic (2008); Smith (1935); Hraste, Bebic e Rudic (2013); Giannouris (2012).

<sup>11</sup> Outros autores apresentam a mesma lógica de dividir a história do Water Polo a partir do desenvolvimento histórico dos parâmetros acima, porém os autores divergem dos marcos históricos. Por exemplo, Donev e Aleksandrovic (2008) consideram que o primeiro período seja entre 1869 e 1876, no qual o esporte estaria se formando; e o segundo período entre 1877 e 1907, quando houve a criação de regras únicas e a sua utilização em nível internacional.



Com o passar do tempo, o jogo se expandiu pela Inglaterra e por outros países do Reino Unido, e os clubes começaram a adotar tal prática esportiva como passatempo dentro de suas dependências. Nos finais da década de 1870, dois clubes ingleses, o Birmingham Leander e o Burton-on-Trent Amateur Club, realizaram um jogo sem regras impressas; a partida foi extremamente violenta por conta dos goleiros, que ficavam em cima da borda e, com a aproximação dos atacantes, pulavam em cima, chegando a quase quebrar o pescoço deles (Op. cit., 2012).

Vale lembrar dois pontos interessantes, informados Clark (2000), segundo o qual as dependências dos clubes ingleses eram espaços principalmente masculinos e não se destinavam apenas às práticas físicas e esportivas; neles, havia também reuniões para se discutir política, negócios e afins (SOARES, 2007).

De forma paralela, o novo esporte também se desenvolvia na Escócia. Um importante agente nesse progresso foi o escocês Willian Wilson, que apresentou as primeiras regras por escrito do jogo de *Water football*, além de utilizar pela primeira vez um gol, similar ao do futebol, que ficava em cima da borda, e o goleiro ficava em pé (DONEV; ALEKSANDROVIC, 2008). Porém, como nos informam os autores, nessa época ainda havia diferenças de regras entre os jogos disputados na Inglaterra e na Escócia.

Foi somente no ano de 1885<sup>12</sup> que a *Amateur Swimming Association* (ASA) reconheceu o esporte oficialmente, reformulando regras obrigatórias e admitindo sua tutela na organização do jogo. No ano de 1888, uma comissão composta por A. Sinclair, W. Henry, T. Young e H.G. Hacket organizaram as regras e organizaram o primeiro torneio de Water Polo (GIANNOURIS, 2012).

Destacamos os cinco nomes citados nos últimos dois parágrafos – Sinclair, Henry, Young e Hacket, e Willian Wilson) a fim de introduzirmos, ainda que de forma preliminar, um conceito relevante para nosso trabalho: o agente do campo. Assim interpretaríamos a participação desses agentes segundo o referencial teórico Bourdieu (1983), o qual considera que em todo campo social existem agentes (de campo) que são indivíduos que possuem interesses e, portanto, disputam capitais simbólicos no interior desse espaço a fim exercerem certas posições de poder.

---

<sup>12</sup> *A priori*, utilizaremos este marco histórico como sendo o ano da criação do polo aquático, segundo a sua história oficial.

Infelizmente, a escassez de informações acerca desses agentes não nos permitem realizar uma análise mais sofisticada.

Enfim, após a regulamentação do esporte pela ASA em 1885, o Water Polo se espalhou pelo mundo. Seu primeiro jogo ocorreu na Alemanha (1893), para em seguida aparecer nos seguintes países: Áustria (1894), França e Bélgica (1894), Hungria (1897) e Itália (1900) – este último coincidindo com o mesmo ano em que o esporte entrou para o programa olímpico, sendo o primeiro dos jogos coletivos a realizar jogos demonstrativos (GIANNOURIS, 2012).

De acordo com Clark (2000), clubes e sociedades (e por que não as práticas esportivas, que ocorriam dentro dessas instituições) serviram como um vetor para novas ideias, novos valores, novos tipos de alinhamento e formas de identidade nacional, regional e local. Complementando esse raciocínio, Almeida e Marchi Júnior (2015, p. 5) esclarecem:

A base de conceitos e ideológica da sociedade inglesa estava articulada sobre uma lógica racional de organização típicas de uma sociedade agora industrial, sendo que algumas características do esporte tinham notável relevância com essa forma de produção (...).

Alguns desses esportes possuíam “características necessárias para serem promovidas entre os jovens que tinham como papel dar continuidade à lógica imperialista, paradigmática e hegemônica naqueles ambientes” (ALMEIDA; MARCHI JR. 2015, p. 5).

Assim sendo, parece-nos que a expansão do modelo inglês de associações voluntárias – vide os clubes esportivos, assim como o próprio esporte moderno, primeiro da Inglaterra para o resto de suas colônias e depois para literalmente o mundo inteiro – nos leva a pensar que faz parte de uma estratégia de exportação de suas bases ideológicas e de seus produtos, agora, não apenas os manufaturados, mas também os culturais, tendo em vista os esportes e todos os seus acessórios necessários para tais práticas.

A partir de então, tentaremos demonstrar como se deu o processo de inserção das práticas corporais institucionalizadas em território brasileiro. Vale ressaltar que, apesar de guardar muitas similaridades com o caso inglês, como o aumento da urbanização e necessariamente ambiente econômico mais próspero, o caso brasileiro também tem suas peculiaridades, por exemplo, um início tardio de

desenvolvimento industrial, entre outros pontos que serão devidamente esclarecidos a seguir.

Muitos anos antes de escrever *Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mocambos*, Gilberto Freyre elaborou, em 1922, sua tese de Mestrado, intitulada “Vida social no Brasil nos meados do século XIX”. Essa obra precedeu e deu base aos livros citados acima, tendo forte influência da *new history*<sup>13</sup> e da *Escola dos Annales*<sup>14</sup>, a qual foi assumida pelo próprio Freyre, porém facilmente reconhecida. Primeiramente, isso se deu pelo caráter interdisciplinar de sua obra, tendo pinceladas de história social, antropologia cultural, economia, política, entre outros; em segundo plano, mas não menos importante, à própria escolha de seu tema, que buscou a compreensão da formação e o *ethos* do povo brasileiro (FREYRE, 2009). Tal compreensão não poderia deixar de considerar a forte influência dos povos europeus sobre a formação da identidade do povo brasileiro, nessa época ainda “império brasileiro”. Segundo o mesmo autor, era principalmente nos ingleses e nos franceses que a nossa gente buscava inspiração cultural, em diversos campos da cultura (moda, gastronomia, literatura, música, etc.).

Não poderia ser diferente nas práticas corporais: “para um de seus esportes mais nobres – o *turf* à inglesa foi no Segundo Reinado o esporte por excelência dos fidalgos de Pedro II, tendo sido famosas nos meados do século XIX as corridas de cavalos” (FREYRE, 2009, p. 62).

De fato, as corridas de cavalos foram famosas na cidade do Rio de Janeiro (à época, capital do Império Brasileiro). Essa prática corporal pode ser considerada como o primeiro esporte com algumas características modernas praticado na cidade, já que foi responsável pela criação da primeira agremiação esportiva da cidade, o “Club de corridas”, no ano de 1849 (MELO, 2015a).

---

<sup>13</sup> Segundo Burke (1997) a *new history* americana (não confundir com a nova história francesa da década de 1960) não foi exatamente uma “escola de pensamento”, mas sim de um ambiente propício (na Universidade de Colúmbia) para a construção de trabalhos com diversas influências acadêmicas, como a sociologia, antropologia, psicologia e a própria história. A forma organizacional desta universidade as disciplinas estavam mais próximas entre si.

<sup>14</sup> Segundo Burke (2010) a *Escola dos Annales* foi um movimento (através de sua revista) liderado primeiramente por Lucien Febvre e Marc Bloch, estes dois compõe a primeira geração e buscavam realizar uma renovação do ofício do historiador, com novas características como a interdisciplinaridade, rompendo com os paradigmas da História Tradicional, notadamente caracterizada pela História Militar, diplomática, das Grandes Nações e de seus líderes. No decorrer das demais gerações, outras “viradas” históricas ocorreram.

Após alguns anos da fundação desse primeiro clube, vemos também o surgimento de outro, no ano de 1854: o “Jockey Club Fluminense” (MELO, 2015b), além do aparecimento de outro esporte, o remo, com a fundação, no ano de 1851, da Sociedade Recreio Marítimo. Ambos os esportes tiveram uma escassez de eventos de cunho esportivo entre os anos de 1856 e 1866 (MELO, 2015b).

Ainda assim, a pontuação desses fatos se faz importante, pois o aparecimento de tais práticas na sociabilidade fluminense apresentam uma mudança de *habitus* em nossa sociedade, a qual pode estar atrelada também a uma melhor condição econômica do império. Cabe a Freyre (2009, p. 59) “a ideia de que os anos de 1848 a 1864 marcam, na formação do Brasil, uma era de paz e conformidade, e de decoro nos negócios públicos”, corroborada pelo autor ao apresentar dados econômicos, tais como o crescimento na ordem de mais de 100% na exportação de diversos produtos.

Portanto, o aparecimento de tais práticas corporais podem estar atrelado a uma busca por práticas de entretenimento e diversão de uma sociedade que atingiu uma relativa estabilidade econômica e que procurava os ideais de modernização e o progresso aos moldes do continente europeu. Assim, a prática de determinadas modalidades esportivas era de certa forma uma maneira de desenvolver a distinção social, na qual aqueles com maiores posses eram os mesmos que detinham as melhores condições econômicas, que, por exemplo, permitiam a manutenção de cavalos para as competições de turfe.

Diversos outros esportes também surgiram no século XIX, entre ao quais o cricket (MELO, 2017) e a patinação (MELO, 2018). O crescimento da importância das práticas corporais para a nossa sociedade pode ser medido não apenas pelo aumento na quantidade de opções de entretenimento, mas também pelo aparecimento da temática em outros espaços e práticas culturais, tais como nas peças teatrais, como as do dramaturgo Arthur de Azevedo (MELO; KNIJNIK, 2015).

Para além das diversas práticas corporais citadas acima, Melo (2015c) cita a importância no aumento dos “usos do mar”, nos meados do século XIX, informando ainda que as localidades mais comumente utilizadas para tais práticas eram a Praia do Flamengo e a Praia do Boqueirão do Passeio.

No ano de 1867, foi fundada a Associação Humanitária de Natação<sup>15</sup>, seguindo-se a criação de diversos clubes até o final do século XIX, como o Clube Guanabaranse, o Clube de Natação e Regatas, o Clube de Natação Niteroiense e o próprio Clube de Regatas do Flamengo (MELO, 2015). Outros clubes podem ser incluídos em tal lista, tais como o Clube de Regatas Botafogo, o Clube de Regatas Vasco da Gama e o Clube de Regatas Guanabara.

No ano de 1889, é proclamada a república, por meio de um golpe militar. Com isso, antigas práticas, tais como o *turfe*, agora associadas ao nosso passado colonial, passaram a ser desincentivadas. A partir de então, um novo esporte passa a representar os ideários de uma nova sociedade que continuava a buscar o ideal de modernização e progresso, porém, rompendo com o nosso recente passado rural. O remo representa agora, a partir de ideais higienistas, a busca por uma melhor saúde pública, pela melhoria do atrasado (se não, quase inexistente) saneamento. Os clubes passam então a exercer um importante papel: ser a instituição responsável por aglutinar os diversos esportes que aspiravam os novos ares que nossa sociedade buscava. Os clubes em geral não eram agremiações de apenas um esporte, porém o local em que se reunia e se promovia a prática de diversos esportes, tais como o remo, a natação e o futebol (MELO, 2010).

Dentro desse cenário, surge a prática do Water Polo. O ano de 1900 marca a promoção, por Flávio Vieira, do surgimento do jogo, que num primeiro momento tem estreitos laços com os praticantes da natação e do remo, porém, a princípio, sem regras definidas e com certa semelhança com o futebol (TELLES, 2006).

Em 1902, haveria ocorrido um torneio “extraoficial” entre equipes das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Poucos anos após, em 1908, ocorreu na cidade do Rio o primeiro jogo oficial entre as equipes do Clube de Natação e Regatas e do Clube de Regatas do Flamengo. O jogo teria contado com 11 jogadores de cada lado, demonstrando assim sofrer influência provavelmente do futebol (TELLES, 2006).

Segundo Telles (2002), durante essa época, o futebol ainda não era considerado uma paixão nacional, posição ocupada pelo remo, o qual provavelmente influenciou fortemente o desenvolvimento do Water Polo na cidade.

---

<sup>15</sup> Até onde se sabe, o ano de fundação do primeiro clube dedicado a tal prática.

Não somente por causa desse jogo, mas também por conta do remo, boa parte dos clubes esportivos no eixo Rio-São Paulo surgiram. Vale ressaltar que, para além dos remadores, provavelmente, os primeiros jogadores de Water polo também foram nadadores, já que alguns atletas amadores praticavam ambos os esportes, uma vez que não era preconizada uma especialização esportiva, como vemos nos dias de hoje.

No ano de 1913, realizou-se o primeiro campeonato de polo aquático na cidade do Rio, sagrando-se vencedor o Clube de Natação de Regatas. A partir de então, passou-se a ter poucas notícias sobre o esporte, exceto por poucos fatos notadamente reconhecidos, como a participação do Brasil nas Olimpíadas de 1920 na Antuérpia<sup>16</sup>, a primeira disputa de desporto coletivo a que o país enviou competidores. Além disso, durante os Jogos Olímpicos de 1932 em Los Angeles, a seleção foi desclassificada por conta de uma agressão ao árbitro húngaro Bela Kamjadi durante a partida contra a Alemanha (TELLES, 2002).

Após esses fatos narrados<sup>17</sup>, há uma grande escassez<sup>18</sup> de trabalhos que buscam analisar o desenvolvimento histórico do Water polo, seja no Brasil ou no Rio de Janeiro. A volta do aparecimento do esporte nas pesquisas científicas se dá num período de análise posterior à década de 1950, momento considerado como a “Era de Ouro” do polo aquático no Brasil<sup>19</sup>.

Tal fato dar-se-á por conta da baixa quantidade de artigos que têm como objeto de estudo o Water polo numa perspectiva histórica. Para sermos mais exatos, há apenas três artigos e uma tese em língua portuguesa que tratam do tema.

---

<sup>16</sup> Neste campeonato o Brasil jogou 3 vezes. No primeiro jogo, empatou em 1X1 com a equipe da França; no segundo, ganhou por 5X1 da mesma equipe; na última partida, a seleção brasileira perdeu (7X3) para a equipe da Suécia, conseguindo o sexto lugar de um total de 12 equipes (SMITH, 1935).

<sup>17</sup> Informações como a data em que ocorreu o primeiro jogo na cidade, quem foi o responsável por trazê-lo para essa região e demais informações são imprecisas.

<sup>18</sup> Com o objetivo de analisar os artigos que estudaram o Water Polo a partir de uma perspectiva histórica, foi realizada de forma preliminar uma revisão de literatura. Utilizamos os seguintes buscadores e suas respectivas ocorrências: Periódico Capes (51), Lilacs (21), Banco de Teses da Capes (17) e Scielo (13), encontrando ao todo 102 trabalhos. Destes, apenas 3 artigos se encaixavam na proposta de pesquisa. São eles: Telles (2002), Telles *et al.* (2016) e Silva (2015). Todos foram devidamente analisados e referenciados nesta pesquisa.

<sup>19</sup> A seleção brasileira participou dos jogos olímpicos nos seguintes locais: Antuérpia (1920), Los Angeles (1932), Helsinque (1952), Roma (1960), Tóquio (1964), México (1968), Los Angeles (1984), Rio de Janeiro (2016). A única medalha de ouro que o país conseguiu foi conquistada nos Jogos Pan-Americanos, em 1963, na cidade de São Paulo (TELLES, 2002).

Tentaremos a seguir sintetizar como os autores tratam essas obras, informando os objetivos, métodos e principais conclusões desses artigos.

O primeiro dos três artigos foi escrito por Telles (2009), cuja pesquisa teve como objetivo analisar como os ídolos esportivos são cruciais para a construção da identidade esportiva. Nesse caso específico, considerou-se a presença de Aladar Szabo, jogador estrangeiro vindo do leste europeu para o Brasil durante a década de 1950, presente até os dias atuais no imaginário dos atletas. Para atingir tal objetivo, Silvio Telles utilizou entrevistas e, através da história oral, possibilitou que a história do polo aquático não se perdesse com tempo.

Outro artigo que apresenta o *Water Polo* numa perspectiva histórica, porém fora do recorte geográfico brasileiro, é de autoria de Cabo (2011), que realizou uma resenha crítica do filme “*Children of Glory*”, que trata da apresentação do esporte em um país mais tradicional do que no Brasil, a Hungria. A história tem como pano de fundo a apresentação de acontecimentos reais num filme ficcional e se passa em um contexto conturbado entre a Hungria e a União Soviética, durante as Olimpíadas de Melbourne, em 1956. Para o autor, a “memória coletiva é ativada através de acontecimentos esportivos” e traz temas importantes como identidade nacional e memória.

Telles *et al.* (2016) analisam, por meio de pesquisa documental e bibliográfica, a importância da mídia impressa para a construção da imagem do “jogador-mito”, concluindo que uma imagem violenta propagada pela mídia, junto com atitudes e fatos relacionados ao jogador, contribuiu para a consolidação do “mito da masculinidade”.

Por fim, destacamos também a tese de Silva<sup>20</sup> (2015), segundo o qual, no ano de 1914, ocorreu um jogo de Water polo, organizado pelo Grêmio de Natação e Regatas Almirante Tamandaré. A primeira nota sobre o esporte em Porto Alegre ainda enfatiza que tal desporto foi muito bem aceito na cidade do Rio de Janeiro. Nesse caso em específico, especula-se que o principal agente difusor do Water polo, tenha sido o treinador de remo Carlos Soares Bento, pois ele estava em constante intercâmbio com a França, podendo ter trazido o esporte deste país.

---

<sup>20</sup> Na realidade, a autora estava pesquisando as práticas esportivas náuticas e aquáticas no Rio Grande do Sul; o Water Polo aparece de forma secundária em sua tese.

Assim sendo, consideramos que o objetivo principal deste trabalho seja analisar como se deram a inserção e o desenvolvimento do polo aquático na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1900 e 1919<sup>21</sup>.

Como objetivos específicos, este estudo busca:

- i) Analisar a construção do campo esportivo do Water Polo na cidade do Rio de Janeiro, correlacionando-o com os campos econômico, político e midiático;
- ii) Identificar a relação do Water Polo com outras práticas esportivas no mesmo período;
- iii) Identificar a representação de modernidade e progresso a partir do campo do Water Polo;
- iv) Analisar a visão da mídia impressa sobre o Water Polo no período do estudo.

A presente dissertação de Mestrado justifica-se na medida que há uma lacuna na história do polo aquático, cujo preenchimento acreditamos que possa contribuir para a construção de conhecimento de parte da história desse esporte. Para além da justificativa acadêmica, acreditamos que este projeto pode ter uma interessante justificativa social, principalmente para aqueles que são/foram envolvidos com o esporte, sejam atletas, técnicos, árbitros, etc., pois os resultados desta pesquisa quiçá forneçam base para que esses sujeitos conheçam aspectos históricos que existiram e possivelmente deixaram marcas até os dias de hoje nessa prática corporal institucionalizada, criando/ampliando assim uma identidade com o esporte.

Para cumprir com os objetivos definidos, a dissertação seguirá a seguinte estrutura: no Capítulo I - Primeiro Quarto de Jogo, será apresentado o referencial teórico, a saber, os conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu e a revisão bibliográfica narrativa; o Capítulo II - Segundo Quarto de Jogo trará os métodos da pesquisa; no Capítulo III - Terceiro Quarto de Jogo, serão apresentados os resultados; e no Capítulo IV - Último Quarto de Jogo, as conclusões.

---

<sup>21</sup> Vale ressaltar que o recorte histórico escolhido (1900-1919) se deu principalmente porque o ano de 1900 é apontado pela atual produção de conhecimento como o surgimento do esporte no Rio de Janeiro; por sua vez, no ano de 1919, o Brasil participa pela primeira vez de um campeonato internacional, fato que nos faz hipotetizar que tenha sido um momento de ruptura no *habitus* e no capital esportivo do campo. Já o recorte geográfico foi escolhido por ser apontado como a primeira região onde o Water Polo surgiu. Ademais, por ser a capital política do país, o Rio de Janeiro presumivelmente era um centro urbano de influência de um *habitus* a ser adotado/acompanhado pelo resto do país.



## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – PRIMEIRO QUARTO DO JOGO

Conforme explicitado no final da Introdução, o primeiro quarto de jogo será o momento em que iremos apresentar, antes de tudo, o nosso referencial teórico, reiterando o sociólogo Pierre Bourdieu, assim como os principais conceitos elaborados por ele. Num segundo momento, trataremos de elaborar uma revisão de literatura narrativa. Procurarei, nesse espaço, explicitar como se deram essas duas etapas, assim como também justificá-las, a fim de que o leitor possa compreender as escolhas realizadas e os caminhos a ser percorrido.

Primeiramente, a melhor forma de compreender a escolha de Pierre Bourdieu como referencial teórico desta dissertação seja por meio de uma passagem do próprio autor. Durante uma entrevista<sup>22</sup>, foi perguntado a Bourdieu se ele se considerava marxista ou weberiano. Esse tipo de pergunta não era exatamente uma novidade para o sociólogo, já que, não raramente, ele foi rotulado como “estruturalista”, “pós-estruturalista” ou pertencente a outra corrente epistemológica.

Por sua vez, a resposta do teórico foi categórica. Em primeiro lugar, deixou claro que esse tipo de questionamento em nada contribui para a compreensão da produção acadêmica, pois apenas tem como objetivo criar uma polêmica. Bourdieu, então, esclareceu sua relação com os autores em que se apoiava para a construção de um certo objeto de estudo, assim se expressando: “Mantenho com os autores uma relação muito pragmática: recorro a eles como ‘companheiros’, no sentido da tradição artesanal, como alguém a quem se pode pedir uma mão nas situações difíceis” (2004, p. 41).

Em suma, dependendo do objetivo da pesquisa, do seu objeto de estudo e das perguntas que se gostaria de fazer, o pesquisador deve buscar o melhor referencial para seu trabalho, pois “quem procura acha...”, como diz o senso comum; contudo, não se pergunta qualquer coisa a qualquer um... É o papel da cultura apontar os autores em que se tem possibilidade de encontrar ajuda (BOURDIEU, 2004, p. 42-3).

---

<sup>22</sup> Esta entrevista pode ser encontrada no livro *Coisas Ditas* (2004), no capítulo intitulado “*Fieldwork in Philosophy*”.

Conforme se pode perceber, o autor escolhido como suporte de ajuda é considerado uma espécie de “caixa de ferramentas”. Assim sendo, nossa relação com Pierre Bourdieu é a de um pesquisador em formação que pretende utilizar um sociólogo imprescindível para a compreensão dos fenômenos histórico-sociais. Bourdieu é uma caixa de ferramentas, as quais, neste caso, nos ajudarão a pensar a gênese do Water Polo no Rio de Janeiro.

Para finalizar estas primeiras considerações, pretendemos no referencial teórico construir uma breve biografia de vida e intelectual de Pierre Bourdieu<sup>23</sup>, para, em seguida, explicitar os principais conceitos bourdieusianos a que recorreremos a fim de ter uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo.

Em segundo lugar, destacamos a organização de nossa revisão de literatura narrativa. Esta foi construída a partir de certas recomendações realizadas pelo nosso referencial teórico, principalmente, no artigo “Programa para uma sociologia do esporte”, publicado no livro *Coisas Ditas* (2004). Segundo Bourdieu:

Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, é preciso primeiro perceber que **não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas**; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outros termos, **para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes**. (2004, p. 208, destaque nosso).

Levando-se em consideração o trecho acima, a fim de que pudéssemos analisar o surgimento do Water Polo no campo esportivo (espaço dos esportes), antes, foi necessário compreender a conformação do próprio campo esportivo no período estudado. Para isso, buscamos artigos sobre as mais variadas práticas corporais e em diversos espaços sociais (clubes, escolas, etc.), desde que o recorte geográfico estivesse situado no Rio de Janeiro e o recorte histórico estivesse dentro de certos parâmetros que serão explicitados logo a seguir. Pensamos que, com isso, foi possível traçar um razoável panorama sobre o espaço e o tempo em que o Water Polo surgiu, podendo, assim, compreendê-lo de forma mais crítica.

Desse modo, conforme nos explicita Bourdieu (2004, p. 210):

A prioridade das prioridades é a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas do qual as monografias consagradas a esportes

---

<sup>23</sup> Acreditamos que realizar esta biografia, ainda que breve, nos ajudará a explicitar o interesse de Bourdieu pelo esporte, assim como a constante presença de metáforas esportivas para formular e explicar os seus conceitos.

particulares vão registrar os efeitos. Se não sei que as perturbações de Urano são determinadas por Netuno, acreditarei que compreendo o que se passa em Urano, quando na realidade compreenderei os efeitos de Netuno.

Doravante, acerca da questão sobre o recorte histórico, cremos que seja um ponto mais delicado. Estamos plenamente conscientes do problema em se determinar marcos históricos para certos fenômenos sociais. No geral, essas datas representam, de forma ficcional e abstrata, a realidade concreta. Afinal, qual deveria ser a data precisa para dizermos quando se iniciou o que hoje convencionamos chamar de esporte moderno? Ou o início da Revolução Industrial?

Respaldados por nosso referencial teórico, decidimos, quando necessário, extrapolar o recorte histórico do nosso objeto de pesquisa (relembrando 1900-1919) na revisão de literatura narrativa. Sobre isso, Bourdieu (2004, p. 210) nos informa:

O objeto da história é a história dessas transformações da estrutura, que só são compreensíveis a partir do conhecimento do que era a estrutura em dado momento (o que significa que a oposição entre estrutura e transformação, entre estática e dinâmica, é totalmente fictícia e que não há outro modo de compreender a transformação não ser a partir de um conhecimento da estrutura).

Portanto, se anteriormente decidimos realizar uma análise do campo esportivo no Rio de Janeiro, por ora, percebemos que para realmente compreender o campo, deveríamos antes, entender as mudanças estruturais do próprio campo. Isto posto, optamos por retroceder na análise histórica do campo esportivo, determinando um marco anterior ao nosso objeto de pesquisa.

## 1.1 Referencial Teórico

### 1.1.1 Pierre Bourdieu: breve biografia de vida e intelectual

Quase que contrariando as próprias prescrições do autor<sup>24</sup>, pretendemos destacar alguns pontos-chave que consideramos importantes para sua formação

---

<sup>24</sup> Refiro-me ao texto “A ilusão biográfica” (2008). O autor passou a maior parte de sua vida sem tornar público aquilo em relação a esfera privada, porém, no final de sua carreira pública, no livro

como intelectual, incluindo sua infância na aldeia, juventude na Argélia e o papel do desporto.

Pierre Bourdieu provém de uma pequena aldeia conhecida como Denguim, a qual faz parte de uma região do interior da França, próxima aos Pirineus, chamada de Béarn, possuindo forte vínculo com a paisagem rural tradicional. Bourdieu viveu e cresceu nessa região até o momento em que foi cursar o internato no Liceu de Pau. O Béarn voltaria a marcar sua trajetória, não apenas com relação à sua origem, mas sendo objeto de estudo de seus primeiros trabalhos acadêmicos.

Em 1955, ele se forma na Faculdade de Filosofia da Escola Normal Superior. Porém, apenas um ano após trabalhar como professor universitário, teve que cumprir serviço militar obrigatório na Argélia. Devemos lembrar que, nessa época, havia uma grande guerra civil (1954-1962) por conta do movimento de independência do primeiro em relação à França. Durante esse período, Bourdieu chega a lecionar na faculdade de letras da Argélia e produz seu primeiro livro acadêmico, intitulado “Sociologia da Argélia” (1958). Ainda na Argélia, publica inúmeros trabalhos que iam contra a colonização francesa, porém os artigos mais lembrados desse período são aqueles relacionados à sociedade Cabila. Esses primeiros trabalhos ainda possuíam certa vinculação com o estruturalismo de Levi-Strauss; já os trabalhos em relação à independência argelina incomodavam aqueles que se posicionavam a favor da colonização. Por correr risco de vida, Bourdieu volta à França.

Em Paris, foi assistente do renomado filósofo Aron e, a partir desse momento, passa a integrar cadeiras em importantes instituições acadêmicas. Ainda na década de 1960, publica importantes livros, principalmente nas áreas de Educação, Artes e Metodologia Científica. Ao longo de sua carreira, para além desses campos, contribuiu para os estudos dos campos da literatura, fotografia, jurídico, religioso, universitário, intelectual, cultural, econômico e – o que mais nos interessa – esportivo. Diversos foram os trabalhos publicados em diferentes disciplinas por Bourdieu em parceria com outros sociólogos. Um de os seus primeiros escritos sobre educação pública, em parceria com Passeron, foi o clássico “A reprodução”. Publicou também livros sobre metodologia com Wacquant e Boltanski, entre outros.

---

“Esboço de uma Autoanálise”, longe de ser considerado uma autobiografia, o autor traz certas questões pessoais que influenciaram sua carreira.

Durante o curso preparatório para a École, no Liceu de Paris, conheceu o rugby com os seus colegas de internato. Segundo Catani *et al.* (2017), o esporte fazia com que seu êxito escolar o afastasse da “comunidade viril”. O desporto fez com que o autor fosse um dos primeiros a realizar uma “sociologia do esporte” ao lado de Dumazedier, que realizava uma sociologia do lazer, e a sociologia histórica de Elias e Dunning. Para além disso, a prática esportiva fazia com que pensasse seus conceitos (que ele chamava de “ferramentas de pensar”) a partir de questões esportivas, como os próprios conceitos de “campo”, “sentido do jogo”, “jogar o jogo”, entre outras metáforas explicativas.

### 1.1.2 Conceitos Bourdieusianos

Talvez, uma das maiores contribuições de Pierre Bourdieu para os estudos sociológicos tenha sido sua Teoria Geral dos Campos. Porém, essa teoria não pode ser compreendida a partir de conceitos “soltos”, mas da forma como o teórico desenvolveu seu pensamento acerca das estruturas sociais e das relações humanas, ou seja:

Bourdieu defendeu uma metodologia que juntaria um trio interdependente e construído em conjunto- campo, capital e habitus- sem nenhum deles ser primário, dominante nem causal. Cada um deles era integral para a compreensão do mundo social e os três estavam amarrados num nó górdio que poderia ser compreendido apenas através de desconstruções caso a caso. (THOMSON, 2018, p. 97-98).

Em síntese, esse entrelaçamento conceitual pode ser compreendido a partir de uma formulação equacionada realizada por Karl Maton (2018, p. 76) – (habitus) (capital) + campo = prática – que pode ser compreendida qualitativamente como: “Nossa prática é resultado das relações entre nossas disposições (habitus) e nossa posição num campo (capital), dentro do estado atual do jogo nessa arena social (campo)”.

Enfim, pretendemos neste tópico explicitar as principais características da tríade conceitual elaborada ao longo da carreira de Pierre Bourdieu, as quais nos

serviram como “ferramentas” para a compreensão da complexidade do fenômeno histórico-social desta dissertação.

Segundo Thomson (2018), a primeira vez em que o conceito de “campo” foi utilizado, apareceu no artigo acadêmico intitulado “Champ Intellectuel et projet créateur” (Campo intelectual e o projeto criador, 1966). Porém, ao longo de sua carreira, o conceito foi empregado em diversos espaços sociais, como: campo artístico (SIMIONI, 2017); campo científico (RAGOUET, 2017); campo da alta costura (DURAND, 2017); campo filosófico (PINTO, 2017); campo intelectual (CHARLE, 2017); campo jurídico (LENOIR, 2017); campo literário (SAPIRO, 2017), entre diversos outros.

Mas, afinal: o que significa o conceito de espaço social/campo? Segundo Thomson (2018), esse conceito pode ser explicado a partir de três analogias: i) campo de futebol; ii) campo na ficção científica; iii) campo de forças físicas. Destacamos a primeira:

Um campo de futebol é um lugar delimitado onde se joga um jogo. Para jogar o jogo os jogadores têm posições definidas – quando o campo de futebol é representado em forma visual, ele é um retângulo com divisões internas e um limite externo com posições estabelecidas marcadas em lugares predeterminados. O jogo tem regras específicas que os jogadores novatos precisam aprender, além de habilidades básicas, quando começam a jogar. O que os jogadores podem fazer e onde eles podem ir durante o jogo depende de suas posições no campo. A própria condição física do campo (se ele está molhado, seco, se o gramado é bom ou cheio de buracos) também tem efeito no que os jogadores podem fazer e, portanto, em como o jogo pode ser jogado. (THOMSON, 2018, p. 97).

Assim sendo, campo é um espaço (não geográfico, ou seja, simbólico) social – um microcosmo social – onde os diversos agentes que atuam nele disputam um certo tipo de poder simbólico próprio do campo. Os campos possuem história própria, regras próprias e uma relativa autonomia que pode ser influenciada mais ou menos por outros campos, dependendo de sua autonomia ou capacidade de refração. Segundo Bourdieu (1983, p. 110)

A estrutura do campo é um estado da relação de poder entre os agentes ou as instituições engajadas na luta ou, se se preferir da distribuição do capital específico que, acumulado no decurso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores. Essa estrutura, que está no início das estratégias destinadas a transformá-la, está ela mesma sempre em jogo: o que está em jogo nas lutas, cujo lugar é o campo, é o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característico do campo considerado, isto é, em última instância, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico.

A importância da elaboração desse conceito visa à superação do que Bourdieu (2004b) denominou de “erro de curto-circuito”. Em síntese, um erro de curto-circuito consiste em se contentar em estabelecer uma relação entre o contexto (social) e o texto (produto cultural). Assim sendo, na relação entre estes dois, existe um universo, demasiadamente grande, conceituado como campo (social, do poder, de produção simbólica, etc.). Esse universo é “um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas (BOURDIEU, 2004b, p. 20).

Devido à grande diversidade de aplicações práticas de seu conceito em vários espaços sociais, é difícil traçar características em comum entre todos os campos, porém Lahire (2017, p. 65, modificado) evidenciou uma série de elementos fundamentais, características universais aplicadas em qualquer campo social, entre eles:

- 1) Um campo é um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social global (nacional ou, mais raramente, internacional).
- 2) Cada campo possui regras do jogo e desafios específicos, irredutíveis as regras do jogo e aos desafios dos outros campos.
- 3) Esse espaço é um espaço de lutas, uma arena onde está em jogo uma concorrência ou competição entre os agentes que ocupam as diversas posições
- 4) Todo campo possui uma autonomia relativa: as lutas que se desenrolam em seu interior tem uma lógica própria, mesmo que o resultado das lutas externas ao campo pese fortemente no desfecho das relações de forças internas.

Assim sendo, o campo é um microcosmo que, apesar de possuir suas próprias leis, “jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com a relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada” (BOURDIEU, 2004b, p. 21). Para o teórico, uma das principais questões a serem estudadas na teoria do campo é a relação entre os diversos campos dispostos no macrocosmo social, ou seja,

De saber qual é a natureza das pressões externas, a forma sob a qual elas se exercem, créditos, ordens, instruções, contratos, e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia, isto é, quais são os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas (BOURDIEU, 2004b, p. 21)

Ademais, o autor considera que as pressões externas ocorrem por intermédio do campo; é a própria lógica do campo específico que está sendo influenciado, que mediatiza essas pressões. Inclusive, uma das formas mais evidentes de se avaliar a autonomia de um certo campo é a partir da sua capacidade de refratar. Portanto, “[...] dizemos que quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis” (BOURDIEU, 2004b, p. 22).

Por outro lado, quanto menos autônomo um campo for, mais ele será afetado por problemas externos a ele – a isso chamamos de “heteronomia de um campo”.

Contudo, se o campo social é um espaço de disputas simbólicas, quem participa dessas disputas? E o que está sendo disputado?

Para responder à primeira dessas perguntas, Bourdieu (2004a) operacionalizou a noção de agente, mas de agentes que não obedecem às regras de uma certa estrutura social (conforme faz o estruturalismo, segundo o teórico), tampouco que sempre agem de acordo com ações totalmente racionalizadas (nisto, Bourdieu procurou romper ao mesmo tempo com o caráter objetivista e subjetivista de outras linhas teóricas), mas, sim, de agentes que investem ações estratégicas a partir de seus princípios incorporados (habitus), a fim de buscar ou manter posições de poder dentro do campo ao qual pertencem. Segundo Lahire (2017, p. 65):

Um campo é um “sistema” ou um “espaço” estruturado de posições ocupadas pelos diferentes agentes do campo. As práticas e estratégias dos agentes só se tornam compreensíveis se forem relacionados às suas posições no campo. Entre as estratégias invariantes, encontra-se a oposição entre as estratégias de conservação e as estratégias de subversão do estado da relação de forças existente: as primeiras são mais frequentemente as estratégias dos dominantes, enquanto as segundas correspondem às dos dominados (e, entre eles, mais particularmente, dos “recém-chegados” no campo). Essa oposição pode assumir a forma de um conflito entre “velhos” e “novos”, “ortodoxos” e “heterodoxos”, “conservadores” e revolucionários

Porém, as chances que um certo agente possui de fazer com que o campo funcione de acordo com os seus objetivos vão depender da força desse agente em relação ao campo, isto é, seu “capital de crédito”. Em outras palavras, Bourdieu (2004b, p. 24) esclarece:

Os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que



depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço. Mas, contrariamente, cada agente age sob a pressão da estrutura do espaço que se impõe a ele tanto mais brutalmente quanto seu peso relativo seja mais frágil.

Assim sendo, é possível compreender como os diferentes agentes de um campo social, dependendo de sua posição no campo, ou seja, da quantidade de capital específico acumulado, realizam suas estratégias a fim de se movimentarem na estrutura social. Nas palavras de Bourdieu (2004a, p. 111):

Aqueles que, em estado determinado da relação de poder, monopolizam (mais ou menos completamente) o capital específico, fundamento do poder ou da autoridade específica característica de um campo, são inclinados a estratégias de conservação – aquelas que, nos campos de produção de bens culturais tendem à defesa da ortodoxia-, enquanto os menos providos de capital (que também são frequentemente os recém-chegados, e, portanto, na maioria dos casos, os mais jovens) são inclinados às estratégias de subversão.

Portanto, os diversos agentes estão dispostos num certo campo: “Em luta uns contra os outros, todos os agentes de um campo têm, contudo, interesse em que o campo exista. Eles mantem, portanto, uma “cumplicidade objetiva” para além das lutas que os opõem” (LAHIRE, 2017, p. 65). Ademais, esses agentes estão a lutar pelo poder do campo e “o objetivo dessas lutas reside na apropriação do capital específico do campo e/ou a redefinição desse capital” (LAHIRE, 2017, p. 65).

Assim sendo, respondendo à pergunta realizada acima, o que está sendo disputado pelos agentes dos campos é o capital; mas que capital é esse? Segundo Lebaron (2017), o conceito de capital foi tomado de empréstimo da economia, porém foi radicalmente repensado a fim de romper com ideias utilitaristas do determinismo econômico. Assim sendo, Bourdieu concede quatro tipos de capital, a saber: a) capital econômico; b) capital cultural; c) capital social; d) capital simbólico.

Não pretendemos aqui elaborar minuciosas explicações sobre cada um desses capitais; cremos ser mais útil apontar alguns pontos interessantes de seu uso dentro da teoria geral do campo. Em suma, o primeiro capital diz respeito ao conjunto de bens patrimoniais, sejam eles em forma de móveis, imóveis, financeiros, terras, etc. O segundo diz respeito ao acúmulo de um conjunto de comportamentos herdados de sua família e outras instituições socializadoras que forneçam uma certa forma de distinção social, seja pelo domínio da linguagem (falada, escrita, matemática, etc.), ouvir música, títulos sociais (diploma e outros certificados),

literatura, trato com o corpo e a higiene, enfim, pode ser dividido entre três conjuntos: i) capital cultural incorporado; ii) capital cultural objetivado; iii) capital cultural institucionalizado. O terceiro tipo de capital pode ser resumido a partir do conjunto de relações pessoais que um indivíduo possui, ou seja, sua “rede” de contatos. E, por último, o quarto tipo de capital é a forma como que um indivíduo, grupo ou instituição é visto, no seu sentido qualitativo, ou seja, como algo é valorizado pela sociedade (LEBARON, 2017).

Vale ressaltar que, segundo Lebaron (2017, p. 103):

Os diferentes tipos de capital -definidos deste modo- podem ser acumulados, convertidos uns nos outros, transmitidos de geração em geração, mas de maneiras muito variáveis e sempre dependentes dos contextos sociais que condicionam seu “valor” social. Uma parte importante das estratégias dos indivíduos e dos grupos visa manter ou estender sua dotação (absoluta ou relativa) nesses diferentes tipos de capital. No entanto, essas estratégias de “maximização” conscientes e explícitas. Assim, o valor relativo dos diferentes tipos de capital torna-se, por sua vez, um fator de lutas simbólicas.

Ademais, um dos pontos que talvez seja mais interessante é que Bourdieu, conforme explicitamos acima, concebia que as lutas internas de um campo eram pela apropriação de um tipo específico de capital próprio àquele campo, ou seja, um capital simbólico específico do campo estudado. Assim sendo, ao estudar o campo científico ou acadêmico, Bourdieu falava na apropriação por parte dos agentes desses campos de capital científico/acadêmico<sup>25</sup>. Vale ressaltar que, no caso do capital científico, enquanto espécie de capital simbólico próprio do campo científico, Bourdieu considera que há duas espécies distintas desse capital: a) o capital temporal (ou político), que é institucionalizado e funciona como todos os tipos de capital burocrático; e b) o capital científico “Puro”, baseado no prestígio conquistado pelo agente (BOURDIEU, 2004b).

Por fim, conforme nos informa Lahire (2017, p. 65):

Esse capital é desigualmente distribuído no seio do campo. Por conseguinte, existem, nele, dominantes e dominados. A distribuição desigual do capital determina a estrutura do campo que é definido, portanto, pelo estado de uma relação de forças histórica entre as forças (agentes e instituições) em confronto no campo.

---

<sup>25</sup> Essas utilizações podem, por exemplo, ser percebidos em dois livros, a se saber, “Homo Academicus” (2013) e “Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico” (2004b)

Por último, mas não menos importante, destacamos o terceiro conceito bourdieusiano de sua tríade, o *Habitus*. Vale ressaltar dois pontos. Primeiramente, que o conceito de habitus, assim como o de capital, não foi criado por Bourdieu; suas origens remetem à filosofia aristotélica e, ao longo da história, foi utilizado de diversas maneiras por intelectuais como Tomás de Aquino, Durkheim, Weber, Mauss, Husserl, Elias, Merleau-Ponty, entre outros, porém foi recuperado por Bourdieu a fim de reinserir no campo antropológico a noção de ação por parte dos agentes. Segundo Bourdieu (2004a, p. 115), “a teoria do habitus visa a fundar a possibilidade de uma ciência das práticas que escapa da alternativa do finalismo e do mecanismo”. Em segundo lugar, que o habitus não pode ser compreendido de forma isolada do conceito de campo, em que o agente está inserido. Assim sendo, habitus e campo, apesar de guardarem estrutura e história próprias, são interdependentes, pois também influenciam um ao outro (WACQUANT, 2017; MATON, 2018; BOURDIEU, 2004a).

Ademais, em relação aos agentes que disputam um certo tipo de capital específico dentro de um campo, segundo Lahire (2017, p. 65), “a cada campo corresponde um habitus (sistema de disposições incorporadas) próprio do campo. Apenas os que tiverem incorporado o habitus próprio do campo estão em condições de disputar o jogo e de acreditar na importância dele”. É interessante notarmos que Bourdieu (2004a, p. 115) considera que certos agentes “só precisam permitir seu *habitus* para obedecerem à necessidade imanente do campo e satisfazerem exigências que aí se encontram inscritas”. Por ter os habitus do campo incorporados, tão “enraizados no corpo” que sequer há a consciência de se fazer o que se espera num determinado campo, esses agentes não sentem estarem “se sacrificando” para agir de determinada forma, por isso ganham um crédito de capital por parecerem ser “perfeitamente desinteressados” em relação ao jogo.

Em certa parte, isso ocorre, pois o próprio habitus é uma forma de capital, o capital cultural incorporado, ou, simplesmente, capital corporal, adquirido através da história grupal, mas ressignificado na história individual. Assim sendo, o habitus é uma estrutura estruturada, na medida em que é construída historicamente a partir das lutas anteriores que se deram no interior do campo; mas também é uma estrutura estruturante, já que o habitus não é uma forma de capital a-histórica e

estática, mas sim, dinâmica, que pode ser cambiada através das diversas lutas que se travam dentro de um campo (BOURDIEU, 2019; WACQUANT, 2017).

Para exemplificar as aplicações do habitus, Bourdieu (2004a, p. 110) diz: “Um habitus de filólogo é, ao mesmo tempo, uma profissão, um capital de técnicas, de referências, um conjunto de ‘crenças’”. Ademais, podemos nos interrogar: qual seria o habitus de um novo campo em formação? Bourdieu (2004a, p. 110) nos informa que “um campo pode se contentar em acolher e consagrar um certo tipo de habitus já mais ou menos completamente constituído”.

Em síntese, o habitus é “a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente (WACQUANT, 2017, p. 214). Bourdieu (2004a, p. 26) complementa:

A noção de habitus como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, ou como princípios de classificação e simultaneamente como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de construção de objetos

Ainda, Wacquant (2017, p. 215-6, modificado) nos fornece algumas propriedades da noção de *habitus*

- a) O habitus nunca é a réplica de uma única estrutura social, na medida em que é um conjunto dinâmico de disposições sobrepostas em camadas que grava, armazena e prolonga a influência dos diversos ambientes sucessivamente encontrados na vida de uma pessoa
- b) O habitus não é necessariamente coerente e unificado, mas revela graus variados de integração e tensão dependendo da compatibilidade e do caráter das situações sociais que o produziram ao longo do tempo
- c) O conceito não está menos preparado para analisar a crise e a mudança do que está para analisar a coesão e a perpetuação. Tal acontece porque o habitus não está necessariamente de acordo com o mundo social em que evolui.
- d) O habitus não é um mecanismo autossuficiente para a geração da ação: opera como uma mola que necessita de um gatilho externo e não pode, portanto, ser considerado isoladamente dos mundos sociais particulares, ou “campos”, no interior dos qual evolui. Uma análise completa da prática requer uma tripla elucidação da gênese e estrutura sociais do habitus e do campo e das dinâmicas da sua “confrontação dialética”.

Essas quatro questões acima nos ajudam a entender certos pontos que, segundo Wacquant, são recorrentemente mal compreendidos na aplicação da noção de habitus. Vale ressaltar que, segundo Maton (2018, p. 73), corroborando a ideia

acima, considera que, apesar de ser esse um dos conceitos bourdieusianos mais citados pelos pesquisadores, “habitus também é uma das ideias mais mal compreendidas, mal empregadas e fortemente contestadas de Bourdieu”.

Por último, segundo Wacquant (2017, p. 214) o habitus:

- i) Resume não uma aptidão natural, mas social que é, por esta mesma razão, variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, através das distribuições de poder;
- ii) É transferível para vários domínios da prática, o que explica a coerência que se verifica, por exemplo, entre vários domínios de consumo- música, desporto, alimentação, mobília e, também, nas escolhas políticas e matrimoniais- no interior e entre indivíduos da mesma classe e que fundamenta os distintos estilos de vida;
- iii) É durável, mas não estático ou eterno: as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas, como demonstrado, por exemplo, a propósito de situações de migração;
- iv) Contudo é dotado de inércia incorporada, na medida em que o habitus tende a produzir práticas moldadas depois das estruturas sociais que as geraram e na medida em que cada uma das suas camadas opera como um prisma através do qual as últimas experiências são filtradas e os subsequentes estratos das disposições são sobrepostos (daí o peso desproporcionado dos esquemas implantados na infância).
- v) Introduce um desfasamento e, por vezes, um hiato entre as determinações passadas que o produziram e as determinações atuais que o interpelam.

Tentamos nas últimas páginas apresentar, ainda que breve, um certo conhecimento dos principais conceitos bourdieusianos, com o objetivo de demonstrar a possibilidade de operacionalização desses conceitos ao longo desta dissertação. Conforme explicitado por nós anteriormente, cremos serem esses conceitos imprescindíveis para a compreensão dos fenômenos histórico-sociais nos quais decidimos nos aprofundar nesta dissertação

## 1.2 Revisão de Literatura Narrativa

### 1.2.1 Genealogia das práticas culturais corporais no Brasil (1890-1919)<sup>26</sup>

Escolhemos o ano de 1890 como marco histórico para iniciar essa etapa de análise da genealogia das práticas culturais corporais no Brasil, por considerar que

<sup>26</sup> Cf. <http://ea.fflch.usp.br/content/genealogia-michel-foucault>

ela representa uma ruptura no *habitus*<sup>27</sup>, novas representações, expansão das práticas culturais corporais, bem como os novos ares que começavam a fluir pelo país. O fim da escravidão (1888) e o golpe militar que instituiu a república (1889) aceleraram um projeto que já estava em andamento, a saber, o de trazer os ideais de progresso e a modernização (SCHWARTZ, 2012).

Com o fim da escravidão, o projeto eugenista de embranquecimento da sociedade brasileira acelerou o processo (já existente) de importação de mão de obra estrangeira (principalmente europeia). Em parte, argumentou-se que seria necessário haver mão de obra qualificada para trabalhar nas fábricas que emergiam no cenário urbano e nas colheitas (principalmente de café), com objetivo de substituir a força de trabalho dos homens negros. Com isso, vieram ao país imigrantes italianos, espanhóis, portugueses, alemães, japoneses, entre outros (SCHWARTZ, 2012).

Pode-se inferir que, ao se assentarem em novas terras, esses grupos não chegavam aqui aculturados, mas traziam consigo práticas culturais alimentares, indumentárias, religiosas e corporais. Contudo, ao serem importadas para um novo país, não significa que essas práticas cheguem de forma “pura”. Os atores sociais que executam essa importação realizam “traduções” culturais que permitem uma adaptação da prática tradicional ao novo local.

Por exemplo, com a chegada de imigrantes orientais ao país, principalmente japoneses com destino a São Paulo, ao importar certas artes marciais, realizaram adaptações (como a esportivização), conscientes ou não, a fim de que estas se sedimentassem em novo território<sup>28</sup> (MARTA; PIRES; ROCHA, 2011). Os autores enfatizam outro ponto interessante, de que seria um equívoco considerar que as práticas trazidas do antigo país fossem de fato tão tradicionais assim. O Japão, durante o Império Meiji, “período conhecido como restauração Meiji, é marcado pela abertura do Japão aos países do ocidente, é o início do processo de

---

<sup>27</sup> Não apenas uma ruptura no *habitus*, mas também no campo econômico, no campo político e no campo cultural, neste último caso com um maior aumento da vinculação dos costumes brasileiros, principalmente com a dos franceses. Essa época ficaria marcado como a *Belle Époque brasileira*.

<sup>28</sup> Vale ressaltar que estamos atentos para não cometer o erro de realizar generalizações que nos induziriam a cair no erro. Aparentemente, o caso citado serve de exemplificação para o judô, não necessariamente para outras artes marciais.

ocidentalização, modernização e industrialização do país” (MARTA; PIRES; ROCHA, 2011, p. 5). Segundo os autores, esse teria sido o principal fator para a entrada da cultura corporal europeia no país oriental, com isto facilitando a aceitação de algumas destas artes marciais no mundo ocidental<sup>29</sup>.

Os povos do oriente não foram os únicos a importar práticas culturais corporais ao Brasil. Estadunidenses, através da Associação Cristã de Moços (ACM), trouxeram diversas práticas esportivas para o país; eram espaços não escolares de formação, organizados com o objetivo de promover o bem físico, intelectual e a moral religiosa de seus associados (BAÍA; MORENO, 2019). A ACM logrou êxito em pelo menos três de suas sedes brasileiras, a saber, Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Porto Alegre (POA).

Por acaso ou não, o relativo sucesso da ACM nessas três cidades coincide em parte com o período de modernização delas. Na virada do século XIX para o século XX, Rio, SP e POA apresentavam um alto grau de urbanização. A ampliação da rede elétrica, bondes elétricos, cinemas, automóveis, entre outras representações de progresso caracterizavam um novo estilo de vida nessas cidades, ou seja, novos *habitus* de classe, que incentivavam uma vida ativa e saudável, construção de corpos fortes, práticas de sociabilidade no meio público, entre outros (SEVCENKO, 1992; 1998; PESAVENTO, 1988).

Vale ressaltar que estamos atentos às teses de Dias (2013) em relação a dois pontos que criticam a atual historiografia do esporte no Brasil: 1) que não necessariamente o desenvolvimento de um campo esportivo dependa de que este esteja inserido numa cidade urbanizada; se assim o fosse, boa parte do Brasil no início do século XX não possuiria um desenvolvimento esportivo; 2) de que as práticas culturais corporais chegavam necessariamente aos meios rurais, ou cidades ‘pouco urbanizadas, sob a mediação das áreas centrais.

---

<sup>29</sup> Segundo a história oficial do judô no Brasil, o primeiro grupo de imigrantes a trazer essa prática corporal ao país foi com a chegada de Kasato Maru em 1908 (NUNES; RUBIO, 2012). Segundo os autores, as primeiras levas de imigrantes chegados do Japão (onde estavam presentes alguns dos mais importantes divulgadores do Judô no Brasil) vieram ao país para trabalhar nas lavouras de café, com o objetivo de fazer fortuna e voltar para a sua nação de origem. Outra versão citada pelos mesmos autores defende a “chegada dos primeiros professores-lutadores, como intuito de difundir esta prática no país. Dois deles, Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake, eram representantes da Kodokan, contemporâneos em sua iniciação na escola de Jigoro Kano. Ambos chegaram ao Brasil em 14 de novembro de 1914, tendo entrado no país por Porto Alegre” (NUNES; RUBIO, 2012, p. 667). Creio que o mais plausível é que, assim como o futebol, o judô teve diversos fluxos migratórios, com diversas “portas” de entrada no Brasil.

Em relação à primeira tese, é um assunto muito caro para nós. Por conta do objeto que escolhemos, a urbanização da cidade do Rio de Janeiro é um tema que muito nos interessa. A chegada do Water Polo à cidade do Rio parece ter sido herdeira do Remo. Essa “herança” possui um duplo sentido: em primeiro lugar, uma herança simbólica, em que o status que o Remo conquistou como principal esporte brasileiro nas primeiras décadas do século XX passaria ao Water Polo por conta das estreitas ligações existentes entre os dois esportes; no segundo sentido, uma herança palpável, concreta, em que o esporte aquático acabaria por utilizar as instalações físicas construídas para a realização das regatas, como o Pavilhão de Regatas na Praia de Botafogo (MELO, 2006).

Creemos ser importante pontuar mais uma questão interessante para ser apresentada: a relação entre esporte e forças armadas no Brasil. Os fundadores da Escola dos *Annales* teceram fortes críticas à chamada “história positivista”, principalmente à maior parte dos objetos que estes consideravam ser passíveis de estudo, a saber, a história diplomática, militar e política. Cancellata (2016) tem articulado uma interessante perspectiva que em nada deixa a desejar em relação às críticas feitas por Bloch e Febvre: a combinação de dois objetos de estudo, a história militar e a história do esporte, que a própria autora denomina de “história do esporte militar”. É interessante pensarmos que os militares nesse período exerciam forte influência no campo esportivo e muitas vezes possuíam posições de destaque dentro dos clubes e federações esportivas. Na Federação Brasileira das Sociedades de Remo (F.B.S.R.) não parece ter sido diferente.

### *Rio de Janeiro, capital da República*

Durante o período proposto, o campo esportivo já estava consolidado na capital. Segundo Melo (2017, p. 6), a essa altura diferentes modalidades eram conhecidas, tais como “turfe, remo, corridas de bicicletas, provas de atletismo, entre outras”. Ademais, o Rio de Janeiro contava com um número surpreendente de clubes esportivos, os quais, ao lado dos cafés, cinemas, teatros e outros espaços de sociabilidade, faziam com que a cidade vivesse um período efervescência cultural. O período de transição do século XIX para o XX e as primeiras décadas do novo



século ficaram conhecidos como belle époque brasileira, mas notadamente a Fluminense.

Contudo, a busca por ideais de modernidade demonstrava aspectos contraditórios. A cidade queria ser como um centro europeu, mas condições materiais como as questões, sanitárias, trabalhistas e de desigualdade marcavam os ares urbanos.

As formas de controle e reforma iam além da arquitetura e urbanização da cidade e chegavam também aos corpos. O corpo gordo e sedentário, que antes poderia sugerir um relativo status social, agora era renegado. Corpos passaram a ser modelados a partir de novas práticas corporais (sejam elas esportivas ou ginásticas).

A principal prática nessa virada de século, sem dúvidas, foi o remo. Quando esse esporte passou a substituir o turfe como paixão nacional, um novo *ethos* era formulado: se no turfe a elite participava principalmente como proprietária do cavalo e normalmente quem o conduzia eram populares, no remo, quem conduzia os barcos era a própria elite.

João Malaia (2015) também cita um fator interessante: no turfe, houve um processo de monopolização da oferta de corridas. Se durante certo momento a cidade contou com 5 hipódromos, além de um em Niterói, no recorte histórico proposto havia apenas 2. Estes se revezavam nos dias de corrida, para que ambos não concorressem entre si pelo público. Por sua vez, a Federação Brasileira das Sociedades de Remo (F.B.S.R.), em certo momento, contou com cerca de 10 clubes filiados no Rio de Janeiro.

Apesar de os principais condutores dos barcos de remo fazerem parte de clubes ligados a uma certa elite urbana, principalmente do comércio, isso não significa que as classes populares não participassem dos eventos náuticos. Se no turfe era necessário que se pagasse uma entrada para poder assistir às corridas, no remo bastava que se conduzisse às praias. Com isso, não queremos dizer que as elites não tentassem se afastar das classes mais baixas, já que podiam escolher espaços privilegiados para assistir às corridas, vide a construção do Pavilhão de Regatas em 1906.

Enquanto as competições de remo animavam a cidade do Rio de Janeiro, o futebol ainda estava em fase germinal. Contrapondo a “história oficial do futebol” que sustenta a narrativa de que a chegada desse esporte no Brasil se deu através de agentes sociais como Charles Miller e Oscar Cox, Melo (2017b) apresenta diversas versões que demonstram possibilidades de uma origem ainda mais antiga, como partidas ocorridas por marinheiros ingleses na década de 1870 e partidas ocorridas na década de 1880 por alunos de um colégio na cidade de Petrópolis.

Ainda assim, o autor questiona: que importância teriam essas ocorrências para a conformidade da estruturação do esporte no país, senão para se construir narrativas ainda mais longínquas sobre sua origem? Ademais, o autor sustenta que há evidências concretas de jogos que ocorreram alguns anos antes da narrativa sobre a partida realizada por Cox, em 1901. No final da década de 1890, membros da colônia britânica (sejam eles nascidos no Brasil ou não), através de seus clubes locais, já estavam acostumados a organizar partidas de cricket e muito possivelmente também organizaram partidas de futebol.<sup>30</sup>

Porém, o futebol, apesar de ainda se apresentar apenas como um entre muitos esportes da elite, não se desenvolveu apenas em clubes como o Fluminense Football Club (fundado em 1902), o Rio Football (também em 1902) e o Rio Cricket (1872). Também se desenvolvia no subúrbio carioca, e uma das grandes expressões disso é o Bangu Athletic Club (fundado em 1904), um importante caso em que a fábrica forjou o clube e o próprio bairro onde estava inserido (SANTOS JUNIOR, 2013).

Vale ressaltar que não apenas o futebol foi uma expressão da cultura britânica no Brasil. Na realidade, não nos parece exagero afirmar que os esportes modernos foram uma das mais bem sucedidas mercadorias a serem exportadas da Grã Bretanha para todo o mundo, inclusive o Brasil<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> A citação de tais eventos são interessantes para reiterarmos a ideia de que o desenvolvimento do futebol no Brasil se deu de forma múltipla, tanto no Rio de Janeiro com várias iniciativas ocorrendo de forma simultânea, como também no âmbito brasileiro através da entrada do esporte por diversos estados. Esta tese é defendida por Mascarenhas (2014).

<sup>31</sup> Creemos que ainda seja necessário um trabalho que busque analisar os fluxos migratórios de práticas culturais corporais no sistema mundo. Com isto, poderia se afirmar ainda com mais embasamento até que ponto os países europeus (notadamente o Reino Unido e a França, mas entre outros como a Espanha, Alemanha etc.) tiveram na conformação de uma cultura híbrida nos países/cidades que tardiamente se industrializavam no capitalismo periférico.

Desde os anos 1810, presença constante em algumas cidades brasileiras, os britânicos deixaram marcas diversas na cultura nacional. No decorrer do século XIX, protagonistas de negócios distintos – comércio exportador e importador, obras públicas (especialmente companhias férreas), ramo financeiro e setor industrial – entabularam iniciativas no sentido de manter a unidade da “colônia” (formada não só pelos nascidos nos territórios da Grã-Bretanha como também pelos descendentes natos em outros países, inclusive no Brasil), entre as quais a criação de instituições relacionadas a seus hábitos (MELO; e GOLÇALVES, 2019, p.1).

Além do futebol, também se viu germinar na capital o Rúgbi, uma versão “menos civilizada e moderna” do que seu primo bretão. Esse outro esporte britânico não foi tão valorizado em nossas terras como em a sua de origem; segundo Melo e Gonçalves (2019, p. 6):

Boa parte dos cronistas brasileiros não viram na modalidade grande valor técnico. Muitas vezes, o esporte era apresentado de forma antagônica ao futebol; (...) a propósito, quando um jogador de futebol se portava de maneira mais violenta, por vezes se o considerava ironicamente como um praticante de rúgbi.

Se por um lado o futebol alcançou grande popularidade entre os cariocas e o Cricket sempre esteve vinculado aos espaços da colônia britânica em solo brasileiro, pode-se postular que o rúgbi ficou numa posição intermediária entre esses dois esportes.

O caso do rúgbi nos ajuda a perceber os limites do processo de trânsito cultural. Indubitavelmente, a conformação do esporte no Brasil se deu, pelo menos a princípio, por iniciativas de emular hábitos de países ditos civilizados (como Reino Unido e França) em um momento em que os parâmetros simbólicos dessas nações se tornavam valorizados, num cenário de maior adesão ao ideário e imaginário da modernidade. Todavia, essas novidades do exterior passavam pelos filtros das peculiaridades nacionais de gosto, relidas e ressignificadas a partir de certos entendimentos locais. (MELO; GONÇALVES, 2019, p.10,11).

Porém, não apenas de futebol vivia o subúrbio carioca. Podemos observar também a tentativa de organização, na maior parte pelas elites locais, de outras tipos de práticas de entretenimento. Destacamos o caso do próprio Bangu Athletic Club: dentro da agremiação, desenvolveram-se para além do futebol atividades ligadas ao cricket. Bem é verdade que o esporte não se popularizou, apesar de ser elogiado como um exemplo de civilização. Este caso também reflete outro exemplo para pensarmos os limites do trânsito cultural, por “refletir como há questões simbólicas e representacionais no desenvolvimento do gosto esportivo, para além de

dimensões como a restrição (havia possibilidade de participação) ou desconhecimento (era de conhecimento geral)” (MELO; GONÇALVES, 2019, p. 12).

Podemos também citar o caso do desenvolvimento tardio do Club de Corridas Santa Cruz. O hipódromo, que apenas durou 6 anos (1912-1918), tentou num primeiro momento oferecer páreos nos meses em que agremiações mais tradicionais não ofereciam nenhuma atividade (entre os meses de janeiro e março). Periódicos demonstravam certa preocupação com os meses de funcionamento, em parte, pois se tratava de certos preconceitos em relação ao subúrbio<sup>32</sup>. Problemas que existiam em todos os clubes de turfe, como os tribofes, pareciam incomodar mais quando ocorridos no subúrbio. Porém, este caso é interessante, pois

[...] nos permite perceber tanto o protagonismo de grupos que viviam nas periferias quanto os estigmas que se forjaram sobre o subúrbio. Diz-nos, portanto, algo sobre como as desigualdades foram se forjando na história da cidade dita maravilhosa. (MELO, 2019, p. 181).

Ora, a utilização de estratégias por parte de clubes, federações e agentes do campo esportivo para diminuir a concorrência não era uma particularidade do turfe. É possível encontrar diversas evidências que demonstram que, em outros espaços do campo esportivo, estes agiam de forma coordenada para que competições e eventos não coincidissem em dia e local, assim, deixando de dividir os consumidores de bens culturais (como o esporte) que acompanhavam mais de uma prática corporal/esportiva.

---

<sup>32</sup> Para mais informações, sugiro a leitura do artigo publicado por Melo (2019).

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS - SEGUNDO QUARTO DE JOGO

### *Historiografia da História do Esporte*

Se hoje estamos tendo a oportunidade de realizar um estudo sobre a gênese do Water Polo no Rio de Janeiro, sem dúvidas devemos muito à Escola dos Annales. Esse grupo, do qual podemos citar importantes autores “filiados”, tais como: Lucien Febvre, Marc Bloch, G. Lefebvre<sup>33</sup>, entre outros, realizou o primeiro movimento que pode ser considerado como uma verdadeira “virada histórica” que deslocou os interesses de pesquisas históricas dos “grandes eventos” para as histórias das mentalidades (BURKE, 2010).

A Escola dos Annales, que surgiu a partir da revista organizada pelos autores acima citados e logo viria a se consolidar como escola de pensamento, tinha como objetivo uma história que dialogasse com outros campos do conhecimento, tais como, psicologia social, estatística, demografia e geografia. Essa perspectiva interdisciplinar inclusive influenciou pesquisadores brasileiros, como Gilberto Freyre.

A primeira geração da Escola dos Annales surgiu no final da década de 1920, mas outras gerações viriam a criticar os fundadores e a realizar novas “viradas” históricas, como a “virada” cultural da década de 1970/1980, conhecida como Nova História Cultural (NHC) (BURKE, 2010; BURKE 2005). Segundo Burke (2005, p. 78):

"Práticas" é um dos paradigmas da NHC: a história das práticas religiosas e não da teologia, a história da fala e não da linguística, a história do experimento e não da teoria científica. Graças a essa virada em direção às práticas, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada, um campo com suas próprias revistas, como a *International Journal for the History Sport*.

Pois bem, se estamos citando esses fatos, isso ocorre, pois tais movimentos de alguma forma influenciam esta dissertação; primeiramente, porque a atual história do esporte surgiu a partir das inovações historiográficas ocorridas no plano internacional a partir de 1970, num primeiro momento com a NHC, posteriormente com a história do corpo (BURKE, 2005).

---

<sup>33</sup> Segundo Burke (2010, p. 93), George Lefebvre foi “um historiador situado nos limites do grupo dos Annales, que cunhou a frase história das mentalidades coletivas”.

No Brasil, a aparição da temática da história do esporte viria a acontecer de forma tardia em relação ao panorama internacional; apesar disso, é interessante citarmos pesquisadores que procuraram trazer esse campo de pesquisa aos estudos esportivos. Durante muitos anos a educação física sobreviveu com poucos pesquisadores que buscassem analisar os primórdios do esporte em terras tupiniquins. De Américo Neto e Laurentino Bonorino até Inezil Penna Marinho, que, apesar de entusiastas nessas incursões e atores sociais importantes para a história de nossa história, não puderam contribuir com o rigor técnico necessário para que houvesse um salto na qualidade de tais escritos (MELO, 1996).

Somente para melhor elucidarmos a questão da qualidade técnica na historiografia do esporte, compartilhamos as preocupações de Gebara (2004) em relação ao cuidado com as fontes históricas, sejam elas primárias ou secundárias. Deve haver, na construção da narrativa historiográfica, um olhar atento a questões como o ordenamento espacial e a configuração cultural daqueles que produziram tais fontes. Essas ressalvas foram postas ao criticar o que pode ter sido um descuido de Penna Marinho, ao identificar as origens das práticas corporais nos primeiros contatos entre os povos indígenas e o colonizador português.

Em geral, os trabalhos realizados até esse período apenas buscavam uma simples narrativa dos acontecimentos históricos, gravar os recordes realizados ou escrever biografias de atletas aclamados pelos seus feitos esportivos. Esses trabalhos geralmente não traçavam análises críticas, ou, quando o faziam, não os correlacionavam com fenômenos históricos e outros campos do conhecimento (tais como o campo político, econômico, etc.). Assim, podem ser caracterizados como uma forma tradicional do fazer histórico, ou seja, o paradigma da história tradicional do esporte no Brasil.

Por volta da década de 1990, começa a haver uma maior sistematização dos estudos esportivos, que tinham como tema central de pesquisa a história do esporte (considerada aqui como uma subdisciplina da história). Tal crescimento pode ser confirmado pela criação de congressos na área de educação física que trataram exclusivamente desse assunto (o primeiro deles foi realizado no ano de 1993 na UNICAMP), como também a criação do simpósio temático específico, da Associação Nacional de Historiadores (ANPUH) (MELO, 2016).

Ainda em relação ao aumento de trabalhos publicados nessa época, Victor Melo (MELO, 2016), ao analisar a produção nos anais da ANPUH, indica, que durante os anos de 1995-2001, foram realizadas 34 comunicações orais nesses eventos, 21 das quais foram sobre futebol e o restante versou sobre outros temas, tais como: capoeira, ginástica, educação física, remo, atletismo, etc.

Vale ressaltar que a criação, sistematização e aumento da produção durante a década de 1990, na subdisciplina “história do esporte”, não se dá por um mero acaso, mas sim, conforme delineado anteriormente, por ser considerada uma “herdeira direta das contribuições da nova história cultural” (MELO, 2010b; BURKE, 2005).

Booth (2011) nos informa que, desde o início dessa subdisciplina, há uma “disputa” de paradigmas entre historiadores que trabalham na perspectiva da “história social” e da “história cultural”. Na concepção da primeira perspectiva, procuram compreender o esporte numa lógica holística de sociedade, embasando suas teorias a partir de um referencial teórico advindo da sociologia. Outra característica desse grupo é o foco na vida das pessoas comuns e, segundo Booth (2011, p. 2 cf.), “os historiadores sociais com inclinação de esquerda promoveram a história como uma disciplina preocupada tanto com as condições sociais e políticas do presente quanto as do passado”.

Em contrapartida, os historiadores alinhados aos estudos culturais residem na tradição hermenêutica, utilizando “novas teorias do discurso, textualismo e narrativa como formas de compreender como as pessoas interpretam seus mundos e suas experiências” (BOOTH, 2011, p. 2).

Creemos que, no Brasil, essa “disputa” entre historiadores culturais e sociais esteja superada. Diversos autores (informação verbal)<sup>34</sup> concordam que a combinação de ambos os paradigmas represente um avanço para a compreensão dos fenômenos históricos. Apesar disso, cremos que apenas a junção de ambos os

---

<sup>34</sup> Em diversas entrevistas, palestras e disciplinas de pós graduação, Victor Melo, Edivaldo Góis Jr. e Carmen Lúcia Soares já demonstraram este ponto de vista, no caso do primeiro em depoimento oral realizado durante a disciplina da Pós-graduação em Educação da UFRJ (2019) enquanto os dois outros autores durante palestra conferida por ocasião do CONBRACE (2019). Podemos notar o surgimento de termos como “história sociocultural”, “história social da cultura” ou “história cultural das sociedades”. Em todas estas opções notamos a tentativa de combinar ambos os paradigmas citados acima.

paradigmas não seja suficiente para a compreensão da complexidade de problemas históricos-sociais. Assim sendo, pretendemos nesta dissertação realizar a tentativa de unir quatro paradigmas da história, i) história social; ii) história cultural; iii) história política; iv) história econômica. Isso não significa que necessariamente vamos “cortar” o nosso objeto de estudo em vários capítulos que se dediquem a cada um desses paradigmas, mas que características desses paradigmas estarão presentes ao longo dos diversos subcapítulos do “terceiro quarto de jogo”<sup>35</sup>.

Para conseguirmos atingir os objetivos propostos, utilizaremos como método a pesquisa historiográfica, que consiste basicamente na escrita dos fatos passados. Segundo Silva e Silva (2009, p. 189), “é a reflexão sobre a produção e a escrita da história”. Porém, consideramos que apenas realizar a escrita da história – neste caso, a história do Water Polo, citando fatos, datas importantes, resultados de jogos e listando os vencedores dos principais torneios – seria primeiramente uma pesquisa apenas descritiva, arquivista, com pouco material a ser discutido e com baixa relevância para a compreensão do desenvolvimento do campo esportivo e sua relação com os fatos históricos ocorridos na época. Entretanto, os mesmos autores complementam dizendo que a “perspectiva historiográfica é uma ferramenta para o ofício do historiador, ao descrever “escolas” históricas, e como produziram conhecimento ao longo do tempo (SILVA; SILVA, 2009).

Assim sendo, consideramos que, ao utilizar o método historiográfico, precisamos

[...] interrogar as obras que consulta não apenas do ponto de vista do conteúdo, sobre o que elas dizem, mas também sobre quem as escreveu e por que foram escritas. Para aprender como pesquisar, a melhor forma é se perguntar como os outros pesquisaram, o que constitui uma preocupação historiográfica. (SILVA; SILVA, 2009, p.192).

Para isso, a coleta de dados se dará por meio do dispositivo conhecido como “hemeroteca digital”, serviço disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Utilizaremos como palavras-chave os termos “polo aquático”, “*water polo*”,

---

<sup>35</sup> Na produção de conhecimento no campo das histórias do esporte, temos diferentes estágios dependendo do paradigma. O primeiro e o segundo caso são predominantes; inúmeros estudos foram realizados a partir dessa ótica. Podemos citar, entre muitos, as pesquisas realizadas por Victor Melo, Carmen Lúcia Soares, Edivaldo Góis Jr., Silvana Goelner, entre outros. Por sua vez, nos dois últimos casos, a quantidade de pesquisadores engajados nesses paradigmas diminui, o que não deixa desejar na qualidade dos estudos. No caso da história política, citamos a dissertação e a tese de Mauricio Drummond; na história econômica, os diversos estudos realizados por João Malaia dos Santos.



“*aquatichandball*”, “football in the water”, os quais foram os encontrados na literatura como as diferentes denominações de polo aquático ao longo de sua história.

Ademais, teremos como recorte histórico o período 1900-1919. Esse período foi escolhido, pois, alguns anos anteriores a 1900, em consulta prévia realizada na hemeroteca, não consta qualquer ocorrência para os termos elencados entre 1890 e 1899<sup>36</sup>, somente aparecendo pela primeira vez na década de 1900. Quanto a 1919, a escolha se deu em virtude da data da primeira participação da seleção brasileira, na cidade do Rio de Janeiro, em um torneio internacional, a saber, o Sul Americano de Water Polo e Futebol. Como recorte geográfico, escolhemos o Estado do Rio de Janeiro e a Capital Federal do período (Rio de Janeiro), pois, até onde se sabe, são os locais onde essa prática corporal apareceu primeiramente.

Ressaltamos que, para contribuir com a análise dos dados, utilizaremos, a partir da pesquisa qualitativa, a revisão narrativa como forma de embasar a argumentação teórica, trazendo fontes secundárias (os artigos da revisão) que contribuam com a narrativa das fontes primárias (documentação histórica a partir de livros, notícias, atas, leis, etc.). Para além disso, também analisaremos os dados a partir da contribuição do referencial teórico de Pierre Bourdieu.

Por fim, vale ressaltar dois pontos. Primeiramente, sobre o principal acervo que abriga a maior parte de nossas fontes primárias: a Fundação Biblioteca Nacional (FBN), o órgão responsável pela criação da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital). Essa coordenação foi lançada oficialmente em 2006<sup>37</sup> e é responsável pela digitalização sistemática do acervo da fundação.

A Biblioteca Nacional Digital conseguiu ampliar as missões da FBN, preservando a memória cultural através de boas práticas de conservação de patrimônio, entre elas, a digitalização do seu acervo. Ademais, a instituição também fornece acesso digital através da virtualização de seu acervo (FBN, 2020).

Em síntese, na plataforma digital da BNDigital, há dois principais locais de procura de seus documentos: a) Acervo Digital, local onde se pode encontrar

---

<sup>36</sup> Portanto, o período entre o ano de 1890-1899, será considerado como o primeiro período para a coleta de dados na ferramenta “hemeroteca”, da Biblioteca Nacional.

<sup>37</sup> Porém, foi em 2001 quando começaram a ocorrer as digitalizações com o objetivo de compor exposições e projetos temáticas. Para mais informações sugiro o site oficial da instituição: <https://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/historico/>

dezenas de coleções, acervos, materiais em diversos idiomas<sup>38</sup>; b) Hemeroteca Digital, local onde se pode encontrar periódicos nacionais e internacionais.

Figura 1 - Hemeroteca Digital<sup>39</sup>

Editado pelos autores.

Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/digital/>. Acesso em: out. 2022.

Conforme se pode perceber, a Hemeroteca Digital fornece uma série de possibilidades para os pesquisadores que desejam realizar pesquisa historiográfica, principalmente durante uma crise sanitária. A plataforma, basicamente, fornece três formas de pesquisa: por periódico, além de revistas, anuários, boletins, etc. (são mais de 7.000); por período, que são divididos por décadas, desde 1740 até 2020<sup>40</sup>; e por local, considerando todos os estados do Brasil, além de uma série de outros países.

Além disso, o pesquisador insere palavras-chave, que, através de um software de captura de imagem, consegue identificar, entre as milhões de páginas digitalizadas, os locais onde a palavra-chave aparece. A página da BNDigital informa os periódicos em que a palavra-chave foi encontrada, a quantidade de ocorrências e outras informações. Segue abaixo um demonstrativo:

<sup>38</sup> A BNDigital, possui através de parcerias institucionais, uma série de acervos e coleções que fazem parte de diversas outras instituições, sejam elas nacionais ou internacionais.

<sup>39</sup> Representação gráfica do formato de busca na Hemeroteca Digital.

<sup>40</sup> Porém, até o período anterior à década de 1800, todos os periódicos são internacionais. Apenas com a chegada da família Imperial Portuguesa, em 1808, passamos a ter a impressão régia.

Figura 2 - Página de resultados de busca na Hemeroteca

Descrição	Páginas	Ocorrências	Opções
Jornal do Commercio Edição da Tarde (RJ) - 1909 a 1922	21551	168	⊕
O Imparcial : Diário Ilustrado do Rio de Janeiro (RJ) - 1912 a 1919	26844	74	⊕
Jornal do Brasil (RJ) - 1910 a 1919	56533	69	⊕
A Rua : Semanario Ilustrado (RJ) - 1910 a 1927	14805	46	⊕
Vida Sportiva: hebdomadario sportivo e mundano (RJ) - 1918 a 1921	3769	42	⊕
Correio da Manhã (RJ) - 1910 a 1919	42249	41	⊕
Gazeta de Noticias (RJ) - 1900 a 1919	48801	27	⊕
A Noite (RJ) - 1911 a 1919	16247	24	⊕
Careta (RJ) - 1909 a 1964	113764	23	⊕
O Paiz (RJ) - 1910 a 1919	45614	22	⊕
O Jornal (RJ) - 1919	2366	15	⊕
Correio Paulistano (SP) - 1900 a 1919	51685	13	⊕
A Epoca (RJ) - 1912 a 1919	21607	11	⊕

Editado pelos autores; mais informações no site indicado anteriormente

Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/digital/>. Acesso em: out. 2022.

Em segundo lugar, destaco o papel dos periódicos a serem analisados. Ao longo da coleta de dados, conforme supracitado (conferir Apêndices), foi coletado um enorme número de ocorrências em que as palavras-chave foram inseridas. Essas milhares de aparições foram publicadas em uma série de periódicos, tanto os mais prestigiados e longínquos, como aqueles que tiveram curta duração de vida, entre eles: Jornal do Brasil, Jornal do Commercio, Correio do Amanhã, Vida Esportiva, além de outras dezenas.

Podemos imaginar que o tratamento dado pelos diversos periódicos em relação ao Water Polo dependa da posição social de seu editor, da linha editorial do periódico, da relação interpessoal entre os agentes do campo esportivo e do campo midiático, entre outros pontos. Assim sendo, consideramos que a análise da relação entre o Campo do Water Polo e o Campo midiático esteja compreendido entre um dos nossos objetivos específicos.

Assim sendo, decidimos que as diversas informações sobre os periódicos serão explicitadas ao longo do capítulo de resultados, quando for considerado que tais dados sejam importantes para a compreensão do nosso objeto de estudo.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO - TERCEIRO QUARTO DE JOGO

#### 3.1 Circularidade e Trânsito Cultural do Water Polo no Rio de Janeiro

##### 3.1.1 A circularidade do “Water Polo” como representação social na mídia impressa<sup>41</sup>

Conforme brevemente apontado na Introdução desta dissertação, a atual produção de conhecimento em história do Water Polo<sup>42</sup> no Brasil nos fornece poucas evidências sobre os primórdios do esporte no país. Na realidade, trabalhos até existem, mas a falta de citação de fontes nesses estudos nos traz dúvidas sobre a probabilidade de esses acontecimentos históricos datados na primeira década do século XX terem ocorrido.

Na Hemeroteca Digital, entre os anos de 1900 e 1909, há centenas de jornais digitalizados; apesar disso, nesse período apenas em seis jornais houve ocorrências com o termo “water polo”. Infelizmente, em nenhum desses casos há menção a quaisquer jogos ocorridos no Brasil, porém não significa que não haja alguns pontos que podemos considerar no mínimo interessantes a serem discutidos.

O dia 20 de maio do ano de 1907 foi a primeira vez que o water polo apareceu na mídia impressa brasileira. Porém, a notícia apenas faz a divulgação do novo livro escrito por E. Weber intitulado “Sports Athléticos”. Em seu subtítulo, aparecem os diversos temas/esportes que serão tratados nele, entre eles: gymnastica - natação - **water-polo** - corrida a pé - concursos athleticos - lançamento do disco - lançamento do peso - saltos - football association - football rugby - tennis - pelota basca - hockey - críquete - regra dos isentos - systemas das poulas (JORNAL DO COMMÉRCIO, 1907, p. 20, destaque nosso).

---

<sup>41</sup> Notadamente a imprensa fluminense/carioca, com exceção de uma ocorrência no Estado do Amazonas.

<sup>42</sup> Utilizaremos o termo “Water Polo” de forma predominante nesta dissertação, pois, durante o recorte histórico escolhido, esse era o termo usado de forma hegemônica. Quando utilizarmos outros termos, o motivo será explicitado.

O livro editado e publicado pela Livraria Garnier no próprio ano de 1907 no Brasil foi uma tradução de sua versão francesa publicada originalmente em 1905, que fora considerada como o “único e mais completo livro” sobre esportes, sendo fortemente recomendado para jovens atléticos. Conforme se pode perceber pelo próprio título do livro, o water polo era apenas mais uma de diversas práticas corporais a serem exploradas pelo médico-escritor<sup>43</sup>.

Figura 3 - Publicidade do Livro de E. Weber



Fonte: O Paiz, 1907.

Segundo Farias (2008, p. 21), após E. Weber perceber o alto índice de mortalidade no início do século XX no Rio de Janeiro, o autor descreve “benefícios higiênicos proporcionados por várias modalidades esportivas, ele destacava a importância profilática dos esportes aquáticos”, notadamente, o caso do remo.

Apesar de a propaganda da venda do livro ser o motivo de cinco das 10 ocorrências do termo “water polo”, em quatro diferentes jornais na década de 1900, não podemos, necessariamente, concluir que esse tenha sido um importante fator para o aparecimento dessa prática nas praias do Rio de Janeiro alguns anos mais à frente. Por outro lado, levando-se em conta que o autor trazia em sua base argumentativa narrativas que corroboravam com as ideias de práticas higiênicas defendidas pela medicina social da época e que, após a publicação do livro, é

<sup>43</sup> Para mais informações acerca do livro e do autor, recomendo a leitura da dissertação de mestrado de Giulia Sampaio Piazzzi (2018) cujo o título é: “Bolas de papel e jogadas editoriais: os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930”.

possível se perceber outras notícias vinculadas ao esporte que apareceram na mídia impressa brasileira, podemos inferir que, possivelmente, percebeu-se nas rodas de discussão dos *sportmen* da época um maior interesse em se saber mais informações sobre essa nova modalidade esportiva.

De fato, apenas três meses após a primeira publicidade do livro de E. Weber, houve a primeira notícia de um jogo de water polo, ainda, não em solo, ou melhor, águas brasileiras, mas sim, notícias vindas do exterior. A pequena nota que fazia parte dos comunicados recebidos de Portugal divulgava os diversos jogos esportivos que seriam realizados pela primeira “Taça da Liga Naval”, por ocasião do festival marítimo, no dia 6 de outubro de 1907, na cidade de Cascaes<sup>44</sup>. Na competição, seriam disputadas pelas embarcações e navios das armadas as modalidades: corridas de remo, corridas de vela, torneio de natação, **water polo**, lançamento de um torpedo automável, entre outras (O PAIZ, 1907, destaque nosso). Na foto abaixo, podemos ver o que se acredita ser a primeira partida de water polo em Portugal. Segundo os créditos da foto, esse jogo ocorreu em Cascaes no ano de 1907, contudo não sabemos se se refere ao jogo da notícia acima; ao menos a data é próxima.

Figura 4 - Partida em Cascaes (1907)



Fonte: Water Polo Legends (2013)<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Conforme a escrita da época; atualmente, escreve-se “Cascais.”

Para mais informações acerca desta cidade, recomendo a leitura do verbete na enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cascais>. Acesso em: 12 set. 2021.

<sup>45</sup> Para mais informações, acessar o sítio: <http://www.waterpololegends.com/2013/09/1907-water-polo-match-at-cascais-bay.html>. Acesso em: 12 set. 2021.

Além dessa partida em Portugal, dois jornais brasileiros também noticiaram outra partida internacional, no caso em questão, entre as seleções belga e holandesa. O jogo ocorreu por ocasião dos Jogos Olímpicos de 1908 em Londres. Sem entrar em maiores detalhes, a pequena nota apenas nos informa que a seleção da Bélgica venceu a equipe da Holanda. A título de curiosidade, nessa edição, a medalha de ouro foi conquistada pela Grã-Bretanha e a equipe belga ficou com a medalha de prata<sup>46</sup> (JORNAL DO COMMERCIO, 1908; A IMPRENSA, 1908).

Figura 5 - Equipe da Grã-Bretanha, Ouro em Londres, 1908<sup>47</sup>



Fonte: Water Polo Legends (2011).<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> Para uma leitura mais completa das colocações de cada edição recomendo a leitura do documento cujo os coordenadores foram Fenando Mezzadri e André Capraro, Disponível em: [http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site\\_api/arquivos/polo-aquatico.pdf](http://www.inteligenciaesportiva.ufpr.br/site_api/arquivos/polo-aquatico.pdf) Acesso em: 10 set. 2021.

<sup>47</sup> Recomendamos assistir ao vídeo de um pedaço da partida ocorrida pelos Jogos Olímpicos em Londres em 1908, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EnJQx57gmGI>. Acesso em: 12 set. 2021.

<sup>48</sup> Para maiores informações acessar o sítio: <http://www.waterpololegends.com/2011/12/1908-london-winning-team-of-great.html>. Acesso em: 12 set. 2021

Figura 6 - Time da Bélgica, Prata em Londres (1908)



Fonte: Water Polo Legends (2012)<sup>49</sup>

Vale ressaltar que o water polo foi o primeiro esporte coletivo a competir nos programas dos Jogos Olímpicos, pela primeira vez, na edição de 1900 em Paris. Portanto, essa seria a terceira participação do esporte nas olimpíadas modernas, sendo que, em 1904, em Sant Louis, apenas participaram equipes estadunidenses. Devemos lembrar que até 1920 nenhum atleta brasileiro havia participado de quaisquer edições dos jogos olímpicos. Acerca disso, Amaro (2018, p. 206) nos relembra:

A realização das Olimpíadas no eixo Europa-América do Norte, juntamente com a ausência de atletas brasileiros, que começaram a participar apenas em 1920, podem justificar a baixa incidência de notícias relacionadas a esses eventos no período estudado. As poucas informações eram veiculadas principalmente em pequenas notas de agências de notícias, e somente a partir de Londres/1908 conseguimos presenciar uma cobertura mais detalhada, enfocando inclusive a preparação da infraestrutura na cidade sede.

---

<sup>49</sup> Referência completa disponível em: <http://www.waterpololegends.com/2012/06/1908-london-silver-team-of-belgium.html>. Acesso em: 12 set. 2021.



Amaro (2015) nos informa também que, desde a década de 1890, notícias sobre os Jogos Olímpicos circulavam pela mídia impressa do Rio de Janeiro (Quadro 1).

Quadro 1 - Pesquisa por palavras-chave realizada na Hemeroteca Digital da BN

Palavra-chave	Período	Amostragem (total de jornais/total de páginas)	Total de Ocorrências <sup>9</sup>
jogos olympicos	1890 a 1899	163 / 872.893	61
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	149
olympiada	1890 a 1899	163 / 872.893	24
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	40
olympiadas	1890 a 1899	163 / 872.893	7
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	19
coubertin	1890 a 1899	163 / 872.893	2
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	5
jogos gregos	1890 a 1899	163 / 872.893	0
	1900 a 1909	150 / 1.175.079	1

Fonte: AMARO, 2015.

O quadro acima evidencia que, na década de 1900, foram encontradas mais de 200 ocorrências<sup>50</sup> com os termos “jogos olympicos” e “olimpíada(s)”; apesar disso, nenhuma delas noticiou os jogos de water polo dessas competições. Porém, podemos considerar que não seja apenas uma mera coincidência que o water polo tenha tido sua primeira notícia apenas em 1908, o que se esclarece em Amaro (2015, p. 12):

Os Jogos de Londres-1908 contaram com a mais extensa cobertura até aqui. O Correio da Manhã (16/04/1907, p. 1) e a Revista da Semana (14/04/1907, s/p.) publicaram notas semelhantes sobre a infraestrutura da cidade que receberia as competições esportivas. Esse interesse jornalístico pela preparação da cidade-sede aponta para uma renovada atenção aos fatos olímpicos e para um maior reconhecimento do evento organizado pelo COI.

Vale ressaltar a posição social de Pierre de Coubertin e dos outros defensores do olimpismo, e ainda que esse movimento nasceu no centro da civilização ocidental, considerada (por si mesma) como mais “evoluída” e

<sup>50</sup> Vale destacar que, não necessariamente todas estas diziam respeito aos jogos organizados pelo Pierre de Coubertin, levando-se em conta que, diversos circos e teatros também se utilizavam de tais termos, além de possíveis menções aos jogos da era clássica e outros não reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Acerca disso, Amaro (2018, 202) nos informa: “Uma série de acontecimentos “olímpicos” ocorria à margem da “oficialidade” dos eventos organizados pelo COI, dentre os quais destaco: exibições de jogos olímpicos no contexto circense ou como parte do programa de eventos comemorativos variados; temática olímpica em peças teatrais; apresentações de filmes olímpicos nos cinemas da cidade; “jogos olympicos” e “olympiadas” como palavras de uso corriqueiro com sentidos diversos; competições “não-oficiais”, como as realizadas em Montevideu (1907)”.

“desenvolvida” em relação aos países da periferia do capitalismo. Os Jogos Olímpicos estavam intrinsicamente correlacionados aos ideais de modernidade e progresso, e a mídia impressa era um agente importante na propagação dessa representação social. Por conta disso:

Os argumentos da imprensa carioca em prol do olimpismo circulavam em torno dos benefícios corporais, do melhoramento da “raça” nacional, da preparação para a guerra, da formação do caráter; todos eles, elementos que confluíam para a formação de uma sociedade moderna. (AMARO, 2018, p. 209).

Contudo, a mídia impressa carioca não era o único veículo de comunicação que tratava de anunciar novidades, ainda que superficialmente, sobre o water polo. Pudemos encontrar que, na década de 1900, ao menos duas vezes esse termo figurar nos programas cinematográficos da cidade.

Antes de adentrar esse assunto, relembremos que a primeira sala de cinema no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, foi fundada por Paschoal Segreto, o “Ministro das diversões”, em 1897 (em sociedade com Roberto Salles) (MARTINS, 2004). Depois de cerca de 10 anos desde a fundação da pioneira sala de projeção de Paschoal, o ano de 1907 marcou mudanças globais no mercado cinematográfico e também a “época dourada” das empresas de Marc Ferrez, entre elas a Pathé no Brasil (MORAES, 2014).

O importante Cinema-Pathé, que se auto proclamava como a “mais importante casa de exposições desta capital”, agora, já estava instalado na Avenida Central, que, segundo Moraes (2014, p. 272), era o “símbolo maior das reformas urbanas de Pereira Passos, e desde cedo a região atraiu o interesse dos exibidores, sequiosos de conquistar o abastado público da região”. Vale mencionar que, nesse momento, o grupo Pathé já possuía “entre 2 e 4 mil funcionários [que] estavam ligados direta ou indiretamente à empresa no ano de 1908 e a firma contava com cinco unidades produtivas na região metropolitana de Paris, além de uma vasta rede de fábricas e colaboradores internacionais” (MORAES, 2014, p. 276). No Brasil, a empresa pertencia a Arnaldo Gomes e à Família Ferrez (do icônico fotógrafo Marc Ferrez).

Voltando às exposições, a primeira delas ocorreu em 21 de outubro de 1908 e foi assim anunciada na Gazeta de Notícias (1908, p. 6): “As últimas criações inéditas Pathé! Grande sucesso! Sempre novidades! Variadas e renovadas

surpresas!”. Entre as novidades do programa, destacamos a intitulada “Os Sports Náuticos - curiosa vista tirada do natural demonstrando alguns dos mais populares jogos atléticos: water polo e (...)”.

Não houve mais informações sobre quem seriam ou de onde eram os jogadores dessa partida, mas, levando-se em conta a origem desse grupo cinematográfico e considerando que “a lógica de funcionamento dos cinemas brasileiros dessa época extrapolou os limites nacionais, participando de uma ampliada cadeia produtiva cujo o epicentro foi, ao menos até a primeira guerra, a França” (MORAES, 2014, p. 215), é possível que tais filmagens tenham sido efetuadas nesse país. Ademais, podemos perceber que é associada ao esporte uma figura de prática popular, provavelmente, não no sentido de classe, como o termo “cultura popular”, mas sim, na concepção de que o water polo estava na moda nos países europeus.

A segunda exibição que mencionou o water polo trata-se de um caso mais curioso, ocorrido no “Grande Cinematographo Parisiense”, que foi o primeiro cinema a ocupar o espaço da Av. Central em 1907, cujo proprietário era J. R. Staffa, que, segundo Moraes (2014, p. 254), é

Outra figura que merece destaque é a do empresário Giacomo (Jácomo) Rosário Staffa. Aportado na capital federal em 1882 vindo da cidade italiana de Cosenza, teve um início humilde, trabalhando como agente de loterias, cobrador de bonde e- como tantos outros nomes do segmento- bicheiro.

Enfim, a peculiar apresentação tratava-se de uma “surpreendente fita tirada ao vivo, que nos apresenta vários e escolhidos espécimens da fauna européa (...) e uma partida de ‘Water-polo por um urso dos mares polares’ ” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1909, p. 06).

Se, por um primeiro momento, podemos, com os olhares do tempo presente, considerar tal trecho cômico, é possível que, para a época, não se tratava de uma piada. Mas, então, como podemos interpretar tal passagem sem corrermos o risco de anacronicamente considerar o episódio como um escárnio rabelaisiano?

A fita de filme tinha origem no Jardim Zoológico de Londres. Conforme citado na introdução desta dissertação, o water polo foi “Inventado” no Reino Unido por volta de 1870. Em 1885, a Amateur Swimming Association (ASA) reconheceu oficialmente o esporte sob sua jurisdição, portanto havia mais de 30 anos que os

britânicos praticavam tal modalidade. Assim sendo, hipotetizamos que seja improvável que a descrição de um filme que consistia em um urso polar brincando com uma bola dentro d'água tivesse sido uma tradução literal realizada pelo periódico "A Gazeta" ou pelos redatores de publicidade do próprio cinema a partir do material advindo do exterior.

Por um lado, levando-se em conta que as evidências demonstram que até o momento não tinha ocorrido qualquer partida de water polo em águas brasileiras, parece-nos plausível que a redação do ocorrido na fita cinematográfica tenha sido uma descrição de alguém que nunca havia visto um jogo de water polo e que, portanto, imaginava que tal desporto se pareceria com um urso brincando com uma bola dentro d'água, construindo-se, assim, uma representação social idílica em relação ao esporte.

Tal passagem é interessante para pensarmos os limites da circularidade cultural de uma prática esportiva em uma sociedade que não teve a oportunidade de vivenciar a modalidade presencialmente. Pensemos na reação do público que compareceu ao filme no Grande Cinematographo Parisiense, ao assistir a um ou mais ursos brincando com uma bola na água e associando, por ocasião da descrição, ao water polo. Esse público poderia ressignificar que o tal esporte europeu na realidade se trata de um jogo selvagem, apenas praticado por animais. Vale ressaltar que consideramos esta perspectiva improvável, apesar de possível, haja vista que durante muito tempo prevaleceu na sociedade brasileira, notadamente nas elites econômicas, o que Peter Burke (2010) denominou de aceitação da "moda de tudo que é estrangeiro" – no caso brasileiro, a chamada europeização, mais especialmente, a anglomania percebida por Gilberto Freyre (2009).

Por outro lado, devemos lembrar que, àquele tempo, o cinema ainda era mudo, dependendo da intenção e habilidade do pianista ou da banda que acompanhava o prosseguimento das películas, facilmente poderia tornar aquela situação engraçada, bastava a intenção dele(s) de envolver a plateia no clima e ambiente em que se desejasse<sup>51</sup>. Vide a atmosfera dos filmes de Charles Chaplin,

---

<sup>51</sup> A fim de exemplificarmos tal situação recomendamos assistir ao vídeo a seguir, pode-se perceber a maestria que a música nos conduz as situações por quais passa Chaplin no circo, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3zoleXG-BE>. Acesso em: 12 set. 2021.

que conseguem nos fascinar, seja em situações cômicas, tristes, alegres ou inusitadas, como no trecho do filme “The Kid”<sup>52</sup>

A bem da verdade, se o jogo de water polo praticado por ursos polares do jardim zoológico de Londres era apenas uma sátira para divertir o público ou se de fato foi uma descrição romantizada por parte de um redator que não fazia ideia do que seria o *tal do water polo*, nunca saberemos. As fontes não nos fornecem indícios a ponto de compreendermos o que de fato ocorreu nesse breve episódio; assim sendo, apenas podemos supor as principais possibilidades.

Ainda assim, compreendemos que a descrição de algumas hipóteses realizada a fim de compreender a trama histórica é válida, na medida em que possamos discutir os limites da circularidade cultural e a sua relação com as primeiras notícias do water polo na mídia impressa brasileira. No caso em questão, assistir ao filme de water polo pode ter gerado inúmeras possibilidades de apreensão e ressignificação por parte do público, entre elas a comicidade, a estranheza, a incompreensão, entre diversas outras.

Por fim, parece-nos que a série de ocorrências do termo “water polo” na primeira década do século XX – com exceção da peculiar película – obteve um resultado interessante. A circularidade da ideia sobre o water polo pode ser percebida em livros, filmes e notícias vindas do exterior. O teor geral desses aparecimentos trazia uma perspectiva de que o esporte bretão estava ligado às práticas higiênicas, era disputado em países europeus e se configurava como programa dos Jogos Olímpicos, à época novidade que tentava se consolidar como evento hegemônico nos países ditos civilizados, através de ideias de progresso e modernidade.

Levando-se em conta que logo no início da década de 1910 há evidências de uma primeira sociedade que buscou realizar jogos na Ilha do Fundão, consideramos que a circularidade surtiu algum efeito, criando uma demanda social em torno de uma nova prática esportiva numa sociedade que estava ávida por experimentar novas práticas de divertimento. É possível que essa associação voluntária tenha colocado

---

Recomendo também assistir aos depoimentos do pianista e de seu público ao assistir um filme mudo com música ao vivo no tempo presente, Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6606075/> Acesso em: 12 set. 2021.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6FfsGTJOH10>. Acesso em: 12 set. 2021.

em seu programa partidas de water polo exclusivamente com o objetivo de atrair assistência<sup>53</sup> para seu evento social, tendo em mente que já havia no imaginário social a percepção de que esse esporte estava correlacionado com os ideais de modernidade. Porém, existem indícios que corroboram outras possibilidades.

No ano de 1911, a “Rio de Janeiro Literary & Social Union” anunciou a organização de um *Picnic* no dia 24 de dezembro. Na programação, além de contar com uma competição de fotógrafos amadores, aparece o water polo, entre outras modalidades (não citadas). A sociedade cobrava um valor simbólico para membros e não membros poderem participar do evento (JORNAL DO COMMERCIO, 1911).

Em 21 de setembro de 1912, a associação organizou novamente o evento na Ilha, com o mesmo programa do ano anterior. Em ambos os casos, os ingressos poderiam ser comprados com o Secretário Honorário Geo. Duncan, por um valor que não conseguimos identificar. Lamentavelmente, as duas notas não nos fornecem maiores pistas sobre se o jogo de fato ocorreu ou não, quem teriam sido os jogadores e como a partida decorreu. Contudo, acreditamos que haja mais alguns pontos a serem explorados.

Antes de mais nada, façamos breves considerações sobre a sociedade em si. Rio de Janeiro Literary & Social Union apareceu pela primeira vez na mídia impressa carioca no dia 30 de maio de 1911, no periódico *The Brazilian Review*. Segundo Melo (2017), o jornal era ligado à colônia, foi publicado entre os anos de 1898 e 1914 e seu editor era Joseph Philip Wileman, que também foi diretor do Serviço de Estatística Comercial entre os anos de 1900 e 1908.

O periódico supracitado anunciou, em 30 de maio de 1911, a reunião da sociedade ocorrida no dia 19 de maio como um “extraordinário evento” e não poupou comentários elogiosos aos seus fundadores – sobre isso, comentaremos logo mais. *The Brazilian Review* (08 ago. 1911) também noticiou como ocorreu o primeiro encontro da sociedade:

Among the papers read at the meeting were "Do men think?" by Mr. Charles Cudmore; "Should children be taught fairy tales?" by Mr. James Watt; "A question in philology", by Mr. E. L. Luxon; and "Jogo-dos-Bichos", by Mr. Geo. Duncan. There was an animated discussion of the various papers by the members. An anonymous letter from a lady was read advocating lady-

---

<sup>53</sup> Assistência era o termo empregado à época para o que hoje denominamos “torcida”, ou seja, o público que comparece para um evento esportivo a fim de acompanhar e torcer para algum dos competidores.

membership. After some criticism it was decided that, as it was a question which, according to the bye-laws, could only be properly considered at a special general meeting, arrangements should be made for its full consideration at a later date. There was a good attendance of members, while several ladies were present.<sup>54</sup>

Como se pode perceber, o nome dado a essa instituição associativa deixava claro que, para além dos encontros sociais em espaços públicos para a prática esportiva, a sociedade também tinha entre os seus interesses ser um clube de “discussão” de diversos assuntos. Destacamos o debate mediado por Geo. Duncan, o secretário honorário, sobre o jogo do bicho, que naquele tempo poderia ser considerado quase como um esporte, evidentemente, da cultura popular, logo não necessariamente “cumprindo” com as características do esporte moderno e burguês<sup>55</sup>. Evidenciamos, também, o pedido para se associar à instituição feito por uma senhora, cuja entrada não foi permitida de imediato por ferir o estatuto, mas, aparentemente, o fato nada teve a ver com o seu gênero, já que a nota enfatiza que diversas mulheres estavam presentes no encontro.

Ademais, em sua atividade inaugural, também pode ser lido uma carta escrita pelo comitê homenageando o Rei George V pela ocasião de sua coroação. Na descrição do texto, os membros da Literary and Social Union se colocam como os “servos obedientes” de seu rei e desejam “the hope that His reign may be long and glorious; full of peace and goodwill to all nations, and may mark an epoch in History of blessing and prosperity” (THE BRAZILIAN REVIEW, 08 ago. 1911). A mensagem foi prontamente respondida com autorização do Rei George V pelo seu secretário privado, agradecendo aos membros da sociedade.

A carta foi assinada pelo eleito presidente do comitê, Walter T. Hearner, sobre o que infelizmente não conseguimos encontrar mais informações. e pelo já citado Secretário Honorário Geo. Duncan, a cujo nome encontramos algumas menções em

---

<sup>54</sup> Em tradução livre: Entre os jornais lidos na reunião estavam: "Os homens pensam?", pelo Sr. Charles Cudmore;" As crianças deveriam ser ensinadas com contos de fadas?", pelo Sr. James Watt; "Uma pergunta em filologia", por Sr. E. L. Luxon; e" Jogo-dos-Bichos ", pelo Sr. Geo. Duncan. Houve uma discussão animada acerca dos vários papéis dos membros. Foi lida uma carta anônima de uma senhora defendendo sua adesão. Depois de algumas críticas, foi decidido que, por se tratar de uma questão que, de acordo com o estatuto, só poderia ser devidamente considerada em uma assembleia geral especial, arranjos devem ser feitos para sua plena consideração em uma data posterior. Houve um bom comparecimento de membros, enquanto várias senhoras estavam presentes.

<sup>55</sup> Para ver uma crítica à utilização de práticas de divertimento populares como esportivas, sugiro a leitura do artigo de Cleber Dias (2011).

diversos eventos sociais, que aliás era bem participativo – como exemplo, sua participação no encontro anual da British Legion<sup>56</sup>, entre outros que serão explicitados logo a seguir.

Geo. Duncan<sup>57</sup> foi funcionário da Companhia Light and Power. Pela sua empresa, fez parte da equipe esportiva, chegando a ser eleito pelos funcionários como presidente do time. Seu nome apareceu diversas vezes nos periódicos cariocas, por ocasião da conquista da Liga dos Bancários de *football*. No evento comemorativo pela vitória, Geo. Duncan disputou o primeiro páreo de corrida rasa de 100 metros (CORREIO DO AMANHA, 20 mar. 1921; O JORNAL, 30 mar. 1921; WILLEMANN'S REVIEW, 21 fev. 1923).

O jornal O Paiz (19 mar. 1921) noticiou da seguinte forma o festival em homenagem aos campeões da Liga Bancária:

Continua a despertar grande entusiasmo entre os funcionários da Light and Power a grande festa organizada em honra aos denodados foot-ballers que com galhardia conquistaram o campeonato do anno findo promovido pela Liga Bancária de foot-ball.  
A festa que será levada a efeito amanhã na Floresta da Tijuca, constará um grande pic-nic, com a seguinte parte sportiva (...).

Além dos dois membros já citados (Hearner e Duncan), a carta foi aprovada em uma assembleia geral da Rio de Janeiro Literary and Social Union, a qual enfatizou que o corpo social dessa sociedade é composto de “Cavalheiros de todas as nacionalidades que fallem inglez, residentes nesta cidade do Rio de Janeiro” (JORNAL DO COMMERCIO, 1911, p. 3).

Creemos que vale citar ao menos mais dois membros dessa associação, a saber, o presidente J. G. Lay e o vice-presidente H. L. Wheatley. O primeiro foi Cônsul Geral dos Estados Unidos da América, com atuação no Canadá, África do

---

<sup>56</sup> É possível que esta instituição seja a continuação da Rio de Janeiro Literary and Social Union, porém carece de maiores investigações para se confirmar tal especulação.

<sup>57</sup> Aparentemente, o nome Geo. Duncan, possivelmente abreviação de George, era um nome relativamente comum na comunidade britânica, pois pude encontrar diversos outros personagens homônimos; destaco o jogador de golfe britânico que na década de 1920 conquistou diversos campeonatos, contudo não há quaisquer evidências de que se trata do mesmo ator social. Foto do golfista encontrada em em: <https://www.loc.gov/resource/npcc.04568/>. Acesso em: 15 set. 2021.



Sul, China e naquele momento no Brasil<sup>58</sup>. Diversos documentos históricos podem ser encontrados sobre esse agente, uma vez que ele teve importantes participações em diversos consulados, por exemplo, na negociação por ocasião do assassinato de missionários americanos no Cantão de Lienchou (China) no início do século XX<sup>59</sup> e também na tentativa de acordo na missão de socorro de judeus vivendo em área de guerra na Polônia em 1915<sup>60</sup>, época em que Lay era Consul Geral de Berlim.

Pois bem, não encontramos maiores informações desse primeiro agente nos eventos sociais e esportivos na cidade do Rio de Janeiro, com exceção dos diversos encontros diplomáticos que vez por outra ocorriam nos salões do Jockey Club, do Club dos Diários e afins. Por outro lado, a se considerar os eventos destacados, parece ter sido um importante diplomata, inclusive com grande participação durante o tempo em que o ex-presidente estadunidense Theodore Roosevelt esteve no Rio de Janeiro em 1913, antes da conhecida Expedição Roosevelt-Rondon. Inferimos, portanto, que a sua nomeação para o cargo de presidente da Rio de Janeiro Literary and Social Union se deve mais ao seu capital social, angariado pelo prestígio acumulado entre os participantes de seu grupo social, por conta de sua profissão e da sua importante participação na diplomacia estadunidense, do que propriamente pela sua participação na vida social/esportiva da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, seu capital específico ao campo esportivo.

---

<sup>58</sup> Na enciclopédia livre, há um verbete sobre o Consul J. G. Lay, com uma lista completa dos países onde atuou como Cônsul Geral. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Julius\\_Garech%C3%A9\\_Lay](https://en.wikipedia.org/wiki/Julius_Garech%C3%A9_Lay). Acesso em: 15 set. 2021.

<sup>59</sup> Sobre esse episódio, é possível ler os documentos do governo estadunidense sobre o caso. Disponíveis em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1906p1/d313>. Acesso em: 15 set. 2021. Para uma visão mais ampla sobre o episódio conhecido como “The Boycott of 1905”, sugiro a leitura do artigo escrito por SHIH-SHAN H. TS’AL (1976), intitulado “Reaction to exclusion: the boycott of 1905 and Chinese National Awakening”, disponível em: <https://pdf.zlibcdn.com/dtoken/feabbb29025cac07b820073f64f250da/j.1540-6563.1976.tb01897.x.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

<sup>60</sup> Sobre esse episódio, sugiro a leitura da reportagem do Jornal The Sentinel (03 dez. 1915, p. 04), Disponível em: [https://www.nli.org.il/en/newspapers/?a=is&oid=cgs19151203-01&type=staticpdf&submitted=1&e=en-20--1--img-txIN%7CtX1&g-recaptcha-response=03AGdBq24VeitcSKCG42oI-1xDVeWf-534j-2QrhZ\\_ATd-NzZ7fXwKdrae7sFwQt0N\\_julBdBK3ZJMCOWmicGtno9Ja\\_GVIOq4HOFC2Z-ntnl-uVET76aiXdkEi0P4RosThVf6LNedy49mPJa2XgPM-PMr\\_MzR4\\_YDQo0Ev\\_RE4RI17hingn\\_YRtJcoqnpomYEXLPF73Rq8--VtJCEyRG-5-KiqaQYm-KBciRNVl5BvAAI7Fm4u5mRb\\_ZBzDnD7yeLcdCedWppjTCOHr4Si\\_eL0\\_ToLwYjDXalo5M5nNsvNa1Xft7EHXQKUhDn5xFFfEGl4bNbhYs6c56R9JaVC\\_J6WvZMPBC394gu4ECmhDKghk\\_KN5LBGjnSHTFDfK\\_RKkArML2doSoTJj3vNBF3\\_cUEKR11-cMb33sf4wV\\_0kDND\\_hkDcHm9yO682KPrslbKkyUBCw4AF9opu\\_5R25TgCl2IORAwzEckumGoiQGWu9sg](https://www.nli.org.il/en/newspapers/?a=is&oid=cgs19151203-01&type=staticpdf&submitted=1&e=en-20--1--img-txIN%7CtX1&g-recaptcha-response=03AGdBq24VeitcSKCG42oI-1xDVeWf-534j-2QrhZ_ATd-NzZ7fXwKdrae7sFwQt0N_julBdBK3ZJMCOWmicGtno9Ja_GVIOq4HOFC2Z-ntnl-uVET76aiXdkEi0P4RosThVf6LNedy49mPJa2XgPM-PMr_MzR4_YDQo0Ev_RE4RI17hingn_YRtJcoqnpomYEXLPF73Rq8--VtJCEyRG-5-KiqaQYm-KBciRNVl5BvAAI7Fm4u5mRb_ZBzDnD7yeLcdCedWppjTCOHr4Si_eL0_ToLwYjDXalo5M5nNsvNa1Xft7EHXQKUhDn5xFFfEGl4bNbhYs6c56R9JaVC_J6WvZMPBC394gu4ECmhDKghk_KN5LBGjnSHTFDfK_RKkArML2doSoTJj3vNBF3_cUEKR11-cMb33sf4wV_0kDND_hkDcHm9yO682KPrslbKkyUBCw4AF9opu_5R25TgCl2IORAwzEckumGoiQGWu9sg). Acesso em: 15 set. 2021.

Por outro lado, o vice presidente da sociedade, H. L. Wheatley, esteve intimamente ligado ao desenvolvimento do já consolidado campo esportivo no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX, e sua participação é mencionada tanto nas fontes primárias, como nas fontes secundárias, em diversos sítios eletrônicos.

Começamos pelos sítios eletrônicos, na página oficial do Rio Cricket Associação Atlética (Rio Cricket Athletic Association, conforme era denominada à época), em que H. L. Wheatley aparece ao lado de importantes agentes, como George Cox (Pai de Oscar Cox) e Basil Freeland, entre outros, como os fundadores desse clube em 1897. Tal informação é confirmada por Melo (2017), que complementa nos informando que a fundação desse clube ocorreu quando, por ocasião de insatisfação de antigos sócios do Rio Cricket Club, que, insatisfeitos com certas situações (por exemplo, o aluguel e a manutenção da sede da Rua Paysandu, e também a divisão do espaço com outros clubes), decidem criar um novo clube com a sede em Niterói.

Figura 7 - Escudo do clube Rio Cricket



Fonte: Sítio do Rio Cricket.<sup>61</sup>

É interessante notarmos que, no escudo da associação, o ano de fundação é 1872, deixando claro que os sócios desse clube o consideram uma continuidade de outra experiência britânica no Rio de Janeiro, o Rio Cricket Club, sobre o qual Melo (2017, p. 182) esclarece:

---

<sup>61</sup> Para mais informações, acessar: <https://riocricket.com.br/sobre-o-rio-cricket/historia/>. Acesso em: 16 set. 2021.

Em 1872, foi fundado o Rio Cricket Club, na Rua Berquó (atual General Polidoro), bairro de Botafogo, com uma partida disputada entre uma equipe capitaneada por R. L. Price e outra por George Cox, personagem que merece destaque pelas contribuições que deu à estruturação das agremiações de críquete, como também por ser considerado um típico britânico – ainda que nascido no Equador –, um verdadeiro sportman, um líder admirado pela colônia.

Não encontramos quaisquer menções a H. L. Wheatley associadas à fundação desse primeiro clube, em 1872, mas atribui-se<sup>62</sup> a ele, possivelmente de forma equivocada, participação na fundação desse club e do Paysandu Cricket Club. Segundo Melo (2017), o Club Brasileiro de Cricket, fundado, provavelmente, no início da década de 1890, mudou de nome, em 1899, para Paysandu Cricket Club, provavelmente, por questões financeiras.

É compreensível a atribuição de H. L. Wheatley na fundação do Club Brasileiro de Cricket<sup>63</sup> ou do Paysandu Cricket Club, considerando-se que o primeiro dividiu entre 1893 e 1897 a mesma sede com o Rio Cricket Club em Laranjeiras, na Rua Paissandu.

Vale ressaltar que essa visão foi amplamente divulgada pelo livro de Tomás Mazzoni<sup>64</sup>, “História do Futebol no Brasil (1894-1950)”, no qual se encontra a seguinte passagem: “Segundo o historiador Paulo Várzea, o primeiro clube de esportes que adotou a modalidade no Brasil foi fundado em 1875, por H. L. Wheatley, C. D. Simmons, A. MacMillian, Amaral, Robinson e Cox, recebendo, posteriormente, a denominação de Paissandu Cricket Clube” (MAZZONI, 1950 *apud* OLIVERIA; OLIVEIRA, 2006, p. 373).

Segundo Malaia Santos e Drumond (2013, p. 26), “a obra de Mazzoni é também a principal fonte de muitas pesquisas históricas sobre o futebol, sendo suas afirmações inquestionáveis”. A passagem supracitada *ipsis litteris*, do livro de Tomás Mazzoni, pode ser encontrada em diversos trabalhos acadêmicos, sítios

<sup>62</sup> Por exemplo: Guia do Rugby/ História do Rugby no Brasil. Disponível em: [https://pt.wikibooks.org/wiki/Guia\\_do\\_Rugby/Hist%C3%B3ria\\_do\\_Rugby\\_no\\_Brasil](https://pt.wikibooks.org/wiki/Guia_do_Rugby/Hist%C3%B3ria_do_Rugby_no_Brasil). Acesso em: 16 set. 2021. E ainda o verbete sobre o Clube Paysandu, disponível em: [https://www.wikipt.org/wiki/Paissandu\\_Atletico\\_Clube](https://www.wikipt.org/wiki/Paissandu_Atletico_Clube). Acesso em: 16 set. 2021.

<sup>63</sup> Vale ressaltar que, a partir de uma relativa boa relação entre os dois clubes, pode-se verificar que jogadores atuavam nas duas equipes e que havia tantos brasileiros como ingleses na direção desse clube, porém não conseguimos identificar H. L. Wheatley entre eles.

<sup>64</sup> Tomás Mazzoni foi um importante jornalista esportivo de São Paulo no início do século XX. Para mais informações, sugiro a leitura do verbete com seu nome na Enciclopédia Livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tommaso\\_Mazzoni](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tommaso_Mazzoni). Acesso em: 19 set. 2021.

eletrônicos e outros, e a citação do nome de H. L. Wheatley aparece em diversos destes como “informações inquestionáveis”, conforme os autores denominaram.

Ainda que H. L. Wheatley possa não ter participado nessas agremiações (Rio Cricket Club e Paysandu Cricket Club), o seu nome circulava em inúmeros outros espaços de sociabilidade, principalmente os ligados à colônia britânica. Em notícia veiculada pelo *The Rio News* (08 ago. 1896) por ocasião da divulgação de um baile dançante, pudemos constatar que ele era Segundo Secretário do Club das Laranjeiras<sup>65</sup>. Segundo Melo (2017, p. 196) essa associação era uma “típica agremiação de ‘cavalheiros’ britânicos, de caráter mais social, fundada em 1885, com sede na Praça Duque de Caxias (atual Largo do Machado), o Club de Laranjeiras promovia bailes e concertos e possuía salas de estar, de bilhar, de esgrima”.

Também pudemos verificar que H. L. Wheatley foi diretor nos anos 1908-1909 do Hospital dos Estrangeiros (*THE BRAZILIAN REVIEW*, 8 set. 1908, p. 955), além de ativo membro em eventos esportivos, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo<sup>66</sup>.

No jornal *The Rio News*, em 9 de maio de 1899, foi publicada uma extensa nota sobre a partida do Rio Cricket Athletic Association contra a equipe “United Bank”, já ocorrida na nova sede do primeiro time citado. Inicialmente, foram enunciadas as diversas vantagens do novo local, seguidas de um agradecimento a H. L. Wheatley pela sua ajuda no cuidado do campo, reconhecendo a melhoria em relação aos dois primeiros anos depois da mudança do Rio de Janeiro para Niterói.

Também podemos notar sua participação na organização de um evento intitulado “Sports and Gymkhana”, realizado por ocasião da comemoração da coroação já citada do Rei George V, que tinha em seu programa uma série de atividades ginásticas, sociais e esportivas, de cujo comitê de recepção H. L. Wheatley fazia parte (*THE BRAZILIAN REVIEW*, 4 jul. 1911).

Participações de H. L. Wheatley em São Paulo foram encontradas em partidas de Cricket, tanto na cidade de Santos, no Santos Athletic Club e pelo São

---

<sup>65</sup> Outro clube que parece ter tido participação de estrangeiros, levando-se em conta que George Cox também era membro desse clube (MELO, 2017).

<sup>66</sup> Segundo Melo (2017), George Cox era donatário nesse hospital, demonstrando, assim, ser uma prática comum entre os colonos britânicos a participação ativa no hospital.

Paulo Athletic Club. No primeiro caso, houve uma longa descrição, contendo a história do clube e as recentes mudanças pelas quais tinha passado. Houve uma breve menção ao agente H. L. Wheatley na súmula da equipe de que ele participou. No caso da segunda equipe, ainda se agradece a sua participação, já que outros dois jogadores desfalcaram a equipe (THE RIO NEWS, 9 maio 1909).

A participação de H. L. Wheatley foi bem recebida pelos compatriotas paulistanos, e uma nota foi publicada pelo jornal agradecendo sua visita:

Mr. H. L. Wheatley paid us a visit during the past week, and we were pleased to see him looking in the best of health and as usual, in the most buoyant spirit. Santos air seems to be agreeing with him, but his many friends in Rio will be glad to hear that he is likely to be back amongst them again for a longer stay about the end of July. To miss Wheatley from the annual sports in Rio would be to miss one of its great features. (THE RIO NEWS, 27 un. 1909)<sup>67</sup>.

A nota acima reitera o que tentamos demonstrar: o senhor Wheatley<sup>68</sup> foi um importante agente na sociabilidade britânica, esteve presente de forma ativa em diversas associações voluntárias e participou de inúmeros eventos esportivos ligados ao ethos britânico.

Santos Junior e Melo (2018) apontam como no caso do cricket, mais do que no futebol, houve uma postura de se prosseguir como uma prática restritamente realizada por britânicos, ainda que um ou outro clube de brasileiros possa ter realizado partidas desse esporte.

Por conta disso, apesar de considerar possível que a associação Rio de Janeiro Literary & Social Union – que tinha em sua composição membros das colônias britânicas e/ou seus descendentes e cujos sócios eram membros do alto escalão do funcionalismo público, profissionais liberais e empresas privadas na área da indústria – utilizasse o water polo em seus programas esportivos como mais uma

---

<sup>67</sup> Em tradução livre realizadas pelos autores: “O Sr. H. L. Wheatley nos fez uma visita durante a semana passada, e ficamos satisfeitos em vê-lo parecendo no melhor do calor e, como de costume, com o espírito mais alegre. O ar de Santos parece concordar com ele, mas seus muitos amigos no Rio ficarão felizes em saber que ele provavelmente estará de volta entre eles para uma estada mais longa no final de julho. Perder Wheatley nos esportes anuais do Rio seria perder uma de suas grandes atrações”.

<sup>68</sup> Aliás, encontramos evidências de que H. L. Wheatley, na década de 1910, trabalhou para a companhia Light and Power como engenheiro e foi um dos responsáveis por implementar na capital federal num pequeno trecho do centro da cidade Ônibus Elétricos para o transporte de passageiros. Dois blogs que tratam do caso estão disponíveis em: <https://rionibusantigo.blogspot.com/2015/07/h-l-wheatley.html?m=1>. Acesso em: 19 set. 2021. Disponível em: <https://rioquepassou.com.br/2008/01/15/>. Acesso em: 19 set. 2021.

forma de distinção social, levando-se em conta que, em diversos momentos, utilizou-se de estratégias para demonstrar sua ligação e seu respeito com a coroa britânica, convidou agentes reconhecidos pelo seu prestígio na comunidade britânica no Rio de Janeiro para compor o quadro de associados, entre diversas outras ações.

Porém, consideramos também ser possível que de fato tenham ocorrido partidas na Ilha do Fundão organizadas por essa entidade, mas sobre isso há poucas informações disponíveis, exatamente pelo caráter restrito com que as agremiações britânicas realizavam suas atividades.

Destacamos o esclarecimento de Melo (2017, p. 173-4) sobre os limites do caráter restritivo nos espaços sociais e esportivos praticados pelos colonos britânicos no Rio de Janeiro, que de certa forma era ambígua, considerando-se que:

De um lado, os britânicos, como já citado, formavam um grupo reservado, nem sempre afeito ao contato com a sociedade fluminense. De outro lado, essa postura foi mudando no decorrer do tempo, inclusive porque alguns membros da colônia nasceram no Brasil e expandiram seus círculos sociais.

Corroborando esse ponto de vista, há indícios que demonstram que, a essa altura (no início da década de 1910), os agentes da cultura britânica já transitavam pelos mais variados tipos de sociedades esportivas na cidade e que essa movimentação contribuiu para o fortalecimento não apenas do futebol, conforme as consagradas monografias demonstram, mas também do water polo no campo esportivo do Rio de Janeiro.

### 3.1.2 Trânsito Cultural: a chegada do water polo no Rio de Janeiro

De fato, no decorrer do ano de 1912, o water polo, ainda que de forma embrionária, já havia chegado ao Rio de Janeiro. Um indício disso é o fato de não se tratar exatamente de uma notícia de alguma partida, mas dos famosos concursos de palpite do Jornal do Brasil.

Figura 8 - Concurso Sportivo



Fonte: JB, 8 out.1912, p. 10.

Nesse concurso, 96 entidades foram votadas, e o primeiro lugar foi conquistado pelo Club de Regatas Boqueirão do Passeio, com 2.050 votos, e, com apenas 1 voto, 7 associações empataram, entre elas o Automóvel Club do Brasil.

É interessante notar que em vigésimo e segundo lugar é citado o Water Polo Natação. Não sabemos exatamente se se tratava de uma agremiação recreativa, já que os votos ocorriam por escrito, portanto os votantes poderiam estar escrevendo práticas esportivas aquáticas. Nesse sentido, podemos citar como exemplo outras sociedades que não se tratavam propriamente de clubes esportivos, como o “Centro de Chronitas Sportivos” (associação jornalística), que, aliás, somente recebeu 1 voto.

Vale ressaltar que o “Water Polo Natação” recebeu ao todo 252 votos<sup>69</sup>. À primeira vista, podemos estranhar a enorme quantidade de votos, que colocou o grupo à frente de importantes instituições, por exemplo, o América F. C., o Centro de Cultura Physica e o Club de Regatas São Christovam. Porém, se levarmos em consideração que não havia identificação das cédulas, qualquer pessoa poderia votar quantas vezes quisesse e, para isso, bastava comprar o jornal. Nesse sentido, um site de notícias históricas do Clube de Regatas do Flamengo cujos autores são Celso Junior e Arturo Vaz conta uma anedota sobre uma confusão gerada por

<sup>69</sup> Ou, talvez, 232, já que o número do meio está levemente apagado.

ocasião dos concursos de palpite sobre a maior torcida de futebol do Rio de Janeiro; aparentemente, a prática de fraudar esses concursos não era algo incomum.<sup>70</sup>

Além disso, o importante numa competição desse tipo não é identificar a “sociedade sportiva mais importante”, conforme está anunciado na descrição do anúncio, mas a que conseguiu movimentar um maior número de pessoas em prol de sua entidade.

Seja como for, não encontramos maiores informações acerca do tal “Water Polo Natação”, porém esse é um indicador de que o esporte aos poucos estava se configurando no campo esportivo como prática que possuía uma demanda de consumo por parte da sociedade fluminense, ao menos entre os agentes do campo esportivo do Rio de Janeiro.

Ainda no ano de 1912, vemos mais uma menção ao desenvolvimento do water polo no Rio de Janeiro. A nota do Jornal do Brasil anunciou que o Club de Natação e Regatas (CNR) realizou no dia 5 de novembro um campeonato íntimo, ou seja, campeonato interno, de natação, e que, após esse torneio, ocorreu o primeiro *match* de water polo com os sócios do clube. Estiveram envolvidos na organização desse jogo do Club de Natação e Regatas, o Senhor Paulo Pinto, na função de Secretário da Comissão Organizadora do Water Polo, e o Sócio Benemérito Augusto Cazeaux, na tradução de regras a partir do regulamento dos Jogos Olympicos de Estocolmo (Suécia) (JB, 21 nov. 1912, p. 9).

Sobre os sócios citados, sabemos que Paulo Pinto foi goleiro da equipe do Club de Natação de Regatas e que Augusto Cazeaux<sup>71</sup>, levando-se em conta que era filho do engenheiro francês Jean Cazeaux, deve ter assumido a função de tradutor por uma questão de facilidade na compreensão da língua, que era uma das utilizadas em documentos oficiais dos Jogos Olímpicos.

Por outro lado, Cazeaux também foi árbitro do primeiro jogo organizado pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo (FBSR), fato que nos faz considerar que o sócio do CNR possuísse conhecimentos prévios sobre o esporte. Contudo,

---

<sup>70</sup> Para mais informações, sugiro a leitura do texto disponível em: <https://flaestatistica.com.br/historia-ano-a-ano/parte-02-1912-a-1933-do-inicio-do-futebol-ao-fim-do-amadorismo>. Acesso em: 22 set. 2021.

<sup>71</sup> Foi possível encontrar, em buscas na rede mundial de internet (na sigla inglesa “www”), duas pessoas com o nome de Augusto Cazeaux no Rio de Janeiro. Um deles, Augusto Cazeaux Dasquez, nascido em Montevideú, exerceu o posto de Auxiliar de Consulado no Brasil entre os anos de 1909 e 1928.



levando-se em conta que à época já possuía cerca de 53 anos, Augusto não deve ter participado de quaisquer jogos como *player*.

Sabemos que, outrora, Augusto Bertrand Cazeaux foi ativo em sociedades esportivas, como, no Congresso Gymnástico Portuguez e da Sociedade Franceza de Gymnástica (O PAIZ, 16 ago. 1892; GAZETA DE NOTÍCIAS, 1 jan. 1890). Existem indícios de que Marie Cazeaux (mãe de Augusto) retornou de viagem com os seus 4 filhos de Bordeaux em 1868, ainda que Augusto tivesse, apenas, por volta de 9 anos, podemos imaginar que houve outras viagens como essa, momentos propícios para se aprender o water polo na Europa (CORREIO MERCANTIL, 18 set. 1868, p.3).

Voltando ao torneio íntimo, consta ainda na nota publicada pelo JB que, no dia 15 de novembro, o clube já havia organizado uma partida como ensaio para o torneio. Por “ensaio”, entendemos um jogo preliminar para servir como preparação de um evento maior; no caso, o torneio interno. Sobre a organização dessa partida, o Jornal do Brasil escreveu uma nota na qual informava as cores dos gorros: árbitro - gorro preto, goal keeper - gorros amarelos, turma 1 - gorros brancos e turma 2 - gorros vermelhos. Esclarecia ainda que o balisamento foi feito com barras de ferro de 3/4 de pollegadas (JB, 21 nov. 1912, p. 9)

Sobre o torneio interno que o Clube de Natação e Regatas organizou, sabemos que se chamava “Campeonato Brasileiro de Natação” e que era realizado anualmente desde o ano de 1898 (JB, 30 mar. 1913). Ademais, o CNR enviava cartas para clubes náuticos do Brasil, convidando-os para enviar representantes a esse campeonato (JB, 28 nov. 1912). O Jornal do Brasil complementa reiterando a informação de que, na mesma data do Campeonato Brasileiro de Natação, seria organizado o primeiro jogo oficial de water polo no país.

Vale salientar que o Clube de Natação e Regatas não era o único a organizar uma equipe de water polo para esse campeonato. Há notícias veiculadas no Jornal do Brasil segundo as quais o Club de Regatas do Boqueirão do Passeio e o Club de Regatas São Christovam estavam organizando suas equipes. No entanto, o JB (28 nov. 1912, p. 8) alerta: “Ignoramos, entretanto, o lugar certo e se estas provas, no caso de concorrerem os clubs citados, serão realizadas no mesmo dia”. Realmente, não encontramos nenhuma informação *a posteriori* sobre os clubes citados terem

participado do torneio interno do Clube de Natação e Regatas, porém a simples intenção de montar equipes para esse intuito é digno de menção, a fim de demonstrar o crescimento de clubes que possuíam sócios interessados em praticar o esporte.

No início do ano de 1913, foi a vez do Club de Regatas do Flamengo criar o seu time. O periódico ainda fornece duas informações interessantes: “Os canotiers desse club, por iniciativa dos srs. Oswaldo Palhares e Edgard Pullen, estão organizando um "team" de water-polo"(...) o Sr. Pullen será aclamado "captain" desse team” (O IMPARCIAL, 8 jan. 1913, p. 6).

Ademais, o jornal nos informa que a motivação para o clube formar essa equipe de water polo se deveu à participação da primeira edição do torneio denominada pela FBSR como “Concursos Aquáticos”. Acreditamos que uma discussão sobre esses agentes do CRF e os concursos aquáticos seja interessante para compreendermos um pouco melhor o delineamento do water polo no período.

O primeiro dos dois sócios citados participava ativamente do movimento esportivo no Rio de Janeiro. Oswaldo Palhares era médico e atuou na marinha a partir de 1914 como Primeiro Tenente Médico do Corpo de Saúde da Armada, chegando ao posto de Vice-Almirante em 1949<sup>72</sup>. Vale ressaltar que era prática comum na FBSR e nos clubes filiados a essa federação a participação de militares (principalmente da marinha) como agentes do campo esportivo, notadamente, até o momento, o caso do remo<sup>73</sup>.

Seu nome aparece em diversos sítios eletrônicos ligados ao futebol e ao Clube de Regatas do Flamengo como responsável por conseguir que o recém-criado time de futebol começasse a disputar o campeonato na primeira divisão, em vez de na segunda<sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup> Dados obtidos a partir do Acervo Histórico da Marinha do Brasil, Disponível em: <http://www.arquivo.damarinha.dphdm.mar.mil.br/index.php/palhares-oswaldo>. Acesso em: 22 set. 2021.

<sup>73</sup> Para mais informações acerca das relações entre esporte entre as práticas esportivas e as forças armadas, sugiro a leitura dos artigos de Karina Cancelli, como a seguinte passagem (2013, p. 9): “O então Capitão-Tenente Eduardo Ernesto Midosi dirigiu a entidade de 1897, sua efetiva fundação, até 1906. Seguiram-se na presidência inúmeros representantes militares, tanto do Exército como da Marinha, ressaltando a significância destes grupos para o fomento da organização esportiva no Brasil”.

<sup>74</sup> Para mais informações, conferir Arturo Vaz e Celso Júnior (S/D). Disponível em:

Sabemos que o Dr. Oswaldo Palhares era remador e diretor de regatas do Flamengo (JB, 7 dez. 1913) e, conforme veremos mais à frente, jogador de water polo pelo mesmo clube. Ademais, ele participou de inúmeras instituições esportivas, como fundador do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em 1935 (AMARO, 2018b), também ocupou o cargo de segundo secretário da Federação Brasileira das Sociedades de Remo (JB, 18 jan. 1910), entre outras.

O segundo sócio citado, Hugh Edgar Pullen, é um caso bem interessante. Nasceu no Rio de Janeiro em 1888, filho do britânico Hugh Charles George Pullen e Isabella Augusta Harper. Além de Edgar, o casal teve mais 13 filhos. A história de vida dessa família demonstra que uma boa parte desses filhos foram sportsmen na sociedade carioca, fato que podemos considerar como uma característica cultural do ethos britânico<sup>75</sup>.

Figura 9 - H. E. Pullen



Fonte: Revista da Semana, 5 abr. 1913.

A começar pelo próprio Hugh Edgar Pullen<sup>76</sup>, pudemos encontrar o seu nome em uma partida de futebol pelo Paysandu Cricket Club em 1908. Sabemos que

---

<https://flaestatistica.com.br/historia-ano-a-ano/parte-02-1912-a-1933-do-inicio-do-futebol-ao-fim-do-amadorismo>. Acesso em: 22 set. 2021.

<sup>75</sup> Para mais informações sobre os dados da família Pullen, recomendo a leitura da árvore genealógica, Disponível em: <https://ancestors.familysearch.org/en/KNXV-GV8/hugh-edgar-pullen-1888-1959>. Acesso em: 22 set. 2021.

<sup>76</sup> As informações descritas puderem ser encontradas no sítio do Futebol Nacional, Disponível em: <https://www.futebolnacional.com.br/siteapp/page.jsp?module=playermatches&code=E185F19C5E59F8333381712DD3B8A1CC&lang=pt-br&target=1> Acesso em: 22/09/2021 E, também nos Arquivos do Futebol Brasil, Disponível em: <https://arquivosfutebolbrasil.com.br/blog/2020/11/12/historia-do-classico-ingles-no-futebol-carioca/> Acesso em: 22 set. 2021.

jogou pelo Botafogo Football Club entre 1909 até pelo menos 1912 e que em 1913 já estava no Flamengo (possivelmente de forma concomitante a sua participação no Botafogo). Seu irmão, Guy Harper Pullen, morreu como soldado durante a 1ª Grande Guerra em 1915, jogou partidas pelo Paysandu entre 1906 e 1908.

Figura 10 - Guy Harper Pullen



Fonte: Imperial War Museums<sup>77</sup>

Também pudemos identificar a participação de outros dois de seus irmãos no Paysandu, a saber, Eric Pullen e Lisle Pullen. Além destes, encontramos também a citação de seus primos, Sydney Pullen<sup>78</sup>, famoso artilheiro no futebol rubro negro que defendeu a seleção brasileira na década de 1910, e também Walter Edwin Pullen, irmão de Sydney Pullen. Ambos eram primos tanto por parte de pai como também de mãe dos demais supracitados<sup>79</sup>.

Fora o fato de que os diversos membros da mesma família disputavam provas em diversos esportes (futebol, cricket, water polo) e por muitos clubes (Paysandu, Botafogo, Flamengo), o que tais fatos têm de interessante em relação a nossa dissertação? Como membros da cultura britânica no Rio de Janeiro e participantes ativos dos diversos espaços de sociabilidade desse grupo, pudemos identificar que vários membros da família Pullen participaram, junto do já citado H. L. Wheatley, da

---

<sup>77</sup> Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205387423>. Acesso em: 22 set. 2021.

<sup>78</sup> Para mais informações sobre Sydney Pullen, recomendo a leitura dos seguintes sites: [https://www.futebolnacional.com.br/app/playerdetails.jsp?code=D073A8D56A2CBD00853F26240C6ACF70&header=yes&lang=pt\\_br](https://www.futebolnacional.com.br/app/playerdetails.jsp?code=D073A8D56A2CBD00853F26240C6ACF70&header=yes&lang=pt_br). Acesso em: 22 set. 2021. / <http://livroanacao.blogspot.com/2021/05/hall-da-fama-do-cr-flamengo-sidney.html>. Acesso em: 22 set. 2021.

<sup>79</sup> Para mais informações sobre as duas famílias, Harper e Pullen: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/landscape/GMMY-Y6D> Acesso em: 22 set. 2021

organização dos “Sports e Gymkhana” por ocasião dos eventos comemorativos da coroação do Rei George V ocorridos em 1911 (cf. p. 74 desta dissertação).

Levando-se em conta que Hugh Edgar Pullen foi um dos responsáveis por levar o water polo para o Clube de Regatas do Flamengo (considerando sua posição de capitão na equipe) e que a sua família participava de diversos eventos organizados por britânicos no Rio de Janeiro, parece-nos verossímil concluir que o anglo-brasileiro tenha aprendido o esporte entre aqueles que compartilhavam o ethos britânico e levou consigo para o Flamengo quando passou a haver uma maior aceitabilidade ou demanda da modalidade na cidade.

Conforme demonstramos até o momento, no início do ano de 1913, uma série de clubes náuticos já possuía equipes formadas, como o Club de Natação e Regatas e o Club de Regatas do Flamengo, ou que ao menos demonstravam o interesse em montar seus times, como no caso do Club de Regatas São Christovam e do Club de Regatas Boqueirão do Passeio. Contudo, o que motivou que, num espaço de tempo mais ou menos curto, uma quantidade considerável de associações passasse a se interessar pelo esporte britânico que até aquele momento possuía quase nenhum espaço nas práticas de sociabilidade entre os cariocas?

Tudo indica, conforme a já citada nota emitida pelo Jornal O Imparcial (cf. p. 23 desta dissertação), que foi a proposta de organizar pela primeira vez os Concursos Aquáticos da Federação Brasileira das Sociedades de Remo no ano de 1912 que movimentou os clubes a montarem seus times de water polo com uma relativa rapidez.

Antes de mais nada, achamos válido explicar que o termo “concursos aquáticos”, em diversos momentos no decorrer das décadas de 1910 e 1920, aparece de forma um tanto ampla na mídia impressa do Rio de Janeiro. Por exemplo, diversas associações recreativas organizavam festivais esportivos que não raramente eram denominados como “Concursos Aquáticos do (...)” seguido pelo nome da agremiação responsável pela organização. Nesse sentido, citamos como exemplos os Concursos Aquáticos do Gragoatá (JB, 23 nov. 1929), do Club de Natação e Regatas (JB, 7 dez. 1929), Club de Regatas Botafogo (JB, 29 dez. 1929), entre diversos outros.

Figura 11 - “Team” do Gragoatá



Fonte: Revista Careta, 20 jan. 1917, p. 19

Também pudemos encontrar o termo sendo utilizado em outros dois casos. Primeiramente, no mesmo sentido que a FBSR utilizava, porém, sendo promovido por outras entidades esportivas, como os concursos aquáticos da Liga Sportiva da Marinha (JB, 15 fev. 1929, p. 14) e da Federação Paulista das Sociedades de Remo (O Imparcial, 1<sup>o</sup> fev. 1924, p. 11). Num segundo sentido, de forma mais genérica, o termo era usado quando, por exemplo, os jornais noticiavam o programa num certo final de semana, como sendo os “concursos aquáticos d’este Domingo”.

Não sabemos exatamente até que momento a Federação Brasileira das Sociedade de Remo organizou os seus próprios concursos aquáticos. É de difícil precisão, levando-se em conta que o termo tomou proporções muito além dos eventos organizados pela FBSR apenas. A fim de exemplificação, pudemos encontrar, na Hemeroteca Digital, na década de 1910, 341 ocorrências do termo “concursos aquáticos”, enquanto que na década de 1920 havia 2.645 com o mesmo termo<sup>80</sup>.

Porém, sabemos que os primeiros concursos aquáticos foram organizados no ano de 1912, o que teve uma importante influência no desenvolvimento do water polo no Rio de Janeiro. Por conta disso, consideramos inevitável traçar os primeiros

---

<sup>80</sup> Acreditamos que para uma melhor compreensão da importância dos concursos aquáticos para o campo esportivo, seria necessário objetivar estes como objeto de pesquisa em si, levando-se em conta que não pudemos encontrar, na atual produção de conhecimento em história do esporte, algum estudo que tivesse tal feito como projeto de pesquisa.

momentos desse evento, a fim de compreendermos o processo de conformação desse esporte no interior do campo esportivo.

O proponente dos primeiros concursos aquáticos a serem organizados pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo foi o presidente do Club de Regatas do Flamengo e representante desse clube na FBSR, o senhor Virgílio Leite de Oliveira. Em reunião no Conselho Superior da federação, foi apresentado o longo projeto que incluía uma série de 15 artigos e inúmeros parágrafos com instruções sobre como deveria ocorrer esse torneio (JB, 30 de jun. 1912).

No que concerne ao water polo, destacamos os seguintes artigos: 3º: define que no programa dos concursos aquáticos deve haver competições de natação, mergulho e water polo; 4º: institui a criação de uma comissão especial a ser escolhida pela federação para a organização do jogo de water polo, enfatizando que deverá ser realizado através do sistema eliminatório; 7º: as equipes de water polo deverão ter 7 jogadores (GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 jul. 1912).

Vale ressaltar que o projeto foi bem recebido por parte da mídia impressa. O jornal O Paiz (30 jun. 2012, p. 8), em sua coluna de esportes, publica a seguinte nota: “O que dizem pelas garages. (...) que o Virgílio tem recebido muitas felicitações pelo seu bellissimo projecto, instituindo os concursos aquaticos”. Em outro momento, o mesmo jornal reage da seguinte maneira:

O distinto rower, Sr. Virgílio Leite de Oliveira, um dos incansáveis membros do glorioso pavilhão negro-rubro, no Flamengo; teve a feliz idéa que só merece applausos, de apresentar na última reunião da federação um projeto sobre concursos aquáticos. (O PAIZ, 1 jul. 1912, p. 5).

Pois bem, o projeto de Virgílio Leite parece ter sido bem aceito pelos diversos veículos de imprensa, em parte, por conseguir trazer para o regulamento da competição algumas questões importantes. Primeiramente, por compreender a importância do movimento esportivo em nível global, por exemplo, ao definir que as competições dos concursos aquáticos seriam moldadas pelas disposições regulamentares da Federação Internacional de Natação (FINA) (CORREIO DA MANHÃ, 21 de fev. 1913). Além disso, ao trazer para a FBSR a responsabilidade da organização de eventos em nível regional, nacional e internacional tanto na natação, como também no mergulho e water polo (GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 jul. 1912).

Em segundo lugar, o sportsman também reconhece outra importante característica de distinção social praticada nas organizações esportivas da época, a

saber, o caráter amador na prática de competições esportivas. Acerca disso, o artigo 9 diz o seguinte:

Os concursos aquáticos serão exclusivamente reservados aos amadores, os quaes serão regidos pelas disposições de amadorismo adoptadas pela Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Parapho unico. Todo e qualquer profissional em outro sport será considerado como tal na natação. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 jul. 1912, p. 4).

Por fim, o primeiro parágrafo do projeto é enfático ao tentar angariar para esse evento uma imagem utilitarista e higiênica, até mesmo ligando-o à já consolidada prática do remo no Rio de Janeiro. Vejamos:

Art. 1°. A Federação Brasileira das Sociedades do Remo, tomando na devida consideração as vantagens decorrentes do util e salutar sport da natação, **cuja connexidade com a do remo é indiscutível**, resolve adoptar um programma de Concursos Aquáticos, que fará realizar annualmente entre os clubs filliados a ella e as demais Federações náuticas pela mesma reconhecidas. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 jul. 1912, p. 4, destaque nosso).

A bem da verdade, apesar de o projeto escrito por Virgílio Leite ter sido aprovado pelo Conselho Superior da FBSR, Oswaldo Palhares contribuiu adicionando algumas questões que serviriam para tornar o evento ainda mais atrativo. Antes de mais nada, i) considerando que o mês de dezembro, período em que se propunha a organização do evento, era um momento em que já se haviam encerrado as principais regatas, ficando os clubes em estado de pouca animação “devido à falta de cultivo de sports mais apropriados a estação calmosa”; ii) considerando também que a prática da natação (principal modalidade nos concursos aquáticos) poderia diminuir esse período pernicioso para os esportes, ou seja, de calmaria na oferta de eventos; iii) lembrando que cabe à FBSR a responsabilidade de animar e desenvolver os esportes náuticos (GAZETA..., 3 jul. 1912, p. 4).

Levamos em conta os pontos apresentados por Oswaldo Palhares, o qual propõe alguns artigos. Destacamos o primeiro artigo, que traz para a federação a responsabilidade de instituir, em conjunto com os concursos aquáticos, o Campeonato Brasileiro de Natação, que (relembrando) desde 1898 estava sob organização do Club de Natação e Regatas. Consideramos também o artigo de número 4, que enfatiza o objetivo de trazer para a competição equipes internacionais e de todo o Brasil, desde que a idoneidade delas fosse reconhecida pela FBSR (GAZETA..., 3 jul. 1912).



O último ponto proposto por Oswaldo Palhares, assim como as questões referentes a organização de eventos nacionais e internacionais pela FBSR trazidos por Virgílio Leite, demonstram um objetivo que existia há tempos no interior da federação: ser o responsável pelos eventos náuticos e aquáticos, não apenas do Rio de Janeiro, mas também de todo o Brasil. No entanto, a tarefa era árdua, levando-se em conta que, em São Paulo, a principal entidade era a Federação Paulista de Sociedades de Remo e, em Porto Alegre, era o Comitê de Regatas, primeira federação esportiva do Brasil fundada em 1894 (MELO, 2007). A convivência entre essas 3 entidades nem sempre era pacífica e, apesar de a FBSR nunca ter realmente conseguido atingir o seu objetivo, não há dúvidas de que foi de extremo valor para o campo esportivo no Brasil.

Por fim, enfatizamos um último importante ponto que também contribuiu para a aceitabilidade do projeto na mídia impressa carioca: a proposta realizada pelo Centro de Chronistas Sportivos (CCS) de ofertar uma "Challenge Cup" para os concursos aquáticos. Acerca disso, a coluna "O instante Sportivo", espécie de editorial publicado pela seção "A Gazeta dos Sports", publica uma longa nota assinada por um certo P. C., com uma série de elogios ao CCS e a Virgílio Leite, membro da federação que criou a regulamentação desse torneio. Segue a extensa nota na íntegra:

No domínio do sport acaba de surgir a criação muito feliz de uma "Challenge Cup" oferecida pelo Centro dos Chronistas Sportivos, para ser disputada por amadores, em páreos de natação, organizados pela Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Um dos membros da Federação, que foi honrosamente incumbido da regulamentação dessa prova, apresentou um substancioso trabalho cheio de valor, no qual deixa bem saliente, as innumeras vantagens que advirão com seu uso perfeito, entre nós. Estendendo-se mais, demonstrou a necessidade da criação dos "concursos aquáticos" em geral, compreendendo: provas de natação, velocidade, resistência, fantasia e salvamento, mergulhos e "water polo".

A idéa do Centro dos Chronistas é merecedora de sinceros applausos.

O projecto do distincto membro do conselho, deve ser acolhido com entusiasmo, como deve ser estudado com rigor, bem analysado e discutido.

Assim não dará logar a delongas e a imperfeições que com o tempo, nas suas execuções, se apresentam cuasi sempre, creando animosidades.

Não se trata de um boato ou próxima experiencia, trata-se de uma brilhante iniciativa, que tocou com felicidade no amago dos nossos centros sportivos.

Acredito no seu êxito, porque vejo em torno da idéa lembrança moços valorosos, cheios de animo enérgicos, prompts a conceber e executar com legitimo interesse a nota da "season".

É sabido que há entre nós a tendencia natural para o sport, o que porém torna deficiente a nossa dedicação é a falta de instrução sportiva. Assim, sports ja que entre nós são executados muito differentemente do original.

O Brasil atravessa, não resta duvidas, uma phase sportiva de franco entusiasmo. A animação reina no "Rowing", como no "Football", Tiro ao Alvo, Turf, Natação, "Cricket", Automobilismo, Cyclismo, Pedestrianismo, Patinação e "Law- Tennis".

Aumenta essa soberba cifra o conjunto de energias, physica e morale, a magistral lembrança do Centro de Chronistas com a criação dos "concursos aquáticos".

Entre nós, quando se aventa a idéa de uma "nova" ou de um novo sport recebem-os com a applausos e com entusiasmo indescriptiveis e, pouco tempo depois, deixa-os em paz, com a mesma boa vontade com que receberam.

Urge, pois, que sejamos patriotas, e com ardor, abracemos essa brilhante idéa que merece uma interpretação condigna, pelo menos attendendo-se a viva impressão que produziu e em consideração aos seus patronos. (GAZETA... 3 de jul. 1912, p. 4).

A extensa nota vai muito além do que apenas elogiar a criação dos concursos aquáticos e a iniciativa do CCS, enfatizando mais pontos do que poderíamos analisar aqui de forma sucinta; no entanto, destacamos que algumas questões realmente têm chamado a atenção de diversos pesquisadores, como a denominada “phase sportiva de franco entusiasmo”, percebida primeiramente por Sevckenko como o período de “boom esportivo” (1998) e posteriormente por Mascarenhas (1999) como “febre esportiva”; e ainda a crítica à ressignificação dada pelos brasileiros a práticas esportivas de estrangeiros, realizando assim o que Burke (2010) denominou como “tradução cultural”, que tem sido extensivamente analisada no conjunto da obra de Victor Melo.

Apesar de haver muitos outros pontos que poderiam ser explorados nesta nota, finalizamos enfatizando que o autor pode ter exagerado tanto nos elogios dados ao CCS, como também na esperança pelo devir que os concursos aquáticos representavam. Porém, ainda que de forma mais sutil, esse foi o tratamento dado pela mídia impressa carioca nas preparações do evento. Por exemplo, quando o JB (18 jul. 1912, p. 12) anunciou: “Alberto Mendonça não tem dormido e vae apresentar uma regulamentação em regra para os concursos aquáticos e pode figurar na próxima edição da História do Sport Náutico. Cousa original e bem feita”. E também na seguinte nota:

Tem merecido francos elogios nos circulos sportivos carioca o bello movimento do Centro de Chronistas Sportivos, offerecendo a Federação de Remo uma Cup-Challenge para ser disputada no Campeonato de Natação. Foi mesmo o assumpto predilecto das palestras e representa um grande passo do sport no nosso paiz. (JB, 30 jun. 1912, p. 15).

Nos meses que se passaram após essas primeiras considerações, o assunto ficou secundarizado nas notas jornalísticas, voltando a tomar destaque apenas em novembro, faltando somente um mês para a data marcada originalmente para a realização dos Concursos Aquáticos da FBSR. Em 21 de novembro de 1912, o JB enfatizou que, apesar de a temporada de remo ter se encerrada, havia muita animação no meio esportivo, tudo por conta dos Concursos Aquáticos e do já citado torneio íntimo do CNR. Cabe ainda destacar que a realização desses torneios após o término de temporada das competições de remo eram de extrema valia, considerando-se que nesse período as temperaturas são altas e seria de bom tom que se variassem os esportes a serem praticados, assim, corroborando com a análise supracitada de Oswaldo Palhares acerca da importância da criação dessa competição para o campo esportivo.

Entretanto, na realidade, apesar do entusiasmo por parte da mídia impressa carioca, a organização do evento não ocorria exatamente da forma que se esperava, uma vez que havia 3 sessões em que o número mínimo necessário de representantes dos clubes na FBSR não se fazia presente. Acerca disso, o Jornal do Brasil nos informa:

O presidente da FBSR na sessão de ante-hontem, com as suas repetidas ausências das representações de alguns clubs federados, viu-se na necessidade de dirigir-lhes palavras que significam uma repreensão aos clubs pela sua falta de amor às causas nauticas, pela sua opposição a que o sport progrida, porque o Conselho, não se reunindo, não resolve e a Federação não delibera e nada faz (...) E assim lá se vão por este anno, os Concursos Aquáticos, depois de tanto esforço de alguns trabalhadores! (JB, 5 dez. 1912, p. 9).

O desleixo por parte de alguns representantes dos clubes na federação foi noticiado diversas vezes, mas, infelizmente, em momento algum pudemos verificar quem eram os faltantes. Com tais informações, poderíamos compreender por qual motivo parte dos clubes não se apresentava para a votação dos regulamentos das diversas provas da competição.

O que de fato sabemos é que, por muitas vezes, a data das provas foram marcadas e remarcadas. Por exemplo, novamente em 12 de dezembro de 1912, o JB anunciou que os concursos haviam sido remarcados para o mês de janeiro de 1913, ainda sob a responsabilidade da diretoria em vigência, cujo presidente à

época era o Comandante Raul Faria Ramos. Da mesma forma, no fim do mesmo mês, mais uma vez anunciou-se que a data teria que ser reagendada, dessa vez para os meados de fevereiro de 1913 (JB, 26 dez. 1912).

Vale destacar que, com tantas mudanças, começa a haver um certo sentimento ambíguo por parte da mídia impressa em relação à preparação das equipes de water polo para os Concursos Aquáticos. De um lado, fazia-se questão de mencionar as poucas equipes que se mantinham ativas nos treinos para o torneio, enfatizando que “os nadadores do Rio não fazem os seus trainings com regularidade. Nadam... para na ocasião do banho matutino, não permanecerem na praia, entre os "piabas" (JB, 15 fev. 1913, p. 9). Por outro, questionava-se onde estavam as diversas equipes que vinham se organizando, constatando-se: “Quasi todas as equipes que se exercitaram no Water-Polo desorganizaram-se” (JB, 15 fev. 1913, p. 9). Sabemos com certeza que a nota se refere ao menos à falta de notícias por parte do Club de Regatas do Flamengo e do Club de Regatas São Christovam.

Figura 12 - Team CRSC



Fonte: Revista Careta, 8 jan. 1916, p. 21.

No tocante às equipes que estavam se preparando, em 5 de janeiro de 1913 é anunciado pelo Jornal do Brasil que o “team” do CNR realizava amistosos entre suas duas equipes na praia de Santa Luzia, e, complementado a nota, era informado:

Clube Natação que parece, está desejoso de ver triumphantes as suas cores neste numero dos concursos aquáticos a serem levados a effeito em fevereiro próximo. Dado o entusiasmo que reina entre os seus aficionados do Water-Polo e considerados os trainings que vão fazendo, é natural que seja conseguido esse resultado desejado.

O jornal destacou ainda a criação de uma nova equipe, desta vez o Club Internacional de Regatas, que organiza sua equipe com os seguintes jogadores: Francisco Faria Torres Costa, Euclides Paranhos, Salvador Calvente, Alberto Alves de Almeida, Alexandre Krawzuek, Armando Marinho e Cesar Veiga (JB, 15 jan. 1913). Ademais, um periódico complementa informando que os “teams” do Club Internacional estavam treinando todos os domingos às 8 da manhã em frente ao Palácio Monroe (O IMPARCIAL, 04 mar. 1913, p. 7),

Nos meados do mês de janeiro, o Jornal do Brasil publicou uma nota um pouco mais dura em relação à postura da federação, reconhecendo que até aquele momento diversos agentes haviam empregado grande energia para que esses concursos pudessem ser realizados e cobrando da FBSR e do Conselho uma postura mais enérgica para que os Concursos Aquáticos de fato fossem realizados e não acabassem “atirados ao esquecimento, sem ao menos uma vez ser experimentada a sua realização” (JB, 15 jan. 1913, p. 9).

Porém, conforme os preparativos para o evento ficavam mais claros, os comentários críticos davam lugar novamente ao tom animado e esperançoso que antes se via. Um certo periódico chegou a realizar comparações entre o recém instituído esporte e o futebol. Vejamos:

Incontestavelmente firmou-se em nosso adeantado meio sportivo mais este novo e agradável gênero de "sport".  
Tendo de se fazer um paralelo entre o "foot-ball" e o "water-polo", certamente este impõe-se como preferível, não só pelas suas condições que são outras que não o "foot-ball", como pelas grandes vantagens que delle podem advir aos que o cultivarem.  
Todo "sport" marinho offerece grandes vantagens, desenvolve physicamente o individuo, torna de um fraco typo musculosa, e prima pelo asseio.  
Entretanto, o "foot-ball" não só atrophia os jogadores, como dos "sports" é um dos menos asseitados, visto como força o suor que se mistura a poeira.

Portanto, sem precisar estudar mais esses dois "sports" o "water-polo", embora desconhecido da maioria dos nossos "sportmen", é um jogo que promete se impor para o futuro como um dos primeiros. (O IMPARCIAL, 8 mar. 1913, p. 06).

Evidentemente, o responsável pela nota acabou se entusiasmando e pode ter exagerado em certas questões. Ainda assim, há alguns pontos interessantes a serem debatidos a partir dessa nota. Antes de mais nada, vale ressaltar que, de fato, nesse período o futebol ainda não gozava do prestígio social de ser o esporte mais popular do país, cabendo ao remo o papel de ser a principal prática esportiva, capaz de trazer para as praias do Rio de Janeiro e outros estados uma vultosa multidão, tanto das elites como das classes populares, para acompanharem os eventos náuticos.

Apesar disso, se comparado ao water polo, o futebol era inegavelmente mais conhecido, havendo diversos clubes com equipes formadas e diversas ligas para que esses times pudessem participar de uma série de jogos ao longo do ano. Nesse sentido, em nota retrospectiva sobre o ano de 1913, a Revista da Semana (1914) informa que naquele ano o campeonato de futebol, organizado no Rio de Janeiro pela Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA), contou com duas divisões com 10 times cada, isto é, claro, sem contar as diversas equipes que disputavam partidas informalmente, ou seja, sem estar filiado a quaisquer tipos de federações e afins.

A bem da verdade, a Revista da Semana (1914, p. 49) considerou a estação esportiva para o ano de 1913 desanimada como um todo, principalmente para o futebol, que, segundo ela,

(...) assemelhava-se ao "rugby" na sua violencia e via-se abalado nas sympathias publicas pela falta de comprehensão do seu espirito de sport exercitado por equipes; demais ainda existiam as consequencias do abalo, motivado pelo apparecimento de outra agremiação directora.

Talvez por isso, a comparação entre os dois esportes tenha sido um tanto parcial em favorecimento ao water polo. Ainda assim, quais seriam os determinantes que faziam o autor desconhecido da nota acima crer que era apenas uma questão de tempo para que o esporte aquático tivesse mais reconhecimento em relação ao desporto terrestre?

Primeiramente, no que diz respeito aos "players" (como eram denominados muitas vezes os jogadores desse esporte), em sua grande maioria, além de jogarem

water polo, eram nadadores e principalmente remadores, conforme veremos de forma mais clara um pouco mais à frente. Seria no mínimo um contrassenso considerar que muitos desses “*sportmen*”, que eram constantemente elogiados pela mídia impressa carioca de acordo com as suas conquistas no campo esportivo (torneios, festivais e afins de remo e natação, além dos cargos como gestores de clubes e federações) e pelo seu *habitus*, notadamente, o porte físico musculoso, recém valorizado pela sociedade moderna, e pela sua forma de agir (polida e elegante), ao passarem a praticar uma nova modalidade, no caso em questão, o water polo, deixarem de ser valorizados pelos diversos tributos supracitados acima.

Em segundo lugar, devemos considerar que, quando o water polo surge no campo esportivo, foi intimamente relacionado ao menos a outras duas modalidades esportivas, a natação e o remo. Essa relação se deve a uma série de motivos, tais como, os praticantes da natação e do remo, não raramente disputavam provas de water polo; a entidade que passa a reger o water polo é a Federação Brasileira das Sociedades do Remo, se não uma das instituições, a com maior capital simbólico específico entre as instituições esportivas da época; o water polo é considerado como prática salutar e moderna, entre outros fatores.

Assim sendo, é plausível cogitarmos que, ainda no início da sua inserção no campo esportivo, desde os seus primeiros momentos, o water polo já possuía um capital esportivo “herdado”, tanto das outras modalidades esportivas às quais ele estava vinculado, especialmente o remo, como também do capital simbólico específico que os agentes que se vinculam ao water polo têm acumulado em sua história no campo. A isso, chamaremos de herança simbólica.

Evidentemente, esse capital esportivo advindo de herança simbólica não é estático e imutável, mas dinâmico em relação aos fatos novos e à história própria que o campo construirá, portanto é uma estrutura estruturada e estruturante.

Ressaltamos que a ideia de que o capital simbólico de um determinado campo possa ser transferido para outro campo é uma reinterpretação da construção de Pierre Bourdieu em seus livros: “Os Herdeiros” (2014), “A Reprodução” (1992) e “A distinção” (2007): a tese de que é, principalmente, na instituição familiar que as novas gerações “herdam” *habitus* (capital corporal incorporado) e capital cultural; trata-se, portanto, uma “herança cultural”.

Oras, estamos partindo da hipótese de que a herança cultural investigada por Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (2014; 1992) é apenas uma das formas de transmissão de capital cultural possíveis de serem herdadas nas relações entre agente-agente, agente-campo e campo-campo. E, que, portanto, haveria uma série de outros mecanismos de transmissão de capitais simbólicos, que denominamos como herança simbólica<sup>81</sup>.

Voltando à organização dos Concursos Aquáticos, as inscrições deveriam ser feitas até o dia 11 de março, para que houvesse tempo de realizar as partidas eliminatórias. A Comissão de Water Polo para os Concursos Aquáticos já havia se reunido para tomar todas as medidas necessárias, com o objetivo de haver o jogo desse esporte no evento (O PAIZ, 22 fev. 1913; CORREIO DO AMANHA, 21 fev. 1913).

A Comissão Especial de Water Polo da FBSR era presidida pelo criador do evento e presidente do Flamengo Virgílio Leite e tinha como demais participantes Augusto Cazeaux (Club de Natação e Regatas), Luiz Paula e Silva, Antônio Pinto dos Santos (São Cristóvão) e Francisco Torres Costa (Club Internacional).

Em suma, a referida comissão decidiu alguns pontos acerca do evento: primeiramente, que, da mesma maneira que foi realizado no festival interno do CNR, seriam utilizadas as regras dos Jogos Olímpicos de Estocolmo em 1912; em segundo lugar, que, antes dos Concursos Aquáticos, seriam realizadas provas eliminatórias para decidir quais equipes disputariam a partida final no dia do evento além disso, as equipes que disputariam as partidas eliminatórias seriam escolhidas por sorteio (CORREIO DO AMANHA, 21 fev. 1913).

Até o momento, sabia-se com clareza que as equipes do Club de Natação e Regatas do Flamengo disputariam as provas eliminatórias e haveria sorteio para se decidir quais times disputariam com esses dois. Pois bem, a realização de um sorteio para escolher as demais equipes é um forte indício de que outras equipes

---

<sup>81</sup> Gostaríamos de insistir na potência da expansão do conceito de “herança”, mas cremos que há necessidade de uma agenda de pesquisa própria para investigar tal questão, a fim de que possa o conceito ser discutido de forma mais aprofundada, sem cair em simplismos e definições idealistas, portanto, que não sejam elaboradas a partir de evidências da realidade concreta. Assim sendo, a hipótese aqui levantada pela história da inserção do water polo no campo esportivo pode ser ampliada para uma gama de outras modalidades esportivas, a fim de que se possa avaliar se a particularidade encontrada aqui é passível de reprodutibilidade em outros espaços do campo esportivo.



estavam se organizando. O Correio da Manhã (21 fev. 1913) nos informa que com certeza uma das equipes seria a do Internacional e que as demais poderiam ser as do Vasco da Gama, do Boqueirão e/ou do São Cristóvão, porém não obtivemos informações sobre quem seriam os atletas desses clubes.

O Correio da Manhã bem que tentou na nota supracitada, porém, não acertou o nome da quarta equipe que iria participar dos jogos. Por fim, foi o Jornal O Imparcial (21 mar. 1913, p. 8) que nos informou sobre os “*Matches*” eliminatórios para os Concursos Aquáticos. Segundo o jornal, a partida ocorreria no dia 23 de março na Praia de Santa Luzia, em frente ao Palácio Monroe. A equipe do Flamengo contra o Internacional e o Natação e Regatas contra o Guanabara, respectivamente, às 7h30 e às 8h.

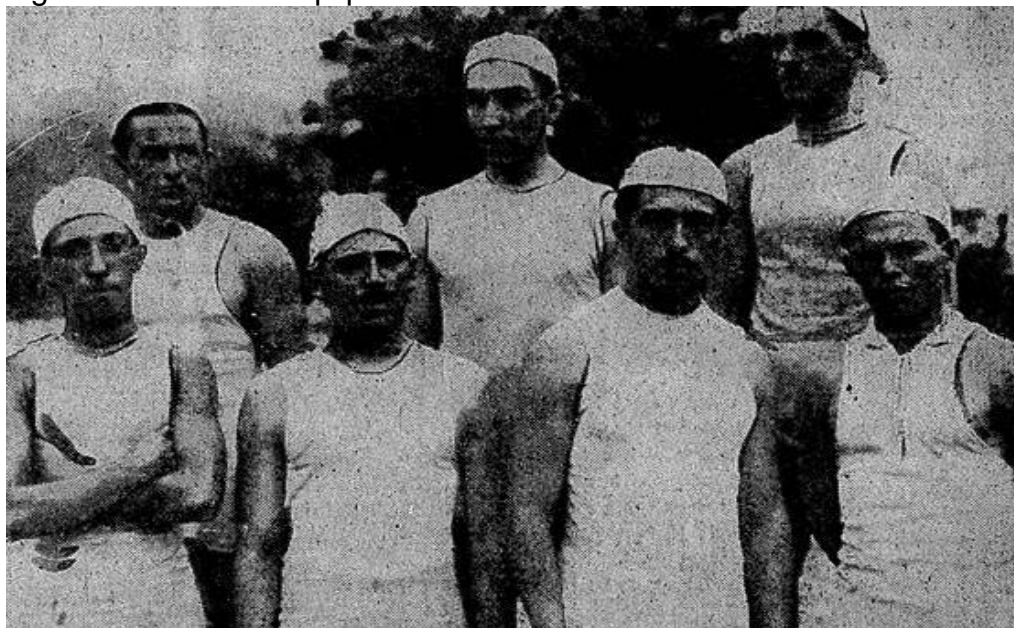
Figura 13 - Capa parcial com a equipe do CNR



À esquerda, a equipe de Water Polo do Clube de Natação e Regatas; à direita, foto de qualidade ruim de um dos momentos da partida.

Fonte: O Imparcial, 24 mar. 1913, p. 1 (capa).

Figura 14 - Foto da equipe do CRG



Fonte: O Imparcial, 24 mar. 1913, p. 1 (capa).

Até onde sabemos, essa foi a primeira vez que o “Water Polo” figurou na capa de algum jornal brasileiro, porém não sem polêmicas. O jornal O Imparcial publicou no dia a seguinte a sua reclamação pelo fato de a equipe do Flamengo ter se negado a ser fotografada pelas lentes da “Kodack” desse jornal. E complementou:

Não fosse o demasiado escrúpulo do "team" do Flamengo que se negou a passar pela nossa "Kodack", pelo que não vemos motivo, teríamos sem dúvida proporcionado aos nossos leitores conhecimento mais completo dos quatro "teams" que se empregaram domingo nas provas eliminatórias desse "sport". (O IMPARCIAL, 25 mar. 1913, p. 7).

O periódico também realizou críticas em relação à escolha do local da partida, a qual classificou como “positivamente desastrosa”, pois “não oferece nenhuma comodidade para o embarque e desembarque dos jogadores, que se veem na imminência de rolar por sobre pedras e mariscos, magoando, dest’arte, os pés” (O IMPARCIAL, 25 mar. 1913, p. 7).

Figura 15 - Avenida Beira Mar na altura da Praia de Santa Luzia

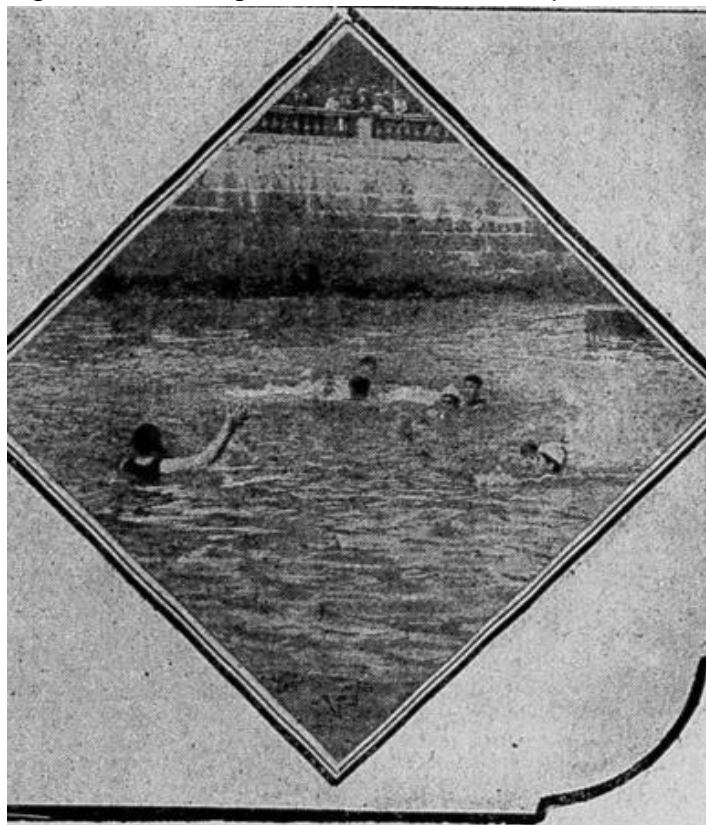


Na parte inferior, podemos ver os jardins do Palácio Monroe; ao centro da imagem, um dos Pavilhões do Jardim do Passeio Público.

Fonte: O Imparcial, 24 mar.1913.

De acordo com a descrição do jornal, a partida teria ocorrido em frente ao Palácio Monroe e, a partir das figuras 15, 16 e 18, acreditamos que isso se deu perto da rampa de acesso ao mar (Figura 15). Se repararmos bem na imagem da Figura 16, ao fundo do jogo, podemos ver os muros da Avenida Beira Mar, assim como as balaustradas.

Figura 16 - Fotografia de momento da partida



Fonte: Imparcial, 24 mar.1913, p. 1 (capa).

No que diz respeito aos resultados e a como se deu o prosseguimento da partida, O Imparcial (24 mar. 1913) nos informa que, na primeira partida, o Flamengo derrotou a equipe do Internacional pelo placar apertado de 3 a 2, enquanto que, na segunda partida, o jogo terminou empatado por 3 a 3. Vale ressaltar que dois gols foram anulados pelo “referee” Cazeaux, por considerar que havia “offside” (impedimento), porém não houve reclamações sobre essa decisão pela mídia impressa.

Figura 17 - Team do Internacional



Fonte: Revista Careta, 17 jan. 1914, p. 17.

O jogo de desempate ocorreu na Praia de Botafogo, no dia 24/03/1913, às 6h de uma segunda-feira, e o CNR venceu a partida por 2 a 1. Não sabemos exatamente onde a partida ocorreu, mas parece não ter se realizado no Pavilhão de Regatas (local em que se realizou o jogo final dos Concursos Aquáticos); isso porque, na mesma nota, foi informado que o campo onde ocorreria a partida ainda estava em fase de montagem (A Época, 27 mar.1913, p. 4)<sup>82</sup>.

Nessa partida ocorrida num dia de semana de manhã, não foram feitos quaisquer comentários em relação ao público que assistia a ela, ao contrário do que ocorreu no domingo (23 de março). Nesse caso, o jornal O Imparcial (25 mar.1913, p. 7) informou que “o segundo ‘Match’ despertou, como o primeiro, grande entusiasmo na assistência”, mas complementou fazendo uma crítica aos jogadores, responsabilizando-os por ter predominado, na partida, a “violência de ambas as partes, que aplicavam consecutivos ‘caldos’ (...)”. No decorrer do desenvolvimento do campo, com mais jogos e competições, veremos que tal tipo de reclamação será constante no meio jornalístico.

<sup>82</sup> Esta nota foi emitida para corrigir informação da nota anterior, a qual, por engano, deu como vencedora a equipe do Clube de Regatas Guanabara.

Figura 18 - Locais de jogos de water polo nos Concursos Aquáticos



Círculo preto representando o local aproximado dos jogos eliminatórios dos Concursos Aquáticos.

Círculo Azul local aproximado da partida de desempate entre CNR e CRG.

Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: [bndigital.bn.gov.br/acervodigital/](http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/). Acesso em: 7 jul. 2022.

Após os jogos eliminatórios, a mídia impressa voltou a focar a atenção em seu evento principal, o “Grande Dia” dos Concursos Aquáticos. Nos dias que antecederam as provas do programa esportivo, pode-se perceber uma grande animação por parte de diversos jornais. A Revista da Semana (29 mar. 1913, p. 28), em sua seção denominada “Sport”, publicou a seguinte notícia, com o título “A festa de amanhã em Botafogo”:

O Pavilhão de Regatas da Praia de Botafogo vae encher-se do nosso mundo elegante que dalli assistirá aos primeiros Concursos Aquáticos, promovidos pela Federação de Remo.

O programa promete-nos uma festa excelente e vae publicado no Jornal do Brasil amanhã.

O Jornal do Brasil (30 mar. 1913, p.16, destaque nosso) também publicou em sua seção esportiva, homônima à da Revista da Semana, uma longa nota sobre os Concursos Aquáticos, em seu editorial denominado “O Movimento Esportivo”. Neste,

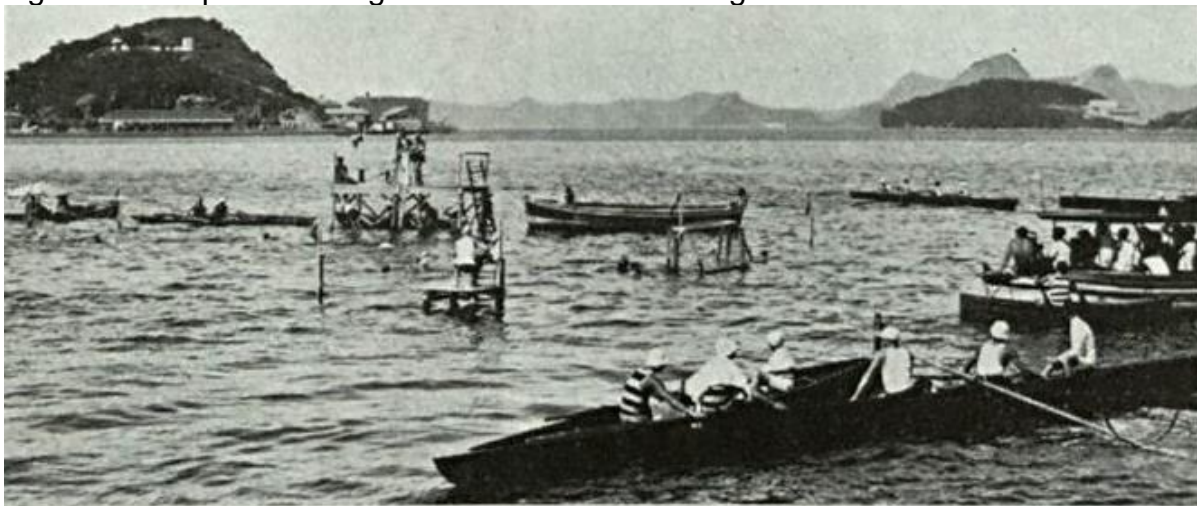
o jornal nos relembra que o torneio irá abrir (e fechar) a temporada de verão para o esporte náutico, ainda que a competição apenas durasse 1 dia. É interessante notar uma parte específica do texto, em que o periódico considera:

Uma vez que fallamos em temporada estival fornecêssemos agora uma lembrança aos **futuros historiadores do sport** no nosso paiz: o dia 30 de março de 1913 foi o dia em que se realizaram no Brasil as primeiras grandes provas de sport marítimo, ficando creada a temporada de verão" E como vae abrir-se e fechar-se hoje poderá accrescentar: "**um dia de sport de verão**".

A mesma narrativa é utilizada em uma coluna dedicada exclusivamente a noticiar os Concursos Aquáticos, onde se lê:

Deve ser registrada como **um grande facto na história do sport em nosso paiz**, porque significa a instituição da temporada de verão, com uma grande festa em que annualmente será disputado o CAMPEONATO BRASILEIRO DE NATAÇÃO (caixa alta do autor) (JORNAL DO BRASIL, 30 mar. 1913, p. 16, destaque nosso).

Figura 19 - Aspecto do Jogo na Enseada de Botafogo



Fonte: Revista Careta, 17 mar. 1917, p. 19.

Nesse sentido, não posso de deixar de pensar em nosso referencial teórico, no qual afirmamos que uma das características mais marcantes na existência de um campo é a própria tarefa de agentes do campo em se preocuparem com a conservação da história desse campo. Nas palavras do próprio Bourdieu:

Um dos indícios mais seguros da constituição de um campo é, com a presença na obra de traços da relação objetiva (às vezes até mesmo consciente) com outras obras, passadas ou contemporâneas, a aparição de um corpo de conservadores das vidas, os biógrafos- e das obras biográficas(...) tantas pessoas que estão em consonância com a conservação do que se produz no campo, que têm interesse em conservar e em se conservar conservante. E um outro indício do funcionamento

enquanto campo é o traço da história do campo na obra (e até mesmo na vida do produtor). (BOURDIEU, 2019, p. 112).

É verdade que, ao escrever as linhas acima, Bourdieu realizava uma palestra para um grupo de filólogos e historiadores da literatura, portanto seus exemplos estavam alinhados com esses agentes. Ainda assim, considerando que o campo esportivo, assim como o campo literário, ou mesmo o campo da filologia são produtos de um campo maior, o campo de produção cultural – ou, como o próprio Bourdieu denominou em muitas ocasiões: “campo de produção de bens” (culturais) – acreditamos que a aplicação da mesma lógica para o nosso campo de estudo é transferível sem causar muitas violências à realidade concreta.

As duas passagens acima, do Jornal do Brasil, assim como a reportagem do JB datada em 18 de julho de 1912 (Cf. páginas 89 desta dissertação)<sup>83</sup>, demonstram o interesse por diversos agentes do campo em manter essa passagem da história do esporte viva através de livros históricos, tendo sido, de fato, noticiado que Alberto Mendonça incluiria em seu livro “História dos Esportes Náuticos no Brasil” (1909) a regulamentação dos Concursos Aquáticos.

É claro que a visão predominante desse tipo de história está de acordo com os paradigmas históricos dominantes do tempo histórico em questão, ou seja, uma visão tradicional da história, inclusive da história do esporte, em que a preocupação principal é o registro de datas históricas (“Grandes eventos”), assim como os heróis desses eventos.

Enfim, destacamos também que, na nota publicada pelo JB sobre os Concursos Aquáticos, a colocação da frase “CAMPEONATO BRASILEIRO DE NATAÇÃO” em caixa alta, foi posta pelo próprio autor; e consideramos tal escolha de redação bem sugestiva e instigante de ser problematizada.

De fato, apesar de no programa do torneio haver competições de water polo, mergulho (saltos da plataforma), salvamento e natação, o maior foco por parte da mídia impressa foi na valorização do termo destacado no parágrafo anterior. Vale ressaltar que o Campeonato Brasileiro de Natação não consistia de todas as provas dessa modalidade que ocorreriam nos Concursos Aquáticos, mas apenas da quarta

---

<sup>83</sup> Somente para lembrarmos, a passagem em questão é: “Alberto Mendonça não tem dormido e vae apresentar uma regulamentação em regra para os concursos aquáticos e pode figurar na proxima edição da História do Sport Náutico. Cousa Original e bem Feita”.



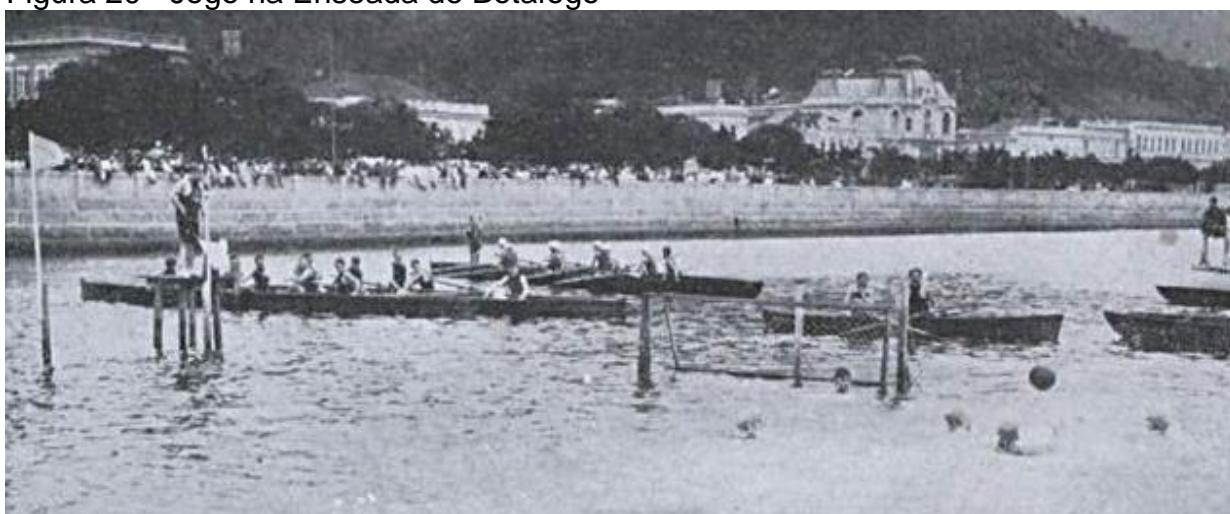
prova, que consistia em 1.500 metros. As restantes foram divididas da seguinte forma: 4 (outras) provas de natação (1ª Prova- 100 metros para estreantes, 2ª Prova- 600 metros para sênior, 3ª Prova- 200 metros Juniors e, por último, 7ª Prova- 200 metros estreantes); 2 provas de mergulho (5ª Prova- mergulho: salto em altura de 3 metros e 6ª Prova- salto em alturas de trampolim de 3 metros); 8ª Prova- Salvamento; e, por fim, 9ª Prova- *Match de Water Polo*.

A relação de todas as provas, como também os nomes dados para cada uma delas, é provocante para percebermos a dimensão simbólica dessa competição. Das provas de natação, a que foi considerada mais importante era a que consistia em maior metragem, demonstrando a valorização não apenas do nadador mais rápido, mas do competidor, que consistia em ser mais rápido na maior distância possível, portanto, indicando maior vigor físico por parte do ganhador dessa prova.

A dimensão simbólica da valorização dessas provas pode ser percebida pelo teor dos comentários realizados por um jornal ao parabenizar a realização dos Concursos Aquáticos:

Felizmente a Federação Brasileira das Sociedades de Remo compreendeu que a natação é um auxiliar poderosíssimo para o desenvolvimento físico da nossa raça, até então atrofiada e fraca, por falta de estímulo, por falta de vontade, e tão nítida foi a sua compreensão que organizou sabiamente um programa magnífico para o primeiro concurso aquático, realizado hontem, na pitoresca enseada da Praia de Botafogo. (A ÉPOCA, 31 mar. 1913, p. 15).

Figura 20 - Jogo na Enseada de Botafogo



Fonte: Revista Careta, 8 jan. 1916, p. 21.

Ressaltamos, também, que as diversas provas recebiam nomes de instituições. A primeira prova foi chamada de “Imprensa”; a segunda, de “Club de Natação e Regatas”; a terceira, “Liga Marítima Brasileira”; a sexta, “Centro de Chronistas Sportivos”; a sétima, “Prefeito Municipal”; e, por último, a oitava prova, “Associação Protetora dos Homens do Mar” (as provas não citadas não receberam nenhum título).

Pode-se perceber que, ao nomear cada prova, seguiu-se uma tendência de se homenagear cargos políticos, instituições esportivas e veículos midiáticos. Ao se escolher aquilo que deve pertencer aos grupos de homenageados, também se escolhe (conscientemente ou não) aqueles que não irão figurar nesse seleto grupo.

É claro que podemos considerar tais escolhas não apenas como âmbitos de uma escolha racional ou emocional, subjetiva ou objetiva, consciente ou inconsciente, mas, sim, a partir da teoria bourdieusiana, como estratégias por parte de agentes na manutenção de capital específico, ou seja, capital esportivo. Por exemplo, podemos citar a sétima prova “Prefeito Municipal”, lembrando que, desde a nomeação de Pereira Passos<sup>84</sup> em 1903, tanto os esportes náuticos, como o próprio político souberam agir em conjunto, de modo que ambos pudessem ser beneficiados dessa “parceria”.

Outros casos podem ser citados, como o fato de o único clube homenageado nas provas ter sido o Club de Natação e Regatas, o que pode ter sido uma forma de troca simbólica, já que o Campeonato Brasileiro de Natação, que era organizado por esse clube desde 1898, foi sendo transferido para a competência da FBSR. Para não nos alongarmos mais nesse assunto, citamos, por último, a prova denominada “Centro de Chronistas Sportivos”, lembrando que este foi responsável pela doação da Taça ao campeão da quarta prova (Cup Challenge), além de ter sido importante influenciador na elaboração dos Concursos Aquáticos.

---

<sup>84</sup> Para uma leitura mais assertiva acerca da relação de Pereira Passos com o campo esportivo, recomendo a leitura de Victor Melo (2006).

Figura 21 - Ilustração da Taça



Fonte: Revista da Semana, 05 abr. 1913.

Destacamos, por último, que a colocação do water polo como a última das provas pode também ter sido uma estratégia por parte dos organizadores do evento para que a assistência não fosse embora antes de seu término. Tal especulação tem como base duas evidências: primeiramente, a nota do jornal *A Época* (29 mar. 1913, p. 12), que notadamente demonstra um interesse por parte do campo esportivo nesse desporto: “O encontro ‘water polo’ entre o Flamengo e o Natação e Regatas estão despertando forte entusiasmo entre ‘foot-ballers’ e ‘rowers’ do nosso meio sportivo”.

Em segundo lugar, destaca-se que provas anteriores à do water polo – mais exatamente, a sétima e a oitava – não foram realizadas. Segundo o jornal *A Época* (31 mar. 1913, p. 3), o motivo da não realização dessas provas foi a falta de tempo, o que demonstra a preferência dos organizadores por cancelar a prova de 200 metros e a de Salvamento, em vez do recém chegado ao campo esportivo: o water polo.

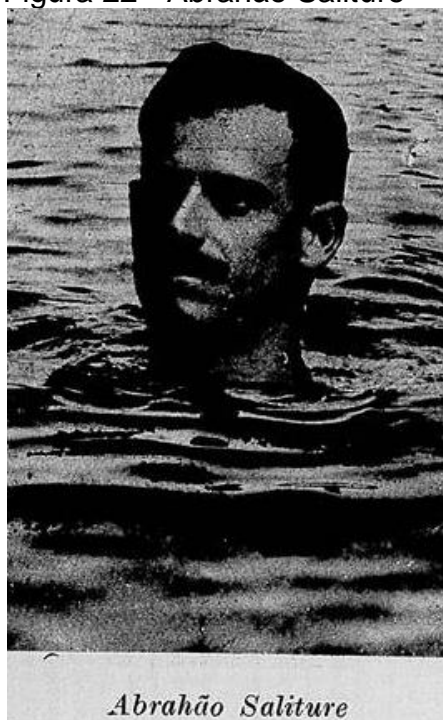
Conforme podemos imaginar, da mesma forma que, antes da realização do evento as maiores expectativas eram para o Campeonato Brasileiro de Natação

(quarta prova dos Concursos Aquáticos), ao noticiar os principais fatos dele, este foi o que recebeu maior cobertura por parte da mídia impressa carioca, conforme nos informa a Revista da Semana (5 abr. 1913, p. 28):

O meeting mais importante do dia, que veio instituir no Rio uma temporada de verão nos sports marítimos foi o dos Concursos Aquáticos, em que foi corrida a grande prova Campeonato Brasileiro de Natação vencido facilmente pelo nadador brasileiro.

O nadador brasileiro em questão era o sportman Abrahão Saliture<sup>85</sup>, que, aliás, era atleta de natação, remador e, conforme veremos mais à frente, futuro *player* de *water polo*. Segundo o jornal O Paiz (1 abr. 1913, p. 9): "O 'clou' do 'meeting'", o Campeonato de Natação, foi levantado pelo valoroso 'rower' Abrahão Saliture, já laureado em inumeras provas, e que bem mereceu os entusiasticos applausos da assistencia".

Figura 22 - Abrahão Saliture



Fonte: Revista da Semana (5 abr. 1913, p. 28).

O periódico O Século nos fornece mais informações acerca da prova:

---

<sup>85</sup> Recentemente, o historiador Victor Melo (2021) publicou um livro eletrônico acerca desse agente. Para mais informações, consultar "Braço é braço: o sportman Abrahão Saliture". Disponível em: [https://historiadosporte.files.wordpress.com/2021/08/abrahao.saliture.ebook\\_.2021.pdf](https://historiadosporte.files.wordpress.com/2021/08/abrahao.saliture.ebook_.2021.pdf). Acesso em: 13 jan. 2022.

Abrahão Saliture fez uma brilhantíssima corrida: percorrendo rapidamente os 1500 metros estipulados, chegou a ficar em uma distância de cem metros do sr. Guimarães Menezes, do Club de São Christovão, que chegou em 2<sup>o</sup> lugar, e 300 do sr. Pereira da Fonseca do mesmo Clube, que alcançou o 3<sup>o</sup> lugar.

O campeão proclamado é, pois, o representante do Club de Natação e Regatas. (O SÉCULO, 1 de abril de 1913, pg. 2)

De fato, o nadador do CNR conquistou a prova com facilidade em relação aos seus adversários, tendo como diferença cerca de 6 minutos e de 12 minutos, respectivamente para o segundo e o terceiro colocado.

Uma significativa parte da mídia impressa fez inúmeros elogios a Abrahão Saliture, conforme se demonstra a nota do Correio da Manhã (31 mar. 1913, p. 5):

Saliture nadou até ao pavilhão central, onde recebeu uma salva de palmas, sendo aclamado, de novo, campeão.

Apezar da nova victoria do Natação, conseguido por um consocio que, por mais de 10 vezes já demonstrou seu valor e resistência, nos campeonatos anteriores, não se pode negar eguaes qualidades aos demais, que seriam devidamente reconhecidos si o adversário fosse menos experimentado.

Porém, a percepção de que Saliture fosse um indistinto Sportman não era unânime. O jornal A Época (31 mar. 1913, p. 3) nos fornece outras visões acerca do nadador:

Infelizmente, alguns inimigos occultos procuram tisanar o valor deste distincto moço, dizendo- profissional no "sport" nautico, quando deveriam enaltecer as suas boas qualidades incontestaveis, por ser elle um dos braços fortes do "sport" nautico brasileiro.

Ainda assim, o mesmo periódico sai em defesa de Abrahão Saliture, reafirmando as qualidades de seu corpo social, incluindo o habitus (relembrando que habitus é também capital cultural incorporado e capital corporal):

Abrahão Salituri é, incontestavelmente, um valoroso e forte nadador, que alliado à força a resistência, tem uma maior velocidade extraordinária.

Abrahão Salituri, velho socio do glorioso Club de Natação e Regatas, é um verdadeiro amigo do "sport" nautico, pois o cultiva com amor e boa vontade, sem fazer alarde do seu valor, quer no remo, quer na natação. (A ÉPOCA, 31 mar. 1913, p. 3)

Figura 23 - Coluna sobre os Concursos Aquáticos



Fonte: Correio da Manhã (31 mar. 1913, p. 5)

A polêmica sobre Abrahão Saliture não foi a única que pairou sobre os Concursos Aquáticos; o water polo também teve suas questões. O jogo entre o Clube de Regatas do Flamengo e o Club de Nataçã e Regatas foi, conforme informado anteriormente, a última prova dos Concursos Aquáticos. Segundo a Revista da Semana (5 abr. 1913, p. 28), esse foi um dos momentos que mais despertou interesse nas pessoas: “Foi um bello espectaculo em que as equipes do C. de R. Flamengo e do C. de Nataçã e Regatas mediram forças, sendo dada a victoria por 3+2 ao primeiro”<sup>86</sup>. E O Século (1 abr. 1913, p. 2) complementa: “A partida do water polo recebeu muitos applausos”.

Acerca do resultado, o Jornal do Brasil deixa claro que a partida de water polo foi a única cujo resultado não despertou o entusiasmo da assistência, gerando, de fato, muitas reclamações nos mais diversos veículos midiáticos, o que se evidencia na figura abaixo: “Não seria mais justo considerar empatada a partida de Water-Polo?”

<sup>86</sup> Esse resultado é contraditório, já que alguns jornais reiteram o resultado de 3 a 2, enquanto outros, como o Correio da Manhã (31 mar. 1913, p. 5), anunciaram o placar de 4 a 3 para o Flamengo. De qualquer forma, em todas as opções, manteve-se a diferença de 1 gol entre as equipes.

Figura 24 - Recorte de Notícia



Fonte: JB (31/03/1913, pg. 9)

A Revista da Semana (5 abr. 1913, p. 28) nos informa o motivo para tal insatisfação: “Infelizmente o árbitro deixou a desejar, no que diz respeito ao conhecimento do jogo”. Vale ressaltar que, nessa partida, o juiz não foi o mesmo dos jogos eliminatórios, lembrando o Sr. Augusto Cazeaux. Não sabemos o motivo da substituição, já que estava previsto para essa função ter sido exercida pelo primeiro; apenas se sabe que o árbitro em questão foi o Senhor Paula e Silva, que teve como juízes auxiliares (de gol ou meta) os Srs. Castello Branco e Annibal de Almeida.

Em síntese, parece que o time do Flamengo marcou um gol irregular: “Um jogador do Flamengo, tirando um *ofside*, lança a bola directamente ao goal, conseguindo a mesma atingir a rede”<sup>87</sup> (JB, 31 mar. 1913, p. 9). Em outras palavras, o jogador do Flamengo arremessa a bola da cobrança de “lateral”, sem ter passado a bola para nenhum outro jogador; portanto, segundo o jornal, o gol deveria ter sido invalidado. Por conta disso, o JB ironizou os dotes de Paula e Silva como árbitro:

O arbitro que já anteriormente chamára a atenção sobre si pelos dotes oratórios que manifestou do alto do tablado dos mergulhadores, não entendia absolutamente do assumpto e por isso também não deu ao que sabemos a sua opinião. (JB, 31 mar. 1913, p. 9).

<sup>87</sup> O Jornal do Brasil dedicou um grande espaço para comentar sobre uma boa parte dos lances do jogo. Este texto está em sua totalidade no anexo “A” desta dissertação.

Ademais, o Jornal do Brasil nos explica o motivo pelo qual o gol não foi realizado a partir de uma jogada válida e ainda enfatiza que todos aqueles que já são conhecedores das regras de water polo ou futebol sabiam disso: “Os nossos leitores que entendem de foot-ball ou de water polo estão certos de que o goal não só podia ser valido nas condições deste e, tivesse- antes de entrar na cesta- tocado um jogador adversário” (JB, 31 mar. 1913, p. 9)

A bem da verdade, a explicação realizada pelo Jornal do Brasil parece estar em acordo com as regras do período histórico. Conseguimos recuperar um livro datado em 1906 (data mais próxima que encontramos) cujo título é “Les sports modernes illustrés: encyclopédie sportive illustrée (813 gravures), editado por P. Moreau e G. Voulquin, onde pudemos encontrar a seguinte regra acerca da validade dos gols: “Un but ne peut pas être fait après le commencement du jeu ou après la mi-temps, à moins que le ballon ait touché plus d'un joueur.”<sup>88</sup>

Em um segundo livro, intitulado “Les Sports Nautiques” (1921, p. 82), cujo autor do capítulo acerca do Water Polo é Georges Moebis, a regra de número 23 é ainda mais enfática e explícita em relação à situação ocorrida:

Un but ne peut alors être marqué qu'autant que le ballon a été tenu (c'est-à-dire joué avec la main au-dessus du poignet) par au moins deux joueurs, soit un adversaire ou un second joueur de l'équipe attaquante, ce dernier devant se trouver dans la moitié du camp attaqué.<sup>89</sup>

Seja como for, a questão é que a maior parte da mídia impressa carioca considerou o resultado final da partida injusto. O JB foi ainda mais enfático, chegando a cobrar da Federação Brasileira das Sociedades de Remo alguma atitude:

E assim terminou o match que na opinião de toda a gente sensata pelos motivos expostos, porque são os mais fortes, deveria ser considerado empatado.

A victoria assim dada ao Flamengo não é uma victoria correcta, justa e leal. O conselho da Federação deve resolver sobre o caso e a comissão de Water-Polo precisa emitir a sua opinião. (JB, 31 mar. 1913, p. 9).

---

<sup>88</sup> Em tradução livre realizada pelos autores: “Um gol não pode ser marcado após o início do jogo ou após intervalo, a menos que a bola tenha tocado em mais de um jogador”.

<sup>89</sup> Em tradução livre realizada pelos autores: “Um gol só pode ser marcado desde que a bola tenha sido segurada (ou seja, jogada com a mão acima do pulso) por pelo menos dois jogadores, um adversário ou um segundo jogador da equipe atacante, este último tendo que estar na metade do campo de ataque”.



Seguindo a mesma linha, o periódico A Época (1913) considerou que, apesar de o juiz da partida ter dado a vitória para o Club de Regatas do Flamengo, eles proclamavam como o “verdadeiro” vencedor o Club de Natação e Regatas. Outros jornais tiveram diversas posturas: o Século (1913) apenas informou que o water polo angariou muitos aplausos, sem sequer comentar a polêmica, enquanto o Correio da Manhã (31 mar. 1913, p. 5) noticiou que o Flamengo havia vencido, porém comentou: “Nos parece que o jogo ficou empatado”, adotando um tom menos agressivo para a questão.

Vale ressaltar que, em fevereiro de 1913, a Comissão de Water Polo havia emitido uma nota afirmando que a confecção do regulamento water polo seria para um outro momento, quando fosse realizada o campeonato dessa modalidade. Sendo assim, a realização do match desse jogo nos Concursos Aquáticos fora como “uma experiência para a adaptação desse útil e salutar sport ao nosso meio” (CORREIO DA MANHA, 21 fev. 1913, p. 5). Aparentemente, o ditado popular que diz que “treino é treino jogo é jogo” caiu como uma luva para essa situação. Ressaltamos ainda que tais informações contradizem aquelas fornecidas por Telles (2006), segundo o qual o primeiro campeão de um torneio de water polo havia sido o Club de Natação e Regatas.

Um último tema interessante de ser analisado sobre o jogo de water polo realizado por ocasião dos Concursos Aquáticos é a diferença de tratamento, ou seja, a maneira tão distinta como alguns jornais trataram a mesma situação da partida. Vejamos como o Correio da Manhã narra o jogo:

**Flamengo fez um bello jogo no primeiro tempo.**

Facilmente conseguiu o 1<sup>o</sup> goal, Natação fez o 2<sup>o</sup>, e Flamengo 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup>, e teria feito outros se as exigencias do bello sport não lhes tivesse annullado porque **Natação esteve fraco** e às vezes sem defesa (CORREIO DA MANHÃ, 31 mar. 1913, p. 5, destaque nosso).

Por sua vez, o Jornal do Brasil assim narrou o mesmo primeiro tempo:

Os jogadores dos dous partidos procuravam desde cedo abrir o score e assim se definem na sua força: **o Natação domina durante quasi todo o primeiro tempo** e não consegue o seu intento graças à destreza e a chance do guarda-rede adversário, que é bem auxiliado pelos backs.

**A sua linha dianteira faz bom jogo de passes e os da retaguarda combinam.**

Antes disso, logo de sahida o extrema esquerda do Flamengo, consegue lindamente lançar a bola a cesta do Natação, sem que o seu defensor diso se a apercebesse, porque não estava vigilante. (JB, 31 mar. 1913, p. 9, destaque nosso).

Conforme podemos perceber, os dois jornais possuem uma postura muito diferente em relação a um mesmo momento da partida. Se, por um lado, o Correio da Manhã percebia que o Flamengo havia realizado um “belo jogo” no primeiro tempo, por outro, o JB considerou que o Natação e Regatas “dominava “o mesmo período. Nuances na narrativa midiática não são incomuns de serem encontradas no campo esportivo. No geral, tendem a demonstrar as relações de poder e força entre os agentes de um campo com os do outro. Infelizmente, neste caso, não conseguimos destrinchar quais seriam as possíveis correlações existentes que determinariam os distintos discursos.

De qualquer forma, o jornal A Época publicou uma breve nota informando que a FBSR realizou uma sessão que aprovou o relatório da Comissão de Water Polo dos Concursos Aquáticos, dando a vitória da partida para o Club de Regatas do Flamengo. Segundo o jornal:

A anulação desse "match", proposta pela representação do Natação e Regatas não foi tomada em consideração pelo conselho, tendo, antes, a representação do Flamengo e o sr. Paula e Silva, que actuou como árbitro, combatido calorosamente os argumentos apresentados em prol da anulação. (A ÉPOCA, 10 abr. 1913, p. 3).

Por ora, já adentramos no que se refere aos matches eliminatórios, ao Campeonato Brasileiro de Natação e ao jogo final de water polo dos Concursos Aquáticos. Consideramos que seja produtivo esmiuçar, ainda que de forma breve, mais dois pontos: como a mídia impressa retratou o ambiente onde ocorreu o evento, assim como o público que se fez presente prestando assistência (termo utilizado à época para designar o que hoje chamamos de torcida) aos Sportmen.

No que diz respeito ao público que compareceu aos Concursos Aquáticos, temos informações díspares em relação à real dimensão. Por um lado, o jornal O Século (1 abr. 1913) nos informa que houve um comparecimento fora do comum. O Correio da Manhã (31 mar. 1913, p. 5, destaque nosso) tentou arriscar o número aproximado de presentes: “Os diversos varandins do pavilhão de regatas regorgitavam: no parapeito da avenida Beira Mar, **centenas de pessoas** observavam com interesse o que se passava no mar”. E complementa a informação mencionando o estado de excitação: “Dezenas de canoas e outros barcos dos clubs concorrentes singravam em todas as direções; notavam-se vida, animação e entusiasmo, tanto no mar como na terra”.

Por outro lado, a publicação do jornal A Época (31 mar. 1913, p. 3, destaque nosso) nos leva a crer que o comparecimento foi abaixo do que se esperava: “Hontem, enfim tivemos a grata satisfação de assistir á primeira festa náutica naquelle genero, que, sem dúvida, daqui a alguns annos **terá maior concorrência e animação**”. Por sua vez, o JB (31 mar. 1913, p. 9, destaque nosso) comparou o comparecimento do público nos Concursos Aquáticos em relação ao que se costumava ver em outras regatas, portanto, considerando que “a concorrência que affluu aos jardins e caes daquelle lindo trecho da Avenida Beira-Mar, ornamentado de bandeirolas e festões, **não era numerosa, como a que de ordinário assiste às regatas officiaes**”.<sup>90</sup>

Vale ressaltar alguns pontos a serem considerados em relação às matérias publicadas pela mídia impressa carioca. Primeiramente, o contraste, novamente percebido, em relação à forma como distintos veículos publicam sobre o mesmo episódio: onde o Correio da Manhã notou muita “animação e entusiasmo”, o jornal A Época tinha esperança de que nos próximos anos pudesse haver uma maior animação, fato que reitera a nossa percepção de como os discursos são realizados, a depender da posição que os agentes ocupam no espaço social.

Em segundo lugar, destacamos a nota publicada pelo Jornal do Brasil. Se ele estiver correto quanto a um menor número de pessoas nos Concursos Aquáticos em relação ao público que costumava comparecer em outros dias de “regatas oficiais”, demonstra-se que, apesar de todo o apoio da mídia impressa em:

- i) Colocar a natação como prática correlata ao remo (Cf. Art. 1 dos Concursos Aquáticos publicado na p. 86 desta dissertação), prática de maior distinção no campo esportivo da época.
- ii) Aumentar o capital específico da natação no campo esportivo a partir da realização de uma narrativa que equiparava essa prática aos discursos valorizados pelo campo social e do poder, por exemplo:

Felizmente, a Federação Brasileira das Sociedades do Remo compreendeu que a natação é um auxiliar poderosíssimo para o desenvolvimento physico da nossa raça, até então atrophiada e fraca, por falta de estímulo, por falta de vontade, e tão nitida foi a sua

---

<sup>90</sup> O jornal ainda faz uma ressalva, reiterando que, apesar de o comparecimento do público não ser numeroso, já era suficiente para fazer com que a festa fosse animada. Nas palavras do próprio JB: “Entretanto, foi sufficiente para emprestar ao local o aspecto festivo, para applaudir os sportmen e animar-lhes o valor na conquista dos louros desse importante certamen sportivo (...)”.

compreensão que organizou sabiamente (...). (A EPOCA, 31 mar. 1913, p. 3).

- iii) Na divulgação do water polo como novidade e prática salutar;
- iv) Na ocupação do calendário (ainda que não tivesse sido realizado na data prevista), para reanimar a “estação calmosa”.

Havia um certo limite com que o campo midiático conseguia criar demandas no campo de produção cultural, ao menos, no que diz respeito a demandas de curto prazo. A autonomia do campo midiático no tempo histórico em questão possuía uma relativa limitação (pelo menos nesse caso) em influenciar outros campos, tais como o campo social, o campo do poder e o campo de produção (e consumo) das práticas culturais (esportivas). Possivelmente, por isso, certos setores da sociedade não atenderam (não da forma que se esperava) a convocação por parte da mídia impressa para comparecer ao “Grande Dia” dos Concursos Aquáticos.

Quando nos referimos a “certos setores da sociedade”, queremos dizer que no mínimo um dos grupos sociais compareceu em peso ao evento. Fica evidente a partir da seguinte passagem: “O ‘chic’ Pavilhão de Regatas transbordou do que mais ‘chic’ existe na nossa ‘elite’, que, avida de novas sensações, foi contemplar as lutas de natação, travadas no desenrolar do magnifico programma”. (A EPOCA, 31 mar. 1913, p. 3). Por sua vez, o Correio da Manhã (1913) destaca que a Praia de Botafogo havia recebido, por ocasião dos Concursos Aquáticos, a visita das famílias mais distintas da sociedade carioca.

Os trechos citados acima demonstram que, talvez, a percepção de que a Praia de Botafogo não possuiu tanta assistência nas provas dos Concursos Aquáticos em relação a provas anteriores de remo, se deve realmente ao fato de o remo gozar de maior prestígio, ou seja, capital simbólico, em relação à natação, ao water polo e aos saltos para a maior parte da população. Portanto, não se conseguiu angariar tantos adeptos para acompanharem o evento, por exceção “do que mais chic existe na nossa elite”, conforme nos informou a nota do jornal A Época.

Figura 25 - Pavilhão de Regatas visto de lado a partir da mureta da Av. Beira-mar



Vista do Pavilhão de Regatas num dia de regata por volta de 1915. Destaca-se a multidão amontoada na mureta para assistir ao programa.

Fonte: Augusto Malta, 1915.

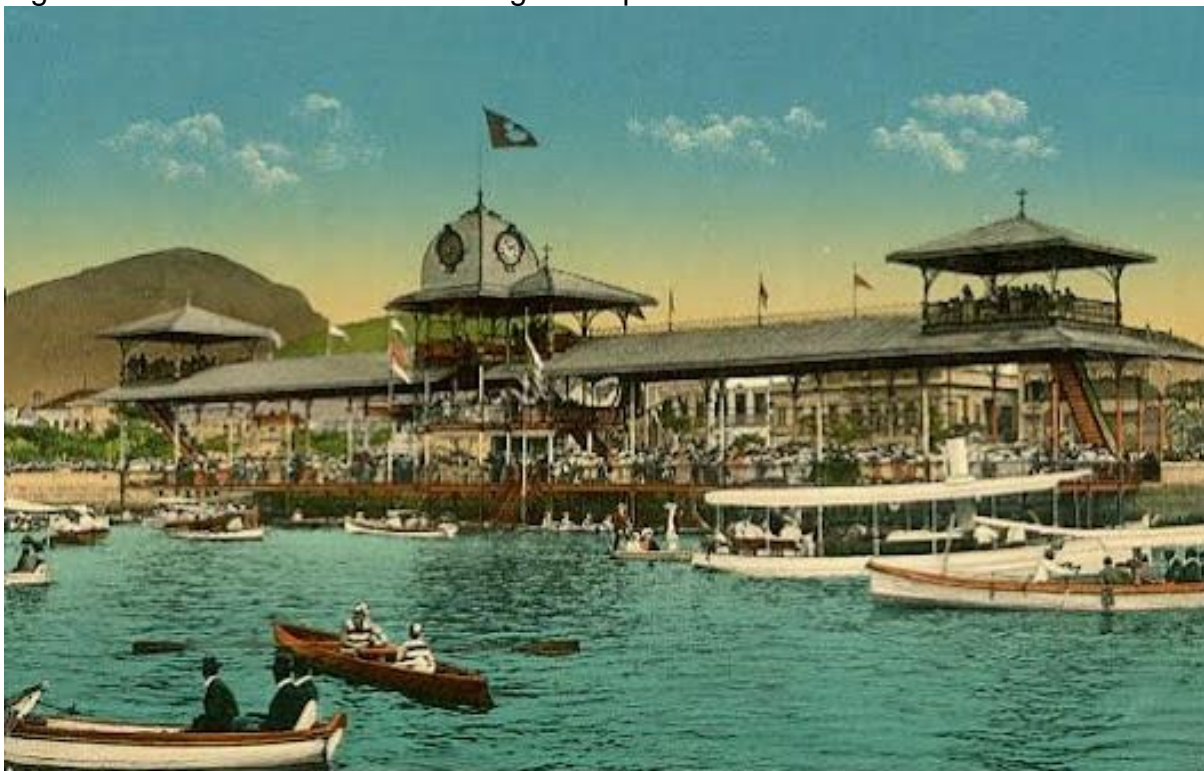
Vale ressaltar que a presença de uma certa elite nos eventos estava em “harmonia” com o entorno, ou seja, ambos se “complementavam”. Ao menos é desta forma que os diversos periódicos anunciam: a presença de um grupo social “chic” para uma localidade igualmente “chic”. Vejamos a nota do JB ao explicar o entorno em que o Pavilhão de Regatas estava contido:

Destacava-se da multidão debruçada sobre o caes e da outra representada por famílias em passeios pelos jardins e pelas damas e cavalheiros que em luxuosos automóveis faziam o curso, o Pavilhão de Regatas, gracioso e leve na sua construção, elegante nos seus enfeites de palmas, flores e bandeiras e lindo na assistência que abrigava. (JB, 31 mar. 1913, p. 9).

Por parte do Jornal do Brasil (principalmente), de fato os elogios ao Pavilhão de Regatas eram demasiadamente suntuosos, a ponto de o jornal chegar a compará-lo aos jardins suspensos do Egito:

Houve quem comparasse até o Pavilhão de Regatas, encantadoramente florido assim como estava, aos lendários jardins suspensos do Egypto! E não foi injusta a lembrança galanteadora, para quem observou do mar aquelle trecho selecto, onde estava reunido tão lindo grupo, palpitante de mocidade (...). (JB, 31 mar. 1913, p. 9).

Figura 26 - Vista do Pavilhão de Regatas a partir do mar



Fonte: JB, 31 mar. 1913, p. 9.

Figura 27 - Pavilhão de Regatas visto da Avenida Beira Mar



Fonte: JB, 31 mar. 1913, p. 10.

## 3.2 Formação do Campo Esportivo do Water Polo na cidade do Rio de Janeiro

### 3.2.1 O water polo fora da estação esportiva

Após os Concursos Aquáticos, a dita “estação calmosa” tomou conta novamente do campo esportivo, ao menos no que diz respeito ao *water polo*. O esporte por muitos anos teve um calendário que durava do final do mês de outubro até março (este modelo ocorreu praticamente por todo o período em que o esporte era predominantemente praticado nas praias do Rio de Janeiro).

Durante o período em que o calendário esportivo não estava posto, poucas eram as notícias sobre o water polo vinculados na mídia impressa carioca. No ano de 1913, houve apenas duas exceções, a se saber, um festival realizado na Ilha de Paquetá<sup>91</sup> e também um jogo internacional.

O primeiro ocorreu por ocasião da festa de Nossa Senhora de Lourdes, na Ilha de Paquetá. O Festival contou com inúmeras atrações, entre elas: diversões populares, tiro ao alvo e quermesses servidas em barraquinhas (de comidas), mas, segundo o jornal O Imparcial (12 maio 1913, p. 6), a “*great attraction* do festival foi a interessante partida de water polo jogada pelos clubes de Natação e Regatas e Guanabara”<sup>92</sup>.

A partida foi vencida facilmente pelo primeiro dos dois clubes por um largo placar de quatro a zero. Segundo o jornal O Imparcial (13 maio 1913, p. 7), até o primeiro tempo de jogo, as duas equipes “lutavam” de igual para igual, tendo terminado por apenas 1 gol de diferença. O jornal atribui a diferença de gols no segundo tempo à grande habilidade técnica (e também resistência) no nado de

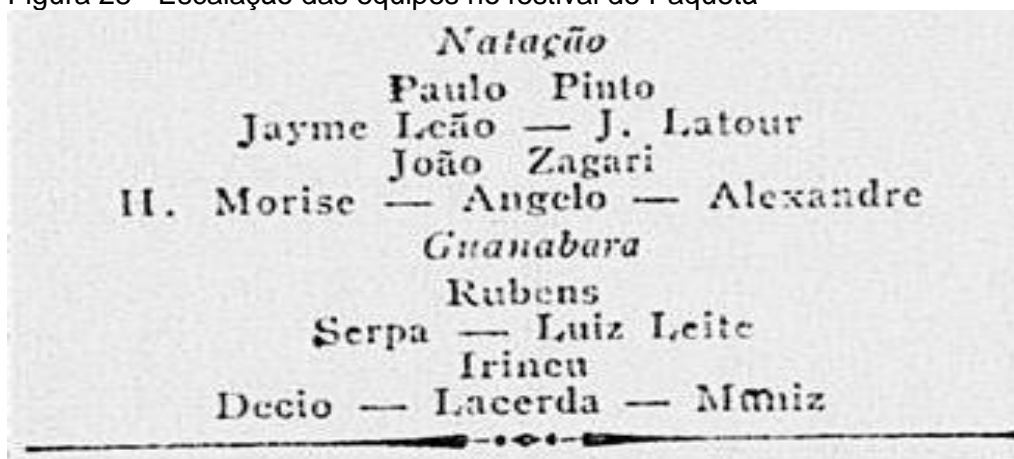
---

<sup>91</sup> A Ilha de Paquetá fica localizada no município do Rio de Janeiro (já pertenceu outrora à cidade de Magé), próxima à Ilha do Governador. Atualmente, é um polo turístico, com passeios de bicicleta e charrete, mas também já possuiu inclinações econômicas para a agricultura e a pesca. Historicamente, um dos grandes motivos de ida a Ilha é por conta dos devotos de São Roque.

<sup>92</sup> O jornal A Noite (11 maio 1913, p. 2) foi o único a anunciar uma partida com equipes diferentes, de natação contra o Botafogo; provavelmente, um equívoco, por ser o Cube de Regatas Guanabara sediado no Bairro de Botafogo.

alguns dos jogadores do CNR, entre eles os irmãos Alexandre e Ângelo Gamaro, e também Henrique Morize.

Figura 28 - Escalação das equipes no festival de Paquetá



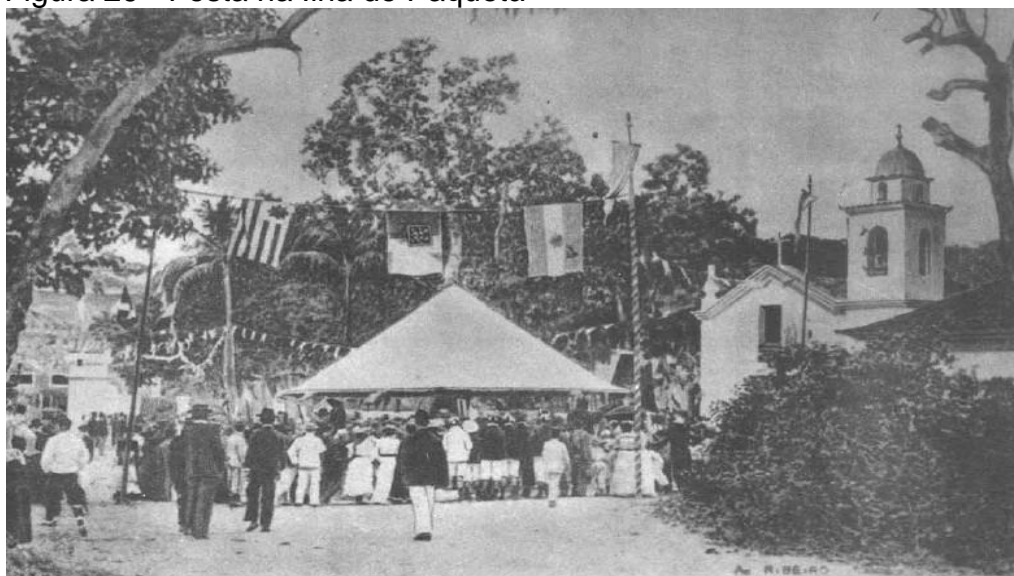
Fonte: A Época (17 maio 1913, p. 5).

Da mesma forma que os Concursos Aquáticos, nesse festival também foi salientada a presença do público, sendo grande "a concorrência de famílias e cavalheiros, notando-se crescido número de senhoritas e crianças, que muito contribuíram para a intensa alegria que reinou" além das "distinctas senhoras da nossa alta sociedade" (O IMPARCIAL, 12 maio 1913, p. 6).

Mais uma vez, ao elencar o grupo social presente no festival, podemos ver a dimensão simbólica dos eventos culturais, que, nesse caso, contou com uma "interessante" partida de water polo, figurando como um dos "principaes attractivos do magnífico... festival que tanto êxito alcançou" (O IMPARCIAL, 13 maio 1913, p. 7). Vale ressaltar que a realização desse festival tinha como pretexto o auxílio aos moradores pobres da Ilha de Paquetá, sendo mais uma característica da dimensão simbólica que pode ser atribuída às práticas culturais, no caso em questão, o water polo, no envolvimento com eventos sociais.



Figura 29 - Festa na Ilha de Paquetá



Fonte: Charles Julius Dunlop (atribuído a), início do século XX.

O segundo caso da aparição do water polo na mídia impressa fora da estação esportiva diz respeito a uma partida internacional ocorrida no Rio de Janeiro, considerada como o primeiro jogo internacional da modalidade no Brasil.

Em agosto de 1913, quando o *Corynthians Football Club*, time de Londres de caráter amador, veio ao Brasil pela segunda vez (a primeira visita ocorreu em 1910<sup>93</sup>), para a realização de *meetings* de futebol na cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo.

Figura 30 - Escudo do clube



Fonte: Enciclopédia Livre<sup>94</sup>

<sup>93</sup> Não por acaso a data da primeira visitação é a mesma da fundação do Corinthians paulista, já que a fundação deste segundo tem como inspiração o clube inglês.

<sup>94</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Corinthian\\_Football\\_Club](https://pt.wikipedia.org/wiki/Corinthian_Football_Club). Acesso em: 28 jan. 2022.

O time inglês – apesar de hoje não possuir grande expressividade no esporte, disputando apenas a sétima divisão do campeonato nacional de seu país – foi considerada uma grande equipe no final do século XIX e início do XX, cedendo inúmeros jogadores à seleção inglesa e vencendo de grandes clubes em todo o mundo.

De fato, a equipe era reconhecida mundialmente pelas suas excursões esportivas. Entre o ano de 1897 (primeira excursão realizada para a África do Sul) e 1928 (últimas excursões realizadas antes de se fundir com outro clube amador, o “Casuals”, para a Alemanha e a Dinamarca), o clube realizou ao todo 24 viagens para diversos países das Américas, Europa e África<sup>95</sup>. Levando-se em consideração que, durante a Primeira Grande Guerra Mundial, o clube não realizou qualquer intercâmbio, chega a se ter uma média de quase uma (1) viagem por ano.

A bem da verdade, apesar de o clube ter vindo ao Brasil para disputar partidas de futebol, tendo realizado 3 jogos no Rio, o Jornal do Commercio (21 ago. 1913, p. 7) nos informa que, através de um sportman que voltava da Europa no mesmo navio da equipe inglesa, descobriu que estes também eram *water polo players*:

Por um "sportman" que veio da Europa juntamente com os Corinthians, soubemos que estes durante toda a travessia do atlântico pelo "Alcalá", entregaram-se ao "training" não só de football como também do "water-polo", este praticado na piscina de bordo.

Sabendo-se da aptidão dos ingleses em jogar não apenas o futebol, como também o water polo, a equipe do Flamengo se prontificou a convidá-los para uma partida amistosa. O jornal A Imprensa (22 ago.1913, p. 4) nos informa que o jogo ocorreu na Praia de Botafogo, de frente para o Pavilhão de Regatas, e que o juiz da partida seria o senhor Flávio Vieira, o qual, além de jogador de water polo, era membro da imprensa carioca. Na Figura 31, abaixo, podemos ver os jogadores de

---

<sup>95</sup> Para mais informações acerca da história desse clube, sugiro a leitura do verbete encontrado na enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Corinthian\\_Football\\_Club](https://pt.wikipedia.org/wiki/Corinthian_Football_Club). Acesso em: 28 jan. 2022. Sugiro também entrar no site oficial do atual Corinthians, disponível em: <http://www.corinthian-casuals.com/>. Acesso em: 28 jan. 2022.

Por último, recomendamos também a visualização de um breve vídeo sobre a história do clube e sua passagem pelo Brasil, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ja0UNa5nTKQ>, Acesso em: 28 jan. 2022.

cada equipe que disputaram a partida amistosa, mas, infelizmente, não pudemos encontrar mais informações sobre o seu decorrer.

Figura 31 - Match Internacional



Fonte: A Época, 22 ago. 1913, p. 3.

Apesar de não possuímos mais informações sobre como ocorreu a partida de water polo, a mídia impressa cobriu extensamente o período em que os jogadores ingleses estiveram no Brasil. Descrição dos jogadores, suas principais conquistas e os jogos tiveram amplo espaço nos jornais. Na seção de esportes do jornal A Época, foi dedicado um total de 5 colunas da folha somente para noticiar o primeiro jogo no Rio de Janeiro.

Ao todo, houve na capital federal três jogos de futebol. O primeiro jogo do time inglês foi contra um combinado de jogadores das equipes do Rio; o segundo, contra um combinado de jogadores que faziam parte da colônia britânica no Brasil (sejam eles ingleses ou descendentes); e, por fim, um jogo contra um combinado de apenas jogadores brasileiros (sem contar os de descendência britânica). Os três times foram denominados respectivamente de Scratch/team carioca, estrangeiros e brasileiros.

O primeiro jogo foi considerado uma surpresa pela mídia impressa, pois, inesperadamente, o combinado de jogadores cariocas (estrangeiros + brasileiros)

venceu a equipe do Corinthians. Os demais dois jogos foram vencidos pelo time londrino (JORNAL DO COMMERCIO, 21 ago. 1913, p. 7):

Tivemos hontem a mais agradavel surpresa com o resultado do "match" entre o "team" dos Corinthians e o "Scratch" Carioca e devemos este prazer á feliz iniciativa do Fluminense F.C.

Agora podemos dizer com orgulho que já possuímos bons "foot-ballers".

Não havia no Rio, por mais optimista que fosse, que contasse com a victoria dos nossos jovens "foot-ballers" contra um "team" que gosa de tão merecida fama, como é o dos Corinthians (...)

Este resultado inesperado fará com que muitas pessoas, que não queriam assistir aos "matches", com receio de ver os nossos "teams" perderem em jogos contra adversarios muitissimo mais fortes, se animem e vão ver "matches" muitissimo interessantes entre "teams" de forças mais ou menos equilibradas.

É interessante a apresentação desses jogos, apesar de serem sobre o futebol, para percebermos a visão da mídia impressa sobre um ponto que, mais à frente, será caro para nós: o discurso sobre a identidade nacional, ou melhor, a falta dessa narrativa no campo esportivo no presente recorte histórico.

Vejamos a nota do Jornal A Imprensa:

O "match" de hontem foi um bello exemplo do "foot-ball" bem jogado com arte e animação. (...)

Os nossos jogadores eram em maior parte muito menores e mais leves que os Corinthians, mas, se esta differença os prejudicava nas "charges", valeu-lhes muito no "dribbling", quando pareciam passar entre as pernas dos adversarios.

Agora é que podemos verificar o quanto o "sport" se tem desenvolvido entre nós. (...)

Todos os jogadores e espectadores estavam de accordo, achando que o jogo foi muito disputado e que os nossos compatriotas bem mereceram a victoria que alcançaram. (A IMPRENSA, 22 ago. 1913, p. 4).

A vitória do combinado não foi anunciada como uma conquista da nação, apesar do agradecimento aos compatriotas. Devemos considerar que, até aquele momento, não havia uma entidade que regia o esporte brasileiro, lembrando o Comitê Olímpico Brasileiro (COB)<sup>96</sup>, o qual somente foi fundado em 1914 e, no mesmo ano, a Federação Brasileira de Esportes (FBE, futura CBD) (AMARO, 2017; SARMENTO, 2013). Além disso, o Brasil, ainda não havia disputado nenhum

<sup>96</sup> Segundo Amaro (2017, pg. 24) "Se a burocracia administrativa não se encontrava consolidada, eram os esforços individuais e as relações pessoais que faziam avançar o movimento olímpico nacional.". Isto pois, o campo olímpico nacional não estava suficientemente desenvolvido.

campeonato internacional, seja os Jogos Olímpicos ou torneios de outras modalidades.

Com isso, não estamos insinuando que no período histórico não existia o discurso de identidade nacional como comunidade imaginada (ANDERSON, 2008), mas sim, que ele ainda, não era predominante no campo esportivo. A conquista da equipe brasileira sobre a inglesa fora interpretada como uma devida aproximação com o mundo moderno europeu, ao se perceber que o nosso futebol (podendo ser estendido para o esporte como um todo) é tão desenvolvido quanto o deles (ingleses, europeus ,etc.).

A saber, o discurso de identidade nacional pode ser encontrado desde os meados do século XIX com Varnhagen, a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e romancistas como José Alencar. Porém, a invenção (ou construção) de uma identidade imaginada se deu com base na mestiçagem e no mito da democracia racial; com isso, traços culturais nas práticas sociais como o esporte (vide o futebol e a capoeira), a dança (samba) e a comida somente serão incorporados na década de 1930 com Gilberto Freyre e outros (SOARES, 2003; LESSA, 2008).

Apesar de a construção social supracitada ainda não figurar nos discursos dos intelectuais do período, não podemos deixar de notar como, em certos pontos, a nota jornalística adianta em cerca de duas décadas o que culturalistas brasileiros – como o já citado Gilberto Freyre, mas também Mário Filho –, consideraram ser resultado da cultura mestiça brasileira. Na nota, podemos ler a reverência de um futebol bonito, “foot-ball bem jogado com arte”, e que, por conta das características biológicas de nossos jogadores, “muito menores e mais leves”, era fator determinante para um jogo baseado em dribles, “quando pareciam passar entre as pernas dos adversários”.

Evidentemente, onde Gilberto Freyre viu romanticamente o futebol-arte e os dribles brasileiros como resultado de uma cultura híbrida com origens na ginga da capoeira e no samba, não poderia ser identificado nessa nota, já que este foi, conforme supracitado, um segundo momento de construção da identidade, em que “outro movimento de construção identitária que se assenta também, sobre a mistura, pois considera a mestiçagem como jeito de ser brasileiro” (FIORIN, 2009, p. 6).

Ademais, devemos considerar que, no período histórico da partida amistosa internacional, a teoria em voga na cultura brasileira era da eugenia através do embranquecimento da raça a partir da importação de mão de obra (principalmente europeia) na substituição dos postos de trabalhos criados, seja na lavoura, seja nas cidades urbanas, com a abolição da escravidão (SCHWARCZ, 2012).

### 3.2.2 A inserção do water polo no calendário esportivo

Após as poucas aparições do water polo fora da estação esportiva, os membros da federação pareciam estar dispostos a começar uma nova temporada, diferentemente da última, ou seja, não como uma prática esportiva em fase de experimentação (Cf. p. 111 desta dissertação), mas com regulamentação prescrita, tabela de jogos e uma comissão de water polo dentro da FBSR (JB, 7 dez. 1913, p. 18).

A única ressalva foi realizada pelo Jornal do Commercio<sup>97</sup>, que, no dia 23 de novembro de 1913, demonstrou a sua preocupação pelo fato de que havia dois meses que a federação protelava a criação do regulamento de water polo. A preocupação por parte do periódico é compreensível, se lembrarmos que os recém-disputados Concursos Aquáticos atrasaram em mais 3 meses a sua realização, exatamente por conta do atraso dos representantes dos clubes em comparecerem para a votação de seu regulamento. Assim como nos Concursos Aquáticos, os quais se chegou a acreditar que poderiam não ser realizados, o jornal deixa claro que seria uma responsabilidade da FBSR, caso o campeonato de water polo não se realizasse:

Deixar passar esta oportunidade, em que tão bem pode se firmar e desenvolver o "Water-polo" sport cujas vantagens não precisamos mais encarecer, será um crime que recairá todo inteiro sobre a Federação cujos os estatutos não possuem certamente aquelle dispositivo do seu art. 1 "desenvolver e propagar, por todos os meios de que dispuzer, o sport

---

<sup>97</sup> Um ponto interessante a ser mencionado é que o redator de esportes do Jornal do Comércio era o Sr. Flávio Vieira, jogador de water polo e membro do Clube de Regatas do Flamengo. Segundo o JB (14 dez. 1913, p. 18), esse agente era digno de um "grande merecimento por seu esforço tenaz (que só pode ser avaliado com o passar do tempo)" no desenvolvimento do esporte no Conselho Deliberativo da FBSR.

nautico no Brasil" apenas como uma promessa vã. (JORNAL DO COMMERCIO, 23 nov. 1913, p. 8).

Outro ponto em comum com os Concursos Aquáticos que o jornal apresenta diz respeito à animação por partes dos jogadores. Segundo o periódico, o atraso em estabelecer o regulamento influenciava o “entusiasmo manifestado pelos rapazes dos nossos clubs nauticos (que) já começa a esfriar, visto estar tomando vulto entre elles a convicção de que não mais teremos tão cedo o campeonato do salutar e util sport aquático” (JORNAL DO COMMERCIO, 23 nov. 1913, p. 8).

Apesar da nítida preocupação demonstrada pelo jornal supracitado, os preparativos para o campeonato ocorriam nos devidos conformes. O regulamento (consultar Anexo B) do water polo foi criado com cerca de duas semanas de antecedência em relação ao início do campeonato; aliás, esse regulamento foi ostensivamente divulgado pela mídia impressa carioca, sendo em seu inteiro teor – ou ao menos os seus principais pontos – publicado, por exemplo, no Jornal do Brasil (14 dez. 1913, p. 18), no A Imprensa (1 dez. 1913) e no Jornal do Comércio (1 dez. 1913, p. 3).

Em sua, já mencionada, seção “Sport”, o Jornal do Brasil (14 dez. 1913, p.18) não deixa de comentar sobre a importância de a FBSR ter regulamentado o novo esporte, é claro, enfatizando a importância dele para o campo esportivo:

Um novo sport, um dos exercicios de mais utilidade para o desenvolvimento phisico da mocidade- daquelles que mais depressa e melhor podem realizar a plastica corporal- acaba de ser regulamentado pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo, que assim leva a effeito mais um grande apprehendimento na evolução que tem tido ultimamente os sports no Rio.

Ademais, a Comissão Especial de Water Polo foi composta por: Presidente: Comandante Raul Faria Ramos (também presidente da federação); Vice Presidente: Oswaldo Palhares; Secretário da Comissão de Water Polo: Henrique Morize. Os outros membros da comissão sem cargo foram: Pinto dos Santos, Luiz Paula e Silva e Cesar Veiga. Oswaldo Palhares e Luiz Paula e Silva ficaram encarregados de criar a tabela do campeonato (Anexo C).

Enfim, no que diz respeito ao primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro (e do Brasil), a inauguração não poderia ter sido mais exitosa. A primeira

rodada foi realizada no dia 14 de dezembro<sup>98</sup>, na Praia Vermelha (também noticiado pelo O Paiz, como bacia da Praia da Saudade. 14 dez. 1913).

Figura 32 - Anúncio da primeira rodada do campeonato



Fonte: JB, 14 dez. 1913, p. 18.

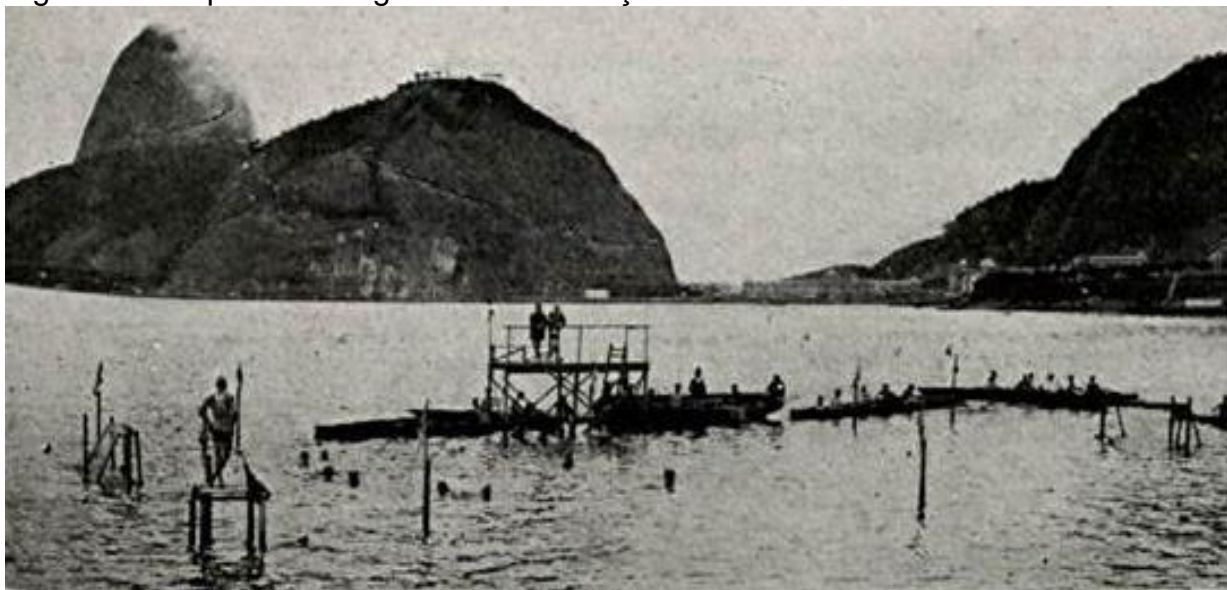
O Jornal do Commercio (17 dez. 1913, p. 6), ao noticiar e parabenizar os “moços sportmen” pela vitória de domingo, traz informações sobre como se deu a repercussão acerca desse primeiro encontro: “É o grande acontecimento commentado lisonjeiramente por todas as rodas sportivas”.

No mesmo sentido, porém, com mais detalhes, o JB também nos trouxe informações acerca dos jogos, seu público e a localidade. Acerca deste último realizou uma ressalva: “O aspecto do local ambiente, assim improvisado como fora, davam apesar de tudo, a esperança de que as provas dominicaes do Campeonato de Water Polo lograrão grande assistência” (JB, 15 dez. 1913, p. 10).

<sup>98</sup> Para conferir a tabela completa, recomendo a leitura dos anexos.



Figura 33 - Aspecto do Jogo com Pão de Açúcar ao fundo



Fonte: Revista Careta, 20 jan. 1917, p. 19.

Antes de adentrarmos outros pontos, cremos que vale ressaltar uma observação sobre a nota do Jornal do Brasil. Segundo o JB, o local onde ocorreu a primeira rodada do campeonato foi a Praia Vermelha (na Urca), num ambiente improvisado. Considerando que o calendário de jogos da modalidade ocorria na estação calmosa dos demais desportos aquáticos e náuticos (natação e remo), por que não foi organizado no Pavilhão de Regatas em Botafogo?

Figura 34 - Aspecto do Jogo, Pão de Açúcar ao fundo



Fonte: Revista Careta, 29 jan. 1916, p. 37.

Pois bem, de fato, nesse final de semana em que ocorreu a primeira rodada do campeonato de water polo, pudemos encontrar uma série de eventos esportivos e sociais, tais como, corridas de turfe, campeonato de ginástica e até mesmo uma exposição de animais no Derby Club; porém, não conseguimos localizar algum evento que tenha ocorrido no pavilhão. Chegamos de fato a cogitar a ideia de que poderia haver alguma obra ou reparo em suas instalações e infraestrutura do mesmo e, de certa forma, conforme veremos abaixo, essa hipótese não estava totalmente equivocada.

Houve, no mês de março de 1913, um evento climático que chegou a prejudicar várias localidades da cidade do Rio de Janeiro. Nos dias 7 e 9 de março, conforme nos informa o jornal A Noite (3 set. 1913, p. 4), uma forte ressaca chegou a causar grandes danos entre as ruas Silveira Martins e Morro da Viúva, Praia da Saudade e Praia de Botafogo, incluindo o Pavilhão de Regatas (entre outras localidades). O periódico nos fornece mais informações sobre a dimensão dos estragos que a ressaca trouxe para a cidade:

O transito ficou completamente interrompido em frente a Praia do Flamengo, tal era a quantidade dos entulhos e materiaes nella depositados pelo mar, sendo que, em frente á rua Payssandu, a altura de areas elevou-se aproximadamente a 1m,10. Terminada a ressaca, iniciou-se o serviço de retirada do entulho e reparos das partes estragadas.

Foram reconstruidos os passeios, numa área de 15,928m<sup>2</sup>. No trecho do Flamengo foi demolido e arriado o parapeito, numa extensão de 1.192m<sup>2</sup>, sendo que, das peças arrastadas pelo mar, só se perderam 118m. No trecho fronteiro á travessa Cruz Lima parte do caes que ficou prejudicada foi convenientemente (...) (ilegível), sendo feito o reforço do saneamento com 6m de largura e 2,50m. de altura, na extensão de 9,00m. Foram nivelados 4.617m de sargentas; levantados e nivelados.... 1.938m. de meios-fios e reconstruidos 13.955m<sup>2</sup> de calçamento abatido e removidos 5840m<sup>2</sup> de entulho. Na praia da Saudade foi reparado o muro do caes e reconstruida a balaustrada numa extensão de 180m.

Conforme podemos ver na noticia abaixo, o Pavilhão de Regatas também foi danificado por conta da forte ressaca do mar. Inclusive, em matéria publicada pelo O Paiz em primeiro de maio de 1913, checamos o fato de que o pavilhão recebeu obras de melhorias e reparos pela sub diretoria de Obras e Viação.

Figura 35 - Relatos da ressaca de 1913

**AS PROEZAS DO MAR**  
 UMA PARTE DA CIDADE INTRANSITAVEL



*A rua Marquez de Abrantes invadida pelo mar*

**Na Marinha**  
 Os navios da esquadra nada de anormal sofreram com a ressaca de hoje. No Arsenal de Marinha o movimento foi normal, havendo apenas dificuldades para a atracação das pequenas embarcações. O official de dia ao Arsenal fez sair à tarde um dos grandes rebocadores da Ma-

**Na praia de Botafogo o Pavilhão de Regatas** também foi danificado com o mar forte e para cima, na praia da Saudade as arvores foram arrancadas. Os bairros de Copacabana, Leme e Ipanema pouco sofreram. Apenas em certos pontos da Avenida Atlantica os passeios foram descalçados.

Fonte: A Noite, 8 de mar. 1913.

Porém, considerando que, poucos meses após o desastre natural, o Pavilhão de Regatas já estava sediando diversos eventos sociais e esportivos, podemos concluir que o motivo do não uso da instalação nada tinha a ver com as fortes ressacas que ocorreram na cidade; sendo assim, questionamos novamente o motivo pelo qual o water polo não havia utilizado as instalações do pavilhão.

Figura 36 - Regatas no Pavilhão

**ROWING**  
*Na Enseada de Botafogo realizaram-se hontem as regatas promovidas pela Federação Brasileira das Sociedades do Remo*

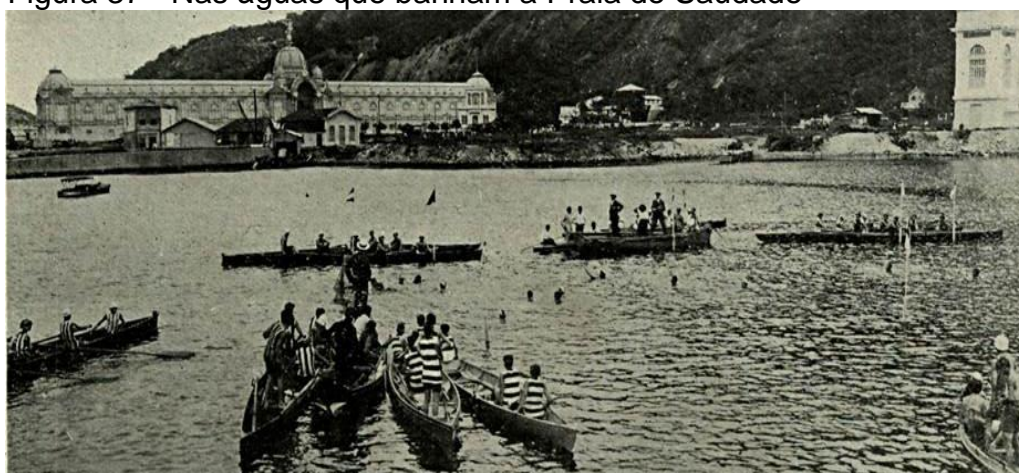
**Foi disputado o campeonato do Rio de Janeiro, que constituiu uma grande victoria para o Club Vasco da Gama**



Fonte: Correio da Manhã, 11 ago. 1913.

Pois bem, é de difícil precisão responder a tal pergunta com tão poucas evidências. Contudo, se voltarmos à própria nota do JB, percebemos que o jornal considerava que o local improvisado poderia ser um certo empecilho para que o evento lograsse o êxito esperado em termos de assistência (conforme a frase “davam apesar de tudo, a esperança...”). Possivelmente, os organizadores da competição consideraram ser melhor a utilização de um espaço com menos custo e/ou que trouxesse menos surpresas negativas no caso de o público não comparecer ao evento.

Figura 37 - Nas águas que banham a Praia de Saudade



Fonte: Revista Careta, 20 dez. 1913, p. 17.

Seja como for, independentemente de o local das competições ter sido a Praia Vermelha (na realidade mais próximo à Praia da Saudade, do que propriamente denominamos hoje como Praia Vermelha), com o seu “ambiente improvisado”, tudo indica que o espetáculo agradou aos espectadores. É interessante notarmos o comentário do JB (15 dez. 1913, p. 10, destaque nosso):

Os que hontem estiveram de olhos fitos nos partidos que se empenhavam em luta na elegante bacia, foram para lá tão somente pela avidez do espetáculo sportivo, que lhes agradou deverás. **A maneira do jogo foi logo compreendida** e dahi o interesse com que a assistencia o acompanhava, sentindo um tanto atenuadas, as mesmas emoções do "foot-ball association" cuja temporada está encerrada finalmente.

A parte do texto destacada nos leva a crer que o público, num primeiro momento, pode não ter assimilado as características do jogo, apesar de logo terem se familiarizado. Ressaltamos as comparações realizadas entre o jogo de water polo e o futebol, que, segundo o periódico, provocaram as mesmas emoções no público.

É interessante notarmos que, na semana seguinte, o mesmo JB (22/12/13, g. 10) chegou a denominar por um momento o water polo de “football-aquático”<sup>99</sup>, aproximando de certo modo os dois esportes de origem britânica, os quais vinham, recentemente, ganhando espaço como práticas esportivas na capital do Brasil (principalmente o water polo, recém-inaugurado na cidade).

Outra hipótese diz respeito a como a formação do Campo do Water Polo e a falta de um consenso de como denominar o esporte recém-instituído podem ser uma demonstração de sua baixa autonomia e um indício de que ainda não havia um consenso entre os agentes do campo de como o esporte deveria se chamar. Por fim, destacamos também que, na semana da terceira rodada do campeonato, o JB enfatizou<sup>100</sup> a presença dos “apreciadores” do futebol acompanhando o water polo, fazendo-nos crer que a aproximação entre os dois esportes pode ter sido uma estratégia narrativa por parte do jornal a fim de angariar novos adeptos.

Figura 38 - Aspecto do Jogo



Fonte: Revista Careta, 9 dez. 1916, p. 23.

---

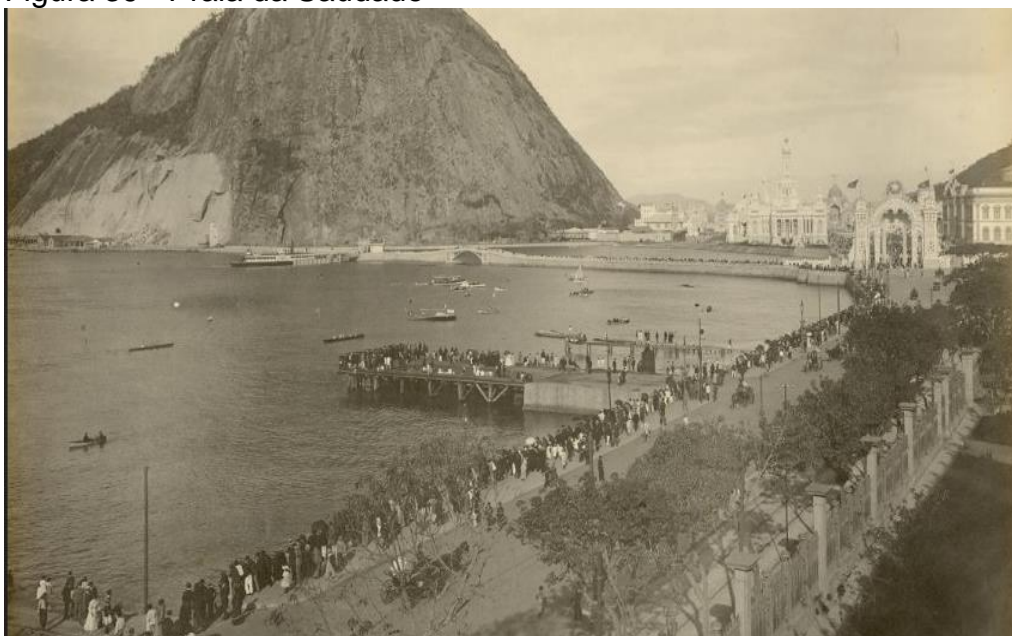
<sup>99</sup> Por sua vez, em nota publicada por ocasião da terceira rodada do campeonato, ocorrida no dia 28 de dezembro de 1913, o JB (28 dez. 1913, p. 10) denominou o water polo como “jogo aquático da bola”. Aparentemente, a utilização de diversas nomenclaturas para o mesmo esporte tinha como estratégia averiguar se um dos “apelidos” caíam em uso por parte dos leitores.

<sup>100</sup> Conforme podemos ler a seguir: “Os apreciadores, assíduos dos matches officiaes de foot-ball da Liga Metropolitana de S. A., estiveram presentes em numero elevado, uma vez que está encerrada a temporada do association”.

A nota do jornal, publicada no dia 14, também nos fornece a informação de que o público presente era composto principalmente por diretores e membros do conselho da FBSR, diretores dos clubes filiados, jornalistas esportivos, diversas famílias, além, é claro, de diversos sportmen. A presença de tais segmentos havia sido considerada como bastante numerosa pelo jornal, o qual ainda destacou que um grande número de famílias chegou ao local de automóvel, dando, assim, um toque elegante para o ambiente das provas.

A Figura 39 traz uma foto tirada por ocasião da Exposição Nacional de 1908. Ao fundo, pode-se ver o Morro da Urca; ao centro, a ponte da Urca; e à direita, a entrada da Exposição, que dava acesso aos demais Pavilhões, os quais podem ser vistos ao fundo. Ademais, destacamos a multidão ao longo da Praia da Saudade e no cais. Há indícios de que o local das provas de water polo ocorria no centro da ponte.

Figura 39 - Praia da Saudade



Fonte: Augusto Malta, 1908<sup>101</sup>.

No mesmo sentido, por ocasião da segunda rodada do campeonato, ocorrida no dia 21 de dezembro de 1913, novamente o JB (22 dez. 1913, p. 10) procurou trazer diversas informações sobre o decorrer do dia de provas esportivas, vejamos:

---

<sup>101</sup> Foto acessada por meio da plataforma iconográfica disponibilizada pela Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5462>. Acesso em: 22 abr. 2022.

A lingua de terra, assim desabrigada do sol na estação que atravessamos, esteve durante toda a tarde ocupada por um numero crescido de pessoas entre as quaes gentillissimas senhoritas, que emprestavam garridice, aquella assistencia debruçada sobre a amurada(...)

Ao centro da ponte erguia-se um ligeiro pavilhão, de onde os membros da Federação do Remo, dos Clubs filiados e suas familias, presenciavam o desenrolar das partidas do football-aquático. (JB, 22 dez. 1913, p. 10).

Figura 40 - Time posando para a fotografia no Pavilhão de Regatas



Fonte: Revista Careta, 29 jan. 1916, p. 37.

Consideramos improdutivo destacar as matérias jornalísticas rodada por rodada. De forma geral, as 3 rodadas citadas até o presente momento davam o tom de como a organização do primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro era tratada pela mídia impressa carioca. A bem da verdade, os elogios e a animação acerca da organização do evento não perduraram por um longo período; logo, o aparecimento de problemas na organização, discordâncias das decisões dos árbitros e brigas entre os jogadores levaram alguns jornais a serem mais duros em comparação com os outros no tratamento aos jogadores, à federação e ao próprio esporte. Porém, consideramos que esse assunto será mais bem tratado no próximo capítulo.

O campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro pode ser considerado, até o momento, um sucesso, não apenas pelos comentários de alguns jornais – até mesmo porque estes poderiam estar sendo tendenciosos em relação ao esporte por diversos motivos, entre eles, o fato de que os próprios jogadores desse novo esporte poderiam também ser os cronistas dos jornais (como o exemplo do senhor Flavio Vieira, já citado), mas também pela grande quantidade de clubes inscritos no primeiro campeonato organizado pela FBSR. De fato, o crescimento de equipes em tão pouco tempo é surpreendente, uma vez que quase todos os clubes ligados à federação se inscreveram no campeonato, com exceção do Gragoatá e do Boqueirão (nos anos seguintes, ambos os clubes organizam suas equipes).

Figura 41 - Team do Icarahy



Fonte: Revista Careta, 20 jan. 1917, p. 19

Cerca de um ano antes, o Clube de Natação e Regatas havia realizado o seu torneio interno, inaugurando o esporte na cidade. Em pouco tempo, tivemos notícias de que a equipe do Clube de Regatas do Flamengo também estava organizando sua equipe para participar da primeira edição dos Concursos Aquáticos, evento organizado pela FBSR. Prontamente, tivemos notícias de diversas equipes que estariam possivelmente organizando seus times de water polo. Chegou-se a cogitar sobre os clubes Boqueirão, São Cristóvão, Guanabara e Internacional de Regatas,



porém apenas os dois últimos estiveram presentes nos Concursos, além, é claro, dos já citados Flamengo e CNR.

Por sua vez, no primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro (temporada 1913/1914), houve 8 clubes participantes, 6 dos quais com “segundos teams”; somente o Club de Regatas Botafogo e o Club de discrimina os jogadores que se inscreveram e a localização aproximada da sede dos clubes que participaram do campeonato, com exceção do Club de Regatas Icarahy, localizado no município de Niterói. Podemos também ver o local onde ocorreram os jogos dos Concursos Aquáticos e do Campeonato de Water Polo.

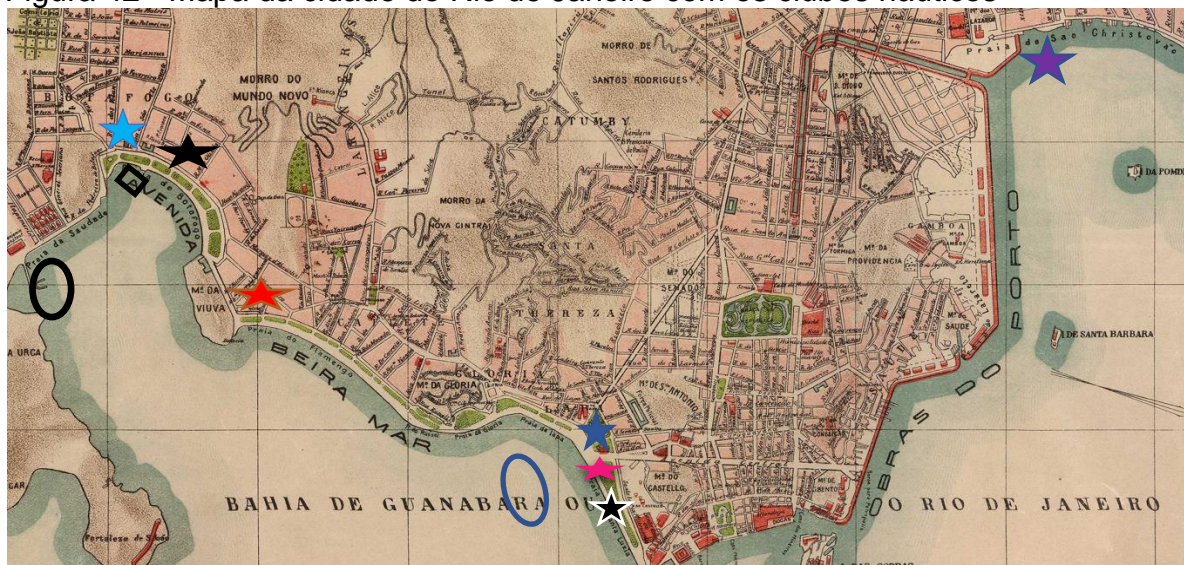
Quadro 2 - Jogadores que se inscreveram do Campeonato de 1913/1914

FLAMENGO	CNR	CIR	CRG	CRVG	CRSC	ICARAHY	CRB
H. E. Pullen (cap)	Paulo Pinto	Armando J. Marinho	Rubens de Oliveira Mello	Adriano Gonçalves Fernandes	J. Maria Castello Branco	Fritz Weber (cap)	Alvaro Werneck
Samuel Pereira	Manuel Novaes	J. Demetrio de Souza	Irineu Gomes Ramos	Joaquim Eloia Espada	Raul Vasconcellos	Johanes Friese	Americo D. Fontebelle (cap)
Eurico Leal	Jose Jório	Francisco Torres da Costa	Eduardo Torres Gomes	Claudionor Provenzano	Francisco Fonseca	Bruno Bussert	Alberto Bandeira
Oswaldo Palhares	Abraão Saliture	Mário Veiga da Silva	Decio do Amaral	Mário Vieira	Jorge Mallemon	George Dehne	Octavio Macedo
Oswaldo Gomes	Henrique Morize (cap)	J. Teixeira da Fonseca	Fernando Muniz Guimarães	Serafim Ribeiro	Americo Pereira Guimarães	Estevam Oneto Junior	Antonio Oliveira Castro
João Figueira	Angelo Gamaro	Salvador Calcente Aranda	Edgar Leite Ribeiro (cap)	Gabriel Guimarães	Ulysses Nascimento	Heitor Negreiro	Amyntas de Lima
Augusto Drummond	João Jório	Cesar Veiga da Silva (cap)	Raul Wellisch	Gabriel Menezes	Arlindo Cunha	Hebert Aspinall	Amaro Guimarães
Pindaro de Carvalho	Agostinho Sá	Alberto Alves de Almeida	George Blunt	José Carvalho de Magalhães	Pinto dos Santos		
Alexandre Dale	Alcino Moura	Manuel Moraes	Rolando de Lamare	Manuel Diogenes	Ribeiro de Brito		
Everardo Peres	Mauricio Latour	Augusto Dias de Carvalho	Osmundo Hannequim	Nelson Ribeiro	Lincoln Rodrigues		
Leslie Andrews	Eugenio Vieira	J. Alves da Fonseca	Ubaldo do Amaral Moura	Antonio Monteiro	Maceu Patrocínio		
Flavio Vieira	Jorge Latour	J. Milton de Souza	Samuel Pacheco	Eduardo Lopes	Augusto Vaz Junior		
Paulo Lavole	João Zagari (cap)		Frederico Wolper	Joaquim Carneiro Dias (cap)	Edgard Guimarães		
Alvaro de Oliveira	Pedro Santos		Melciades Serpa	Carlos Dias de Carvalho	Constantino de Magalhães		

Fonte: Organizado pelo autor.<sup>102</sup>

<sup>102</sup> Quadro organizado a partir das informações cedidas pelo Jornal do Brasil em 14 dez. 1913, p. 18.

Figura 42 - Mapa da cidade do Rio de Janeiro com os clubes náuticos



Estrelas = clubes que participaram do primeiro campeonato de water polo do Rio de Janeiro; os círculos = localidade das partidas.<sup>103</sup>

Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: [bndigital.bn.gov.br/acervodigital/](http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/). Acesso em: jul. 2022.

Os clubes náuticos da cidade não se limitaram a organizar em suas instituições apenas os times principais de water polo; dentro de pouco tempo, também se prontificaram a montar equipes de base. Ademais, por volta do ano de 1917, pode-se encontrar as primeiras referências de jogos entre equipes “infantis”. Para sermos mais exatos, foi em 25 de fevereiro 1917 que o jornal *A Razão* anunciou uma partida amistosa entre Guanabara e Internacional; A partida ainda não fazia parte de um torneio infantil, mas logo a federação também se organizaria para montar tal competição. Ainda segundo o mesmo jornal, a realização desse jogo foi motivo para o aumento da animação do “meeting” e da expectativa que o jogo gerou na mídia impressa: “Este será um animadíssimo partido em que os “gurus” se disputarão ardorosamente a vitória” (*A RAZÃO*, 25 fev. 1917, p. 7).

<sup>103</sup> Estrela azul turquesa = Club de Regatas Guanabara; estrela preta = Club de Regatas Botafogo, ambos no bairro de Botafogo. Estrela vermelha = Club de Regatas do Flamengo, no bairro de mesmo nome. Na região central da cidade, encontramos três clubes com sede na mesma rua: Santa Luzia: estrela azul escuro = Club de Natação e Regatas; estrela rosa = Club Internacional de Regatas; e estrela preta e branca = Club de Regatas Vasco da Gama. A estrela roxa representa o Club de Regatas São Cristóvão. O círculo preto é a Praia Vermelha (localização aproximada onde os jogos do campeonato de water polo ocorreram). O quadrado preto demonstra o Pavilhão de Regatas (local dos Concursos Aquáticos). O círculo azul foi a localidade em que ocorreram os jogos preliminares dos Concursos Aquáticos. A única equipe que participou do primeiro campeonato e não está representada na figura é o Club de Regatas Icarahy. A localização aproximada da sede dos clubes foi obtida a partir das informações obtidas com o *Almanack Laemmert*, 1913, p. 1173.

Figura 43 - Partida infantil válida pelo seu primeiro campeonato



Fonte: Revista Careta, 17 mar. 1917, p. 19.

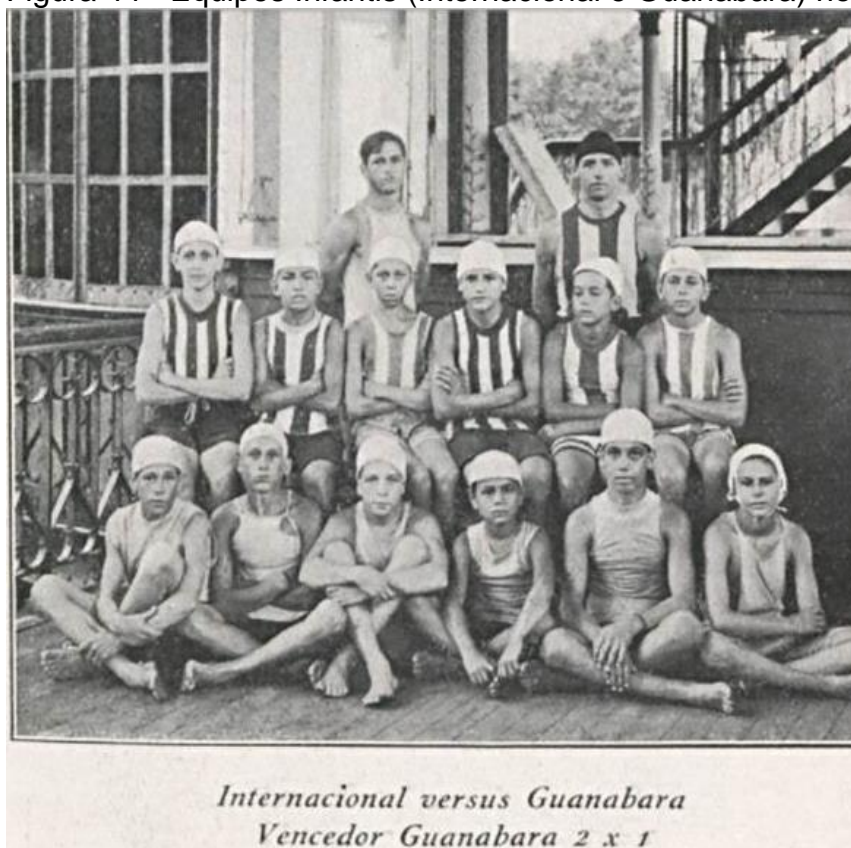
A Gazeta de Notícias também comentou sobre a partida amistosa infantil, porém, realizando críticas veladas a jogadores da categoria adulta, que não demonstravam o devido comportamento esperado para o esporte, o qual se apresenta como prática moderna, útil e salutar: “A meninada mostrou conhecer o polo aquático como muito marmanjo não conhece, vimos mesmo, que daquelles jogadores alguns virão ser peritos na prática do belo sport (GAZETA DE NOTÍCIAS, 26 fev. 1917, p. 7).

É interessante notarmos também que essa foi uma das raras exceções no período em que o esporte é denominado “polo aquático”. Demoraria mais um tempo para que o termo substituísse de forma hegemônica a sua versão anglófila. Ademais, destacamos que o destaque dado aos futuros “peritos na prática” do WP se refere, entre outros, ao jogador Preguinho<sup>104</sup> (João Coelho Netto, com cerca de 11 anos), do Guanabara. Este jogador, filho do literato Coelho Netto, se mostrará no futuro um importante nome para o campo esportivo, revelando-se como um indistinto sportman, à frente de diversas iniciativas. O jornal referenciado no parágrafo anterior

<sup>104</sup> Para mais informações, sugiro a leitura do verbete encontrado na enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Preguinho> Acesso em: 16 maio 2022.

se limitou a descrever seus dotes esportivos: "vivo, inteligente e com regular velocidade, tinha os seus esforços prejudicados pela inexperiência dos seus companheiros"<sup>105</sup> ((GAZETA DE NOTÍCIAS, 26 fev. 1917, p. 8).

Figura 44 - Equipes Infantis (Internacional e Guanabara) no torneio



Fonte: Revista Careta, 14 abr. 1917, p. 23.

Conforme podemos ver na figura acima, as equipes infantis não eram compostas somente por crianças e jovens, possuíam um dos jogadores (necessariamente o goleiro) da categoria sênior. De fato, a presença de jogadores adultos na posição de goleiro nas equipes infantis era permitida, conforme a publicação da resolução publicada pela FBSR.

O regulamento do torneio infantil foi publicado em 1917, porém só tivemos acesso à sua publicação em 1918, quando o jornal O Imparcial (22 mar. 1918, p. 10, destaque nosso, sublinhado nosso) publicou, para conhecimento dos árbitros, jogadores e do público, as disposições dos jogos do Campeonato Infantil. Hodiernamente, não obtivemos informações se os pontos divulgados pelo jornal

<sup>105</sup> No caso em questão, a equipe do Guanabara havia perdido a partida por um largo placar de 7 a 1.

representavam a totalidade do regulamento ou, apenas, os pontos que ele considerava mais importantes de serem destacados<sup>106</sup>; de qualquer forma, segue a nota publicada pelo jornal:

- Só poderão tomar parte no Campeonato jogadores que tenham no máximo 1m,60 de altura e 15 anos de idade.
- Em hypothese alguma poderão tomar parte nos matches, jogadores que já tenham jogado em qualquer dos teams da Federação.
- Serão mantidas as disposições do Código de Water Polo, salvo as modificadas pelo regulamento do Torneio Infantil.
- Não poderão tomar no Campeonato:
  - a) os que não souberem ler e escrever, devendo para isso provar estarem se educando em escola pública ou particular:
  - b) os que possam comprometer o nível moral e social do torneio.
- O club que não fizer entrega dos pontos com 48 horas de antecedencia, será multado em 10\$000.
- A duração de cada tempo dos jogos será de 7 minutos com um intervalo de 5 para descanso.
- Fica terminantemente prohibido o "caldo". O jogador que commeter essa falta será privado de jogar por dois (2) minutos e, na reincidencia, será posto fora de campo, até o primeiro goal ou além, a criterio do arbitro.
- No goal poderão jogador adultos comtanto que não infrinjam disposição expressa do artigo 5 (já terem jogado no Campeonato do Rio de Janeiro).**
- A bola para os matches não poderá ter menos de 0m17 de diametro.

Antes de mais nada, é válido destacarmos o primeiro ponto que diz respeito ao tamanho e à idade dos jogadores. O jornal A Razão (6 fev. 1919, p. 6) publicou uma carta recebida do Guanabara, em que este se defende da acusação que havia recebido por supostamente ter colocado em seu time um jogador “gato”<sup>107</sup>. Nessa carta, o clube argumenta que, apesar de o jogador realmente possuir um desenvolvimento muscular similar ao de um adulto, a medição dos jogadores infantis havia sido realizada pela própria FBSR; por sua vez, no tocante à idade do jogador, afirma que “o club se honra na informação dos paes dos "water-polo-players" A RAZÃO, 6 fev. 1919, p. 6).

É interessante notar que, apesar de o clube ter “lavado as mãos”, colocando toda a responsabilidade na federação e na família do jogador infantil, o jornal supracitado considerou que o envio dessa carta como direito de resposta da acusação recebida era uma atitude que merecia o seu devido valor, por não permitir

<sup>106</sup> Aventamos essa possibilidade, pois na parte destacada por nós é dito que a questão da participação dos adultos não poderia contradizer o artigo 5, sendo que, no texto publicado pelo jornal além de os artigos não estarem numerados, a parte que realiza essa ressalva é o segundo ponto, demonstrando, portanto, que há a possibilidade de o regulamento não ter sido publicado na íntegra.

<sup>107</sup> “Gato” é o termo popular comumente utilizado entre os praticantes da modalidade, que se refere ao jogador que possui mais idade em relação a categoria em que está jogando.

dúvidas acerca da conduta do "sympathico club de Leite Ribeiro (...) de forma a que não pare, sobre a lisura do seu modo de agir a menor suspeita" (A RAZÃO, 6 fev. 1919, p. 6).

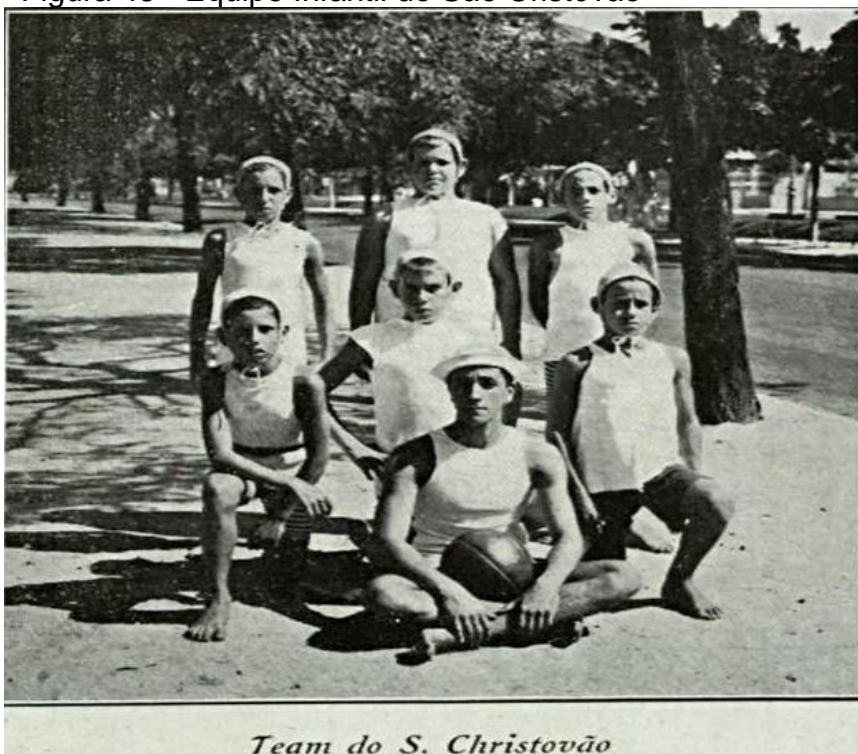
Porém, apesar de ter louvado a atitude do clube em buscar manter sua imagem intacta, o jornal logo em seguida destaca os dotes físicos do "jogador gato" e enfatiza que o fato de ele não ter atingido a altura mínima não descarta o fato de já ter passado da idade mínima, inclusive utilizando de sarcasmo para ironizar o absurdo da situação:

O center-half verde, com um thorax e braços providos de um systema muscular já completamente desenvolvidos, é possível que não tenha attingido o máximo da altura regulamentar, o que o não impede de haver ultrapassado o maximo da idade estabelecido para os infantis.

O anão sinho que vemde bilhetes, sob o Hotel Avenida, é muito mais baixo que preguinho e, no emtanto...

Taes são os caracteristicos phisicos do citado "soit-disant" "playerzinho", que se tem a atenção chamada para a sua figura que se destac berrante e flagradamente ao lado de "Preguinho e Nilo e de outros "players" não so do seu como de outros teams infantis." (A RAZÃO, 6 fev. 1919, p. 6).

Figura 45 - Equipe Infantil do São Cristóvão



Fonte: Revista Careta, 17 mar. 1917, p. 19.

Por fim, antes de adentrarmos outros pontos, cremos que vale salientar algumas outras questões que podem ser observadas na nota sobre o regulamento,

que foram devidamente sublinhadas. Em primeiro lugar, a questão daqueles que não poderiam competir no campeonato infantil.

Num primeiro momento, numa leitura desatenta, a letra “a”<sup>108</sup> poderia demonstrar uma relativa preocupação em relação à formação educacional dos jovens esportistas da modalidade. Porém, considerando os dados do censo demográfico (1929), a população em idade escolar (6 a 12 anos) era de 172.467, dos quais somente 112.955 (65% da população escolar) estavam matriculados em uma das 680 escolas do Rio de Janeiro (Distrito Federal) e que, por sua vez, as crianças que sabiam ler e escrever correspondiam a 63%, portanto, em cada 1000 crianças entre 7 e 14<sup>109</sup> anos, 372 não sabiam ler nem escrever.

Os dados acima demonstram que uma quantidade impressionante de crianças estava excluída do direito de participar do Torneio Infantil, simplesmente por não fazer parte do sistema de ensino no Rio de Janeiro. O número aproximado de 60 mil crianças fora da escola é surpreendente. Ainda, se quiséssemos destrinchar estss números para considerar apenas aqueles do sexo masculino, veríamos que, das 172 mil crianças em idade escolar, cerca de 86 mil eram do sexo masculino e, destes cerca de 30 mil estavam fora da escola (BRASIL, 1929).

Vale ressaltar que, mesmo considerando alarmantes os números, comparados com todos os outros estados do Brasil, tais números representam os melhores índices. Assim sendo, se a média de analfabetos em idade escolar era de 37%, a média brasileira era de 80%. Por sua vez, a média nacional de matrículas por população escolar era de 21%, número expressivamente menor se comparado com os de 65% no Distrito Federal (BRASIL, 1929).

Portanto, os dados do censo escolar, como também a seguinte passagem “b) os que possam comprometer o nível moral e social do torneio” (BRASIL, 1929) reforçam nossa ideia de que, na realidade, o objetivo evidente é a tentativa em

---

<sup>108</sup> Somente lembrando, a citação em questão é: “Os que não souberem ler e escrever, devendo para isso provar estarem se educando em escola publica ou particular”.

<sup>109</sup> A diferença entre os números diz respeito ao fato de que os dados foram coletados em diferentes momentos e que num primeiro momento se escolheu como amostragem a idade entre 6 e 12 para se medir a relação entre população escolar e matrículas escolares, para posteriormente se escolher a idade entre 7 e 14 anos para se aferir a taxa de alfabetismo x analfabetismo. Sabe-se que a mudança metodológica na escolha da amostragem se deve ao fato de que aos 6 anos as crianças ainda estão no primeiro ano da alfabetização. Ainda assim, podemos presumir que a variação dos dados estatísticos pouco se alterou se considerarmos que a diferença de idade é pequena.

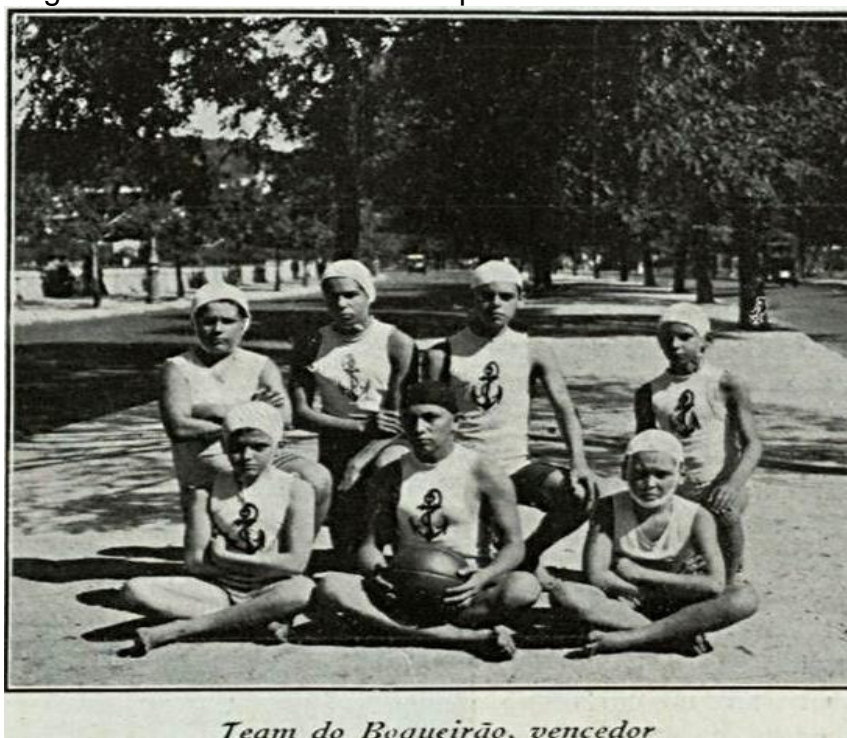
afastar possíveis crianças das classes populares do Torneio Infantil de Water Polo. Afinal de contas, quem seriam aqueles que comprometeriam o nível moral e social da competição, senão os filhos dos trabalhadores manuais e braçais?

Vale ressaltar que a federação possuía diversas formas de filtragem social, a mensalidade que os clubes pagavam para ser filiadas, exigências custosas que impediam de clubes mais populares de se associarem (como a existência de uma sede social, etc.), como também que os sportmen deveriam ser amadores, ou seja, não eram trabalhadores de certos tipos específicos de profissão, notadamente os trabalhadores braçais e de baixa escalão. Enfim, nos parece que a questão posta no parágrafo anterior, era apenas mais uma forma de manter os pertencentes da “classe perigosa” afastados do grupo restrito que compunha o quadro de competidores da Federação.

Em segundo lugar, destacamos a questão (sublinhada) do caldo. A proibição desse recurso nas equipes infantis refletia um desejo por parte dos árbitros, organizadores e da mídia impressa, que gostariam de extirpar tal prática do jogo de water polo, pois a sua utilização era vista como uma forma de jogo violento. Provavelmente por essa questão, o jornal O Imparcial considerava que os jogadores da categoria de base compreendiam o jogo melhor que “muito marmanjo”.



Figura 46 - Time Infantil do Boqueirão

*Team do Boqueirão, vencedor*

Fonte: Revista Careta, 17 mar. 1917, p. 19

Para além dos jogadores da categoria infantil, havia um outro grupo de novos praticantes da modalidade que também passaram a participar do campo esportivo do water polo na década de 1910, a saber, os militares da Marinha. Nesse tocante, Cancellata (2013, p. 130, destaque nosso) nos informa:

Os registros de organização de competições da LSM<sup>110</sup> para o período entre 1915 e 1928 evidenciam o quadro de modalidades institucionalizadas na Marinha, a partir das ações de sua liga na organização de competições, fomento de participação e divulgação. Neste período, a LSM organizou e participou de eventos enviando equipes nas modalidades Vela, Natação, **Water Polo**, Remo, Futebol, Retinidas, Cross Country, Atletismo, Cabo de Guerra, Basquetebol, Esgrima e Tiro.

Apesar de Cancellata (2013) nos informar que a LSM decidiu por organizar campeonatos de Water Polo desde 1916, somente conseguimos informações destes a partir de 1917<sup>111</sup>. Nesse sentido, em 12 de março do ano corrente, pudemos encontrar uma extensa nota no jornal O Imparcial acerca da organização dos jogos, do prosseguimento das partidas, entre outros pontos.

<sup>110</sup> O significado da sigla LSM é Liga de Sports da Marinha.

<sup>111</sup> Possivelmente, assim como no calendário da federação, a LSM considerava os seus torneios como sendo de 1916/1917. Tal hipótese explicaria o desencontro das datas supracitadas.

É interessante notarmos que, assim como ocorria nos jogos infantos, vez ou outra os militares também recebiam elogios por parte da mídia impressa, de certa forma, demonstrando de fato um caráter ambíguo no que diz respeito às categorias profissionais. Referimo-nos aos postos e graduações da Marinha Brasileira (MB), principalmente no tocante aos praças e marinheiros não graduados<sup>112</sup>.

Ora, tal caráter ambíguo diz respeito ao fato de que, nas competições organizadas pela federação, havia uma rígida norma para a não participação dos trabalhadores manuais, braçais e que não utilizavam o intelecto em sua profissão, aí incluindo os militares da MB que ocupavam os cargos de baixo escalão.

É evidente que as competições não eram organizadas pela FBSR, mas pela LSM. Ainda assim, é interessante notarmos como havia uma circularidade de agentes de uma área para a outra. Conforme veremos abaixo, os responsáveis por levar o water polo para o interior da MB eram oficiais ligados aos clubes esportivos do Rio de Janeiro e à própria Federação. Por sua vez, a partir do momento em que eles passaram a organizar torneios internos na marinha, sportmen ligados a diversos clubes iam para a localidade das competições para prestigiar os jogos.

Figura 47 - Campeonato da Marinha



Fonte: O Imparcial, 10 abr. 1917, p. 10.

A bem da verdade, a maior parte dos elogios eram realizados aos oficiais, que eram os responsáveis por levar o esporte aquático para dentro da MB e organizar os primeiros campeonatos da modalidade, com exceção de um ou outro comentário

---

<sup>112</sup> Para uma leitura mais precisa acerca dos postos e graduações na MB, recomendo a leitura de texto disponível em: <https://www.marinha.mil.br/postos-e-graduacoes>, acessado em: 22 maio 2022.

acerca da disciplina (boa e rígida) exercida pelos praças (grumetes, marinheiros, cabo etc.) e pelo entusiasmo e animação.

Um caso interessante de elogio aos praticantes de water polo da Marinha, foi quando um bom jogo da LSM foi comparado com os jogos da F.B.S.R., vejamos:

O jogo foi desenvolvido pelos teams disputantes, foi, como acima dissemos, excelente; foi até melhor que os matches da Federação do Remo, onde as vezes a indisciplina e má educação dos jogadores tiram a beleza ao desenrolar do jogo. Na Marinha é diferente: o jogo é limpo e isento de faults de brigas e trucs indecentes; o respeito ao arbitro é um facto (nem podia ser de outra maneira), com todos estes predicados e com as boas medidas postas em pratica pela direção da Liga, o water polo está implantado e fará os maiores progressos na nossa Marinha de Guerra. (O IMPARCIAL, 26 mar. 1917, p. 9).

Vejamos outros dois exemplos de elogios realizados a cada um dos grupos existentes na Marinha Brasileira (aos oficiais em sublinhado, aos praças em negrito):

A Liga de Sports da Marinha, fundada e dirigida por officiaes dessa corporação, reconhecendo que os sports, além de trazer incontestável **vantagem á educação physica, também concorrem para educação moral, inculindo no espirito de quem o pratica, a lealdade e a disciplina**, organizou os campeonatos para os inferiores e praças dos navios de guerra, campeonatos esses, que se não estão sendo disputados com toda regularidade, ha comtudo, muito boa vontade da parte dos dirigentes e grande entusiasmo entre os disputantes. (O IMPARCIAL, 12 mar. 1917, p. 9, negrito nosso, sublinhado nosso).

Conforme pudemos ver, aos oficiais da marinha é reservado o dever de dirigir os seus subalternos, reconhecer a importância da educação física e moral e organizar com boa vontade os eventos esportivos, já aos praças cabe inculir com grande entusiasmo em seu *habitus* as vantagens da educação física e moral, assim como infundir no seu espírito os ideais de lealdade e a disciplina.

Vale ressaltar que a distinção entre os oficiais e os praças não se deu apenas no que diz respeito à apreensão dos papéis sociais para/com as práticas corporais esportivas, mas também na própria participação deles nos torneios esportivos organizados pela LSM. Segundo Cancellata (2012, p. 10): “Para as competições de water polo e futebol, levantaram-se questões sobre a composição mista das equipes, havendo grupos a favor e contra”<sup>113</sup>. A autora complementa explicando a separação entre praças e oficiais:

<sup>113</sup> Tal questão é evidenciada pelo depoimento do Capitão Tenente Alberto de Lemos Basto (1915 *apud* CANCELLATA, 2012, p. 10): “(...) a intenção da Directoria é estabelecer logo que possa os campeonatos de foot ball e water polo e que, para permitir que todos os navios tomem parte nestes jogos se estabelecer campeonatos separados para officiaes, sub officiaes e praças o que, ao menos

A questão da composição mista de equipes, com oficiais e praças, foi tema de debate em alguns momentos ao longo da vida da LSM, mas observando os registros de organização e de resultados com a manutenção das provas distintas ao longo da década de 1920, percebe-se a sustentação das ideias de separação baseadas nos círculos hierárquicos. (CANCELLA, 2012, p. 10)

Figura 48 - Water Polo na Marinha



Equipe (da base de) “submersíveis” versus do (encouraçado) “São Paulo”.<sup>114</sup>  
 Fonte: O Malho, 7 abr. 1917.

Segundo Cancellata (2013) havia um rígido código de conduta nos processos de interação social e profissional entre os diversos segmentos de militares da Marinha. Esse código era regido principalmente por dois aspectos: a hierarquia e a disciplina. No que diz respeito à hierarquia, era determinado por uma estrutura de distinção a partir dos “círculos hierárquicos” em três níveis<sup>115</sup>.

Ainda de acordo com Cancellata (2013, p. 135), “o convívio social e as atividades profissionais dos militares devem respeitar esta hierarquização, estando

---

ao princípio, não é possível, pensa propor que o campeonato de foot ball seja desde já estabelecido para as praças (...)”.

<sup>114</sup> Entende-se “base”, no jargão militar, como o espaço de recebimento, por exemplo, a “base naval”. Nesse caso, o time “submersíveis” era composto pelos marinheiros que trabalhavam na base de submersíveis; por sua vez, “São Paulo” era composto pelos marinheiros que compunham o encouraçado (tipo de navio de guerra) denominado São Paulo em homenagem a esse estado.

<sup>115</sup> Os três níveis dos círculos hierárquicos estão divididos da seguinte maneira: Oficiais (Oficiais Gerais, Oficiais Superiores, Oficiais Intermediários e Oficiais Subalternos), Suboficiais e Praças (Sargentos, Cabos, Marinheiros, Soldados). (CANCELLA, 2013).

os subordinados sempre em obrigação de cumprimento disciplinar para com os seus superiores “.

Pois bem, se seguir rigorosamente tais critérios de organização hierárquica era de fato tão importante, pode-se imaginar que os mesmos critérios poderiam ser observados na realização de eventos esportivos. Nesse sentido, Cancelli (2013) informa:

A composição das equipes esportivas e a participação nas competições apresentavam fortes características de separação entre os diversos círculos hierárquicos que organizam o pessoal militar das FFAA. Tanto na Liga de Sports da Marinha como na Liga Militar de Football (e posteriormente Liga de Sports do Exército), foi possível identificar declarações textuais reforçando a necessidade de manter-se na prática esportiva a distinção entre oficiais, suboficiais e praças, não sendo bem recebida a convivência entre estes grupos, mesmo que apenas durante as participações no esporte. (p. 150).

No final das contas, apesar de se ter decidido num primeiro momento por equipes mistas no torneio de water polo, a ideia enfrentava diversas resistências internas, portanto o alto escalão da MB proibiu a realização de partidas mistas (CANCELLI, 2013).

Uma vez que a realização de partidas entre oficiais e praças havia sido proibida pelo alto escalão, somente pudemos encontrar para o ano de 1917 partidas de praças, principalmente entre os navios-escola e encouraçados. Tais partidas ocorreram hegemonicamente na Ilha das Enxadas, e um dos principais organizadores foi o Tenente Torres Gomes (atuando como árbitro em diversas partidas), que na temporada de 1914 era associado ao Club de Regatas Guanabara. Este foi um entre diversos agentes do campo esportivo que participou ativamente na organização de esportes tanto no âmbito civil, como também no militar. O trânsito entre esses dois espaços simbólicos no campo social e esportivo era algo comum, conforme pudemos observar.

Figura 49 - Vista aérea Ilha das Enxadas (1916-1923)



Sede da Escola Naval. As partidas provavelmente ocorriam na “piscina” de água salgada vista na parte inferior da imagem.

Fonte: Jorge Kfuri, S.D.<sup>116</sup>

Por fim, gostaríamos de destacar que houve um último grupo que, na década de 1910, também se empenhou na organização de equipes de water polo. Para conhecimento, referimo-nos a instituições que não eram ligadas à FBSR, normalmente, clubes esportivos.

Nesse sentido, pudemos encontrar algumas ocorrências que demonstravam que certos clubes tinham o interesse em ter o water polo no rol de esportes a serem ofertados para o quadro social da instituição; via de regra, tais ocorrências apareciam por ocasião da fundação de novos clubes, como o seguinte caso:

Graças a iniciativa de um punhado de moços empreendedores tendo à frente um velho "rowingman" está sendo fundado nesta cidade um Club de Sport. Já podemos dizer que em breves dias veremos tremular na fachada dum dos barracões da Rua da Praia o novel pavilhão que conduzirá esse punhado de bravos as lutas do remo e do Water polo. (O REGENERADOR, 2 mar. 1913, p. 2)

Ao que tudo indica, o clube em questão da nota supracitada diz respeito à criação do Clube Canto do Rio (ainda denominado apenas como “Club de Sport, de forma genérica). O clube hoje denominado como Canto do Rio Foot-ball Club<sup>117</sup> tem como data oficial de fundação 14 de novembro de 1913. Utilizar o termo “data oficial” induz pensarmos que o clube já existira antes desse período, provavelmente, a

<sup>116</sup> Álbum 102 Flotilha de Aviões de Guerra, 1916-1923 Foto 47286. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/6593>. Acesso em: 26 jun. 2022.

<sup>117</sup> Para mais informações, recomendo a leitura do sítio eletrônico da instituição, Disponível em: [https://www.cantodoriofc.com.br/site/?page\\_id=69](https://www.cantodoriofc.com.br/site/?page_id=69) Acesso em: 08 jul. 2022.

diferença diz respeito ao tempo necessário para os trâmites burocráticos. É interessante percebermos que o local de fundação (Rua da Praia, hoje denominada como Avenida Visconde do Rio Branco, em Niterói) é onde até hoje se encontra o Cantusca (conforme é carinhosamente chamado por seus sócios).

Figura 50 - Sede do Clube Canto do Rio



Fonte: Sem autor, sem Data.<sup>118</sup>

Na história oficial do clube, que pode ser encontrada em seu sítio eletrônico, lê-se que a iniciativa da sua criação partiu da reunião de 4 garotos (fato que corrobora a descrição da nota), porém enfatiza como sendo a força motriz dessa fundação a prática do futebol infantil. Ora, é de se esperar que, nos tempos atuais, considere-se que o principal motivo de criação de um clube seja, obviamente, o futebol. Porém, para a época, tal motivação não era tão óbvia, já que, segundo o jornal *O Regenerador*, o intuito dos garotos era a prática do remo (principal esporte da época) e do water polo, esporte recém-praticado na localidade e que de certa forma angariava parte do capital específico do primeiro.

Vale destacar que não pudemos encontrar quaisquer notícias que demonstrassem que o Clube, nesse período, houvesse realizado partidas de water

---

<sup>118</sup> Foto encontrada no sítio oficial do Clube Canto do Rio. Disponível em: [https://www.cantodoriofc.com.br/site/?page\\_id=69](https://www.cantodoriofc.com.br/site/?page_id=69) Acesso em: 08 jul. 2022.

polo<sup>119</sup>, o que nos faz questionar se a menção ao esporte não poderia ser uma forma de receber um certo prestígio social por estar, em tese, participando de modalidades ditas modernas.

Figura 51 - Escudo do clube Canto do Rio



Fonte: Enciclopédia Livre, S.D.<sup>120</sup>

Logo, um outro clube também da cidade de Niterói se organizaria para realizar partidas de water polo: o Rio Sailing Club (atualmente chamado de Rio Yacht Club), fundado em 14 de abril de 1914, que logo, após a sua fundação, cuidou de realizar uma regata inaugural na Enseada de Jurujuba. No programa consta ainda um match de water polo, que time do Sportman H. Leverett venceu por 5 gols a 1 a equipe do Sr. Wyard. O programa do evento contou com provas de natação, entre outras atividades, conforme podemos ver abaixo:

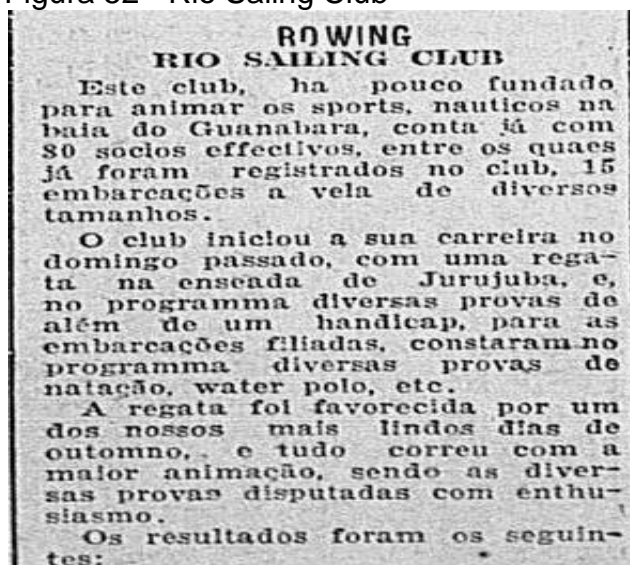
---

<sup>119</sup> Realmente, é reconhecido entre os praticantes de polo aquático que o Canto do Rio, como clube, teve importantes times na modalidade, porém apenas se mencionam tais questões a partir da década de 1970, conforme nos informa o sítio supracitado. Há de se averiguar se a existência da modalidade no clube é mais antiga do que se pensa.

<sup>120</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Canto\\_do\\_Rio\\_Foot-Ball\\_Club](https://pt.wikipedia.org/wiki/Canto_do_Rio_Foot-Ball_Club) Acesso em: 08 jul. 2022.



Figura 52 - Rio Saling Club



Fonte: Gazeta de Notícias, 22 maio 1914, p. 5.

Não pudemos encontrar quaisquer menções que demonstrem uma participação mais sistemática por parte do Rio Sailing Club nos eventos esportivos da cidade, tampouco um maior intercâmbio entre este e os demais clubes do Rio de Janeiro. Porém, a realização de jogos de water polo no interior do clube é reiterada por Mitidieri e Rocha (2020, p. 6, destaque nosso):

O maior dos eventos organizados pelo Rio Yacht Club, cuja primeira edição ocorreu em 1919, era o "Sports Day"- tradição comum às instituições inglesas. No Rio Yacht Club, este dia festivo dedicado à prática esportiva denominou-se "Aquatic Sports Meeting", por conta da vocação do clube para os esportes aquáticos. Além de regatas de barcos e provas de natação, **havia também competições e water polo** e tilting.

Destacamos que o quadro de associados dessa instituição era composto, principalmente, por ingleses e seus descendentes, tendo sido de fato esse grupo social o responsável pela fundação do clube, o que pode ser fator explicador do caráter mais restrito das atividades sociais e esportivas do clube, característica compartilhada com outras instituições compostas hegemonicamente por britânicos (MELO, 2017a; 2017b; 2019).

Figura 53 - Rio Yacht Club



Fonte: Sítio Eletrônico do Clube<sup>121</sup>

Da mesma forma, outro clube de Niterói sobre o qual também pudemos encontrar evidências sobre partidas de water polo foi o Sport Club Fluminense<sup>122</sup> (existente até hoje com o nome de Fluminense de Natação e Regatas). Essa agremiação foi fundada em 1916 e, por ocasião de seu terceiro aniversário, realizou um festival interno, anunciando em seu programa um match de water polo. A festividade contou também com o batismo de dois barcos a remo, provas de natação, remo, entre outras (O IMPARCIAL, 21 jun. 1919, p. 9).

Figura 54 - Sport Club Fluminense



Fonte: História do Futebol<sup>123</sup>

Seguindo a mesma lógica encontrada na cidade de Niterói, também pudemos encontrar, no Rio de Janeiro, aqueles clubes que noticiavam a criação ou a intenção

<sup>121</sup> Disponível em: <https://rycsailing.com.br/> Acesso em: 13/07/2022.

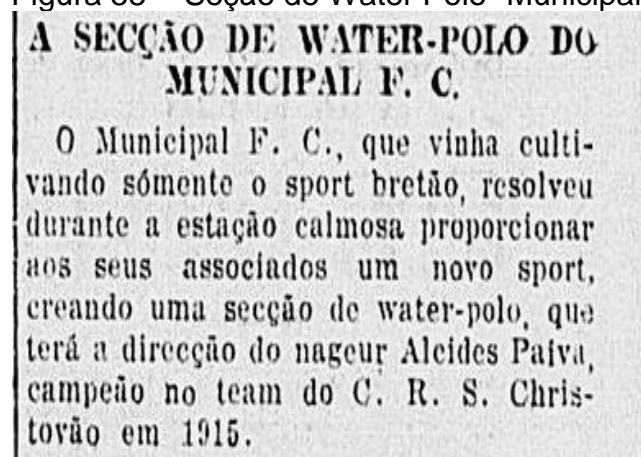
<sup>122</sup> No site a seguir, comenta-se sobre a participação do clube nas competições da FBSR durante a década de 1920, por fugir do nosso recorte histórico, não trataremos sobre nessa dissertação. Para uma leitura sobre alguns pontos acerca desse clube, recomendo a leitura do site a seguir. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=125550> Acesso em: 15/07/2022.

<sup>123</sup> *Ibidem*

de ter no clube equipes de water polo, porém, sem quaisquer indícios de que de fato os tenham realizado.

Nesse sentido, segundo o jornal O Imparcial, em 16 de fevereiro de 1917, o Municipal Football Club criou uma seção de water polo, que seria dirigida por um sócio do Club de Regatas São Cristóvão, o Senhor Alcides Paiva. De acordo com a nota, a criação dessa seção estaria ligada à oferta da modalidade esportiva para os associados durante a estação calmosa. Ademais, é interessante a presença de um jogador ligado a um clube filiado à FBSR, pois pode representar um início de especialização e profissionalismo caso se confirmasse que o dirigente exercia o cargo de técnico e, principalmente, se recebia ou não um salário. Ainda assim, não pudemos confirmar que o Municipal chegou a realizar quaisquer partidas, sejam elas internas, ou contra outros clubes.

Figura 55 - Seção de Water Polo- Municipal F. C



Fonte: O Imparcial, 17 fev. 1917, p. 9

Por outro lado, houve alguns casos em que há claras evidências da realização de jogos. O primeiro deles diz respeito ao Sport Club Brasil, fundado em 1912, com sede no bairro da Urca<sup>124</sup>. A principal partida que pudemos encontrar dessa agremiação diz respeito a um jogo contra a equipe do Club de Regatas Guanabara, por ocasião de uma “festa de sports”. No programa do evento, foram realizadas também competições de remo, natação e “pega do pato” (SIC) (CORREIO DA NOITE, 5 maio 1915).

<sup>124</sup> Poucos são os relatos acerca dessa agremiação. Pode-se ler em diversos sites que o clube possuía equipes de futebol, basquete e quiçá até de rugby.

Figura 56 - Escudo do Sport Club Brasil



Fonte: Enciclopédia Livre<sup>125</sup>.

Vale destacar que, segundo Cláudia Girão (2014)<sup>126</sup>, o funcionamento da sede social e esportiva do Sport Club Brasil ocorria por meio de arrendamento de parte do terreno do Instituto Benjamin Constant (IBC); o clube funcionou nessa localidade do ano de 1917 até a década de 1930. Ressaltamos que possivelmente o convite ao Clube de Regatas Guanabara esteja relacionado à proximidade geográfica existente entre os dois clubes. Consulta realizada ao Google Maps revela que o atual caminho do IBC até o CRG é um percurso de caminhada com cerca de 900 metros<sup>127</sup>, caminho que à época seria atravessar o que se chamava de Praia da Saudade.

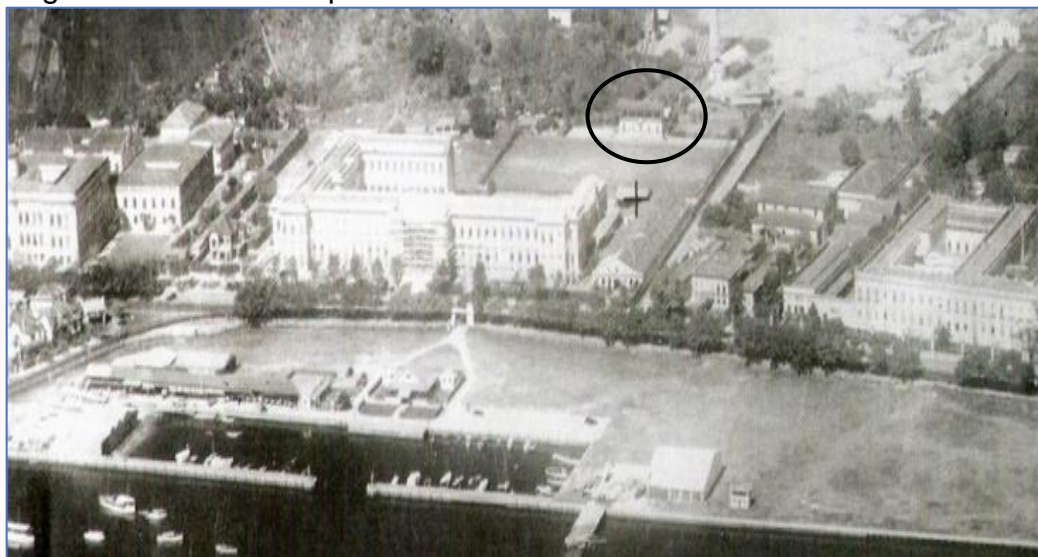
---

<sup>125</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Sport\\_Club\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sport_Club_Brasil) Acesso em: 13 jul. 2022.

<sup>126</sup> INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT NA URCA: projeto e construção no Rio oitocentista e no Rio moderno (GIRÃO, 2014). Disponível em: [http://antigo.ibc.gov.br/images/conteudo/AREAS\\_ESPECIAIS/MEMORIA/acervo\\_bibliografico/artigos\\_completos/IBC\\_na\\_Urca-projeto\\_e\\_construcao-ClaudiaGirao-2014.pdf](http://antigo.ibc.gov.br/images/conteudo/AREAS_ESPECIAIS/MEMORIA/acervo_bibliografico/artigos_completos/IBC_na_Urca-projeto_e_construcao-ClaudiaGirao-2014.pdf). Acesso em: 12 jul. 2022.

<sup>127</sup> Mesmo se a rota fosse traçada contornando o morro do pasmado, o trajeto ficaria com cerca de 1,5 km.

Figura 57 - Sede do Sport Club Brasil



Círculo preto indica o local da Sede do Sport Club Brasil.  
Fonte: Cláudia Girão, 2014, p. 163.

Enfim, tivemos diversos outros exemplos, no Rio de Janeiro, de equipes que montaram seus times de water polo durante a década de 1910, entre os quais, os jogos organizados pelo Audax Club, tanto por ocasião do torneio interno “Adão Costa Lima” (A RAZÃO, 1 dez. 1919, p. 9), como o jogo amistoso contra o Clube de Regatas Guanabara (O JORNAL, 29 dez. 1919). Podemos citar também o caso do Villa Guarany Football Club, que, por ocasião de seu quarto aniversário, organizou, entre as diversas atividades de seu programa, uma partida de water polo no Rio Joana, “piscina do club” (A RAZÃO, 12 jul. 1919, p. 7). Por fim, citamos o jogo entre o America Football Club e o Club de Regatas do Flamengo; vale ressaltar que, nesse caso, a vitória do Flamengo foi considerada, pela revista Dom Quixote (29 maio 1918), uma clara evidência de superioridade do time rubro negro, e que causava estranhamento ser o CNR a equipe da temporada, em vez do Flamengo.

Figura 58 - "Team" do Club de Natação e Regatas



Fonte: Revista Careta, 20 jan. 1917, p. 19

Por fim, gostaríamos de tocar rapidamente em mais um assunto em relação aos jogos organizados por times não clubísticos. A Revista Dom Quixote, em 18 de junho de 1919, anunciou uma partida entre as equipes de Santa Teresa e Ipanema, no tanque central do Campo de Santana (Praça da República). As equipes não contavam com os 7 jogadores de cada lado, conforme as partidas oficiais. Não obtivemos informações que elucidassem se os jogadores eram representantes de clubes esportivos e montaram esse amistoso por ser seu local de moradia, ou se eram moradores dos bairros que se organizaram por conta própria. Essa é uma questão a ser melhor investigada, pois o aparecimento da modalidade em espaços não convencionais pode ser uma representação de que esta espraiava-se pelo Campo Social, ainda que timidamente.

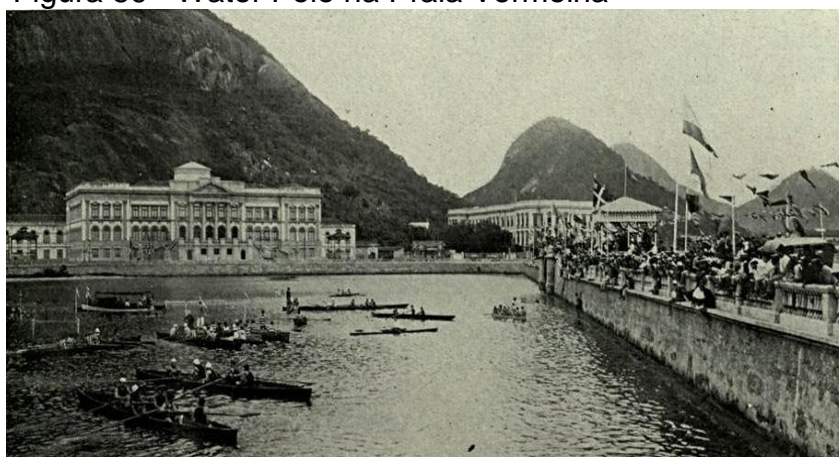
### **3.3 Crise na Autonomia relativa do water polo no campo esportivo**

Relembrando algumas questões até aqui discutidas, o primeiro torneio de water polo na cidade do Rio foi o Concursos Aquáticos. Essa empreitada, movida

principalmente por Virgílio Leite e Oswaldo Palhares, parece ter sido um dos maiores motivadores para que um crescente número de agremiações esportivas criassem suas equipes.

A iniciativa dos sportmen demonstra um certo nível de estratégia criativa, pois, na condição de agentes do Campo Esportivo que, aparentemente, ocupavam um papel intermediário na acumulação de capital esportivo, ao trazer para dentro da FBSR uma competição que ocorreria durante a dita estação calmosa (tanto do remo, como do futebol), trouxe de uma só vez para a jurisdição da Federação a organização da natação, incluindo o Campeonato Brasileiro de Natação (organizado entre 1898 e 1912 pelo CNR), o water polo, os saltos e o salvamento no mar, ou seja, a Federação para além da organização dos esportes náuticos, agora, também estaria incumbida dos esportes aquáticos.

Figura 59 - Water Polo na Praia Vermelha



Fonte: Revista Careta (20 dez. 1913, p. 17).

Os Concursos Aquáticos como um todo, ainda que não tivessem angariado uma participação do público similar em relação às principais competições de remo, podem ser considerados de fato um sucesso. O Campeonato Brasileiro de Natação, conquistado pelo nadador Abrahão Saliture, foi o carro chefe do evento, sobre o qual foram encontrado diversos comentários nos veículos midiáticos. Ainda que a final de water polo possa ter recebido críticas pela atuação do juiz, foi considerado um dos pontos altos da competição.

No mesmo ano em que ocorreram os Concursos Aquáticos, a FBSR se prontificou a organizar o regulamento de water polo, criar uma Comissão Especial no

interior da federação e organizar o primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro. As primeiras rodadas do referido torneio receberam a devida atenção, tanto por parte do público, como também dos cronistas esportivos. A princípio, tudo estava indo bem, porém, se fizermos uma analogia entre o conceito de campo proposto por Pierre Bourdieu e a natureza, um dos que mais se equivocariam seria o de um campo de flores.

Para o sociólogo francês, o campo é um espaço simbólico, no qual os agentes se engajam em criar estratégias para manter ou subverter as tradições e costumes do campo, a fim de acumular, retirar e distribuir o capital específico, podendo, assim, exercer poder simbólico e, portanto, violência simbólica (BOURDIEU, 1983; 2004a).

Conforme se pode perceber, a Teoria do Campo não é exatamente um local em que os agentes transitam pelos espaços sociais como se estivessem a passear por um parque, mas um espaço onde constantemente ocorrem lutas, é claro, normalmente simbólicas, entre aqueles agentes que veem sentido na disputa do jogo social, ou seja, possuem *illusio* (BOURDIEU, 1983; 2004a).

Portanto, compreendendo-se que a constituição de um Campo Esportivo do Water Polo (ou, como também poderíamos denominar, “sub campo do water polo”) obedece a certas homologias como todos os outros campos existentes, é de se esperar que ele possua as características citadas acima. Nesse sentido, é possível que a forma como até então temos descrito a formação do campo possa ter passado a equivocada compreensão de que esse processo foi linear e sem embates entre os seus agentes ou os de diferentes campos.

Seguindo essa lógica, relembramos que, ao organizar os regulamentos, tanto dos Concursos Aquáticos como também do Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, houve um certo atraso, que chegou a causar em agentes do Campo Midiático uma percepção de que poderia de fato não chegar a se realizar os citados torneios, o que, segundo diversos jornais teria sido motivo de desânimo por parte dos *players* devido à demora.

Evidentemente, poderíamos concluir que a demora na elaboração dos regulamentos fosse, simplesmente, uma questão burocrática que “naturalmente” ocorreria devido ao tempo que os responsáveis gastaram para escrever e revisar os



artigos, antes que eles fossem aprovados pelo Conselho da Federação. Por outro lado, pudemos encontrar evidências que demonstram que a motivação para tal atraso pode ter sido outra.

Assim sendo, por ocasião da estreia do Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, O Jornal do Brasil (14 dez. 1913, p. 18), ao comemorar a criação do regulamento da modalidade, demonstra que este é uma clara evolução dos sports no Rio. Ademais, o mesmo jornal nos fornece indícios de como os agentes do campo estavam distribuídos em relação às novidades que se delineavam:

No seio dessa importante collectividade **uma luta interna e tremenda** (porque é a da surdina) foi travada quando se levantou a idéa, hoje triumphante, da regulamentação do Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro; tanto mais util foi esta campanha, porque aos olhos dos que trabalham pelo engrandecimento do sport, pela defeza das tradições do nome e dos intuitos da F.B.S.R. **definiram-se perfeitamente as tres correntes de elementos que a constituem: os uteis e trabalhadores progressistas, os indifferentes e os amigos do carrancismo que se acastellam na vaidade**, sem razão de ser, de "eminentissimos legisladores do -sport nautico- resumido ás lutas do remo". (O JORNAL DO BRASIL, 14 dez. 1913, p. 13, destaque nosso).

Seguindo a mesma lógica, o Jornal do Commércio (17 mar. 1913, p. 6), ainda que classificando os grupos com outras nomenclaturas, também tratou de realizar comentários acerca dos agentes, assim como a tentativa de angariar parte do prestígio por ter trabalhado na campanha de divulgação dos esportes aquáticos, principalmente a natação:

Os que no Conselho da Federação, talvez trahindo de seu proprio Club, combateu toda a idéa nova, todo o espirito de iniciativa, apegando-se a disposições de um codigo feito para regatas, esquecendo-se que a lei basica da Federação são os seus estatutos e não os seus codigos e regulamentos: os que contrariam a evolução natural dos sports nauticos entre nós, oppondo-se á medidas uteis, necessárias ao seu engrandecimento: **os rotineiros, os defensores das ideas obsoletas, que pensam que o Sport Nautico que a referida sociedade propoz dirigir e diffundir resume-se unicamente ao "rowing"; esses e mais os indifferentes** devem hoje estar convencidos do seu erro do mal, do desserviço prestados por elles ao sport em geral e ao seu Club em particular, porquanto o sucesso obtido pelo jogo de water polo, o entusiasmo que a natação está despertando nos clubs federados é a prova mais eloquente da disposição de que todos elles se mostram animados em se tratando de adoptar, desenvolver e propagar exercicios beneficos para a cultura physica. (JORNAL DO COMMERCIO, 17 dez. 1917, p. 6, destaque nosso).

Se, por um lado, não conseguimos identificar em diversos momentos quais foram os agentes que deixaram de comparecer às reuniões pela criação dos

Concursos Aquáticos, assim como aqueles que faltaram às sessões de votação para a aprovação do regulamento de water polo, fica evidente, com as notas acima, que os cronistas esportivos enxergavam existir no interior da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, independentemente de como os denominavam, diversos grupos.

Primeiramente, havia aqueles que foram dispostos a lutar pelo “desenvolvimento”, a fim de trazer para a federação novidades esportivas, como o water polo, lisonjeados por serem “rotineiros” e “úteis e trabalhadores do progresso”; em segundo lugar vinham aqueles que não possuíam uma posição em relação à entrada de novas modalidades e competições na federação, os “indiferentes”; por fim, aqueles que, injuriados como os “defensores das ideias obsoletas” ou os “amigos do carrancismo, acreditavam que a FBSR deveria ser apenas a instituição do remo.

Não nos cabe aqui realizar um julgamento moral de qual dos lados está certo, mas compreender como tais fatos influenciaram o desenvolvimento do campo esportivo do water polo.

Nesse tocante, há dois comentários interessantes a se fazer. Primeiramente, em relação ao ato de lisonjear e/ou injuriar. Gostaríamos de aqui citar um texto de Pierre Bourdieu (2020) que não é comumente utilizado pelos pesquisadores dos estudos esportivos. Em suma – e que sejamos perdoados pela síntese em excesso, nas lutas de classificação, existem aqueles que são autorizados ou não a realizar classificações. Quanto maior o capital simbólico, maior é a chance de a classificação ser aceita pelo grupo; ademais, existem também classificações positivas e negativas, as quais, por sua vez, podem ter vindo de classificadores com alto grau de institucionalidade ou não.

Quadro 3 - Categorias de classificação

		INSTITUCIONALIZAÇÃO	
		-	+
POSITIVIDADE	-	INJÚRIA	CONDENAÇÃO PERPÉTUA
	+	LISONJA	NOMEAÇÃO OFICIAL

Fonte: BOURDIEU, 2020.

Assim sendo, apesar de os cronistas esportivos ligados a certos jornais, como o Jornal do Brasil e o Jornal do Commercio, serem autorizados a realizar classificações e que, em alguns momentos, estas sejam de fato aceitas pelos demais agentes do campo, ou seja, uma classificação que tem o poder de fazer crer e, portanto, de “recriar” a realidade concreta, o grau de institucionalização deste é baixo, afinal de contas não tem o poder de realizar nomeações oficiais ou “condenações perpétuas”.

Portanto, o ato de classificar os agentes como “trabalhadores uteis” ou “defensores das ideias obsoletas” não chega a ter o poder de fazer com que esses agentes sejam nomeados para cargos oficiais ou expurgados do campo, mas, sim, aumentar e/ou diminuir o capital esportivo de cada um dos agentes desses grupos. Por conseguinte, ao realizar tais classificações, os agentes engajados na autoria<sup>128</sup> acabam por reestruturar as estruturas estruturadas, conforme se confirma em Bourdieu (2020, p. 121): “Em minha interpretação, todas as palavras que estão relacionadas ao dizer são performativas; elas participam de uma luta pelo poder simbólico, quer dizer, para dizer o que existe e ao mesmo tempo para fazer existir o que existe<sup>129</sup>”.

Vale ressaltar que diversos agentes têm interesse em criar classificações. A questão acima parece similar ao caso em que certos agentes estavam a insultar Abrahão Saliture (verificar g. 110 desta dissertação) por supostamente ser um profissional. Em ambos os casos, parece-nos correto afirmar que “cada combatente busca impor o princípio de divisão e de percepção mais conforme às suas propriedades, o que lhe dará o melhor rendimento para essas propriedades” (BOURDIEU, 2020, p. 119).

No caso de Abrahão Saliture, os agentes em questão não puderam ser identificados; ainda assim, o ato de estarem classificando sem a “permissão” social de classificar, torna-os passíveis de serem classificados, conforme nos informa Bourdieu (2020, p. 122):

---

<sup>128</sup> Segundo Bourdieu (2020), citando Benveniste, a palavra “autor” vem de autoridade e é relacionada aos termos “fazer crer” e “incitar”.

<sup>129</sup> Pierre Bourdieu completa o raciocínio exemplificando: “Dizer com autoridade: “A Occitânia existe” é poder contribuir com a luta occitânica, mas se eu utilizar minha autoridade específica de sociólogo misturado com militante para dizer: “A Occitânia não existe”, posso desferir um duro golpe na luta occitânica (BOURDIEU, lb.).

As classificações que engajam apenas seu autor. A injúria ou o insulto, sobre os quais falei no começo, são tipicamente uma classificação *idios*, ou seja, particular. (...) aquele que se coloca em estado de classificar sem ser classificado como capaz de classificar, como fundamentado a classificar, sempre se expõe a ser malclassificado, a ser rejeitado como idiota ou louco”.

Em segundo lugar, destacamos que o esquema apresentado até o momento não é linear e estático. A luta de classificações vai depender de como a estrutura do campo está estruturada. Assim sendo, as classificações contra ou a favor da inserção de novas práticas corporais no seio da Federação foram realizadas de acordo com os diversos acontecimentos que vinham ocorrendo no interior do campo, por exemplo, os recém-realizados Concursos Aquáticos, a criação do Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, etc. Porém, bastou que aparecessem os primeiros problemas, e a narrativa midiática tratou de modificar-se, assim como as redes de possibilidade para o avanço da autonomia do water polo em relação ao campo.

Assim sendo, conforme foi citado no subcapítulo anterior, após algumas rodadas do campeonato, em que tudo ocorria bem, quando os cronistas esportivos esbravejavam elogios à organização do evento e a todo momento se mencionava a presença do diversificado público que comparecia para prestigiar os jogos de water polo, assim como os “players”, o JB nos informa que o water polo tem sido motivo de assunto em todas as rodas esportivas. O jornal ainda lamenta o motivo de tais menções não ter sido o brilhantismo e o progresso dos jogos, equipes e jogadores, mas a aplicação de penalidades contra jogadores indisciplinados de vários clubes. Ademais, o jornal considerou que o pior disso tudo, foi que:

Nessas discussões (quasi todas mal orientadas, ou por paixão e má fé, ou por ignorância das regras desse sport novo para o Rio, ou por desconhecimento do regulamento que rege esse certâmen, bem como das leis básicas da Federação do Remo), os interessados arrastam a boa-fé de alguns chronistas de sport e chegam a ponto de não poupar o character e a honorabilidade de pessoas que trabalham e se sacrificam pelo sport, obsequiosamente e por favor (JB, 5 jan. 1915, p. 11).

Num primeiro momento, não pudemos identificar exatamente qual foi o ato que as rodas esportivas trataram como passível de penalidades, mas logo apareceram as primeiras evidências. O jornal O Imparcial recebeu uma longa carta escrita por Oswaldo Palhares (do Clube de Regatas do Flamengo), que além de

elatar o ocorrido, tece diversas críticas ao que o jornal denominou de “a questão do water polo”. No que diz respeito às penalidades, informou-nos:

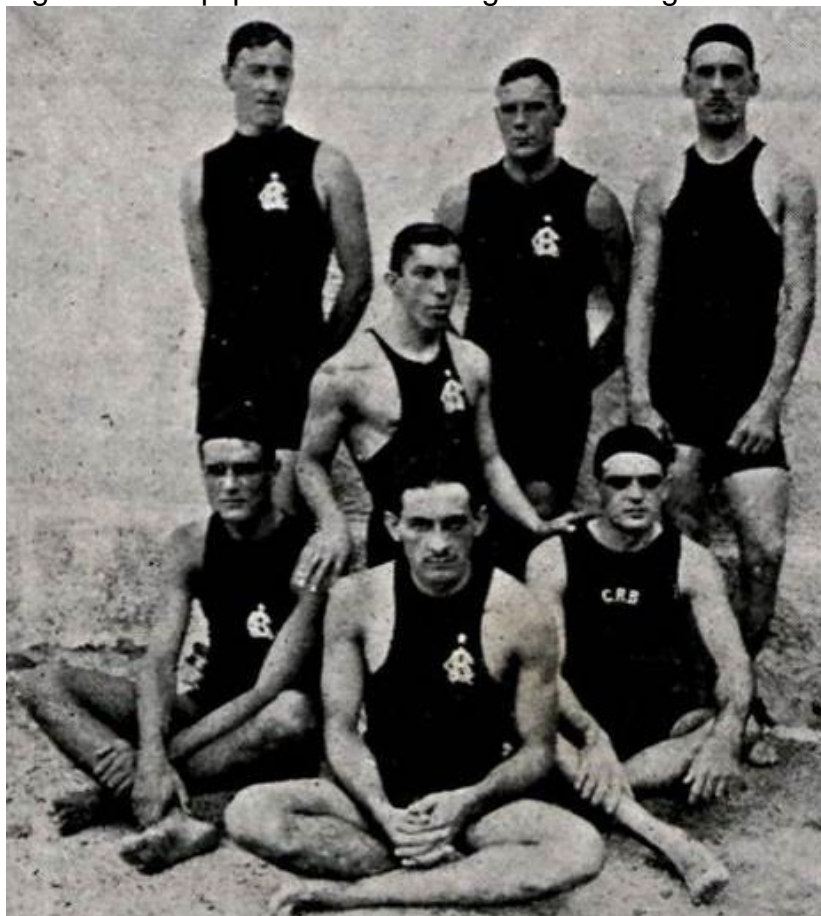
A questão partiu por ter o sr. Flavio actuado como arbitro do "match" Botafogo-Vasco, e, em boletim enviado à comissão de "water-polo", declarado que havia sido offendido gravemente por alguns socios que compunham o "team" do Vasco da Gama, que nem sequer reconheceram a sua qualidade de director da Federação. (O IMPARCIAL, 7 fev. 1914, p. 6).

Vale ressaltar que o não reconhecimento por parte do Vasco da posição de diretor que Flávio Vieira exercia se dá pelo motivo de que, a depender da circunstância, ele comparecia às competições ora como cronista esportivo do Jornal do Commercio, ora como representante do Flamengo na Federação, e, ainda, como árbitro da competição, como também, pelo fato de em tese ter abdicado de seu cargo de diretor da Federação fazia pouco tempo. Ademais, a nota abaixo elucida as consequências das ações indisciplinares contra o juiz:

Conforme anunciamos deviam-se realizar quinta-feira duas provas officiaes: uma não se realizou por não ter um dos clubs apresentado á hora a sua "equipe"; outra acabou em tristissimo espectáculo que não merece as honras do noticiario nesta secção de sport e de "sportmen"; deu aso a que com toda a justiça fosse uma "equipe" suspensa por dous jogos e fosse um jogador punido mais severamente (Jornal do Brasil, 5 jan. 1914, p. 11).

Considerando que o JB anunciou que a dita confusão ocorreu numa partida na quinta-feira (dia primeiro de janeiro, conferir o Anexo C), o que foi confirmado posteriormente pela carta de Oswaldo Palhares, conclui-se que tal jogo foi disputado entre as equipes do Botafogo e do Vasco da Gama. Ademais, para além da equipe cruzmaltina, o jogador também punido foi o Senhor Paula e Silva (JB, 13 jan. 1913, p. 12).

Figura 60 - Equipe do Club de Regatas Botafogo



Fonte: Revista Fon Fon, 25 abr. 1914, p. 9

Ressaltamos que, alguns dias antes do ocorrido, o Jornal do Brasil (29 dez. 1913, p. 10) havia realizado uma série de recomendações aos árbitros para que os jogos pudessem transcorrer da melhor maneira e, com o episódio em questão, o jornal fez questão de reiterar suas advertências, evidentemente, em tom profético:

Achavamos de dever aconselhar aos “referees” que actuam nas provas do Campeonato de Water Polo, usar mais energia. Com isto só podem lucrar os “referees”, porque terão autoridade para executar as suas decisões sem direção a sua discussão prévia pelos jogadores; lucrarão os jogadores porque só assim poderão aperfeiçoar-se e melhorar; lucrará a Federação de Remo porque os seus convidados e o publico apreciarão uma disciplina rigorosa e excelente jogo nas provas officiaes do Campeonato de Water Polo, sob sua direção.

Ainda, o Jornal do Brasil por ocasião da confusão realizou, novamente, uma série de conselhos para as diversas instâncias responsáveis pela organização do Campeonato de Water Polo, a saber, a Federação, a Comissão Especial e os juízes. Apesar de a nota ser longa, consideramos importante a sua divulgação na íntegra,

dado o fato de o jornal ter conseguido compreender com perspicaz domínio questões que vinham ocorrendo e, mais uma vez, adiantar problemas que viriam logo à frente.

O Water Polo é um "sport" novo para o Rio e sendo assim não é estranhavel que se diga francamente: entre todos os jogadores que estão disputando o novo "certamen" organizado pela F.B.S.R. não ha 10 (dez) que pratiquem o novo "sport" dentro de todos os seus preceitos.

Supponhamos que o número de jogadores resgistrados pela comissão de Water Polo seja de 100, pelo menos. Não conhecemos mais de seis pessoas que estejam em condições de arbitrar com segurança nas provas de Water Polo. Ora, a diferença numerica é desproporcional: attendendo-se a ella, nunca tem razão os Juizes que passam a ser os ignorantes.

Conselho da F.B.S.R. é que não pode no inicio de organização de um "certamen" negar a autoridade de que carece a commissão incumbida da sua direcção immediata, desconsiderando assim, aquelles mesmos que mereceram ser eleitos poucos dias antes. Se o fizer arrisca-se a não encontrar outra commissão, a não ter Juizes competentes para as provas do Water Polo e a contribuir para que o Campeonato deixe de realizar-se por alguns annos.

À commissão deve pedir o Conselho, o fornecimento de instrucções necessarias aos "referees" para que estes usem da maior energia em bem do nosso "sport" da sua sorte no Rio, organizado em Campeonato e para o bom nome da Federação.

Dizendo assim, não nos esquecemos de que, se os Juizes procederem com essa intransigencia assistiremos a algumas provas, não de campeonato, mas de instrucção a jogadores.

Tanto melhor: a base solida dos conhecimentos e da disciplina ficarão e teremos brilhante a segunda parte do Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro (JB, 5 de jan. 1914, pg. 11).

A longa nota transcrita reflete estranha lucidez e divide-se em ao menos 4 partes: i) realiza uma análise dos agentes envolvidos com o campo do water polo e constata que poucos são capazes de compreender os preceitos do jogo e, portanto, arbitrar com segurança; ii) pede que o Conselho da Federação forneça uma maior autonomia, tanto para a Comissão de WP, como para os árbitros; iii) pede que a Comissão solicite ao conselho melhores formas de instruções aos juizes; e, por fim, iv) defende uma participação por parte dos juizes mais “dura” e “educativa”, considerando que tais ações em longo prazo melhorariam o andamento do campeonato.

Conforme mencionamos acima, a clareza que o cronista esportivo (que não pudemos identificar) possui da realidade em que se encontrava o water polo fez com que não apenas se delineasse o que vinha ocorrendo, mas anrecipasse alguns pontos que logo ocorreriam.

O primeiro deles diz respeito à autonomia da Comissão de Water Polo. Após a tal confusão ocorrida durante o jogo entre Botafogo e Vasco no dia primeiro de janeiro, a Comissão Especial de Water Polo decidiu por penalizar o clube cruzmaltino em dois jogos, como também o jogador Paula e Silva. Segundo o Jornal do Brasil (5 jan. 1914, p. 11), o Vasco da Gama iria discutir o caso com a instância superior, ou seja, o Conselho da Federação. Nesse sentido, o JB parte em defesa do clube: “É razoável que o faça, sem, entretanto, endossar ou responsabilizar-se pelo procedimento de meia duzia dos seus associados que de forma alguma podem representar a sua honra e a sua dignidade colectiva”.

Ademais, conforme informado pelo JB (13 jan. 1914, p.12), além de o Vasco ter entrado com recursos, o jogador Paula e Silva iria recorrer da penalidade concedida a ele. Mais uma vez, o jornal nos fornece explicações sobre o que de fato está em jogo nessa questão: “Qualquer que seja a decisão do conselho, a penalidade disciplinar da comissão já foi executada; resta, entretanto, para o fim da questão, o dilemma: o lado moral da pena para o jogador e o prestígio de autoridade para a comissão”.

Pois bem, após a Comissão Especial de Water Polo aplicar as sanções devidas e os afetados irem à instância superior recorrer, o Conselho da Federação decidiu acolher as penalidades executadas pela comissão, com exceção daquela prevista para o Clube de Regatas Vasco da Gama (suspensão de dois jogos, sendo esta apenas aplicada ao capitão da equipe) (JB, 16 jan. 1914, p. 10).

Mais uma vez, em tom profético, o JB relembra que avisou que o que estava em jogo era o prestígio da Comissão Especial e que, portanto, “julgando-se melindrada, a comissão hontem reunida, resolveu demittir-se collectivamente” (JB, 16 jan. 1916, p. 10).

Logo, na próxima rodada da competição, em 18 de janeiro de 1914, tanto a equipe do Vasco como a do Flamengo, que jogariam entre si, faltaram à partida. Segundo o Jornal do Brasil (19 jan. 1914, p. 10), a motivação do boicote ocorreu por conta da demissão da Comissão Especial. Vale ressaltar que a equipe do Vasco da Gama estava sendo privilegiada pela decisão do Conselho da Federação; ainda assim, ao menos discursivamente, aderiu ao boicote por ter a comissão sido desprestigiada. Obviamente, não podemos deixar de considerar que o real motivo



da saída do clube cruzmaltina possa ter sido pela desvantagem de ter dois jogos a menos em relação aos adversários. Enfim, ambas as equipes acabaram por abandonar o primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro.

Por fim, tal questão parece ter se desdobrado em algumas “frentes”. Primeiramente, iremos nos ater a uma proposta que tinha como base a reorganização da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, cujo proponente foi o Jornal do Brasil.

Em síntese, a reorganização da F.B.S.R. (consultar Anexo D) tinha como objetivo a revisão dos Estatutos, do Código de Regatas e do Regulamento de Water Polo. A motivação de tal reorganização dizia respeito a uma série de tomadas de decisão realizadas pelo Conselho da Federação que contradiziam os Estatutos e o Código de Regatas. Ora, a base argumentativa dos defensores da reorganização é de que tais tomadas de decisão relativizavam e desobedeciam a questões que os documentos supracitados eram taxativos e não permitiam dubiedade em relação a sua interpretação. Por fim, argumentou-se que são exatamente tais documentos que norteiam as relações entre os clubes e que o seu não cumprimento colocava em xeque o convívio e a estabilidade entre as agremiações (JB, 26 jan. 1914, p. 10).

O Jornal do Brasil (1 fev. 1914, p. 18) republicou em sua seção esportiva os comentários do Jornal do Commercio:

"As constantes alterações que ultimamente tem soffrido os estatutos e o Codigo de Regatas da Federação estão claramente a indicar que elles já não satisfazem as actuaes necessidades do "sport" nautico".  
 (...) sem dúvida, a reforma das muitas das leis daquela sociedade, ellas já não comportam as imposições do momento sportivo intenso e promissor porque atravessamos. A remodelação dos Estatutos e a criação dos codigos de regatas, de natação e de Water Polo, vasados em bases amplas, de accordo com as necessidades actuaes destes "sports" é um facto que se impõe.

Da mesma forma que o Jornal do Brasil, o Jornal do Commercio defendeu a tese de que a reorganização da Federação era um importante passo para o desenvolvimento do esporte marítimo (náutico e aquático), e complementou informando que no interior da Federação já havia agentes atuando para a aprovação da reformulação dos principais documentos que regiam a F.B.S.R.:

(...) O progresso que temos alcançado no campo de "rowing", o desenvolvimento dado ultimamente pela Federação com diferentes ramos de "sport" sob a sua direcção, as relações internacionaes que estamos creando com as sociedades nauticas estrangeiras exigem(...)

É um bello trabalho a que se devem entregar os Srs. membros da nossa Federação de "sports" nauticos desde já.  
E folgamos em saber que no seio da Federação já ha quem se esforce para que esse trabalho seja levado a effeito dentro de pouco tempo.  
Oxalá que tão excellente iniciativa seja coroada dos melhores resultados.  
Os sports marítimos terão a lucrar. (JORNAL DO COMMERCIO APUD JB, 1 fev. 1914, p. 26).

Após a circulação das primeiras ideias sobre a reorganização da Federação, o assunto esfriou e ficamos durante algumas semanas sem ter notícias sobre ela. Contudo, em primeiro de março de 1914, o Jornal do Brasil lançou mais uma longa nota defendendo a necessidade de mudanças na organização da F.B.S.R.

Ao que tudo indica, o tempo de reaparecimento da discussão foi de fato planejado por parte da mídia impressa a fim de que pudesse deixar a ideia circular pelo campo social e fazer com que a “poeira” abaixasse. Porém, nesse meio tempo, outras notícias em relação ao andamento do campeonato puderam ser encontradas, ainda que não tivessem questões que pudessem contribuir com o debate proposto nesse momento do subcapítulo. De acordo com o JB: “Muito de proposito deixamos passar a phase aguda da discutiddima questão a que deu aso uma decisão da Comissão Especial de Water Polo e que ia acarretando tristíssima crise para a Federação Brasileira das Sociedades do Remo” (JB, 1 mar. 1914, p. 26).

Publicado no Editorial de Domingo da Seção de “Sports” do Jornal do Brasil, com o título “Por que o Water Polo não alcançou o sucesso esperado”, a longa nota introduziu o texto narrando os primeiros passos do aparecimento do Water Polo, dos Concursos Aquáticos até a criação do primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, passando pela eleição de membros da Comissão Especial até a elaboração dos regulamentos, inclusive reiterando o descaso por parte de certos membros do Conselho da Federação na participação da efetivação desse esporte no seio da F.B.S.R. Após longas críticas ao processo de desenvolvimento do esporte no Rio de Janeiro e comparações em relação a como se deu a regulamentação do Water Polo com o de outros esportes, como o tênis e os jogos atléticos, a conclusão óbvia era a tão aclamada reorganização da Federação Brasileira das Sociedades do Remo (JB, 1 mar. 1914, p. 26).

Elencamos a tese defendida por nós anteriormente, de que, a depender da atual estrutura do campo, os agentes envolvidos tender a aprumar o seu discurso de modo de atender o principal propósito de todo agente num campo: o acúmulo de

capital simbólico específico. Se, outrora, os cronistas esportivos viam os responsáveis pela inserção do water polo no Campo Esportivo como “úteis e trabalhadores ao progresso” e aqueles que se opunham como “amigos do carrancismo”, hodiernamente, o discurso mudou radicalmente, assumindo, agora, a defesa de que o regulamento de water polo fora realizado de forma apressada e mal feita, conquanto o meio esportivo não estava preparado para recebê-lo.

Ainda que se continuasse defendendo o water polo como prática útil e salutar e os agentes envolvidos no processo de inserção como bem intencionados, pode-se encontrar na mídia impressa, notadamente no Jornal do Brasil, duras críticas em relação à forma como o esporte foi inserido no campo esportivo, tendo sido considerado como prematuramente regulamentado e institucionalizado, sem ter sido plenamente compreendido e praticado pelo campo esportivo. Reiterou-se o fato de os agentes (ao menos uma parcela destes) envolvidos no processo de institucionalização não serem conhecedores da modalidade, como também uma crítica à má vontade por parte do Conselho da Federação em discutir a criação da Regulamentação do Water Polo na instituição do Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro.

É interessante a brusca mudança por parte do Jornal do Brasil em relação ao modo como os acontecimentos, anteriormente ocorridos, poderiam ser narrados. Recomendamos fortemente a leitura do “Anexo E”, com fins de comparação dos recursos narrativos utilizados nesse segundo momento, quando os “ventos” não sopravam a favor do water polo.

A segunda “frente” de desdobramento, ocorrida por ocasião da “questão do water polo”, carece um pouco mais de fontes; ainda assim, há de se ter uma prospecção de suas motivações. Assim sendo, voltemos à carta enviada por Oswaldo Palhares ao jornal O Imparcial em 7 de fevereiro de 1914. Antes de mais nada, é válido ressaltar que Oswaldo Palhares e Flávio Vieira faziam parte da mesma associação esportiva, o Clube de Regatas do Flamengo, e que a discussão entre ambos demonstra uma clara cisão entre dois grupos internos do clube em relação às estratégias que deveriam ser adotadas, considerando-se a não autonomia da Comissão Especial de Water Polo em relação ao Conselho da Federação.

A carta supracitada foi dividida por seu próprio autor em dois momentos. A primeira tratava de expor, de forma crítica, a atitude de Flavio Vieira em relação à “questão do water polo”. Já a segunda parte teve como objetivo responder a uma notícia publicada pelo Correio da Manhã.

Ainda em relação às atitudes de Flavio Vieira, é válido lembrar que ele era o cronista esportivo do Jornal do Commercio e, ao que tudo indica, as opiniões emitidas por esse veículo se assemelhavam às do Jornal do Brasil. Em diversos momentos é nítida a relação entre os dois jornais, ao menos no que diz respeito aos assuntos esportivos, notadamente, aos esportes náuticos. Vamos nos ater, agora, principalmente na primeira parte da carta.

Após explicar o motivo da confusão que acabou por ocasionar a penalidade contra o Vasco da Gama e, por sua vez, a demissão da Comissão Especial, que ficou conhecido como “a questão do water polo”, Oswaldo Palhares tratou de relatar diversos outros pontos. Em primeiro lugar, que os sócios do CRF, num primeiro momento, demonstraram solidariedade com Flávio Vieira por conta das ofensas recebidas e, portanto, mantiveram-se firmes no ponto de vista de que o clube apenas voltaria a disputar o campeonato se o problema fosse resolvido (O IMPARCIAL, 7 fev. 1914).

É válido ressaltar, acerca dessa questão, que o JB (19 jan. 1914, p. 10) havia anunciado que possivelmente o Conselho da Federação iria reconsiderar suas decisões, pois, “a disciplina exige sua revogação”. Dado que, segundo o JB, em 4 de fevereiro do ano corrente, o CRF enviou um ofício à Federação pedindo sua retirada do Campeonato de Water Polo, podemos imaginar que o Conselho da F.B.S.R. não o revogou ou que houve algum outro problema.

Seja como for, a questão é que, para Oswaldo Palhares, mesmo que num primeiro momento os sócios do Flamengo tivessem agido em defesa de Flavio Vieira, num momento posterior teve posturas que não andavam em conformidade com o que se esperava de um sportman. A se saber, inúmeras são as acusações (O IMPARCIAL, 7 fev. 1914):

- i. Que Flavio Vieira dirigia os jogos de water polo ainda que não fosse mais da Comissão Especial;

- ii. Que a Comissão Especial somente foi voto vencido na questão da penalidade contra o Vasco da Gama, pois, Flávio havia abandonado a sessão de votação antes de seu início, demonstrando assim, ter interesses que aquela votação não fosse vencida;
- iii. Que o mesmo havia aceitado o cargo de Vice presidente da Comissão Especial por vaidade, dias depois da demissão da Comissão em defesa do próprio Flávio e, ademais, ocupou esse cargo mesmo contra a vontade da diretoria do Flamengo;
- iv. Que Flávio Vieira continuava como Secretário da Federação, mesmo após renunciar a este cargo.

Por fim, considerando as atitudes acima expostas em carta por Oswaldo Palhares, a diretoria do Flamengo pediu que Flávio Vieira se explicasse, o que, no final das contas, resultou na demissão deste do quadro societário do Clube de Regatas do Flamengo.

Evidentemente, tamanhas acusações realizadas por Oswaldo Palhares contra Flávio Vieira não ficariam sem retorno. Assim sendo, em 9 de fevereiro de 1914, o mesmo jornal publica na íntegra o direito de resposta do acusado. Em síntese, a contestação se deu da seguinte forma:

- a) Em relação ao ponto i - Flávio Vieira argumenta que, no jogo referido, estava presente na partida não como representante da Comissão, pois esse papel era exercido pelo presidente da Federação Ariovisto Rego, mas apenas como jornalista;
- b) Em relação ao ponto ii - Flávio se defende dizendo que de fato saiu da sessão da federação por negócios particulares, mas o fez, pois havia sido decidido nela que a questão do water polo seria discutida em outra reunião;
- c) Em relação ao ponto iii - Flávio replica lembrando que, para o cargo de Vice-presidente da Comissão Especial, a indicação teria sido dada pelo próprio Oswaldo Palhares (que, aliás, era o antigo detentor do cargo) e que só aceitou após ter se dado por satisfeito com as explicações recebidas;

- d) E, por fim, em relação ao ponto iv – Defende-se dizendo que fez o mesmo que o presidente do Clube de Regatas do Flamengo, o senhor Virgílio Leite, também ocupante de outra cadeira de diretor na Federação, ou seja, que ambos enviaram a renúncia para a F.B.SR., porém, não tendo esta aceitado de imediato, ficaram por mais uma (1) semana no cargo a fim de que não deixassem suas responsabilidades ao relento.

Por fim, em relação à saída de Flávio Vieira do Clube de Regatas do Flamengo, reiterou a decisão tomada por parte do clube, justificando que não poderia mais atender aos desejos de seu antigo clube, portanto cada um deveria seguir pelo caminho que decidiu trilhar. Oras, é nítido que havia dois grupos distintas opiniões acerca da resolução da “questão do Water Polo”. Logo mais à frente, delinearemos melhor este ponto.

Vale ressaltar, conforme já defendido nessa dissertação, que o campo esportivo é pertencente ao campo de produção cultural; assim sendo, em muitos momentos se comporta conforme as sociedades pré-capitalistas e que, “em decorrência desse trabalho constante de transfiguração, a economia dos bens simbólicos é uma ‘economia fluida e indeterminada’ que se apoia no ‘tabu da explicitação’” (SAPIRO, 2017). Ou seja, a todo momento, os agentes desejam tornar as trocas simbólicas irreconhecíveis, portanto o desvelamento das ações desses agentes, não como interesse desinteressado, mas como interesse interessado, afeta o senso de honra dos mesmos agentes.

Independentemente da questão acerca das acusações realizadas por Oswaldo Palhares contra Flavio Vieira, que resultaram, obviamente, em sua auto defesa, parece que todas essas questões buscavam na realidade não ir direto ao ponto central, ou seja, que ambos os agentes do Clube de Regatas do Flamengo na realidade estavam defendendo diferentes projetos para o water polo no interior do campo esportivo.

Evidentemente, Flávio Vieira estava ao lado daqueles que defendiam uma reorganização da Federação Brasileira das Sociedades do Remo a fim de que esta melhor abarcasse as novas práticas esportivas que chegavam ao seu interior. Daí a importância de se aprovar a reformulação de Estatutos, Códigos e Regulamentos.

Contudo, assim sendo, qual projeto era defendido por Oswaldo Palhares e seus colegas do Clube de Regatas do Flamengo?

Ambas as cartas publicadas nos fornecem indícios, ainda que sem grandes detalhes, das intenções deles. Flavio Vieira concluiu seu direito de resposta afirmando que estava trabalhando pelo interesse geral do esporte, submetendo-se às decisões do Conselho da Federação, “que é soberano”. Já o Flamengo, “que tanto se proclamou defensor acérrimo da disciplina”, insurge-se contra os atos do Conselho, primeiramente, ao declinar do Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, mas, principalmente, por pensar em fundar uma liga esportiva (O IMPARCIAL, 9 fev.1914).

A insinuação de Flavio Vieira sobre a ideia de uma liga esportiva é corroborada pela carta de Oswaldo Palhares:

Finalizando, peço venia para aconselhar ao redactor do "Correio da Manhã" que pelas columnas do seu jornal acalme o espirito desasocegado do sr. Flavio, que tanto teme **a morte do "water-polo"** e dou-lhe permissão para declarar ao mesmo senhor, que se tivesse agido de accordo com a directoria do Club Flamengo, talvez, **já tivesse sido implantada entre nós uma Liga de "water-polo", isenta da má vontade de alguns representantes da Federação, que só a querem ver dirigindo o "rowing"**.

Possuimos elementos seguros e de exito, filiação de clubes de remo, como de "foot-ball", finalmente, o essencial para uma victoria completa, dependendo tudo do fracaso do "water-polo" na federação

Era assim que queriamos fazermos embaraçar os passos (O IMPARCIAL, 7 de fev. de 1914, pg. 6, destaque nosso).

Figura 61 - Time do CRG



Fonte: Revista Careta, 20 jan. 1917, p. 19.

Ainda em relação aos resultados do primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro - temporada 1913/1914, para além da saída do Flamengo e do Vasco, o Club de Regatas São Christovam também se retirou, ao que tudo indica, não em relação ao boicote promovido pelos demais clubes, mas, segundo o Jornal do Brasil (11 fev. 1914, p. 11) devido ao número insuficiente de jogadores. Ademais, a equipe que se sagrou campeã dos primeiros “teams” foi a do Club de Natação e Regatas, enquanto que a dos segundos “teams” foi o Club de Regatas Guanabara (JB, 6 maio 1914, p. 13).

Figura 62 - Time do São Cristóvão



Fonte: Revista Careta, 17 jan. 1914, p. 22.

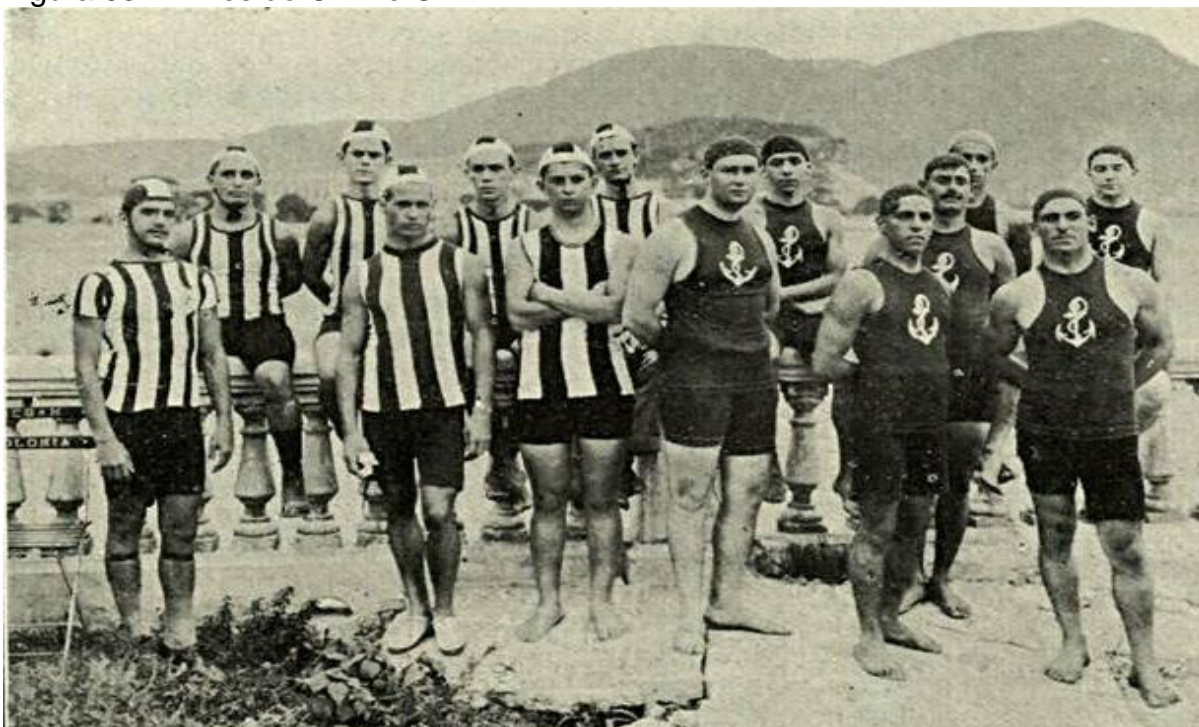
Para terminar, após o fim do campeonato, a Federação marcou um jogo amistoso entre a equipe campeã e um combinado entre os jogadores das demais equipes que se mantiveram no torneio. O encontro, marcado para 12 de abril do ano corrente, foi considerado um momento festivo para se encerrar a temporada. O “scratch” organizado para enfrentar o CNR estava da seguinte forma organizado: Titulares: Weber (CRI), Décio (CRG), Marinho (CIR), Friese (CRI), Lerverett (CRB), Friedham (CRB), Muniz (CRG). Reservas: Rubem (CRG), A. Macedo (CRB), Torres (CRG), Alcides (CRB), Leite Ribeiro (CRG), Bucheret (CRI), Veiga (CIR). A partida ocorreu na bacia da Urca, provavelmente, a já citada “piscina”, onde hoje se encontra o “quadrado da Urca”, que funciona como estacionamento para barcos,



principalmente de pescadores e passeios turísticos (GAZETA DE NOTÍCIAS, 2 abr. 1914, p. 4).

Ainda em relação ao jogo amistoso, o Jornal do Brasil (5 abr. 1914, p. 17), considerou que o “Grande Match” seria uma belíssima forma para o encerramento da temporada e nos informa como estava constituída a equipe do Clube de Natação e Regatas: Paulo Pinto, Alcino Moura, João Zagari, Abrahão Saliture, Henrique Morize, Jorio, Angelo Gamaro.

Figura 63 - Times do CNR e CIR



Fonte: Revista Careta, 20 dez. 1913, p. 16.

Figura 64 - Campeonato de Water Polo temporada 1913/1914



Fonte: O Imparcial, 19 jan. 1914, p. 1 (capa).

Após o fim do primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, não pudemos localizar qualquer menção à intentona flamenguista. Já em relação à reorganização da Federação, percebe-se uma lenta reformulação dos Códigos, Regulamentos e Estatutos, inclusive, no decorrer de 1915.

Acerca dos dois agentes do Clube de Regatas do Flamengo, Oswaldo Palhares e Flavio Vieira, sabemos que o segundo, ao sair do CRF, filiou-se ao Club de Regatas Botafogo e, na temporada seguinte, não ocupou nenhum cargo na F.B.S.R., enquanto o primeiro ocupou a cadeira de diretor na Comissão de Regatas e Comissão de Sindicância (JB, 27 jan. 1915, p. 10). Ao que tudo indica, ainda que não tenha logrado êxito na elaboração de uma Liga de Water Polo independente da Federação, Oswaldo Palhares conseguiu acumular certo capital esportivo, ao menos para ocupar o cargo de diretor em duas diferentes comissões da Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Em relação à reformulação de Estatutos, Códigos e Regulamentos na F.B.S.R., não foi possível averiguar como tais mudanças de fato influenciaram numa melhora concreta para o water polo. Não podemos deixar de descartar a possibilidade de que eles somente foram reorganizados a fim de desestabilizar qualquer tentativa de organização de uma Liga de Water Polo.

Essa hipótese é interessante (ainda que seja meramente especulativa), pois demonstra uma das características da Teoria do Campo de Pierre Bourdieu, a saber, o interesse por parte dos agentes do campo em que o campo exista para que possa existir disputa de poder simbólico, ou seja, uma “cumplicidade objetiva” (BOURDIEU, 1983, 2004).

Apesar de os agentes hegemônicos do campo esportivo terem realizado uma série de estratégias, conforme informação do Jornal do Brasil no Editorial que buscou classificar os agentes de acordo com as suas estratégias, por exemplo, em atrasar os Concursos Aquáticos e na tentativa do mesmo intento em relação ao Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, assim como, o desinteresse interessado em ter os esportes aquáticos na Federação, como também o (possível) não interesse de que o Water Polo se desenvolvesse como Liga à parte da F.B.S.R, era preferível, ainda, que eles continuassem na jurisdição da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, pois, assim, os mesmos agentes continuariam na posição de dominantes em relação àqueles que pretendiam organizar-se autonomamente.

É válido ressaltar que, apesar de não encontrarmos, na estação calmosa, um prosseguimento das discussões acerca dos desfechos que a “questão do water polo” poderia vir a acarretar, no final do ano de 1914, agora, já se constituindo como uma nova temporada (1914/1915), é possível perceber, embora tardiamente, um possível “revide” por parte da Federação em relação aos esportes aquáticos, recém-estreados nos programas da Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Assim sendo, em 7 de outubro de 1914, o Jornal do Commercio anunciou que estava marcado para 22 de novembro o início do segundo Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro. Na mesma nota, o jornal lembrava os associados das agremiações esportivas do art. 19 do Regulamento de Water-Polo:

Ninguém poderá jogar por um Club sem que seu nome esteja registrado na Federação, como amador, e inscripto durante trinta dias no livro de inscrição a cargo da comissão de Water-Polo, com igual periodo de residencia na Capital ou em Nitherohy

Porém, pouco mais à frente, o Jornal do Brasil reproduziu uma notícia que teria sido publicada em primeira mão pelo periódico “Brasil Sport” (recém-criado, infelizmente, não pudemos encontrar maiores informações acerca deste periódico), informando que, provavelmente, o Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro,

temporada 1914/1015, não iria se realizar. Aliás, não apenas o torneio de water polo, mas toda a temporada de verão dos esportes aquáticos (JB, 1 nov. 1914, p. 11).

A principal justificativa dada pela Federação Brasileira das Sociedades do Remo dizia respeito às finanças da Federação. O JB complementa informando que, na temporada passada, a realização do Campeonato de Water Polo havia dado prejuízo à F.B.S.R. por conta da deficiência na organização e por outros motivos (JB, 1 nov. 1914, p. 11).

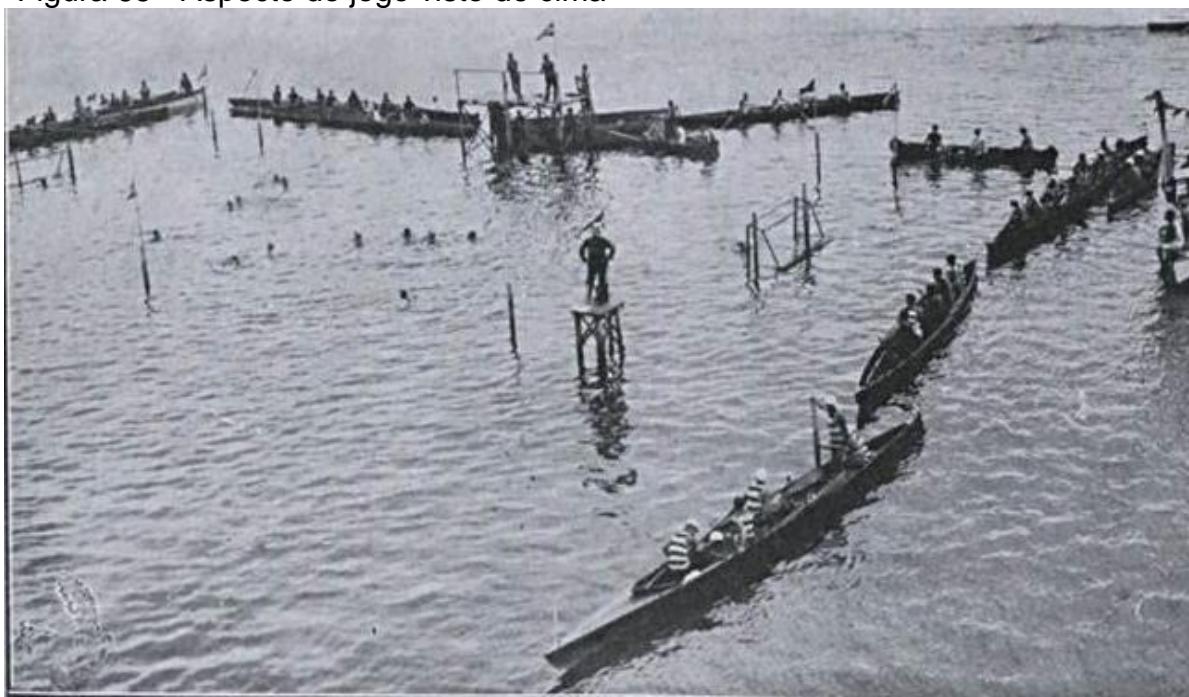
Assim sendo, o referido jornal traça uma retrospectiva dos principais problemas do ano anterior, citando como exemplos o não preparo por parte da Federação em realizar os Concursos Aquáticos e o Campeonato de WP, a não contemplação dos regulamentos da F.B.S.R. em relação aos demais esportes aquáticos recém-chegados a essa instituição, como também os problemas na autonomia, denominada pelo jornal como “choques de autoridade, por má definição dos poderes” (JB, 1 nov. 1914, p. 11).

Destacamos que, até o momento, os argumentos utilizados pelo JB a fim de justificar a não realização dos torneios de verão para os esportes aquáticos não dizem respeito, exatamente, a questões financeiras, mas a uma visão utilitarista com argumentação baseada no fato de que não deveria haver campeonato, pois não haveria amadurecimento no campo para tal.

A bem da verdade, mais à frente, o Jornal do Brasil elenca os diversos gastos que estariam envolvidos na organização de tais eventos, dentre os quais destacamos aqueles relacionais ao water polo:

1. Preparo para o local da competição;
2. O quadro de madeira (SIC), lanchas para a competição e os convites;
3. Construção e conservação do local das provas, o quadrado da Urca;
4. Redes flutuantes, pavilhão para os convidados e o tablado para os Juízes;
5. Despesas de secretaria e expediente e compra de medalhas.

Figura 65 - Aspecto do jogo visto de cima



Fonte: Revista Careta, 8 jan. 1916, p. 21.

Evidentemente, devemos considerar que, a essa altura, a Primeira Guerra Mundial já havia sido deflagrada, e não podemos descartar que, mesmo estando no início, a guerra pode ter gerado pressão inflacionária em produtos básicos, queda no poder de compra e, conseqüentemente, aumento do custo de vida. Ainda assim, conforme veremos abaixo, diversas foram as propostas que tentaram oferecer soluções para se superar os problemas econômicos da Federação.

A primeira dessas propostas partiu do representante do Club de Natação e Regatas no Conselho, o Sr. Lamartine Alves. Segundo esse agente, os gastos para os Concursos Aquáticos e o Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro poderiam advir de uma contribuição de 50 mil réis de cada clube, como também de cada representante das agremiações no Conselho, totalizando assim a quantia de 1 conto de réis. Lamartine Alves defende ainda que a quantia seria suficiente para cobrir gastos para dragar parte da enseada, criando, assim, um espaço extra para jogos, para que se pudesse cobrar ingressos, gerando assim uma renda extra para a Federação.

A fim de comparação, Lobo *et al.* (1971) nos fornecem a informação de que o salário mensal máximo de um trabalhador da indústria têxtil no Rio de Janeiro em 1908 era de 60 mil réis; por sua vez, o aluguel de uma casa, pertencente à fábrica,

para 4 pessoas, correspondia a cerca de 50% do salário desse mesmo operário. Ainda que a conversão monetária seja de difícil cálculo, tal operação nos permite ter uma noção dos valores para a época.

Segundo o Jornal do Brasil (1 nov. 1914) a proposta de Lamartine Alves foi recebida pelo Conselho da Federação com certo desdém, o que fez com que ele declarasse que, assim sendo, seria melhor que se fechasse a Federação.

Ainda na mesma edição, o Jornal do Brasil (1 nov. 1914) realizou a sua própria proposta, a qual consistia em uma série de 4 questões: cobrança de taxa de inscrição dos clubes que participariam do campeonato; mensalidades dos clubes para a federação; taxa de registro anual dos jogadores; e cobrança de entrada do público no Pavilhão de Regatas.

Vale ressaltar que o próprio jornal sabia que o último ponto seria o mais controverso; assim, tratou logo de explicar como tal cobrança poderia ser efetuada, inclusive no que diz respeito à permissão da Prefeitura para isso:

Este quarto capítulo vae provocar esta resposta:- a Prefeitura não consentirá no fechamento do Pavilhão ao Público e a Federação pelo auxilio que della recebe não pode cobrar entradas nas suas festas.

Discutamol-a:

A federação não fechará o Pavilhão para ganhar, para auferir lucros e sim para salvar as despezas. Basta para conseguil-o, fazer disputar o Campeonato e realizar os concursos Aquaticos, em beneficio de uma instituição de caridade.

O Sr. Prefeito, bem como o Conselho Municipal, de certo a isso não se opporiam.

Como economia a Federação deve supprimir as medalhas de odas as series e instituir taças e diplomas para os clubs (JORNAL DO BRASIL, 1 nov. 1914, p. 11).

Não pudemos encontrar críticas à proposta do Jornal do Brasil; mesmo assim, na semana seguinte, o JB informava ser quase certo que nem Concursos Aquáticos, nem o Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro seriam realizado; ainda pior: seriam adiados “sine die”, ou seja, sem uma data futura prevista. O jornal complementa informando que o impasse teria preocupado um grande número de remadores (JB, 8 nov. 1914, p. 10).

Cerca de um mês depois dessa última notícia, já no mês de dezembro, pudemos encontrar uma longa nota no Jornal do Commercio (8 dez. 1914, p. 4), avisando que os Concursos Aquáticos seriam levados a cabo no final do mês corrente. No programa do torneio estava prevista uma prova de Water Polo, não entre clubes, mas num combinado envolvendo jogadores das diversas agremiações

esportivas. Assim como na primeira edição dos Concursos Aquáticos, o Water Polo seria a última das provas a serem realizadas, porém, dessa vez, seria realizada uma homenagem à Liga Metropolitana de Sports Athleticos. Vale ressaltar que, como o jogo não seria entre clubes, não houve a necessidade de partidas eliminatórias. Infelizmente, não obtivemos informações sobre a motivação para a escolha do formato do torneio; possivelmente isso se deu por conta das questões financeiras pelas quais a Federação estava passando:

Ao pensar que as condições financeiras da Federação são as memsas de ha dous mezes atraz e que a situação pouco folgada de muitos clubs subsiste ainda.

Precizamos olhar para a directoria suprema dos nossos sports nauticos: é necessario attender aos interesses geraes da collectividade. Não levemos a Federação a sacrificios, nem comprometamos o exito dos sports nauticos.

Façamos os Concursos Aquaticos, não interrompamos os campeonatos de natação e de Water-Polo, mas tudo de accordo com a economia a que a época obriga.

Realizemos uma festa modesta sem o apparato da do anno transacto. (JORNAL DO COMMERCIO, 7 dez. 1914, p. 4).

Chegada a data marcada para os Concursos Aquáticos da F.B.S.R., a Federação desistiu de realizá-los. Tomou o seu lugar o Club de Natação e Regatas, realizando-o na semana seguinte (27 de dezembro). A realização por parte do CNR foi deveras comemorada pela mídia impressa; por outro lado, a desistência por parte da Federação Brasileira das Sociedades do Remo foi interpretada como “instabilidade e incoherencia das decisões do Conselho” (JB, 20 ddez. 1914, p. 15).

Não pretendemos esmiuçar como ocorreram as provas do Concursos Aquático, tampouco realizar uma avaliação mais aprofundada da percepção por parte da mídia impressa, pelo fato de terem sido realizadas pelo Club de Natação e Regatas.

Figura 66 - “Team” do Club de Natação e Regatas



Fonte: Revista Careta, 9 dez. 1916, p. 23.

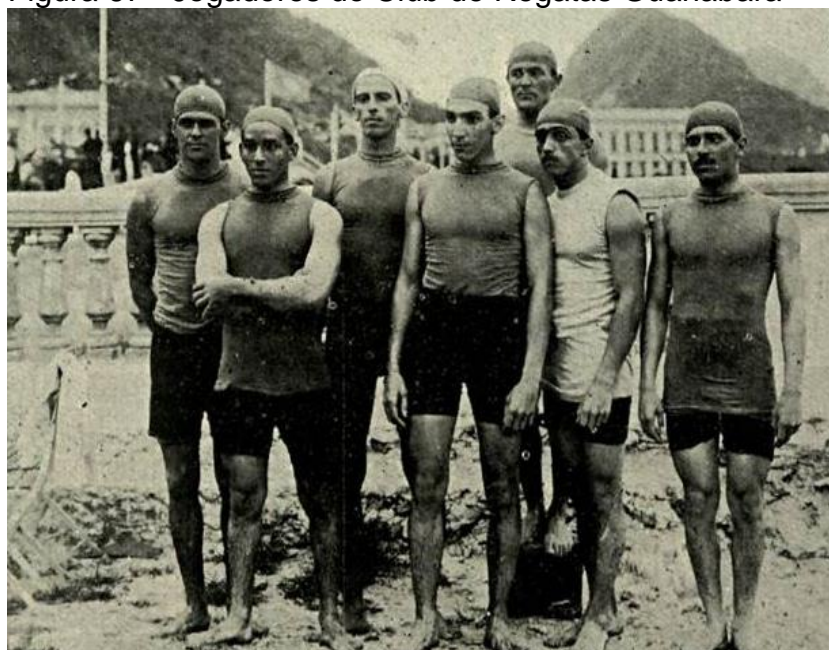
Todavia, não podemos deixar de comentar que os custos para a realização dos Concursos Aquáticos estavam sendo cobertos totalmente pelos clubes náuticos. A Federação havia fixado, no ato de inscrição, o pagamento de 50\$000 por cada clube, como também de 5 e 2 mil réis, respectivamente, para os páreos de honra e os demais (JORNAL DO COMMERCIO, 7 dez. 1914, p. 4).

Conforme se pode imaginar, já que a Federação acabou desistindo de organizar os Concursos Aquáticos, o mesmo procedimento ocorreu para o Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, ainda que estivesse previsto que o torneio se realizasse, exclusivamente por conta da crise, em formato de eliminatória, em vez de todos contra todos, em turno e retorno (conforme no ano precedente) (JORNAL DO COMMERCIO, 7 dez. 1914).

Por fim, gostaríamos de destacar que, já passados quase dois meses do cancelamento dos Concursos Aquáticos, o Tenente Leite Ribeiro, filiado ao Club de Regatas Guanabara e representante do mesmo na F.B.S.R., continuava a tentar, no Conselho da Federação, que o Campeonato de Water Polo do Rio Janeiro fosse realizado (JORNAL DO BRASIL, 11 fev. 1915, p. 11).



Figura 67 - Jogadores do Club de Regatas Guanabara



Fonte: Revista Careta, 20 dez. 1913, p. 16.

Assim sendo, durante a sessão do Conselho da Federação, Leite Ribeiro encaminhou uma proposta para a realização do Campeonato de Water Polo ainda no início de 1915. A sessão foi confusa, com o conselheiro Antunes de Figueiredo questionando sobre qual seria o assunto que Leite Ribeiro tratava (ainda que já tivesse se passado um tempo desde o início das discussões) e que o representante do Club de Regatas Vasco da Gama, Annibal Peixoto, teria tentando, mais de uma vez, tumultuar a reunião. Sobre a proposta em si, Leite Ribeiro defendeu:

Em 10 domingos o campeonato estará terminado e que logar para a sua realização ha como a enseada da Urca e o local fronteiro ao Pavilhão de Regatas, falla tambem dizendo que a Federação não gastará com o Campeonato de Water Polo, pois todas as despesas correrão por conta dos clubs disputantes. (JB, 11 fev. 1915, p. 11).

No mesmo sentido, Almeida de Brito defende a proposta de Leite Ribeiro, como também

[...] diz que a Federação fez disputar o campeonato de Water Polo em 1913 e pretende realizar em 1915, pois achava que a Federação devia deixar se realizar o campeonato de 1914, embora um tanto tarde, porque ella nada gastaria e a unica cousa que lhe cabe é reconhecer e conferir o titulo de campeão aos vencedores (JB, 11 fev. 1915, p. 11).

Perceberam-se duas tendências durante a sessão do Conselho. A primeira, entre os defensores da proposta de Leite Ribeiro, teve como apoiadores, por exemplo, Almeida de Brito. Por outro lado, houve aqueles que combateram a ideia,

como o já citado representante do Vasco, Annibal Peixoto, que, além de tumultuar a reunião, sair dela antes mesmo de se votar a proposta do guanabarino, além de criticar a proposta por, supostamente, violar o regimento (desmentida pelo presidente da sessão) e que as finanças não permitiriam a sua realização, mas também de Pinto dos Santos – que inclusive jogava water polo, do Club de Regatas São Cristóvão, que considerou o momento inapropriado para a discussão dessa proposta, pois seria tarde para a realização do campeonato, como também porque um debate acerca do Código de Regatas seria mais importante (JB, 11 fev. 1915, p. 11).

Figura 68 - Team Guanabarino



Fonte: Revista Careta, 8 jan. 1916, p. 21.

Destacamos que, apesar de a denominada “questão de water polo” ter gerado uma primeira crise no Campo do Water Polo, conforme se pode imaginar, não foi a última. Em diversos outros momentos, tivemos problemas de diversos tipos, tais como, discordâncias com as decisões dos árbitros sobre a escolha dos locais das provas; problemas com certas atitudes de alguns jogadores e até mesmo com aqueles que assistiam às partidas.

Nesse tocante, uma outra “questão”, que ficou conhecida como “Carlito-Angelo (Gamaro)”, diz respeito, respectivamente, aos jogadores do Guanabara e

aos do São Cristóvão, que, por conta de condutas inadequadas (não sabemos exatamente quais), foram punidos de diferentes formas. Em suma, sabemos que ambos os jogadores, em dois momentos diferentes, tiveram atitudes que se enquadraram no artigo 64 da Federação: “ofensas morais e físicas”. Pois bem, tudo indica que o problema não foi a ação dos jogadores em si, mas sim, as decisões que foram tomadas pela Comissão Especial de Water Polo em relação às ações desses dois jogadores. Em carta enviada para A Gazeta de Notícias (2 fev. 1916, p. 5), José Moraes dos Santos resumiu: “Todos já sabem a solução dada ao incidente Angelo-Carlito, pelo conselho, na ultima sessão, e que foi má, unica e exclusivamente devido á commissão de water polo usar de dous pesos e duas medidas”.

Resumindo o erro por parte da Comissão: ambos os jogadores cometeram ações passíveis de punição, porém o jogador Angelo Gamaro foi punido, enquanto Carlito recebeu punição alguma. Tentando remediar o erro, parte da comissão (encabeçada por membros representantes do São Cristóvão, também clube de Gamaro) enviou uma proposta de exclusão do jogador Guanabarino do campeonato. O problema se aprofunda se levarmos em consideração os comentários de José Moraes dos Santos, o que tornou a questão um pouco mais complicada, pois, na visão dele, a proposta de exclusão de Carlito foi uma estratégia por parte do São Cristóvão para enfraquecer o Clube de Regatas Guanabara (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 2 fev. 1916),

Enfim, por conta desse imbróglio, os representantes dos clubes do Icarahy e do Vasco da Gama renunciaram a seus cargos de representantes na Federação. A Comissão Especial voltou atrás em relação à punição do jogador Carlito, e os clubes supracitados reassumiram os seus cargos na Federação. Ainda assim, o time do CRVG saiu do Campeonato de Water Polo por conta da questão “Carlito-Gamaro” (O IMPARCIAL, 5 fev. 1916, p. 9).

Pois bem, trouxemos a “questão Carlito-Angelo” a fim de compará-la com a “questão do Water Polo”. Parece-nos que a recepção por parte dos agentes em relação à questão se deu de forma um pouco menos “problemática”. Apesar de um time ter mais uma vez saído por discordâncias de decisões internas, não se viu um grande debate, conforme ocorreu da outra vez.

Tal ocorrido nos faz pensar se conseguir lidar melhor com os problemas internos não pode ser um sinal de uma melhor estruturação e/ou autonomia por parte do Campo do Water Polo. Conforme veremos a seguir, durante toda a década, problemas similares continuaram ocorrendo, porém parece, cada vez mais, uma tendência de os agentes resolverem os seus problemas internos, sem que seja necessário recorrer a Conselhos Superiores, retirar as equipes do campeonato, etc.

Nesse sentido, no próprio campeonato da temporada 1915/1916, houve um problema que a Gazeta de Notícias (23 fev. 1916, p. 5) considerou ser similar à questão “Carlito-Angelo”. Esse caso envolveu os jogadores Alfredo Ferreira dos Santos e Milton Braga, e o juiz da partida que aplicou a penalidade, Leite Ribeiro, encaminhou a questão para a Comissão Especial, que, por sua vez, enviou a deliberação para o conselho diretor. Ao que tudo indica, não houve nenhuma polêmica acerca do assunto, em parte, por se considerar que essa questão já era assunto passado, já que, em outro momento, uma parecida havia sido resolvida.

De fato, o Campo passou a ser mais tolerante com os problemas que apareciam no seu interior, conseguindo resolver, de forma menos polêmica, problemas como o da nota a seguir, que continuaram ocorrendo:

A tarde de water-polo foi encerrada com um violentissimo match entre os primeiros teams dos clubs Guanabara e Internacional, cunos players abandoaram por ocmpeto o jogo para entrar a produzir toda sorte de brutalidades. Era um jogador commeter um foul e logo após ser victima da represalia. Tudo nesse jogo concorreu para que o mesmo não passasse de irregular e medíocre. (O IMPARCIAL, 12 mar. 1917, p. 8).

Apesar da dura nota do jornal O Imparcial, esse problema, que poderia ter sido considerado até mais “polêmico” que os demais, foi resolvido sem maiores delongas. Não estamos aqui defendendo que o Campo passou a ser mais parcimonioso com as suas questões, afinal de contas, não raramente foi possível se encontrar críticas na mídia impressa em relação à postura dos jogadores, inclusive, conforme já foi demonstrado nesta dissertação, comparando-se os jogadores da LSM e da categoria infantil, como sendo mais disciplinados que os jogadores que competiam pelo Campeonato de Water Polo da F.B.S.R.

Aliás, não apenas a postura dos jogadores era algo a ser questionado na mídia impressa. Houve algumas outras notícias destinadas a criticar as atitudes

daqueles que compareciam aos jogos para assistir. Destacamos duas para demonstrar.

A primeira delas diz respeito a um ofício enviado pelo Club de Natação e Regatas para a Federação, que consistia na reclamação por parte do clube entre os “guardas” do Pavilhão de Regatas e os seus associados (GAZETA DE NOTÍCIAS, 23 fev. 1917, p. 4). A segunda questão era semelhante à primeira, porém desta vez vinha da Federação aos associados e dizia respeito à atitude considerada “inqualificação” por parte daqueles que iam assistir aos jogos:

A directoria da Federação B. das Sociedades do Remo, no intuito de fazer cessar a inqualificavel irregularidade verificada por occasião do ultimo match de water-polo, previne que agirá com a maxima energia no sentido de não consentir, absolutamente, que do pavilhão de regatas sejam dirigidos insultos e palavras menos delicadas áquelles que actuam como juizes. (O IMPARCIAL, 29 mar. 1917, p. 10).

A Federação lembra aos associados dos clubes náuticos que manterá constante vigília nas arquibancadas a fim de coibir qualquer tipo de excesso vindo da assistência para os árbitros da partida:

Para esse fim fará rigorosa fiscalização, lembrando aos socios dos clubs federados o art. 64 do Codigo de Water-Polo, que diz:

"Os socios dos clubs federados que desrespeitarem os jogadores, arbitro ou qualquer membro da direcção com offensas phisicas, injurias ou palavras obscenas, além de perderem o direito de concorrer aos jogos de water-polo no resto da temporada, soffrerão as penas de suspensão por uma ou mais festas nauticas, eliminação ou expulsão dos sport nautico, conforme a gravidade da falta."

A directoria não consentirá a permanencia no pavilhão de regatas daquelles que se houverem inconveniente". (O IMPARCIAL, 29 mar. 1917, p. 10).

Vale ressaltar que a mídia impressa não se restringia a criticar apenas os jogadores e a assistência, mas também os juizes e a própria Federação. Nesse sentido, a Gazeta de Notícias (18 nov. 1917, p. 8) publicou uma nota acerca da atuação dos juizes de water polo, comparando-os com os do futebol. A nota reiterava a importância de bons árbitros em esportes como o futebol e o water polo, pois, nessas modalidades, a marcação de faltas deve ser imediata. Por fim, relembra que, no futebol, a Liga já estava adotando a medida de “exames de juizes”, enquanto que no water polo ainda se utilizava o sistema de solicitar aos clubes as suas indicações de sócios para atuarem nas partidas, para posteriormente o presidente da Federação nomear os árbitros em cada partida.

A bem da verdade, os comentários em relação aos juízes da partida na nota acima foram até bem cordiais, se comparados com a descrição que o *Jornal de Sport e Theatro* (30 mar. 1918, p. 17) fez noutra situação:

Como tem acontecido sempre que se dão encontros da importancia dos de domingo, houve forte partidarismo dos senhores juizes A. Marinho que prejudicou muito ao Natação embora sahisse este club vencedor e Sr. Paula e Silva que não soube actuar no encontro realizado entre o S. Christovão e o Boqueirão, sahindo vencedor até o final do tempo o Club da Ponta do Cajú, prolongando então o encontro até que o Boqueirão conseguisse empatar a partida, como aconteceu de dois goals contra dois.

Dessa maneira teremos em breve a fallencia deste querido sport nautico que não obstante não encontrar grande apoio das pessoas que o dirigem, encontra sempre o revoltante "partidarismo a peso de ouro" com que sahem prejudicados uns e adquirem glorias outros que, abaixo da honestidade, pensam disputar um campeonato.

O Sr. Paula e Silva não conseguindo que o Boqueirão vencesse a pugna poz fora de campo dois jogadores do rower negro e augmentou o tempo do jogo para mais cinco minutos durante os quaes a pugna foi empatada.

Que farão os senhores da Federação?

Uma prova frisante do que se passou foram as occorrencias notadas ao terminar os encontros em que os quatro contendores, dois a dois, se degladiaram como animaes ferozes emquanto os Srs. Marinho e Paula e Silva se retiravam calmamente, sem se julgarem culpados das tamanhas vergonheiras de domingo ultima na Enseada da Exposição

Relembramos que um dos árbitros da partida, o Sr. Paula e Silva, foi o mesmo que gerou grande insatisfação na partida entre Flamengo e Natação pela final dos primeiros Concursos Aquáticos.

Em relação à Federação, damos como exemplo a crítica realizada pelo *Jornal A Razão* (18 fev. 1918, p. 6), em que se afirma que o water polo tem conseguido prosperar nos últimos anos, ainda que “tudo” conspire contra. Na realidade, a crítica do jornal diz respeito à falta de estrutura existente em alguns jogos do Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, quando a assistência se via obrigada a ficar no sol por falta de uma cobertura, com “risco de insolação”; em segundo lugar, por colocar os jogos “lá num extremo da cidade” (no Bairro da Urca). E conclui: “Se a Federação como julgamos não está empenhada em crear dificuldades á carreira do water-polo, necessita, urgentemente, tratar de local mais confortável”.

Tais atitudes reincidentes dos árbitros quanto à atuação na aplicação das regras do jogo podem demonstrar que o campo ainda estava em um estágio seminal. As regras e suas compreensões não deviam estar disseminadas para todos os envolvidos no campo. Ademais, o jogo de water polo, pela própria característica da modalidade, é de difícil visualização, em virtude do meio no qual é praticado.

Percebemos que tanto a torcida, quanto jogadores e dirigentes estavam a contestar as marcações da arbitragem, demonstrando que algo estava errado. Desta forma, o poder de refração desse campo esportivo, ainda em construção, era pequeno, suscetível a modificações que poderiam ser impostas pelos agentes que detinham maior capital simbólico. Com o passar do tempo, aparentemente, a percepção da recorrência de diversos acontecimentos foi conferindo aos participantes maior compreensão das idiosincrasias da modalidade, o que, acreditamos, gerou mais complacência quanto à percepção dos fatos.

Independentemente se as críticas estavam sendo dirigidas a jogadores, assistência, juízes ou Federação, gostaríamos de ter demonstrado nestas últimas páginas que o Campo do Water Polo, conforme se “desenvolveu”, passou a ficar mais resiliente, ou seja, com uma maior capacidade de autonomia relativa e, portanto, com um aumento de seu poder de refração (BOURDIEU, 1983; 2004).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: ÚLTIMO QUARTO DE JOGO**

Nesta dissertação analisamos o water polo como objeto de pesquisa histórica. Conforme pudemos perceber pelo levantamento de literatura realizado na “preleção”, tal objetivo não era inédito; afinal, alguns estudos já colocaram o esporte nessa posição, seja de forma central ou secundária (ainda que poucos fossem os estudos realizados com o mesmo recorte histórico e geográfico em que empregamos).

Nesse sentido, a produção acadêmica no Campo da História do Esporte considerava que havia uma série de (supostos) acontecimentos acerca da inserção do water polo na cidade do Rio de Janeiro, atribuídos a uma série de eventos que poderiam ter ocorrido durante a primeira década do século XX, com jogos entre clubes que já dispunham de equipes de remo e natação e eram filiados à Federação Brasileira das Sociedades de Remo.

Relembrando, o primeiro desses eventos teria ocorrido em 1900 numa partida organizada por Flávio Vieira; logo em seguida, no ano de 1902, houve uma partida oficiosa entre o time do Rio de Janeiro e o de São Paulo; por fim, em 1908, o jogo oficial entre as equipes do Clube de Natação e Regatas e do Flamengo. Já na segunda década, atribui-se ao ano de 1913 a data do primeiro torneio, no qual o CNR sagrou-se campeão.



Figura 69 - Team CNR



Fonte: Revista Careta, 8 de jan. 1916, pg. 21

Pois bem, em nossa pesquisa, não pudemos encontrar quaisquer evidências que demonstrassem que os eventos citados na década de 1900 realmente tenham ocorrido, enquanto que aqueles referentes à segunda década são parcialmente confirmados. Considerando-se que: i) na ferramenta disponibilizada pela Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital, há centenas de jornais e revistas digitalizadas, totalizando, literalmente, milhões de páginas para a década em questão<sup>130</sup>; ii) tentamos em nossa pesquisa utilizar uma grande quantidade de palavras-chave, tais como, “water polo”, “polo aquático”, “football in the water”, entre outras, a fim de diminuirmos as chances de perder algum dado que poderia sugerir que os eventos supracitados tenham de fato ocorrido.

Ao buscarmos os primórdios do water polo na cidade do Rio de Janeiro, não conseguimos deixar de pensar nas críticas realizadas por Marc Bloch (2002, p. 56), em seu “O Ofício do Historiador” (ou “Apologia da História”), no capítulo intitulado “O ídolo das origens”:

Nunca é mau começar por um mea culpa. Naturalmente cara a homens que fazem do passado seu principal tema de estudos de pesquisa, a explicação do mais próximo pelo mais distante dominou nossos estudos as vezes até a hipnose. Sob sua forma mais característica, esse ídolo da tribo dos historiadores tem um nome: é a obsessão das origens.

<sup>130</sup> Para sermos mais exatos, a Hemeroteca Digital disponibiliza para a década de 1900 um total de 900 jornais e revistas, totalizando mais de 3 milhões de páginas. Se refinarmos nossa busca para apenas o Rio de Janeiro, são quase 300 periódicos com quase 2 milhões de páginas.

Mais à frente, com o objetivo de destrinchar o que se queria dizer por origens, o historiador francês questiona: afinal, o que se quer dizer com este conceito?

Significa simplesmente começo? Isso seria quase claro. Com a ressalva, entretanto, de que, para a maioria das realidades históricas, a própria noção desse ponto inicial permanece singularmente fugaz. Caso de definição, provavelmente. De uma definição que (infelizmente) esquece-se muito facilmente de fornecer.

Será que, ao contrário, por origens entende-se as causas? Então não haveria mais outras dificuldades a não ser aquelas que, constantemente e sem dúvida mais ainda nas ciências do homem, são por natureza inerentes às investigações causais.

Mas entre os dois sentidos frequentemente se constitui uma contaminação tão temível que não é em geral muito claramente sentida. Para o vocabulário corrente, as origens são um começo que explica. Pior ainda: que basta para explicar. Aí mora a ambiguidade; aí mora o perigo. (BLOCH, 2002, p. 56-7).

A crítica realizada por Marc Bloch também pode ser encontrada na produção de conhecimento em História do Esporte. Nesse tocante, consideramos relevantes as críticas realizadas por Melo (2017), em relação aos pesquisadores que buscam descobrir longínquas raízes de uma prática: no caso em questão, referindo-se aos pesquisadores da História do Futebol, pois assim estariam, em tese, desvendando as “verdadeiras origens” deste.

Assim sendo, a busca por compreender como se deu a inserção do water polo na cidade em momento algum teve a pretensão de atuar como os pesquisadores das “origens”, mas de compreender quais foram os fenômenos determinantes na constituição de um campo que permitiu que o water polo se tornasse prática a ser oferecida no campo de ofertas e demandas dos bens culturais (corporais) na cidade do Rio de Janeiro.

Consideramos que o possível erro em se determinar como se deu o processo histórico da inserção do water polo no Rio de Janeiro, assim como o resultado do primeiro torneio realizado no Brasil em 1913 (os Concursos Aquáticos), era compreensível em termos históricos, já que, no tempo em que foram realizadas tais pesquisas, não havia a facilidade em se pesquisar em acervos digitais. Porém, a utilização de fontes secundárias sem se buscar a fonte primeira pode ter levado ao que o historiador Marc Bloch (2002) denominou de “falseabilidade da história”.

É evidente que nesse caso a possível falsificação histórica não tenha ocorrido por causa de falsos documentos habilmente modificados por diversas técnicas de

profissionais da mentira (conforme as fraudes que fazia Vrain-Lucas), ou pela fabricação de dados imprecisos em documentos, tais como atos, cartas, relatos de viagem, decretos ou documentos oficiais (conforme o próprio Marc Bloch confessa já ter realizado um punhado de vezes, a fim de contornar a burocracia).

Nesse caso, consideramos duas possíveis hipóteses. A primeira diz respeito a uma leitura equivocada das fontes primárias por uma ilegibilidade dos documentos impressos da mídia jornalística por ocasião de uma possível deterioração ou por outro motivo similar. Inclusive, durante a escrita dos resultados desta dissertação, confrontei-me com uma fonte que parecia indicar uma certa data (salvo engano, algo como 1908), em relação à organização do Campeonato Brasileiro de Natação organizado pelo Clube de Natação e Regatas (de 1898 até 1912, quando a FBSR passou a assumir a realização do evento). Por sorte, outros documentos, tanto fontes primárias (outras reportagens jornalísticas, por exemplo.), assim como fontes secundárias, como o “Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX” (MELO, 2007), possibilitaram identificar uma “prova real” acerca do acontecimento histórico.

A segunda hipótese diz respeito à fonte da qual tais eventos foram retirados, a saber, a Enciclopédia Barsa (informação verbal)<sup>131</sup>, obra cuja primeira edição foi publicada em 1964<sup>132</sup>, considerando que, por exemplo, Abrahão Saliture morreu em 1967 (MELO, 2022), é plausível cogitar que as informações acerca das origens do water polo tivessem como fonte primária jogadores pioneiros do esporte. Novamente, recorremos a Marc Bloch (2002, p. 102-3) para compreender a disparidade de datas que explicasse a segunda hipótese:

Não é menos verdade que muitas testemunhas se enganam com toda a boa-fé (...). Acrescentem que, sendo os testemunhos apenas a expressão de lembranças, os erros primordiais da percepção arriscam-se sempre a complicarem-se graças a erros de memória, dessa fluida, dessa "fecunda" memória já denunciada por um de nossos velhos juristas.

A passagem retirada do “Ofício do Historiador” é seguida de um punhado de exemplificações em que se podem constatar os “erros de memória”, tais como os do monge Bernardo da capela Citeaux, que não se lembrava das janelas de seu próprio

---

<sup>131</sup> Durante conversa privada com o orientador dessa dissertação, o mesmo informou que os acontecimentos supracitados foram retirados da Enciclopédia em questão, Silvio Telles (2020).

<sup>132</sup> Para uma leitura acerca da Barsa, recomendo o verbete encontrado na Enciclopédia Livre, Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barsa> Acesso em: 08 jul. 2022.

monastério, ou dos alunos do Professor Claparède, incapazes de descrever o vestíbulo de sua universidade. Ora pois, sendo nossa hipótese acerca das (possíveis) fontes orais utilizadas para se escrever acerca da gênese do water polo na cidade do Rio de Janeiro no verbete encontrado na Enciclopédia Barsa, por que seria diferente?

Porém, conforme afirmamos anteriormente, nosso objetivo em voltar ao que a produção de conhecimento dizia serem os primeiros momentos do water polo na cidade, não tinha como objetivo poder esclarecer uma origem mais ou menos longínqua, mas compreender como se deu o processo de inserção dessa prática corporal institucionalizada no seio do agitado campo esportivo no Rio de Janeiro.

Nesse tocante, apesar de não encontrarmos quaisquer evidências de alguma partida de water polo na cidade na década de 1900, consideramos, ainda assim, que tal busca tenha sido exitosa por demonstrar a circularidade de uma certa ideia de water polo nas colunas da mídia impressa carioca.

Nesse sentido, foi possível encontrar, na década de 1900, inúmeras ocorrências do termo “water polo” em notícias vinculadas a partidas no exterior, vez ou outra dos Jogos Olímpicos ou da Marinha de Portugal, como também a presença do esporte, seja em livros que demonstravam a importância de práticas corporais higiênicas, ou nas recém-criadas salas de cinema.

Com exceção de uma peculiar película, todas essas aparições demonstravam uma representação social de que o water polo era uma das práticas corporais realizadas por países europeus, considerados por si mesmos como civilizados e desenvolvidos e, portanto, este seria um esporte moderno, útil e salutar.

Assim sendo, parece-nos que em parte foi por estar presente na mídia impressa a ideia de que o water polo era uma prática cultural corporal vinculada aos países do capitalismo central que surgiu o interesse por parte dos agentes do Campo Social do Rio de Janeiro em ter essa modalidade figurando em seus eventos e agremiações esportivas a nova modalidade.

Destacamos que, logo no início da década de 1910, é possível encontrar o water polo figurando nos programas de encontros sociais de determinadas associações voluntárias, a primeira delas, uma instituição com laços com a colônia britânica, lembrando a Rio de Janeiro Literary and Social Union.

A bem da verdade, a sociedade supracitada não era exatamente um clube esportivo, Seu principal objetivo era a discussão e promoção de textos literários entre os membros da comunidade anglófila, porém, vez ou outra, pudemos encontrar a organização de eventos esportivos promovidos por ela. Normalmente, esses encontros eram realizados por ocasião de alguma data festiva, tal como o “Sports and Gymkhana” – neste caso, por conta da coroação do Rei George V.

O water polo apareceu nos festivais da Rio de Janeiro Literary em duas ocasiões, ambas em eventos de Picnic dos anos de 1911 e 1912, organizados na Ilha do Governador. Não houve indícios de que os jogos de water polo ocorreram, como também não sabemos ao certo que agentes teriam participado desse evento. Tampouco pudemos compreender o que se queria dizer por “water polo”, afinal, seriam esses jogos realizados por ocasião de eventos sociais, algo ao que atualmente se denomina de water polo? Teria a organização desses acontecimentos influência na gestação de um campo esportivo do water polo?

Num primeiro momento, é de difícil associação a relação entre os eventos do Rio de Janeiro Literary and Social Union e o campo esportivo no Rio de Janeiro. Conforme supracitado, o objetivo principal da instituição eram atividades literárias, portanto a realização eventual de festivais esportivos estava, aparentemente, muito mais relacionada ao ethos britânico.

No entanto, ao que tudo indica, se outrora, conforme nos explicita Melo (2017a; 2017b; 2019), a colônia anglófila no Brasil possuía a característica de se manter e organizar seus eventos de forma muito mais reservada, ou seja, com a participação, de forma hegemônica, apenas entre aqueles que compartilhavam um mesmo habitus. Nesse período histórico, os agentes dessa comunidade no Rio de Janeiro já estavam suficientemente inseridos na vida social da cidade, e seus agentes compartilhavam espaços sociais, convivendo em clubes esportivos e, portanto, realizando circulação de ideias e práticas culturais, ou seja, uma economia de trocas simbólicas<sup>133</sup>. Voltaremos a essa questão logo mais à frente.

---

<sup>133</sup> À primeira vista, o termo pode gerar certa estranheza, já que, no programa de pesquisa de Pierre Bourdieu, é usado hegemonicamente para prática culturais, tais como, o campo religioso ou científico. Porém, devemos lembrar que, assim como os campos supracitados, o campo esportivo é também vinculado ao campo de produção cultural e, portanto, tem como característica dominante dos agentes o interesse desinteressado.

Nessa seara, cumpre salientar que pudemos identificar dois perfis de membros no Rio de Janeiro Literary: primeiramente aqueles que eram mais ativos no campo social, tendo um relativo capital simbólico acumulado entre os membros da comunidade, tal como o Embaixador J. G. Lay; mas também aqueles que eram membros ativos da sociabilidade esportiva na cidade, como o secretário Geo. Duncan e H. L. Wheatley, indistintos *sportmen* que participaram de inúmeras modalidades em diversos eventos sociais e esportivos na cidade.

Assim, realizar, ainda que de forma breve, um mapeamento dos membros da Rio de Janeiro Literary e a sua participação em práticas de sociabilidade em diversos espaços, foi de extrema importância a fim de perceber alguns fatores que, possivelmente, influenciaram na inserção do water polo na cidade.

Primeiramente, descobrir que sujeitos da comunidade anglófila já estavam inseridos em outros espaços sociais que não aqueles reservados aos que compartilhavam do ethos britânico. Em segundo lugar, identificar que um dos agentes, o qual parece ter sido um dos precursores do water polo nos clubes esportivos da cidade, era membro de tal comunidade, a se saber, H. E. Pullen. Ademais, vale ressaltar que diversos membros da família Pullen eram ao mesmo tempo participantes da sociabilidade britânica, tendo inclusive participado em peso do evento supracitado em homenagem ao Rei George V, a “Sports and Gymkhana”, como também de diversos clubes esportivos, tais como o Clube de Regatas do Flamengo, o Botafogo Football Club, o Paysandu Cricket Club.

Ao que tudo indica, a inserção do water polo na cidade do Rio de Janeiro parece de fato ter tido a importante participação de membros ligados a países estrangeiros do capitalismo central. Para além do já citado H. E. Pullen, que, além de goleiro da equipe de futebol do Botafogo, foi também goleiro e capitão do time de water polo do Flamengo, podemos citar o caso de Augusto Cazeux (descendente de família francesa), sócio do Clube de Natação e Regatas, tradutor das primeiras regras de water polo utilizadas nos primeiros eventos da modalidade no país, como também, membro da primeira Comissão Especial de Water Polo da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, por ocasião dos Concursos Aquáticos.

Provavelmente, considerando sua idade avançada no momento em que o esporte começa a ser praticado no país, Cazeux não deve ter atuado como

jogador. Contudo, a sua presença, não apenas como tradutor de regras, que poderia ser explicado simplesmente pela sua experiência na língua francesa, mas também como árbitro e membro da comissão, indica que ele poderia ter um conhecimento um pouco mais aprofundado da modalidade, sendo, ao lado de Pullen outro agente importante na compreensão sobre a inserção do water polo na cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, parece-nos válido afirmar que a modalidade, ao ser inserida na cidade, teve mais de um polo “difusor”, tendo no mínimo dois importantes agentes, ambos ligados a grupos estrangeiros. Não podemos deixar de mencionar que se deve considerar a relativa proximidade dos clubes náuticos da cidade como um facilitador do rápido espraiamento da modalidade.

Até o momento, já indicamos a importância da mídia impressa na propagação de uma certa ideia de water polo ligando o esporte ao centro do capitalismo e, portanto, sendo uma modalidade ligada aos ideais de progresso e modernidade, tendo como característica a qualidade de ser útil e salutar. Essa estratégia parece ter criado uma certa demanda social por essa prática cultural no Campo Social do Rio de Janeiro. Vinculado a isso, membros descendentes de comunidades estrangeiras – que provavelmente já conheciam a modalidade, porém não enxergavam até então um ambiente propício em que pudesse prosperar – passaram a perceber uma maior aceitabilidade, se não, curiosidade sobre o que seria o tal do water polo, gerando uma demanda social por uma nova prática cultural.

Ademais, cremos haver um terceiro fator que parece ter sido crucial no desenvolvimento do water polo na cidade do Rio de Janeiro. Para além do papel da mídia impressa e dos agentes vinculados aos clubes esportivos que inseriram tal prática no interior dessas instituições, é perceptível que, por conta de uma intensa estratégia criativa por parte de certos agentes ligados aos clubes esportivos e a Federação, houve a oportunidade de a modalidade circular dos clubes para a Federação, criando assim uma maior demanda por outros clubes que ainda não possuíam o water polo no seu rol de práticas esportivas.

A se saber, referimo-nos às estratégias de Virgílio Leite de Oliveira e Oswaldo Palhares, ambos do Clube de Regatas do Flamengo, sendo o primeiro, inclusive, presidente do clube. Vejamos, em 1912 ambos tomam a iniciativa de levar para o

interior da Federação uma expansão dos seus deveres, acarretando um aumento das práticas corporais que seriam controladas por ela: primeiro, criando os Concursos Aquáticos, eventos em que havia oferta de outras práticas esportivas que não fossem náuticas; e em segundo lugar, trazendo para a FBSR a responsabilidade de organizar o Campeonato Brasileiro de Natação, até então incumbência do Clube de Natação e Regatas.

No tocante ao water polo, ao lado de outras modalidades, tais como, a natação, os saltos e o salvamento no mar, estar inserido no programa dos Concursos Aquáticos parece de fato ter aumentado consideravelmente a demanda pela modalidade. Diversos clubes se organizaram para que pudessem estreiar nesse primeiro torneio da modalidade. Ao lado do Clube de Natação e Regatas e do Clube de Regatas do Flamengo, que já vinham se organizando, temos também o Clube de Regatas Guanabara e o Clube Internacional de Regatas. Ademais, pudemos ver a movimentação de outros clubes na tentativa de também participarem, porém não obtivemos qualquer evidência mais concreta que demonstrasse sucesso nessa primeira incursão.

Figura 70 - Team do CRG



Fonte: Revista Careta, 17 jan. 1914, p. 22.

Destacamos que, ao que tudo indica, Virgílio Leite e Oswaldo Palhares não eram dominantes na estrutura do Campo Esportivo. Na realidade, parece que de fato esses agentes ocupavam uma posição intermediária na estrutura do campo.



Nesse sentido, a estratégia de trazer uma nova gama de modalidades para o interior da Federação, assim como apresentar modalidades até então pouco conhecidas para a maior parte dos agentes do campo, pode ser compreendida como uma estratégia de subversão dos valores existentes no interior do campo.

É interessante percebermos que, tanto da parte de Virgílio Leite e Oswaldo Palhares, como também de membros da comunidade britânica que passaram a participar em maior intensidade no Campo Social (verificar página 156), trazendo consigo práticas anteriormente realizadas exclusivamente pelos seus pares, a estratégia de trazer para um campo uma determinada prática cultural – no caso em questão, o water polo – revela uma das dimensões da economia das trocas simbólicas (BOURDIEU, 2007).

Reiteramos nossa ideia de que a utilização desse conceito pode num primeiro momento soar de forma estranha aos ouvidos de nossos leitores. De fato, ao investigar a economia dos bens simbólicos, nosso referencial teórico o fez pensando principalmente no Campo Artístico, no Campo Literário, no Campo Religioso, entre outros. Estes foram o foco primordial de sua agenda de pesquisa.

Porém, ressaltamos que, assim como todos os campos supracitados, o Campo Esportivo é também pertencente ao Campo de Produção Cultural e, portanto, guarda certas homologias e características com os demais. Nesse tocante, destacamos três características presentes na economia dos bens simbólicos: primeiramente, o recalcamento do interesse econômico; em segundo lugar, guardando intrínseca relação com o ponto anterior, a transformação das ações econômicas em atos simbólicos; por último, é na circulação dos bens simbólicos que os agentes acumulam capital específico (SAPIRO, 2017).

Nesse sentido, Gisèle Sapiro (2017, p. 55) nos informa:

A economia dos bens simbólicos desenvolvida por Bourdieu está enraizada em uma crítica do economicismo que reduz as trocas ao cálculo interessado. Seus primeiros estudos sobre sociedades pré-capitalistas (...) e, em seguida, seus trabalhos sobre os campos literário, artístico, religioso e científico, revelam a dimensão simbólica das trocas, cuja função consiste em torna-las irreconhecíveis como tais.

Parece-nos que o campo esportivo (ao menos no recorte histórico em questão) guarda certas correlações com as sociedades pré-capitalistas. Afinal de contas, não seria o esporte moderno uma instituição social que denega os valores

econômicos no lugar do interesse desinteressado? Ou seja, os agentes do campo esportivo não consideravam a característica amadora do esporte moderna enquanto valor ético da prática esportiva? Da mesma forma, não seria a crença em tais valores o que faz com que os agentes do campo possuam a *illusio*?

Voltando à questão da estratégia por parte de Virgílio Leite e Oswaldo Palhares, sendo verdadeira a hipótese de que ambos não eram agentes dominantes no campo esportivo, ou seja, eram dominados, desprovidos de monopólio de capital simbólico específico, é de se esperar que os agentes que possuíam a hegemonia do campo não aceitassem de bom grado que novos agentes aumentassem seu capital simbólico a partir de estratégias criativas de subversão dos valores do campo.

Portanto, é evidente que os possuidores do monopólio do capital esportivo se utilizassem das ferramentas disponíveis a fim de não permitirem que as estratégias dos agentes dominados obtivessem êxito. De fato, há evidências de que eles se utilizaram de estratégias de conservação dos valores dos campos, de diversas formas.

Primeiramente, quando Virgílio Leite e Oswaldo Palhares propuseram a realização de eventos que aglutinassem novas modalidades esportivas na jurisdição da Federação, por diversas vezes, membros do Conselho da Federação faltaram às sessões que deveriam aprovar os regulamentos, assim como o programa dos Concursos Aquáticos. Tal estratégia, apesar de atrasar a realização dos eventos, não foi capaz de impedir que fossem realizados.

Num segundo momento, utilizaram-se da estrutura da Federação e de seus documentos, tais como, os Regulamentos, Códigos e Estatutos, para interferir na autonomia relativa da Comissão de Water Polo, gerando de fato uma crise tanto na realização do primeiro Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, quanto no interior da própria Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Antes de melhor explicarmos as crises supracitadas, destacamos que os dominantes serviram-se de estratégias de conservação por uma terceira vez, quando se utilizaram de todas as artimanhas possíveis para que o segundo Campeonato de Water Polo da cidade do Rio de Janeiro (temporada 1914-1915) não fosse realizado, embora diversos agentes do campo achassem diversas soluções para os problemas propostos.

Ainda que de fato a F.B.S.R. pudesse estar passando por problemas financeiros, talvez sentindo os efeitos da Primeira Guerra Mundial, ou de outras questões, membros ligados aos clubes esportivos, como também agentes do campo midiático propuseram uma série de soluções: que os clubes cobrissem os gastos do campeonato, por exemplo, ou que se cobrassem ingressos daqueles que fossem acompanhar o torneio. Mesmo assim, ainda que tivesse sido aprovado em sessão do Conselho, o projeto de Leite Ribeiro para a realização tardia do Campeonato de Water Polo não foi realizado.

Figura 71 - Team Vasco da Gama com Pão de Açúcar ao fundo



Fonte: Revista Careta, 29 de jan. 1916, p. 37.

Voltando à questão das crises, tanto na Federação, como no Water Polo, a ocorrência de uma confusão entre jogadores do Vasco da Gama e o árbitro representante do Club de Regatas do Flamengo, Flávio Vieira, por conta de uma ofensa dos primeiros em relação ao segundo, gerou um problema que, embora se pudesse considerar pequeno, gerou um grande rebuliço.

Tudo isso ocorreu pois o Conselho da Federação se utilizou de seu poder simbólico para melindrar uma decisão da Comissão Especial de Water Polo. A comissão havia aplicado uma punição ao Club de Regatas Vasco da Gama; o Conselho, por sua vez, anulou tal penalidade, o que, por conseguinte, resultou na saída do Vasco e do Flamengo do campeonato. Esse episódio foi denominado pela mídia impressa como “a questão do water polo”.

O Flamengo, já insatisfeito com a má vontade por parte de Conselheiros da Federação em receber novas práticas esportivas no seio da F.B.S.R., agora, com a nítida tentativa de obstrução da Comissão como responsável na decisão das penalidades relacionadas ao Water Polo, além de sair do campeonato, também planejou e propagandeou a ideia da formação de uma Liga independente de Water Polo em relação à Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

Por sua vez, a Federação se compromete a realizar uma série de modificações nos Códigos, Regulamentos e Estatutos, a fim de que os esportes aquáticos, incluindo o Water Polo, pudessem ter uma maior autonomia e representatividade no interior da Federação. Essas propostas ficaram conhecidas como a “reorganização ou, reformulação da F.B.S.R.”.

Ambas as propostas foram defendidas por membros do Clube de Regatas do Flamengo e resultaram na saída de Flávio Vieira do CRF. Em relação à liga, não pudemos encontrar outras notícias que pudessem demonstrar uma execução prática da ideia; já em relação à reorganização da Federação, pode-se acompanhar um lento processo de reformulação de diversos documentos, ainda que não fosse possível averiguar como tais mudanças de fato resultaram num ambiente mais propício para a autonomia no water polo no campo esportivo.

Por fim, destacamos que o Campo do Water Polo não era um espaço homogêneo, no qual apenas agremiações ligadas à F.B.S.R. praticavam a modalidade esportiva. Com o desenvolvimento do WP no Campo Esportivo, pode-se ver o esporte sendo praticado por outros grupos não dominantes, entre os quais citamos as equipes infantis dos clubes filiados à Federação, as equipes de marinheiros disputando os campeonatos da Liga Sportiva da Marinha, como também clubes não filiados à Federação do Remo.

Em relação aos dois primeiros grupos, é interessante citarmos que em diversas ocasiões foram utilizados como base de comparação para o mau comportamento de alguns agentes do campo. Normalmente, tanto os jogadores da categoria infantil como os marinheiros eram vistos como modelos a serem seguidos por aqueles que possuíam um comportamento desviante em relação ao que se esperava de um *sportsman*.

Os jogadores da categoria infantil, em muitos casos, eram filhos de jogadores da categoria adulta e havia uma série de estratégias para que esta categoria não fosse “invadida” por filhos de classes sociais populares. Tal indício pode ser percebido no regulamento do torneio infantil, no artigo onde se deixa claro que crianças não alfabetizadas e que não frequentavam os espaços escolares não poderiam participar da competição, como também ao se afirmar que aqueles que pudessem “comprometer o nível moral e social do torneio”. Ressaltamos que, ainda que o Rio de Janeiro (Distrito Federal) possuísse um dos melhores índices de matrícula escolar por população escolar no Brasil, havia ainda cerca de 35% de crianças entre 6 e 12 anos que não estavam frequentando a escola.

Da mesma forma, o Water Polo no interior da Marinha Brasileira também demonstrava uma série de contradições de classe, por exemplo, o fato de que os oficiais não pudessem jogar com os subordinados. Ainda seguindo as regras da Federação, os trabalhadores braçais e manuais, entre eles os marinheiros de baixo-escalão, não poderiam disputar os torneios da F.B.S.R. por não se encontrarem na classificação de “amadores”, porém, ao disputar o campeonato da LSM, eram ora ou outra elogiados por seu comportamento “exemplar”. É válido destacar que utilizava-se uma série de estratégias narrativas, como louvar o caráter “educativo” dos esportes para os marinheiros, portanto elevava-se a qualidade da Marinha de Guerra.

Para concluir este ponto, um terceiro grupo que passou a praticar o water polo foram os clubes não filiados à Federação Brasileira das Sociedades do Remo. Nesse caso, pudemos encontrar diversas agremiações tanto da cidade de Niterói, como também do Rio de Janeiro, que noticiavam na mídia impressa a realização de partidas internas entre os seus sócios, além daquelas que promoveram jogos amistosos contra outros clubes. Não podemos deixar de descartar a hipótese de que

de parte desses clubes inseriam a modalidade em seus programas de festivais como forma de angariar um maior prestígio, ou seja, capital simbólico para a sua agremiação.

O fim do recorte histórico desta pesquisa – relembrando, ano de 1919 –, diz respeito à realização da primeira participação de uma seleção nacional de water polo num torneio internacional, a se saber, o Sul Americano, realizado no Brasil, mais precisamente, na piscina do Fluminense Football Club. Acreditamos que, com a criação de uma seleção nacional, o Campo de Water Polo sofrerá profundas mudanças na sua estrutura – ora, esse é o caráter estruturante de qualquer campo estruturado – por exemplo, novas formas de capital esportivo a serem disputados pelos agentes do campo. É válido ressaltar que, embora parte dos jogadores se mantivesse a mesma, existe uma tendência de renovação no quadro das equipes, criando, portanto, a participação de novos agentes no campo dispostos a subverter antigas regras, a fim de angariar capital específico.

A entrada do Water Polo brasileiro no “circuito” de campeonatos internacionais – dentre os quais, além do Sul Americano de 1919, poderíamos citar as Olimpíadas de 1920 (Antuérpia), os Jogos do Centenário em 1922 (Brasil, Rio de Janeiro) e os Jogos Olímpicos de 1932 (Los Angeles) – demonstra um novo momento para o WP, a Era de “prata” das competições internacionais, haja vista que Telles (2006) considera a década de 1960 como a Era de Ouro do Polo Aquático Brasileiro, por ter ganho em 1963 o nosso único ouro em Jogos Pan Americanos e ter participado de três olimpíadas seguidas (1960, 1964 e 1968) – feito nunca mais realizado.

Enfim, compreender o que denominamos como “Era de Prata do Polo aquático brasileiro” seria suficiente para a elaboração de uma nova tese, delimitando, portanto, o fim de nossa empreitada.

**REFERÊNCIAS - SÚMULA DE JOGO**

A ÉPOCA, Rio de Janeiro, RJ, 27 mar. 1913, p. 4.

A ÉPOCA, Rio de Janeiro, RJ, 29 mar. 1913, p. 6.

A ÉPOCA, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1913, p. 15.

A ÉPOCA, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1913, p. 3.

A ÉPOCA, Rio de Janeiro, RJ, 10 abr. 1913, p. 3.

A ÉPOCA, Rio de Janeiro, RJ, 17 maio 1913, p. 5.

A ÉPOCA, Rio de Janeiro, RJ, 22 ago. 1913, p. 3.

A IMPRENSA, Rio de Janeiro, RJ, 18 jul. 1908, p. 4.

A IMPRENSA, Rio de Janeiro, RJ, 22 ago. 1913, p. 4.

A IMPRENSA, Rio de Janeiro, RJ, 1 dez. 1913, p. 2.

A NOITE, Rio de Janeiro, RJ, 8 mar. 1913.

A NOITE, Rio de Janeiro, RJ, 11 maio 1913, p. 2.

A NOITE, Rio de Janeiro, RJ, 3 set. 1913, p. 4.

A RAZÃO, Rio de Janeiro, RJ, 6 fev. 1919, p. 6.

A RAZÃO, Rio de Janeiro, RJ, 18 fev. 1918, p. 6.

A RAZÃO, Rio de Janeiro, RJ, 25 fev. 1917, p. 7.

A RAZÃO, Rio de Janeiro, RJ, 12 jul. 1919, p. 7.

A RAZÃO, Rio de Janeiro, RJ, 1 dez. 1919, p. 9.

ALMANAK LAEMMERT, Rio de Janeiro, RJ, 1913, p. 1173.

BAÍÁ, A. C.; MORENO, A. O papel do esporte no projeto formador das associações cristãs de moços no Brasil (1903-1929). **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, n. e25011, p.1-11, 2019.

BOOTH, D. História do esporte: abordagens em mutação. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 1-40, jun. 2011.

BOURDIEU, P. Champ intellectuel et projet créateur. **Les Temps Modernes**, n. 246, p. 865-906, 1966.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Ed. Fim de Século, 1983.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004a.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004b

BOURDIEU, P. **Homo academicus**. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013. 314 p.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. 304 p.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. [S.l.]: Primo ePub, 2008.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comercio, Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento Geral do Brasil – 4º Censo Geral da População e 1º da Agricultura e das Indústrias* (População do Brazil por Estados, Municipios e Districtos, segundo o grão de instrucção, por idade, sexo e nacionalidade, 1929. Disponível em: [https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/listarPublicacao.php?pagina=3&lista=0&opcao=5&busca=Recenseamento%20do%20Brazil%20realizado%20em%201%20de%20setembro%20de&tipoFiltro=pa.id\\_autor&filtro=44&descFiltro=BRASIL.%20Ministerio%20da%20Agricultura%20Industria%20e%20Comercio.%20Directoria%20Geral%20de%20Estatistica&varOrdem=&ordem=&listarConteudo=T%C3%ADtulo%20%20C2%BB%20Recenseamento%20do%20Brazil%20realizado%20em%201%20de%20setembro%20de&limit=6](https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/listarPublicacao.php?pagina=3&lista=0&opcao=5&busca=Recenseamento%20do%20Brazil%20realizado%20em%201%20de%20setembro%20de&tipoFiltro=pa.id_autor&filtro=44&descFiltro=BRASIL.%20Ministerio%20da%20Agricultura%20Industria%20e%20Comercio.%20Directoria%20Geral%20de%20Estatistica&varOrdem=&ordem=&listarConteudo=T%C3%ADtulo%20%20C2%BB%20Recenseamento%20do%20Brazil%20realizado%20em%201%20de%20setembro%20de&limit=6). Acesso em: jun. 2021.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, RJ, 21 fev. 1913, p. 5.

BROWN, M.; LANCI, G. Football and urban expansion in São Paulo, Brazil, 1880-1920. **Sport in History**, v. 36, n. 2, p. 162-189, 2016.

BURKE, P. **A escola dos annales 1929-1989**: a revolução francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. 172 p.

BURKE, P. Gilberto Freyre e a nova história. **Tempo Social**, v. 9, n. 2, p. 1-12, 1997.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CABO, A. V. G. T. P. "É só um jogo, pelo menos por enquanto". A semifinal de Polo Aquático Hungria x URSS nas Olimpíadas de Melbourne e o contexto político húngaro em 1956. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 4, p. 1-14, 2011.



CANCELLA, K. Os diferentes usos do esporte em situações de mobilização militar: um estudo comparativo entre as experiências brasileiras e estadunidenses no contexto da primeira grande guerra. **Recorde - Revista de História do Esporte**, 2016, v. 9, n. 1, p. 1-34.

CATANI, A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

CHARLE, C. Campo Intelectual. *In*: CATANI A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

CLARK, P. **The Cambridge urban history of Britain**. Cambridge: Press Cambridge University, 2008. v. 3. 1840-1950.

CLARK, P. **British clubs and societies 1580-1800** - the origins of an associational world. Nova York: [s.n.].

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, RJ, 20 mar. 1921.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1913, p. 5.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, RJ, 11 ago. 1913.

CORREIO DA NOITE, Rio de Janeiro, RJ, 5 maio 1915.

CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, RJ, 18 set. 1868, p. 3.

DALBEN, A.; JÚNIOR, E. G. Originais embates esportivos: o debate entre médicos, educadores e cronistas sobre o esporte e a educação da juventude (Rio de Janeiro e São Paulo, 1915-1929). **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n.1, p. 161–172, 2018.

DIAS, C. O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica. **Tempo (Brazil)**, 2013, v. 19, n. 34, p. 33–44, 2013.

DOM QUIXOTE, Rio de Janeiro, RJ, 29 maio 1918, p. 18.

DOM QUIXOTE, Rio de Janeiro, RJ, 18 jun. 1919.

DONEV, Y.; ALEKSANDROVIĆ, M. History of rule changes in water polo. **Sport Science**, v. 1, n. 2, p. 16-22, 2008.

DURAND, J. C. G. Campo da Alta Costura. *In*: CATANI A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

ELIAS, Norbert; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Viseu: Ed. Memória e Sociedade, 1992.

FREYRE, G. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 170 p. 2009

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Política de preservação digital**. Rio de Janeiro: FBN, 2020. 36 p.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 1 jan. 1890.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 21 out. 1908, p. 06.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 9 fev. 1909, p. 06.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 3 jul. 1912, p. 4.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 2 abr. 1914, p. 4.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 22 maio 1914, p. 5.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 2 fev. 1916, p. 5.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 23 fev. 1916, p. 4; 5.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, RJ, 26 fev. 1917, p. 7.

GEBARA, A. Fontes históricas e oralidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n.3, p. 133-154, 2004.

GIANNOURIS, Y. **An overview of landmark events in the history of water polo 1869-1991**, 2012, p. 195-219.

GÓIS JUNIOR, E. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 95–117, 2013.

HRASTE, M.; BEBIĆ, M.; RUDIĆ, R. Where is today's water polo heading? An analysis of the stages of development of the game of water polo. **International Journal of Maritime Science and Technological Journal of Maritime Science and Technology**, v. 60, n. 1-2, p. S17-22, 2013.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 18 jan. 1910.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 30 jun. 1912, p. 15.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 8 out. 1912, p. 10.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 21 nov. 1912, p. 8.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 28 nov. 1912, p. 9.

- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 26 dez. 1912.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 5 dez. 1912, p. 9.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 12 dez. 1912.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 5 jan. 1913.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 13 jan. 1913, p. 12.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 15 jan. 1913, p. 9.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 15 fev. 1913, p. 9.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 30 mar. 1913.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 30 mar. 1913, p.16.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 31 mar. 1913, p. 9.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 7 dez. 1913, p. 18.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 14 dez. 1913, p. 18.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 15 dez. 1913, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 22 dez. 1913, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 28 dez. 1913, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 29 dez. 1913, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 5 jan. 1914, p. 11.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 16 jan. 1914, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 19 jan. 1914, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 26 jan. 1914, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 1 fev. 1914, p. 11; 18.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 5 abr. 1914, p. 17.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 6 maio 1914, p. 13.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 1 nov. 1914, p. 11.

- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 8 nov. 1914, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 26 jan. 1914, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 1 fev. 1914, p. 11; 18.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 5 abr. 1914, p. 17.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 6 maio 1914, p. 13.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 1 nov. 1914, p. 11.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 8 nov. 1914, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 20 dez. 1914, p. 15.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 5 jan. 1915, p. 11.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 27 jan. 1915, p. 10.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 11 fev. 1915, p. 11.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 15 fev. 1929, p. 14.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 23 nov. 1929.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 7 dez. 1929.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, RJ, 29 dez. 1929.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, RJ, 1907, p. 20.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, RJ, 1908, p. 1.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, RJ, 17 dez. 1911, p.7.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, RJ, 21 dez. 1911, p. 3.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, RJ, 17 mar. 1913, p. 6.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, RJ, 21 ago. 1913, p. 7.
- JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, RJ, 23 nov. 1913, p. 8.
- JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, RJ, 1 dez. 1913, p. 3.
- JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, RJ, 17 dez. 1913, p. 6.

JORNAL DO COMÉRCIO, Rio de Janeiro, RJ, 7 out. 1914, p.7.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, RJ, 7 dez. 1914, p. 4.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, RJ, 8 dez. 1914, p. 4.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, RJ, 17 dez. 1917, p. 6.

JORNAL SPORT E THEATRO, Rio de Janeiro, RJ, 30 mar. 1918, p. 17.

JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY, Maryland, v. 62, n. 7, July 2011.

LAHIRE, B. Campo. *In*: CATANI A. M. *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

LEBARON, F. Campo Econômico. *In*: CATANI, A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2017.

LENOIR, R. Campo Jurídico. *In*: CATANI A. M. *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

MANDELL, R. **História cultural del deporte**. [S.l.]: Ed. Bellaterra, 1984.

MATON, K. Habitus. *In*: GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018. 393 p.

MELO, V. Os **sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Ed. Apicuri, 2010. 356 p.

MELO, V. A. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Estudos históricos** Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 41–71, 1999.

MELO, V. A. Evidência e especulação: “A origem” do futebol no Rio De Janeiro (1898-1902). **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 919-934, 2017b.

MELO, V. A., O trato do esporte nos simpósios da Associação Nacional de História (ANPUH). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 9, p. 1-25, 2016.

MELO, V. A. Saudável e fashionable: a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1878-1892). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 1, p. 17-23, 2018.

MELO, V. A. **A sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século**, n. 16, p. 168-205, 2017a.

MELO, V. A. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro. **Revista História**, São Paulo, n. 172, p. 299-334, 2015.

MELO, V. A. “Temos apaixonados para o mar e para a terra”: representações do esporte nos folhetins (Rio de Janeiro; 1851-1855). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, p. 553-566, 2013.

MELO, V. Um hipódromo suburbano: a experiência do Club de Corridas Santa Cruz (Rio de Janeiro - 1912/1918). **Revista TOPOI**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 40, 2019.

MELO, V. A.; GONÇALVES, M. C. À sombra do futebol: experiências com o rugby nas duas primeiras décadas do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, 2019.

MELO, V. A.; KNIJNIK, J. Uma nova e moderna sociedade? O esporte no teatro de Arthur Azevedo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 1, p. 11-19, 2015.

MELO, V. A.; SANTOS JUNIOR, N. J. O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904-1912). **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 843, 2018.

NUNES, A. V.; RUBIO, K. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 4, p. 667-678, 2012.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 8 jan. 1913, p. 6.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 8 mar. 1913, p. 06.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 21 mar. 1913, p. 8.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 24 mar. 1913, p. 1.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 25 mar. 1913, p. 7.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 12 maio 1913, p. 6.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 13 maio 1913, p. 7.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 7 fev. 1914, p. 6.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 9 fev. 1914, p. 7.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 16 fev. 1917.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 17 fev. 1917, p. 9.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 12 mar. 1917, p. 8-9.

- O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 26 mar. 1917, p. 9.
- O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 29 mar. 1917, p. 10.
- O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 10 abr. 1917, p. 10.
- O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 22 mar. 1918, p. 10.
- O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 21 jun. 1919, p. 9.
- O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, RJ, 1 fev. 1924, p. 11.
- O JORNAL, Rio de Janeiro, RJ, 30 mar. 1921.
- O MALHO, Rio de Janeiro, RJ, 7 abr. 1917.
- O PAIZ, Rio de Janeiro, RJ, 24 maio 1907, p. 4.
- O PAIZ, Rio de Janeiro, RJ, 1 jul. 1912, p. 5.
- O PAIZ, Rio de Janeiro, RJ, 22 fev. 1913.
- O PAIZ, Rio de Janeiro, RJ, 1 abr. 1913, p. 9.
- O PAIZ, Rio de Janeiro, RJ, 14 dez. 1913.
- O PAIZ, Rio de Janeiro, RJ, 19 mar. 1921.
- O PAIZ, Rio de Janeiro, RJ, 30 jun. 2012, p. 8.
- O REGENERADOR, Rio de Janeiro, RJ, 2 mar. 1913, p. 2.
- O SÉCULO, Rio de Janeiro, RJ, 1 abr. 1913, p. 2
- PINTO, L. Campo filosófico. *In*: CATANI A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.
- RAGOUET P. Campo científico. *In*: CATANI A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.
- REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 20 dez. 1913, p. 16; 17.
- REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 17 jan. 1914, p. 17; 22.
- REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 8 jan. 1916, p. 21.
- REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 29 jan. 1916, p. 37.

REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 9 dez. 1916, p. 23.

REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 20 jan. 1917, p. 19.

REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 17 mar. 1917, p. 19.

REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 14 abr. 1917, p. 23.

REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 21 abr. 1917, p. 20.

REVISTA CARETA, Rio de Janeiro, RJ, 19 jan. 1918, p. 19.

REVISTA DA SEMANA, Rio de Janeiro, RJ, 29 mar. 1913, p. 28.

REVISTA DA SEMANA, Rio de Janeiro, RJ, 5 abr. 1913, p. 28.

REVISTA FON FON, Rio de Janeiro, RJ, 25 abr. 1914, p. 9.

SANTOS, J. M. C. M. Economia do entretenimento: o processo de monopolização do primeiro empreendimento esportivo no Brasil (1850-1930). **Economia e Desenvolvimento**, v. 27, n. 1, p. 202-222, 2015.

SANTOS JUNIOR, N. J. Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). **Recorde - Revista de História do Esporte**, v. 6, n. 1, p. 1-19, 2013.

SANTOS JUNIOR, N. J.; MELO, V. A. Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 10). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 3, p. 411-422, 2013.

SAPIRO, G. Campo literário. *In*: CATANI A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

SILVA, C. F. **Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, Brasil**: esportivização e contatos culturais nos clubes. [Porto Alegre]: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009. 440 p.

SIMIONI, A. P. Campo artístico. *In*: CATANI A. M. *et al.* (org.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

SMITH, J. R. **The history and development of water polo**. [S./l.]: University of Southern California, 1935.

SOARES, L. C. **A albiion revisitada**: ciência, religião, ilustração e comercialização do lazer na Inglaterra do século XVIII. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2007. 276 p.



SOUZA, G. J. C. “O football nós podemos jogar”: uma análise sobre o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro. **Recorde - Revista de História do Esporte**, 2015, v. 8, n. 2, p. 1-28.

TELLES, S. DE C. C. **A identidade do jogador de polo aquático e o mito da masculinidade**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

TELLES, S. Aladar Szabo e o polo aquático brasileiro: uma contribuição para a construção da identidade do esporte. In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2009. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2009, Salvador, BA. **Anais...** Salvador: [s.n.], 2009. p. 1-13.

TELLES, S. Polo aquático. In: DACOSTA, L. P. **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro, CONFEEF, 2006.

TELLES, S.; REIS, Rômulo Meira; ELIAS, R. V.; HARRIS, E. A mídia impressa e o polo aquático brasileiro: o mito de Aladar Szabo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, p. 237-250, 2016.

THE BRAZILIAN REVIEW, Rio de Janeiro, RJ, 30 maio 1911.

THE BRAZILIAN REVIEW, Rio de Janeiro, RJ, 4 jul. 1911.

THE BRAZILIAN REVIEW, Rio de Janeiro, RJ, 8 set. 1908, p. 955.

THE BRAZILIAN REVIEW, Rio de Janeiro, RJ, 8 ago. 1911.

THE RIO NEWS, Rio de Janeiro, RJ, 8 ago. 1896.

THE RIO NEWS, Rio de Janeiro, RJ, 9 maio 1899.

THE RIO NEWS, Rio de Janeiro, RJ, 9 maio 1909.

THE RIO NEWS, Rio de Janeiro, RJ, 27 jun. 1909.

THOMSON, P. Campo. In: GRENFELL, M. **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petropolis : Vozes, 393. p. 2018.

WACQUANT, L. Habitus. In: CATANI, A. M. *et al.* (org.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

WILLEMANS' REVIEW, Rio de Janeiro, RJ, 21 fev. 1923.

**ANEXO A - “A partida de water polo”**

**“A PARTIDA DE WATER POLO”  
(jogo final dos Concursos Aquáticos)**

Pelo aspecto agradável à vista que apresentam as duas equipas de nadadores em luta, foi uma das partes da festa náutica que mais agradaram.

Disputaram-na as equipas do Flamengo e do Natação, as duas vencedoras das eliminatórias jogadas domingo atrasado, sobre o que já dissemos.

A disposição das duas era esta, a julgar pelo programma na área preparada em frente ao Pavilhão de Regatas:

**CLUBE DE NATAÇÃO E REGATAS:**

Paulo Pinto, goal keeper

Manuel Teixeira de Novaes e João Zagari, backs

Henrique Morize, Half back

Jorge Latour, João Jorio e Alexandre Gamaro, forwards

**CLUB DE REGATAS FLAMENGO**

Hugh Edgard Pullen, goal keeper

Samuel Edgard Pereira e Paulo Camoulet, backs

Lawrence Andrews, Half back

Oswaldo Gomes, João Figueira e Flavio Vieira, forwards

Servindo de arbitro o Sr. Paula e Silva e de Juizes de meta os Srs. Castello Branco e Annibal de Almeida, a luta foi indicada com o arremesso da bola entre as linhas de ataque.

Os jogadores dos dous partidos procuravam desde cedo abrir o score e assim se definem na sua força: o Natação domina durante quase todo o primeiro tempo e não consegue o seu intento, graças a destreza e a chance do guarda-rede adversário, que é bem auxiliado pelos backs.

A sua linha dianteira faz bom jogo de passes e os da retarguarda combinam.

Antes disso, logo de sahida o extrema esquerda do flamengo consegue lindamente lançar a bola a cesta do Natação, sem que o seu defensor disso se apercebesse, porque não estava vigilante.

Os jogadores do Natação iniciam então o jogo que começam a esboçar e dentro em pouco tempo, também do seu extrema esquerda, parte a bola, que vae garantir o equilíbrio de pontos.

Dobram-se os esforços de um e de outro lado: os de avante e médios do Flamengo vistam a quadra inimiga, avançando corajosamente pelo centro.

A parelha de backs do Natação faz bellas defesas e as outras posições não cessam o ataque combinando em passes apreciaveis.

Ao contrário do adversário o Natação caminha por fora, dando o centro e, portanto, sacrificando a defesa ao azar de uma investida tenaz ou de um arremesso alto.

O keeper do Flamengo mostra-se muito vigilante e tem oportunidade de fazer bellas defesas.

Termina o primeiro tempo e voltam os players para o segundo mudando de posições.

A peleja tornasse mais acesa e, após os primeiros contratempos, o Natação marca outro ponto. Antes ou depois disso, não podemos precisar um jogador do Flamengo, tirando um ofsidade lança a bola diretamente ao goal, conseguindo a mesma atingir a rede.

O arbitro que já anteriormente chamára a atenção sobre si pelos dotes oratórios que manifestou do alto do tablado dos mergulhadores, não entendia absolutamente do assumpto e por isso também não deu ao que sabemos a sua opinião.

Enquanto isso, o jogo ficou suspenso, à espera da decisão do árbitro e sendo assim o keeper do Natação devolveu ao centro a bola. Um dos seus parceiros, porém, fel-a voltar novamente às suas mãos. Elle devolve-a e continua a peleja, sem que o arbitro tivesse atirado novamente a bola.

Os nossos leitores que entendem de foot-ball ou de water polo estão certos de que o goal não só podia ser valido nas condições deste e, tivesse- antes de entrar na cesta- tocado um jogador adversário.

Mas o juiz não sabia disso e com grande espanto de quantos estavam ao nosso lado, no lugar reservado à direção da regata e, apesar do duplo impedimento, considerou o ponto que dava a victoria ao Flamengo.

Não foi justa esta sua decisão e por isso provocou descontentamento e protestos.

Depois disso continuou a luta, sem que houvesse reclamação do lesado como era de direito porque effectivamente, na ocasião de luta a decisão do referee é inappellavel.

O goal-keeper do Natação teve ensejo de fazer três successivas e bellas defesas desnorteando um renhido ataque do Flamengo.

E assim terminou o match que na opinião de toda a gente sensata pelos motivos expostos porque são os mais fortes, deveria ser considerado empatado.

A victoria assim dada ao Flamengo não é uma victoria correcta, justa e leal.

O conselho da Federação deve resolver sobre o caso e a comissão de Water-Polo precisa emitir a sua opinião.

JORNAL DO BRASIL,  
31 de março de 1913, p. 9.

**ANEXO B - 1ª REGULAMENTAÇÃO DE WATER POLO (temporada 1913)**

"Do Campeonato- art. 1<sup>o</sup>- A Federação Brasileira das Sociedades do Remo instiue o Campeonato de Water Polo do Rio de Janeiro, para ser disputado annualmente pelos Clubs federados, podendo o mesmo comprehender duas classes: a dos primeiros "teams" e a dos segundos "teams".

art. 2<sup>o</sup>- Este Campeonato reger-se-á pelas regras do Campeonato de Water Polo da Inglaterra, approvadas juntamente com este Regulamento com modificações que não alterem os seus fundamentos, sendo publicadas as mesmas para conhecimento dos jogadores e arbitros.

Art. 3<sup>o</sup>- A época para a realização do Campeonato será de 1 0 de novembro a 30 de abril.

Art. 4<sup>o</sup>- Os clubs federados que quizerem tomar parte no campeonato, deverão inscrever-se até 30 dias antes da data marcada para o início do referido campeonato, declarando a quantas classes concorrerão, não podendo, porém, disputar em segundos "teams" sem que concorram os primeiros.

Prêmios- Art. 5<sup>o</sup>- Ao club vencedor do campeonato dos primeiros teams serão conferidos o título de "Campeão do Rio de Janeiro", e uma medalha de ouro, premiando a Federação aos seus jogadores com medalhas de ouro.

Ao club vencedor dos segundos teams será conferida uma medalha de ouro e aos seus jogadores, medalhas de prata.

Paragrapho unico- As medalhas serão de cunho especial, cabendo ao club vencedor, além das de que trata este artigo, mais três destinadas aquelles jogadores que houverem disputado o campeonato com reservas.

Da comissão de Water-Polo- Art. 6<sup>o</sup>- Para a direcção dos matches de Water-polo fica criada uma commissão especial, composta de cinco membros, sob a presidência do presidente da federação.

Paragrapho unico- A commissão acima referida será nomeada pela Mesa da Federação podendo fazer parte della sócios dos clubs federados embora não sejam representantes junto ao Conselho.

Art. 7<sup>o</sup>- Compete á commissão de Water-Polo:

- a) organizar o respectivo regulamento;
- b) organizar as tabellas dos jogos;
- c) designar os juízes dos jogos officiaes;
- d) approvar os matches realizados, mandando contar os pontos aos clubs vencedores, communicando em seguida á Mesa e esta ao Conselho;
- e) decidir em primeira instancia de todas as questões ou conflictos occorridos por occasião dos jogos entre jogadores, clubs ou juízes, indicando as penas que julgar convenientes, de accordo com os estatutos e código da Federação Brasileira das Sociedades de Remo e a regulamentação do Water Polo; communicando em seguida ao Conselho em minuciosa exposição e pedindo a sua confirmação e approvação.

Art.8<sup>o</sup>- O Conselho poderá dissolver a comissão:

- a) quando ella deixar de se reunir por mais de duas vezes consecutivas;
- b) por inobservância da parte de seus membros dos respectivos regulamentos;
- c) por verificação de graves irregularidades que cheguem a seu conhecimento.

Art. 9<sup>o</sup>- Das decisões tomadas pela comissão cabe recurso ao Conselho de accordo com o art. 188, paragrapho unico, do código de regatas, sendo que as reclamações relativas a annullações de matches só serão acceitas dentro de 48 horas após o jogo.

Art. 10- A comissão só se considerará constituída para deliberar quando estiver presente maioria de seus membros.

Dos "matches"- Art.11- Os "matches" do campeonato serão disputados em local e hora previamente designados pela comissão de Water-Polo e de accordo com a tabella de datas organizada pela mesma.

Art.12- Cada club jogará dois "matches" contra cada um dos club concurrentes, sendo um match" por conta de um e outro por conta de outro.

Art. 13- Enquanto não houver uma piscina apropriada a Federação se incumbirá de demarcar o local do jogo, correndo as despesas por conta dos clubs designados para dar o local.

Art. 14- Para a classificação do campeonato, "match" ganho vale dois pontos e empatado um ponto para casa um dos adversários, sendo considerado vencedor em cada classe aquelle que nella tiver alcançado maior número de pontos.

Art. 15- Se, findo o campeonato dois ou mais clubs tiverem alcançado igualdade de pontos na classificação eftuar-se novos "matches" de desempate obedecendo ao seguinte:

- a) Entre dois clubs designados pela sorte será marcado um novo encontro, durando a disputa o tempo regulamentar;
- b) Se ao findar esse tempo nenhum dos contendores houver obtido maioria de "gols", será o "match" prolongado por mais dez minutos, trocando os "teams" de campo;
- c) Se ainda findo este tempo não se houver obtido resultado decisivo, será marcado um novo encontro no qual, se nenhum dos "teams" alcançar a victoria durante o tempo regulamentar, será este prolongado em partes de dez minutos, trocando sempre os "teams" de campo no fim de cada parte, até que o empate se decida;
- d) Por essa forma proceder-se-á sempre até decclarar-se o vencedor final.

Art. 16- Só nos casos de força maior a comissão ou o arbitro poderão adiar ou suspender o "match" e para que isso succeda é elemento indispensável a impossibilidade material da realização do jogo como nos casos de temporal ou de forte agitação do mar.

§ 10- Fóra dos casos acima, o "match" só poderá ser adiado de commum accordo entre os dois clubs interessados, e por motivos de grande relevância, a critério da commissão

§ 20- O pedido de transferênciã deverá ser dirigido á commissão pelo menos 72 horas antes da designada para a realizaçãõ do "match", devendo a commissão pronunciar-se sobre elle com 48 horas antes do mesmo.

Art. 17- O club que deixar de disputar dois "matches" consecutivos ou três não consecutivos, poderá o direito de continuar a concorrer ao campeonato no restante da temporada, sendo annullados os "matches" por elle já jogados.

Art. 18- A tabella dos "matches" do campeonato poderá ser alterada a juízo da commissão, fazendo-se immediata a communicaçãõ aos clubs interessados.

Dos "teams";

Art. 19- Ninguém poderá jogar por um club sem que o seu nome esteja registrado na federaçãõ como amator e inscripto durante trinta dias no livro de inscripçãõ a cargo da comissãõ de Water-Polo, com igual período de residênciã na capital.

Art.20- Para o campeonato de cada temporada será valido o registro de remadores effectuado no mesmo anno.

Art.21- Os clubs cujos "teams" sejam compostos de jogadores, ainda não registrados na federaçãõ, devem requerer o necessário registro com antecedência precisa, afim de serem os mesmos syndicados.

Art. 22- Os clubs deverão fornecer uma relaçãõ dos seus jogadores afim de que o secretario da commissãõ de Water-Polo lance em livro especial a inscripçãõ de que trata o artigo 19.

Art.23- O club que disputar um "match" com jogador fóra das condições dos artigos precedentes, perderá os pontos, que reverterãõ em favor do outro, caso tenha sido vencedor. Na reincidencia ou em caso de má fé, a juízo do conselho da federaçãõ, o club a que pertencer o "team" infractor será suspenso por um jogo.

Art. 24- Nenhum jogador poderá jogar no mesmo dia por mais de um "team".

Art. 25- O jogador que tiver jogado no primeiro "team" em mais de três "matches" não poderá mais jogar nos "matches" dos segundos "teams" durante a mesma temporada.

Art. 26- O "team" só se considera constituído com a presença de cinco jogadores no mínimo, não podendo os jogadores restantes entrar depois de iniciado o "match".

Art.27- Os jogadores poderãõ apresentar-se para disputar o "match" com "maillot" própria para nataçãõ, devendo, entretanto, trazer o capacete representando as cores do club.

Dos Boletins:

Art.28- Os resultados dos "matches" de cada classe devem ser registrados em boletins especiaes, que serão enviados aos clubs pela Secretaria da Federação.

Art.29- Nesses boletins devem ser escriptos antes de iniciados o "match", os nomes e prenomes dos jogadores sub-assignados pelos respectivos capitães, podendo o arbitro fazer a chamada quando julgar conveniente esta medida fiscalizadora.

Art.30- Os boletins devem conter a data, a hora em que começou e a em que terminou o "match", o resultado d'elle, observações sobre o que occorrer de extraordinário no jogo: indicar se houve infracções dos regulamentos, sendo depois assignados pelo arbitro.

Art.31- Os boletins depois de preenchidas as formalidades regulamentares, serão entregues ou á Secretaria da Federação ou directamente á commissão por intermedio de qualquer dos seus membros no prazo de 24 horas após as terminação do "match".

Dos arbitros- Art. 32. Os arbitros, embora designados pela commissão do Water-Polo aos delegados do Conselho, investidos de poderes que lhe são conferidos pelo regulamento, deverão ser respeitados dentro e fora do local do "match", quando em exercicio de suas funcções.

Art.33. Os arbitros são os unicos responsáveis pelo bom cumprimento das exigências regulamentares que dizem respeito aos boletins.

Art. 34. As decisões dos arbitros são soberanas e absolutamente indiscutíveis durante o "match", para os jogadores que disputam.

Art. 35. Os arbitros são obrigados a comparecer ao local do "match" com o material indispensável ao bom cumprimento do seu dever, pelo menos um quarto de hora antes da marcada para o começo do jogo que vão dirigir.

Art. 36- No caso do não comparecimento do arbitro nomeado e de qualquer membro da commissão, os capitães dos dois "teams" disputantes escolherão de accordo um substituto.

Art.37. Quando for impossível accordo entre os capitães cada um delles indicará um arbitro e, pela sorte, se saberá qual deve actuar.

Art. 38- Nenhum "team" poderá negar-se a jogar, por ter faltado o arbitro nomeado.

Das reclamações- Art. 39. Qualquer reclamação preliminar que pretenda visar a boa ordem do "match", pode ser feita immediatamente ao arbitro.

Art.40. Das decisões da commissão só cabe appellação para o Conselho nas condições dispostas no art. 90 deste regulamento.



Penalidades- Art. 41 Os representantes da Federação ou os sócios (...) (ilegível) designados para (...) (ilegível) os cargos de arbitros, que tiverem aceito a designação e, sem causa justificada, não comparecerem á hora determinada, no local do "match" ou abandonarem seus postos, ficam sujeitos á multa de cinquenta mil réis (50\$000), por cujo pagamento serão responsáveis as respectivas sociedades.

Art. 42. O desrespeito dos jogadores para com a direcção membros da comissão de Water Polo e arbitros será punido com multa de vinte mil réis (20\$000), por delinquente ou suspensão por um ou mais jogos, conforme a gravidade do caso.

Parapho 1<sup>o</sup>- O jogador que faltar com o respeito ao arbitro durante o jogo, será imediatamente suspenso de continuar o "match".

Parapho 2<sup>o</sup>- Nas mesmas penas incidem os que reclamarem inconvenientemente contra as decisões do arbitro.

Art. 43- Todo o jogador que não souber guardar o respeito devido aos seus competidores será multado em dez mil réis (10\$000) ou suspenso por um ou dois jogos.

Art. 44. Será multado em cinquenta mil réis (50\$000) toda a embarcação filiada ás sociedades federadas que se mantiver dentro dos limites marcado para a realização do "match", com prejuízo do seu bom andamento.

Disposições geraes- Art. 45. Nomeada a Comissão de Water-Polo esta escolherá entre os seus membros um vice-presidente e um secretário.

§ 1<sup>o</sup> Compete ao secretário:

a) fazer toda a escripta e correspondência referente a Comissão de Water-Polo; b) confeccionar os relatórios que forem presentes ao Conselho.

Art. 46. Os "caldos" serão permittidos somente quando os jogadores estiverem de posse da bola; em caso contrario, será marcada uma falta. O jogador que abusar do "caldo", ou pratical-o de uma maneira bruta será advertido pelo arbitro e esse em caso de reincidencia, será convidado a retiral-o do jogo.

Art. 47. Cada half-time será de dez minutos, com cinco de descanso, interdiarios.

Art.48. Os clubs pagarão a titulo de inscripção, para cada jogador que tomar parte no Campeonato: nos "matches" de primeiros "teams" a quantia de dez mil réis (10\$000) e de cinco mil réis (5\$000) para os dos segundos "teams".

Art. 49. Quando o "match" for realizado em local que não seja publico, os clubs poderão cobrar entradas.

§ 1<sup>o</sup> A rendas dos portões pagas as despesas de demarcações do campo, será para a Federação e o restante será distribuido em partes iguaes pelos clubs designados para dar o local.

§ 2º Quando houver um unico "match" e o seu club designado demarcar por sua conta o local a renda deduzidos os 10% da Federação, reverterá para o referido club.

Art. 50. A comissão de Water-Polo será sempre representada nos "matchs" por um dos seus membros.

Art. 51. O Campeonato refere-se sempre ao anno em que tiver início.

Art.52. Terão entrada gratuita no local dos "matchs" os representantes da Federação, os membros da Comissão de Water-Polo e os "teams" disputantes.

Art.53. Os casos não previstos no presente Regulamento serão decididos e regulados pela Comissão de "Water-Polo", com aprovação do Conselho da Federação.

Art. 54. Para o effeito das primeiras inscrições na presente temporada, ficam dispensados os prazos exigidos pelos arts. 4 e 19 deste regulamento.

**ANEXO C - Tabela do Campeonato do Rio de Janeiro de Water Polo (1913/1914)**

## Dezembro

14-

Jogo 1= Natação v. Guanabara;  
Jogo 2= Internacional v. Flamengo.

21-

Jogo 3= Botafogo v. Icarahi;  
Jogo 4= Vasco v. S. Christovam.

28-

Jogo 5= Flamengo v. Guanabara;  
Jogo 6= Internacional v. Natação.

## Janeiro

1-

Jogo 7= Botafogo v. Vasco;  
Jogo 8= S. Christovam v. Icarahi.

4-

Jogo 9= Flamengo v. Botafogo;  
Jogo 10= Natação v. Vasco.

11-

Jogo 11= Guanabara v. S. Christovam;  
Jogo 12= Icarahi v. Internacional

18-

Jogo 13= Vasco v. Flamengo;  
Jogo 14= Botafogo v. Natação

25-

Jogo 15= Icarahi v. Guanabara;  
Jogo 16= S. Christovam v. Internacional

## Fevereiro

1-

Jogo 17= Flamengo v. Icarahi;  
Jogo 18= Guanabara v. Botafogo

8-

Jogo 19= Vasco v. Internacional;  
Jogo 20= Natação v. S. Christovam

15-

Jogo 21= S. Christovam v. Flamengo;

Jogo 22= Icarahi v. Natação

Março

1

Jogo 23= Vasco v. Icarahi;

Jogo 24= Internacional v. Botafogo

8

Jogo 25= Botafogo v. S. Christovam;

Jogo 26= Guanabara v. Vasco

15

Jogo 27= Natação v. Flamengo;

Jogo 28= Internacional v. Guanabara

Obs. O campeonato será disputado entre 1<sup>o</sup>s e 2<sup>o</sup>s teams; dos clubs acima mencionados apenas o Botafogo e o Icarahi não concorrerão as provas dos 2<sup>o</sup>s teams.

JORNAL DO BRASIL, 14 de dezembro de 1913, p. 18.

**ANEXO D - Federação Brasileira das Sociedades do Remo**  
-----

A idea da reorganização dessa importante collectividade sportiva foi bem recebida

  
-----**ULTIMOS FATOS**  
-----

Cahiu em terreno fertil a ideia da reorganização da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, lançada pelo Jornal do Brasil em sua edição de domingo ultimo.

Foram já objecto de diversas palestras, em que por mira se não tiveram outros escopos além dos resultados e consequencias dessa reorganização do progresso dessa collectividade e dos gremios que a constituem, bem como das necessidades de que carecem os sports marítimos para o seu desenvolvimento.

Não houve um só membro que a não tivesse considerado sensa, boa e de grande alcance para os intuitos fundamentaes da Federação, expressos nos seus actuaes Estatutos.

A nossa satisfação ao registrar esse factu torna-se ainda mais viva e mais completa, ao transmitirmos agora ao leitor a noticia de que em breves dias, talvez na proxima sessão ordinaria do Conselho a realizar-se na primeira terça-feira de Fevereiro, será apresentado um projecto, que autoriza seja noemada uma commissão constituída de um representante de cada club filiado, para elaborar a revisão dos Estatutos, do Código de Regatas e do Regulamento de Water Polo.

Tanto melhor: a acceitação da nossa idéa anima-nos a trabalhar mais afinco, certos de que, o nosso esforço, bem intencionado que é, será bem comprehendido e secundado pelo Conselho da F.B.S.R.

\*\*\*

É de necessidade urgente a reorganização da Federação do Remo.

Se para demonstração desse assertor, não bastassem as nossas palavras de domingo, de muio valor seriam as occurencias de quinta-feira ultima, na sede de Federação por occasião da reunião do Conselho, que apezar de tudo vêm ainda a tempo de apoial-as.

Discutiu-se-á grande sobre estatutos, na sua letra expressa e no espirito de diversos dos seus artigos.

Entre os que, nos seus discursos, fizeram da lei escripta dessa collectividade, a base dos seus argumentos, ouvimos com grande surpresa a enunciação minuciosa e longa, das resoluções tomadas pelo Conselho, contra os Estatutos e o Código de Regatas, sendo entre ellas citadas algumas que significam a desobediencia mais completa e o desrespeito ao que é claro, taxativo e não admitte duas interpretações.

Ora, os Estatutos de uma collectividade nada mais são do que um contrato feito entre os gremios que a constituem.

Desde que os artigos desse contrato principiam a ser desattendidos, começa seriamente a perigrar a estabilidade das relações dos clubs, com a federação que formam, e da propria collectividade, na sua autoridade e no seu prestigio.

Se assim é; se a desobediencia consciente a cada um artigos dos Estatutos ou Regulamentos, vale pelo rompimento de um elo na cadeia que mantem a vida e a estabilidade da F.B.S.R. urgente é, pois, remediar o mal, procurando saber dos motivos exactos que levaram o Conselho a revogal-os ou alteral-os. Vale muito notar se a revogação ou alteração foi feita pelo capricho de uma maioria occasional, se por uma exigencia do progresso dos clubs ou por desenvolvimento do meio sportivo, ou ainda se por uma necessidade justa e de character geral, de beneficio para os clubs e sem prejuizo para a Federação.

Se de facto, os Estatutos de uma collectividade são feitos para serem obedecidos, casos ham entretanto, em que seria peccado gravissimo não desattendel-o.

Entre a letra expressa dos Estatutos e Regulamentos e a exigencia do progresso dos clubs e da evocação do meio, preferivel é sempre a desobediencia aos primeiros, cuidando-se logo, entretanto, de substituir o artigo mutilado, sem deixal-o em incoherencia e contradicção com outros.

\*\*\*

Impossível quasi, ou de mão aviso seria a revisão dos Estatutos e Regulamentos sem a reorganização da F.B.S.R.

O trabalho carece de ser feito de um modo completo.

Não é cousa nova de que se não conheçam os resultados o que se vae fazer.

Temos no Rio um exemplo frisante na Liga Metropolitana de Sports Athleticos e podemos apontar um outro para citar tambem uma bem organizada collectividade nautica- a Union de Remeros del Uruguay; a organização desta é precisamente a que esboçávamos ha dias quanto a parte do remo exclusivamente.

\*\*\*

Apezar de odos os esforços e de toda a boa vontade, não foi possivel á Federação do Remo enviar uma équipe que representasse o Brasil na regata Internacional que se vae levar a effeito em Fevereiro proximo na bahia de Montevidéo, e promovida pela Union de Remeros del Uruguay;

A Federação respondeu a Legação do Uruguay no Rio, agradecendo o attencioso convite.

JORNAL DO BRASIL, segunda-feira, 26 de janeiro de 1914, p. 10.

**ANEXO E - Por que o Water Polo não conseguiu o sucesso esperado**

-----  
**A LIÇÃO ESTÁ DADA**

-----  
**F.B.S.R.**  
 -----

Muito de proposito deixamos passar a phase aguda da discutidissima questão a que deu aso uma decisão da Comissão Especial de Water Polo e que ia acarretando tristissima crise para a Federação Brasileira das Sociedades do Remo.

A isso fomos levados para que não fossem recebidas com estranheza as considerações que agora editamos e que de um modo absoluto, fogem do terreno estreito dos interesses dos clubs e das pessoas nella envolvidas, para analysarem sómente o modo como foi lançado e regulamentado esse utilissimo sport no Rio.

Se o que hoje vamos dizer tivesse apparecido dias antes, havia muita gente de crer, injustamente, que estavamos a defender uma ou outra das pessoas ou dos clubs envolvidos nesse assumpto, quando o nosso intuito era muito outro e mais elevado: discutir o modo como foi introduzido aqui o novo sport, afim de ver se o mal tinha remedio e para que a lição pratica fosse observada com a devida atenção pelos nossos legisladores de sport.

\*\*\*

Em nossa edição de 15 do corrente, dizendo sobre a necessidade da organização de uma autoridade suprema no nosso já bem intenso meio sportivo, fizemos considerações que deveriam estar presentes no espirito do leitor pela correlação que tem com o assumpto de hoje.

Não nos elevaremos tanto... e decerto, assim seremos mais comprehendidos pela maioria dos membros das nossas collectividades directores de sport; procuraremos (ilegível... muitos dos factos (ilegível...) correntes.

\*\*\*



Como appareceu o Water Polo no Rio? Como foi introduzido e como foi regulamentado?

Appareceu de um dia para o outro, praticado por quem o não conhecia bem. Reconheceram-no utilissimo.

Acharam-no agradável e como novidade teve os primeiros adeptos.

Surgiu a idea dos Concursos Aquáticos e logo se aproveitou o ensejo para realizar, de qualquer maneira umas provas eliminatórias que precederam o celebre match na praia de Botafogo. Acharam que foi disputado modelarmente e que já era tempo de regulamentar-o em campeonato. Regulamentaram-no, pois apressadamente, sem as lições da pratica e da experiencia e ajuda mais, com a má vontade irreductivel da maioria do Conselho da Federação do Remo, que devia ter do procedimento muito diverso que teve. Creou-se uma Commissão Especial de Water Polo, elegeram-se-lhe os membros, improvisou-se um local para as provas na praia Vermelha e prompto; iniciou-se o Campeonato.

Na pressa e na soffreguidão com que tudo foi feito é que reside todo o enorme erro commettido.

O Water Polo, por assim dizer, appareceu, forçado pela sua regulamentação, quando devia ser justamente o contrario. Devia ser regulamentado quando se contassem elementos que o praticassem regularmente e quando a sua diffusão estivesse a reclamar a organização de um Campeonato, para a garantia da sua estabilidade.

Assim procedeu a mesma Federação com a natação, tendo entretanto, muito mais avisadamente e por causa das duvidas, approvedo o seu regulamento a titulo precaria. No entanto a natação, ao contraria do que succede ao Water Polo, era já praticado ha longo tempo; estava sufficientemente diffundido e era disputado em torneios intimos ou inter-clubs.

O mesmo caminho vae ser seguido pela Liga Metropolitana de Sports Athleticos na regulamentação dos campeonatos de "law-tennis" e Sports Athleticos.

O tennis é aqui ha longo tempo praticado em diversos clubs; nesse sport tem sido disputado já um campeonato intimo com bastante exito; diversos clubs tem as suas quadras proprias.

Quanto aos Sports Athleticos, basta dizer que são os mais antigos.

Ha quantos annos se realizam no Rio festas em que são disputadas provas de corridas pedestres?

É uma distracção nos nossos collegios internos ver quem salta mais longe ou mais alto, com ou sem o impulso da carreira ou apoiado numa vara.

Muita gente já aqui tem visto bem boas provas de lançamento de peso á distancia.

É natural pois que se consigam bons regulamentos para esses sport e que os seus campeonatos sejam levados a effeito com grande exito.

Voltemos, porém, ao Water Polo, retomando o fio das nossas considerações.

O procedimento acertado da Federação occupando-se da natação não foi o mesmo ao ter de considerar o water polo.

Ao envez de interessar-se o conselho pelo assumpto, os seus membros obstinadamente não compareciam às sessões.

O que aconteceu?

Englobadamente e sem a menor discussão foi decretada a instituição do campeonato e approvedo o respectivo regulamento.

Tiveram receio de confessar a sua ignorancia no assumpto? Não devia ser assim. Poderiam ter nomeado uma commissão technica que o estudasse antes de tratar da regulamentação; poderiam tambem ter nomeado uma commissão que estudasse o regulamento, uma vez que este já tivesse sido apresentado; poderiam mesmo, comparecendo as sessões, exprimir franca e realmente o seu modo de pensar, votando contra a instituição do campeonato e fazendo cahir o respectivo regulamento, por considerar que era cedo ainda para tratar-se do assumpto, e em vista de não ser bem conhecido o nosso sport, nos clubes que representavam.

De qualquer maneira teriam procedido mais acertadamente do que fizeram.

Quem cuidou do Water Polo na Federação teve os melhores e mais nobres intuitos. Foi, porém, infeliz por que não teve um só companheiro que, entendendo do riscado usasse de lealdade e franqueza.

Além disso, se o meio sportivo não estava preparado para receber o Water Polo, já organizado em Campeonato, muito menos a F.B.S.R. para dirigil-o.

Entendiam alguns que o regulamento de Water Polo, tinha de obedecer aos artigos do Regulamento ou do Codigo de Regatas e talvez tambem ao Regulamento de Natação.

Outros achavam que semelhante idea era absurdo.

Afinal o que sahiu o regulamento de Water Polo, para não nos alongarmos mais?

O que se podia esperar: uma bota difficil de ser descalçada por culpa collectiva da F.B.S.R.

O regulamento de Water Polo é uma adaptação mal feita do Regulamento do Foot-ball, dirigido pela Liga Metropolitana; e assim é porque a base deste está nos Estatutos da Liga e não existe nos da Federação.

Este é um dos erros capitaes e causa de a propria não conseguir manejal-o, por sentil-o deficiente logo que o applicou na pratica.

Resaltou immediatamente a incoherencia perigosa das leis que só se deviam completar e ter sempre o mesmo espirito.

Veja-se quanta incoherencia:

A Commissão de Material Fluctuante e de Syndicancia, são eleitos pelo Conselho;

As Commissões de Juizes da regata são escolhidos pelo presidente da Federação, que também escolhe os Juizes dos Concursos Aquaticos e os membros da Commissão de Water Polo.

No entanto só estas ultimas são constituídas da mesma forma, deviam ter a mesma autoridade, o que não acontece; as decisões de umas não podem ser discutidas nem revogadas pelo conselho, quando tomadas por maioria dos membros que as compõe; com as decisões da Commissão de Water Polo não: de qualquer maneira podem ser revogadas.

Umas tem o direito de punir e outras apenas de propor a penalidade.

.....

Seria trabalho longo e de pouca utilidade, relativamente, apontar os laços de dependencia, de coherencia e de incoherencia entre os Estatutos da F.B.S.R. o seu Codigo de Regatas, o seu Regimento Interno, o seu Regulamento de Natação e o seu Regulamento de Water Polo.

.....

A má e apressada regulamentação do Water Polo, produziu os resultados conhecidos no Campeonato desse sport. O Regulamento do Water Polo veio patentear a deficiente organização da Federação e a necessidade urgente da sua organização.

JORNAL DO BRASIL, domingo, primeiro de março de 1914, p. 21.

**ANEXO F - Equipe do Guanabara Campeão em 1917.**

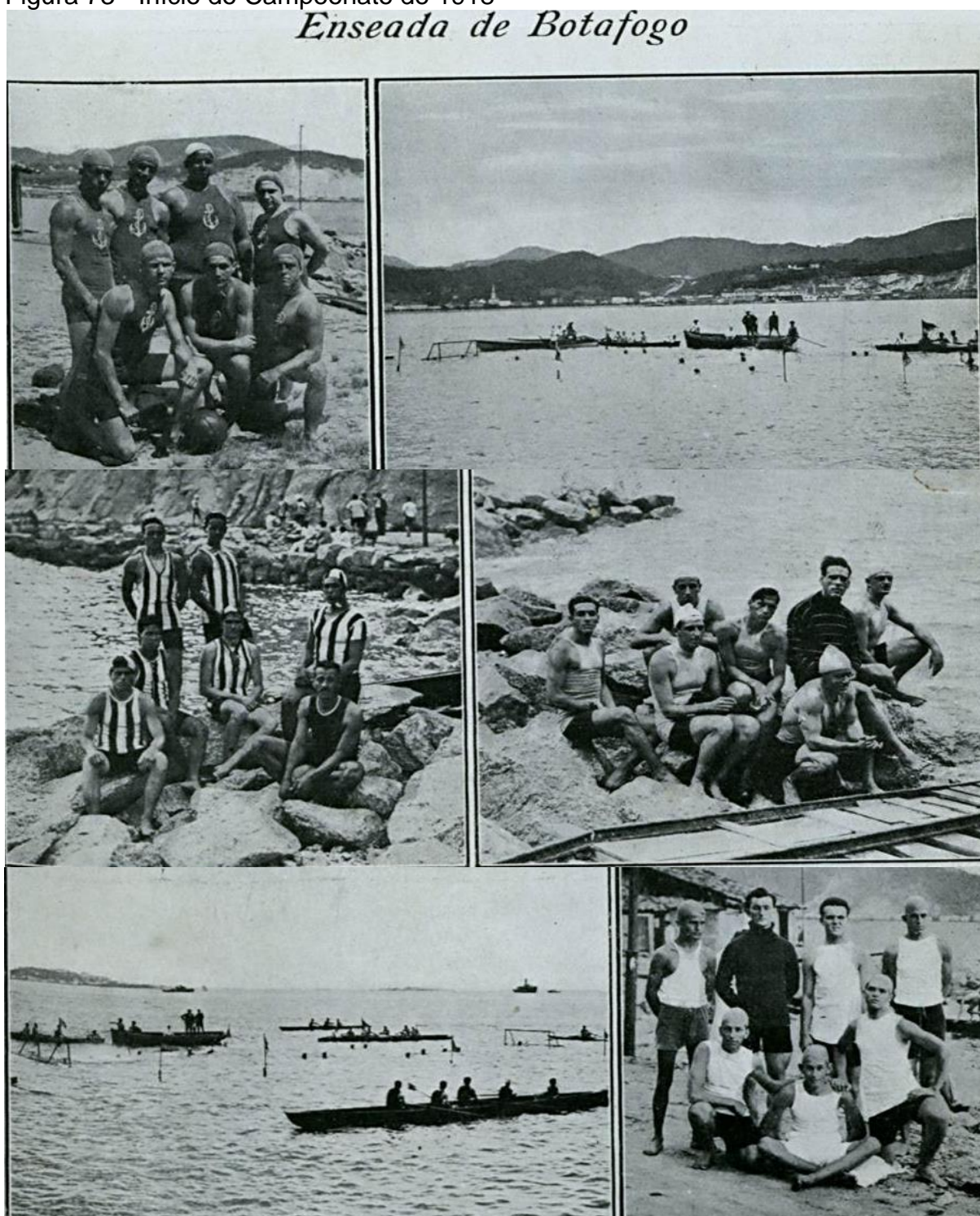
Figura 72 - Equipe do Guanabara Campeão em 1917



Fonte: Revista Careta, 21 abr. 1917, p. 20.

**ANEXO G** - Início do Campeonato de 1918.

Figura 73 - Início do Campeonato de 1918



Fonte: Revista Careta, 19 jan. 1918, p. 19.